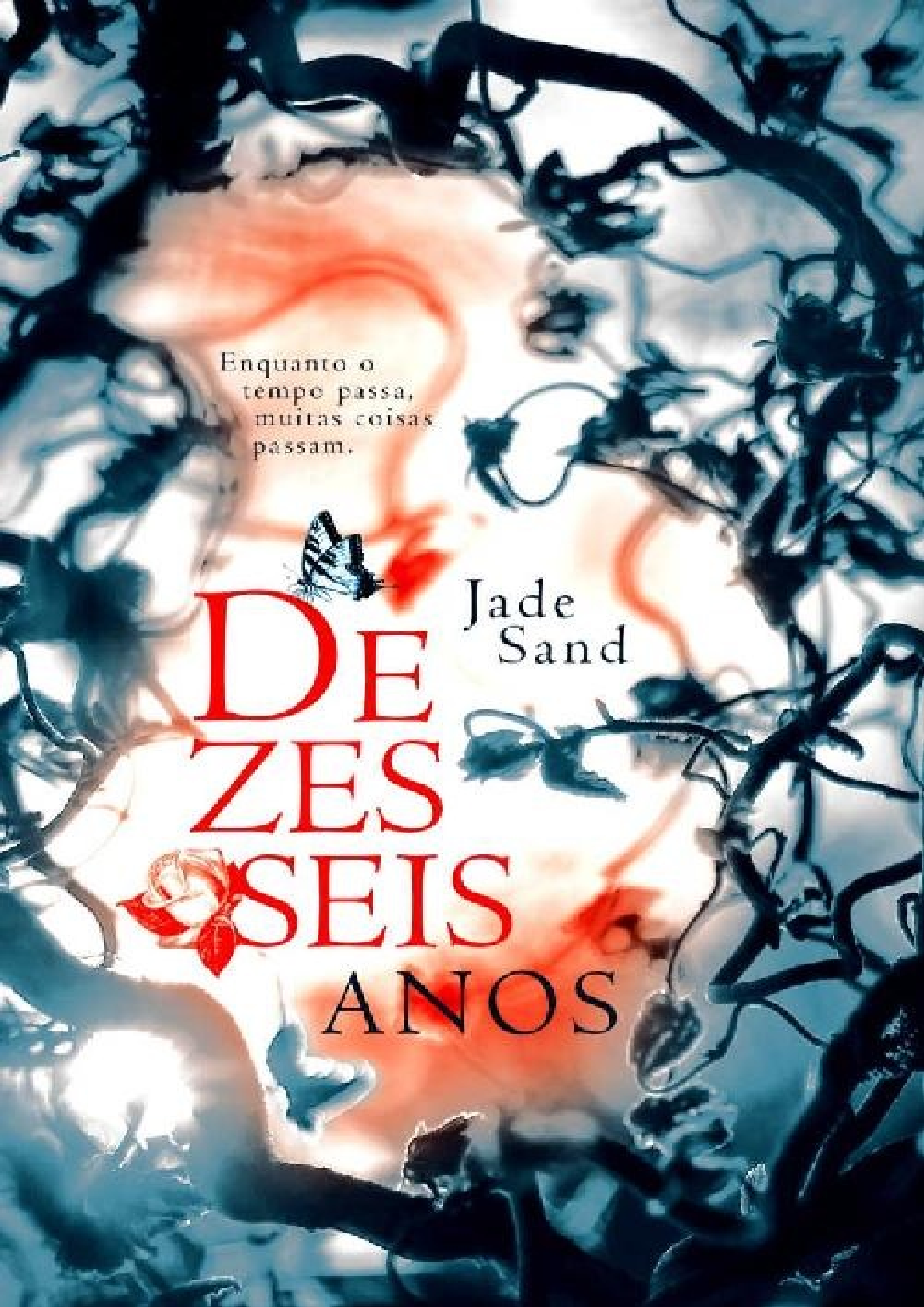




Enquanto o
tempo passa,
muitas coisas
passam.

Jade
Sand

DE
ZES
SEIS
ANOS



Dezesseis Anos

Jade Sand

1ª. Edição
2019

Publicação Independente
Kindle Direct Publish

Copyright © 2019 por Jade Sand

Todos os Direitos Reservados. Nenhuma parte deste conteúdo pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização escrita do autor.

Arte da capa: Rodolfo Pomini

Publicação Independente

Kindle Direct Publish

Esta é uma obra de ficção. Seu objetivo é entreter pessoas. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Contate a autora:

[Facebook](#)

Facebook: <https://www.facebook.com/jade.s.autora/>

E-mail: josibroseghini@gmail.com

ÍNDICE

[Dezesseis anos depois...](#)

[Antes de partir](#)

[Um lampejo](#)

[A partida](#)

[Dezesseis anos de ausência](#)

[O recomeço](#)

[Terminando um serviço](#)

[O momento certo](#)

[Conheça a autora:](#)

[Amostra de Em Vermelho](#)

[Amostra de Instigante](#)

Enquanto o tempo passa, muitas coisas passam.

Dezesseis anos depois...

Dezesseis anos. Apesar de tudo, era bom estar de volta ao lugar onde nasci e cresci, a terra dos meus pais e irmãos. Depois de tanto tempo distante, quase sem receber notícias, eu me senti como se tivesse estado ali no dia anterior. A sensação de familiaridade era muito forte. A estradinha de terra estava do mesmo jeito, estreita e sinuosa, repleta de buracos que viravam poças em época de chuva. Talvez um pouco mais batida, mas ainda a mesma estradinha. Até os bois pareciam os mesmos. Dos dois lados da estrada, eles acompanharam minha passagem, e eu me vi aos doze anos, acompanhado do Pingo, meu velho vira-latas, gritando para estourar a boiada. Mas o tempo tinha passado e o Pingo não existia mais, assim como aquele menino. Quando a casa sede da fazenda apareceu no horizonte, maior e mais imponente, mas no mesmo lugar de antes, eu senti saudades. Havia menos mangueiras em volta dela e o sol da manhã tornava a paisagem tão linda.

Não, eu não vim pensando em ficar. Nem mesmo em confraternizações familiares. Tinha dito que eles não precisavam me buscar e quando soube da caminhonete preta que tinha sido deixada à minha disposição na casa de uma tia, próximo ao aeroporto, deixei claro que tinha sido uma preocupação desnecessária. Não era preciso. Minha partida, dezesseis anos antes, não tinha sido nada agradável, e mesmo que eu tenha sentido saudades e sofrido bastante, eu tinha me acostumado com a ausência, com as minhas coisas e com o lugar que escolhi para viver. Disse a eles que seria uma viagem de férias com o intuito de resolver o que tivesse que ser resolvido, para depois voltar.

Aos poucos, a nostalgia foi dando lugar à curiosidade. Notei que as plantações já eram outras, os resquícios de matas não existiam mais, e a estrada principal, agora rodovia estadual devidamente numerada, estava pavimentada e não parecia nova. Pela estradinha sinuosa, vi máquinas que eu não conhecia e plantações que haviam substituído grande parte das pastagens. Eram verdes e exuberantes apesar do clima seco, eram resultado de tecnologias mais eficientes que as que usávamos no passado, e muito

investimento. Claudina tinha feito mesmo um bom trabalho, eu iria parabenizá-la assim que a encontrasse.

O tempo de afastamento não tinha diminuído meu amor pela terra, e vê-la tão bem cuidada despertou em mim um orgulho escondido. Mas um detalhe me desagradou de imediato me causando um desconforto no peito: meu pequeno córrego de águas escuras não existia mais. Num dos lados da estrada, num local mais elevado, havia uma grande escavação, e a terra avermelhada, retirada para a construção de aterros, estava à mostra. Meu velho córrego tinha se tornado uma represa, um grande reservatório de água cujo nível estava assustadoramente baixo, e suas margens, onde antes havia árvores de pequeno porte e mato, estavam limpas demais. Coberto por um céu azul com pequenas nuvens brancas que não costumam trazer chuva, o cenário não era animador.

Claudina, minha irmã, era responsável pela fazenda desde que nosso pai ficou cansado demais para trabalhar. Paolo, o mais velho, sempre foi mais estudioso do que trabalhador e saiu de casa cedo. Formou-se em Direito, casou-se, conseguiu êxito na profissão de advogado e nunca mais voltou para a fazenda. E eu, o caçula sem juízo que tinha arranjado problemas, fui mandado para longe para estudar, mas não estudei; para voltar, mas não voltei. Não precisei mais da ajuda deles e eles desistiram de me procurar. Fomos nos afastando.

Por esse motivo, me surpreendi quando recebi o chamado de minha irmã. Parecia importante. Ela não deu muitas explicações, apenas disse que eu deveria estar presente para que nossos pais pudessem dividir as terras. Foi uma conversa rápida e simples. E ali estava eu, dezesseis anos depois, pronto para ajudar no que fosse preciso, ansioso para resolver o que tivesse que ser resolvido, para depois voltar para a minha tranquila vida no Canadá, onde eu já morava havia mais de uma década.

Distraído em meus pensamentos, só voltei à realidade quando ouvi um grito e senti o impacto com algo que estava à minha frente e que, por causa de uma curva fechada e por estar olhando para os lados, eu não tinha visto. O vidro do meu lado estava aberto e foi graças a isso que eu pude ouvir. Me dei conta de que tinha batido em alguém, e parei o carro com uma freada brusca. Praguejei em voz alta e abri a porta. Dei a volta ao carro e então encontrei uma bicicleta presa embaixo da roda dianteira, e um garoto caído no chão, do lado direito da estrada. Corri para vê-lo.

— Ei, menino, fala comigo! Me desculpa, eu não te vi. Ai, meu Deus!
— Me abaixei com receio de tocá-lo. Se ele tivesse se machucado gravemente, um movimento errado poderia piorar tudo.

O jovem estava reclamando de dor, mas se sentou sem dificuldades. Parecia bem, afinal. Analisou os ferimentos e me olhou, irritado.

— Caralho, você é cego? Eu estava indo no cantinho!

— Você se machucou?

— O que você acha? Relei o joelho e aqui, ó. — Mostrou o cotovelo fazendo uma careta. Na boca dele havia uma mistura de terra, saliva e sangue. — Está ardendo.

— Me desculpe, é que eu me distraí com as vacas. Estava indo para a casa dos meus pais.

— Ah, você é o filho do pessoal aí, não é? — Ele disse “pessoal” de forma desdenhosa, apontando para a casa ao longe. Cuspiu.

— Sim, mas me deixa cuidar de ti. Tem certeza que não machucou?

— Cara, já não viu meu joelho e meu cotovelo? É claro que machucou! E machuquei a boca também com essa merda de aparelho! — Ele se levantou sozinho limpando a poeira da roupa.

— Cuidado com a coluna. Consegue se mexer bem, as pernas e os braços? — Insisti.

— Consigo, não tô dizendo? Mas minha bicicleta já era. Vou querer uma nova, viu? Cara, você podia ter me matado!

Ele tinha cabelos castanho-claros, quase louros, olhos azuis e pequenas sardas próximas ao nariz arrebitado. E tinha uma forma de olhar curiosa, como se estivesse distraído com outra coisa e não prestando atenção na conversa. Isso me chamou a atenção de imediato. A boca dele ainda sangrava e ele cuspiu o tempo todo, o que era bem nojento.

— Me desculpa! Juro que dou um jeito na sua bicicleta assim que puder. Agora me diz onde podemos conseguir atendimento médico.

— Você se machucou também?

— Eu não, mas as suas contusões podem...

— Que nada, em casa eu passo alguma coisa. Água oxigenada...

— Tem certeza?

— Aham. Deixa que eu vou pra casa da minha avó.

— Te levo lá, então. Onde ela mora?

— Na vila, né. — Ele disse isso como se fosse uma coisa óbvia.

— Que vila?

— A vila que seu pai fez para os empregados antigos, não sabe? Não está vendo lá, ó? — ele apontou um conjunto de casas ao longe. O jeito que ele falava era tão atrevido que eu tive vontade de dar uns safanões. Seria filho de quem aquela petulância?

— Não, não sabia. Vem, vamos lá então. Como é o seu nome?

— É Rafael.

Dei ré no carro para tirar a bicicleta de debaixo dele dando graças a Deus por não ter sido pior o acidente. Foi muita sorte o moleque ter caído ao lado da estrada; não fosse por isso, eu estaria sendo acusado de homicídio naquele exato momento. Rezei para que ele estivesse realmente bem e prometi que compraria a bicicleta no dia seguinte. Também torci para que o que tivesse que resolver com minha família não demorasse muito porque o primeiro dia não tinha começado bem.

Pus a bicicleta — ou o que sobrou dela — na carroceria da caminhonete, ajudei o Rafael a entrar no lado do carona mesmo ele não querendo minha ajuda, e segui suas orientações sobre como chegar na tal vila.

Tratava-se de uma curta rua de terra com dezesseis casas iguais, amarelas e com varandinhas, oito de cada lado, e ficava próximo à estrada asfaltada depois de uma descida. Pessoas idosas e crianças, muitas crianças, estavam nessas varandinhas, as portas e janelas brancas estavam abertas e todos manifestavam imensa curiosidade ao nos ver passar. Gostei do lugar. Meu pai a tinha construído para o bem dos empregados aposentados, o que foi uma grata surpresa para mim. No passado ele era tão mesquinho.

Parei onde Rafael indicou, em frente à quarta casa do lado direito. Ele saiu do carro num pulo, abriu um portãozinho de madeira e entrou; eu também saí e comecei a tirar a bicicleta de cima da carroceria. De rabo de olho, notei que Rafael tirou os chinelos, limpou os pés num tapete e empurrou a porta da casa.

— Vóóó, vem aqui! — gritou dentro do que deveria ser uma pequena sala. — Entra aê, doido! — Ele me chamou, mas eu não entrei.

De costas para a casa ajeitando a capota da caminhonete, eu senti que alguém se aproximava com passos arrastados. Me virei e quase caí de susto. A pessoa que aquele garoto chamava de vó era uma senhora que beirava os oitenta anos, mas ainda firme, magra, com cabelos brancos que contrastavam com a pele negra brilhante, e de pequena estatura. E eu a conhecia muito bem.

— Tia Zuleide?! — Minha voz saiu quase um grito. Passei pelo

pequeno portão e fui até ela.

Zuleide tinha sido, desde moça, cozinheira na fazenda de minha família, e por ter ajudado com as crianças, meus irmãos e eu aprendemos a chamá-la de tia. Me emocionei ao reconhecê-la. Quando me viu, ela apertou os olhos e ajeitou os óculos como se estivesse duvidando da própria visão. Me estendeu uma mão fria e trêmula.

— Mas, é você...? Leonardo?!

— Sim, sou eu! Fico feliz que a senhora ainda se lembra de mim. E que bom que a senhora tem um neto!

Imaginei que fosse adotivo por motivos óbvios. Ela nunca havia se casado nem tinha tido filhos. Quando eu viajei, ela vivia sozinha numa casinha antiga e já morava lá quando meus avós compraram a fazenda, há mais de cinquenta anos. Ela contava que a família tinha vivido por ali havia muito tempo, passando por vários patrões, permaneceram por não terem para onde ir, mas as irmãs foram se mudando e no fim, apenas ela ficou. E então, no meu entendimento, o garoto branquinho e sardento devia ser adotivo ou parente em terceiro grau de alguma das suas irmãs. Não tinha como ele ser neto dela diretamente.

— Como você...? Quando você chegou? — ela perguntou.

— Estou chegando agora, tia. Acabei topando com o Rafael. — Achei melhor não usar a palavra atropelamento. — Eu o trouxe até aqui.

Tia Zuleide abriu a boca e levou as duas mãos ao peito.

— Leonardo... meu Deus! Vem, entre aqui — ela disse vacilante. — Vem, pode entrar. Meu Deus, quanto tempo!

Entrei um pouco constrangido pela reação dela, e bastante preocupado. Ela estava com dificuldades para pronunciar as palavras, mas não era por causa da idade, ela parecia lúcida e bem. Mas ela estava surpresa demais, eu diria mais assustada do que surpresa.

Deixei os sapatos na entrada da varanda, pois me lembrava muito bem dos costumes do interior, e entrei na pequena sala. O garoto saiu de uma porta trazendo uma caixa branca e se sentou no sofá. Acho que ele já tinha lavado porcosamente as feridas e ia passar o remédio, como havia dito.

— Mas, menino, o que aconteceu com Rafael? — tia Zuleide perguntou. Me indicou o sofá vazio, mas eu permaneci de pé.

— Foi um acidente, tia. Foi na estrada, um vacilo meu, eu sei, mas vou comprar outra bicicleta. Ele não quis ir ao médico.

— Aiiiii! Como isso arde! — o garoto gritou quando a água oxigenada fez espuma no ferimento do joelho. Ele assoprou as escoriações e fechou os olhos por causa da dor. — Caralho!

— E se eu te levasse numa farmácia? Talvez...

— Vai sarar com isso aqui. Já ardeu, agora vai sarar.

Focado nos machucados de Rafael, quase não vi quando tia Zuleide desabou para cima do sofá, com as mãos no peito. A segurei a tempo ajudando-a se sentar. Rafael parou o que estava fazendo e se levantou rapidamente, vindo até nós.

— A senhora está bem? — perguntei à tia Zuleide, que me olhava com os olhos arregalados e a boca aberta. Ela não respondeu, então comecei a me desesperar. Peguei-a pelos ombros e a sacudi. — Tia Zuleide? Fala comigo, por favor!

— Leonardo.... Léo... — ela balbuciou mexendo a cabeça de um lado para o outro.

— Sim, sim, sou eu! Leonardo Leonardi. Tudo bem com a senhora?

— Vó, o que a senhora tem?

— Onde fica o hospital, Rafael? — perguntei tomando a decisão mais acertada.

— Ai, caralho! É longe!

— Então é melhor irmos logo. Ela está me deixando assustado. — Levantei tia Zuleide com facilidade e a levei em direção ao carro. Ela não ofereceu resistência nem questionou quando eu a ajeitei no banco do carona. Liguei a ignição e esperei o Rafael pegar os documentos dela e fechar a porta da casa. Vários curiosos já se aglomeravam na rua, perto do carro. Em pouco tempo Rafael chegou, apressado e vermelho, e me disse para onde ir. Ele se sentou no banco traseiro e eu acelerei. A expressão no rosto da tia e suas mãos no peito me deixaram preocupado. Rezei para que não fosse tarde demais.

Enquanto tia Zuleide recebia atendimento, Rafael e eu ficamos esperando na recepção do Pronto Socorro, que estava lotada. Ele tinha se recusado a consultar um médico, mesmo com minha insistência e a de outras pessoas. Eu estava sem celular e minha família não sabia o que tinha acontecido, eles só sabiam a hora em que eu provavelmente chegaria; portanto, nesse momento, se ainda se preocupassem comigo, eles estariam aflitos com a minha demora.

Já o Rafael estava com o celular dele; estava usando, mas atento a tudo, e inquieto, como parecia ser o seu costume. E não eram só as pernas e os braços que se mexiam sem parar, ele tinha um olhar nervoso e aquilo me deixava intrigado. A forma como ele falava também me deixava estranho, era como se eu pudesse prever suas próximas palavras.

Cerca de duas horas depois que tia Zuleide tinha dado entrada no Pronto Atendimento, finalmente fomos chamados em um corredor onde um rapaz moreno, magro e um tanto afeminado apareceu para nos explicar a situação. Ele se dirigiu a mim ao falar, mas o Rafael, impaciente, entrou na minha frente e começou a fazer perguntas.

— Como a minha avó está? Eu posso entrar lá para ver ela?

O rapaz sorriu ao jovem, mas respondeu a mim deixando-o irritado.

— Ela teve um pré-infarto, mas já está medicada e recebendo cuidados. Ficará internada até a reavaliação.

Rafael não desistiu.

— Eu posso ver minha vó agora?

— Por enquanto, não — respondeu o rapaz com simpatia. — Ela está descansando. Mas ela é forte, logo estará melhor e você poderá entrar no horário de visitas, ok?

Agradei e me afastei puxando o Rafael pelo braço para desobstruir a passagem. Havia muita gente por ali. Encontramos duas cadeiras vazias e nos sentamos na recepção. Notei que apesar de ainda estar nervoso, o garoto tinha ficado mais tranquilo depois da notícia, e fiquei feliz por ele. Claro que eu gostava muito de tia Zuleide; como cozinheira na nossa fazenda ela sempre cuidou de mim, sabia das minhas comidas favoritas e das minhas travessuras, mas naquele momento eu pensei no jovem que a chamava de avó. Ele ficaria arrasado se ela não resistisse.

Depois de mais dez minutos numa cadeira desconfortável ao lado de Rafael, eu tentei convencê-lo a ir embora, já que de nada adiantava ele permanecer ali.

— Tia Zuleide vai ficar internada por um bom tempo, Rafael — falei. — É melhor você ir para casa tomar banho, almoçar. Eu fico aqui até aparecer alguém da família.

— Mas eu sou da família! — Ele protestou.

— Eu sei, mas me refiro a alguém com mais de dezoito anos. Acho que você ainda não tem. Eu te levo e depois volto aqui...

— Não, eu vou ficar aqui, quero saber das notícias.

— Os machucados não estão doendo?

— Até esqueci deles já.

Rafael sorriu para confirmar que estava bem e esse sorriso me despertou um interesse estranho que eu não conseguia entender. Imaginei que a fome e a desidratação estivessem criando coisas na minha cabeça.

— Achei legal tia Zuleide ter alguém com ela. Quando eu morava aqui, ela vivia sozinha. Ela é sua avó, você disse?

— É, mais ou menos.

— Quantos anos você tem?

— Fiz dezesseis anteontem.

— Dezesseis... — Viajei nas contas. — Que interessante! — Me virei para ver melhor o rosto do moleque, que de repente me pareceu familiar. — Você é filho de quem mesmo?

Nesse momento, quando eu me preparava para ouvir a resposta e para fazer mais perguntas, ele se levantou pegando no bolso o celular sujo e arranhado e olhando uma mensagem.

— Ah, finalmente ele chegou. Ele vai cuidar de tudo e você vai poder ir pra sua casa.

— Ele quem?

— Meu tio. Ele já está chegando.

— Ah, que bom!

Mas o Rafael arregalou os olhos muito azuis e abriu a boca de um jeito engraçado, parado à minha frente.

— Ih, nem falei com ele do nosso acidente. Ele vai brigar com você, viu? Se prepare! Ele é muito bravo.

Pronto. Era chegado o momento de explicar ao parente do garoto o que tinha acontecido, ou seja, explicar o inexplicável. Por sorte, ele estava com saúde. Me levantei.

— Ok, vou enfrentar a fera. Quem é?

— Você conhece, ele é seu primo.

— Quem?!

— O Bryan.

Abri a boca para falar, mas minha voz não saiu. Bryan?! Como assim? Será que...? Meu coração começou a bater descompassado, minhas pernas fraquejaram e eu precisei me sentar enquanto minhas mãos tremiam sem parar. O Bryan. Era ele!

Rafael estranhou minha reação e me encarou. Seus olhos singulares não colaboravam no sentido de me fazer acalmar.

— Você está bem?

— Sim. Mas que nome você falou agora?

— Bryan. Quer que eu chame... — Ele começou uma pergunta, mas eu não o ouvi mais.

Havia tempo que eu evitava pensar no assunto que tinha me feito sair do país, e ouvir aquele nome assim, de repente, me pegou totalmente desarmado. Por ter decidido nunca mais voltar, eu não imaginava que um dia teria que confrontá-lo, mas esse dia chegou e mais uma vez eu não sabia o que fazer. Além disso, tinha aquele menino. Suas sardas, sua voz e, principalmente, seus olhos, tinham me deixado confuso. Era como voltar ao passado.

Uma pessoa entrou naquela sala, e apesar de não ser como eu esperava que fosse, eu a reconheci de imediato. Aproximou-se do Rafael como uma águia, e seu olhar percorreu desde os hematomas do garoto até a minha figura assustada que tentava, sem sucesso, se levantar e dizer alguma coisa. Afastou o Rafael e deu um passo em minha direção, e eu senti que ele poderia, de fato, me atingir. Seus punhos cerrados e seus dentes à mostra assim demonstravam aos meus sentidos parcialmente comprometidos.

— É melhor você ir embora — disse, com uma voz que eu nunca imaginaria. — E fique longe dele, senão...

Não o ouvi mais. Aquele tom se perdeu entre os muitos ruídos do hospital e minhas vistas escureceram. Enquanto sentia meu corpo em queda livre e alguma coisa, uma mão talvez, me segurando pela axila, minha mente viajava ao passado, para quase vinte anos antes, onde essa história começou. Antes de perder de vez os sentidos, ainda pude ouvir a voz de Rafael:

— Caralho, mais um passando mal!

No meu inconsciente, vi um par de olhos inquietos. Apaguei.

Antes de partir

Um pequeno acidente, um esbarrão. É assim que muitos romances clichês se iniciam. Essa história, porém, não começa assim. Pelo menos, não essa parte, e não esse tipo de amor. Ela começou há muito tempo, quando eu era apenas um adolescente e não tinha grandes preocupações na vida.

Me lembro bem do dia em que ele chegou à nossa casa, todo acanhado e querendo se esconder atrás das coisas. Lembro também de antes disso, quando tia Rosana ficou doente, e mamãe nos avisou que talvez precisasse cuidar do filho “adotado” dela. E que antes de ele chegar, ela nos orientou para que fôssemos pacientes e condescendentes com o garoto, pois sabia que Paolo e eu, e até Claudina, não éramos nada fáceis.

Fiquei sabendo da história dele por alto, ouvindo as conversas de minha mãe com outras pessoas. Tia Rosana, irmã dela, era uma solteirona endinheirada e não tinha muito com que gastar. Vivia nos dando presentes caros. Em 1989, quando viajava pelo sul do país, ela teria encontrado uma mulher pobre numa rodoviária que teria lhe dado uma criança dizendo que não poderia criá-la. Era um lindo loirinho, segundo minha mãe, e minha tia teria se afeiçoado a ele (sendo minha mãe, eu sei que ela perdoava o fato de a irmã adotar um “filho de estranhos” apenas porque se tratava de um “loirinho lindo”). Ele devia ter cinco ou seis anos na ocasião. Foi registrado como filho biológico de titia e até hoje não sei como, coisa de umas máfias que existiam no Brasil. Só sei que ela conseguiu isso em algum lugar no sul da Bahia.

O pequeno recebeu o nome de Bryan em homenagem a um cantor canadense de voz rouca que as solteironas da época gostavam. Ele nem sabia que nome tinha antes de ser adotado, minha mãe dizia. Nunca o tínhamos visto antes de ele vir para a nossa casa; tia Rosana tinha se mudado para longe

logo após a adoção e só voltou anos depois, quando já estava mal de saúde. Apesar de todos os cuidados, não teve jeito e ela acabou falecendo. Seu filho foi trazido para ser cuidado por mamãe com a condição de que, quando chegasse à maioridade, ele recebesse o dinheiro e as propriedades que tinham sido de titia. Meus pais ficaram responsáveis por administrar os bens que seriam do garoto, que devia ter uns doze anos na ocasião.

Aquele era um menino estranho, o mais estranho que eu já tinha visto. Meus pais eram preconceituosos em relação a muitas coisas e não gostaram do jeito dele já nos primeiros dias. Na época, eu conhecia alguns garotos afeminados na escola e minha mãe me orientava sobre eles: “Léo, não fique de conversas com aquele menino da Betânia, muito esquisitinho, tadinho”, se referindo ao filho de uma conhecida que era claramente afeminado e sofria na escola o que hoje seria chamado de bullying. Mas a vida pode ser irônica às vezes.

Bryan era gordinho, não em excesso, mas tinha formas arredondadas que inspiravam Jailton, meu vizinho, a fazer piadinhas maliciosas sobre o corpo dele. E tinha cabelos loiros que não eram lisos nem formavam cachos uniformes, o que dava a ele uma aparência desleixada. Minha mãe dizia que aquele era um cabelo ruim e que ela nunca tinha visto um menino branco com o cabelo daquele jeito. Bryan nunca reclamou ou se defendeu.

Ele tinha olhos de um azul incomum, mas não era a cor a principal peculiaridade. Era o olhar. Um olhar nervoso, que não se fixava em nada por muito tempo. Sempre me intriguei com aquele olhar fugidio. Era como se ele estivesse sempre com medo ou esperando que algo acontecesse. A pele dele era recoberta por uma penugem esbranquiçada que conforme ele ia crescendo, ia diminuindo. Tinha sardas nas costas, mas não as tinha no rosto, aliás, o rosto dele era tão delicado que as pessoas ficavam olhando sem querer. A boca quase vermelha, lábios volumosos, olhos grandes com cílios longos como os de uma boneca, sobrancelha fina de pelos claros. Não havia quem não achasse seu rosto bonito.

Não sei dizer se Bryan era afeminado ou não. Comparado ao filho da nossa vizinha Betânia, ele não era, mas em inúmeras coisas era diferente dos outros meninos. Alguns parentes nossos comentavam essas características dele com preocupação, mas mamãe o defendia dizendo que era por causa da idade e que ele ia virar um “hominho” logo, logo. Papai, mais preconceituoso, dizia que era isso o que dava adotar cria de desconhecidos e que aquele menino ia fazer nossa família passar muita vergonha.

Nos primeiros dois anos em que Bryan ficou conosco, ele e eu não travamos muito conhecimento, embora eu o defendesse dos meus amigos e conhecidos quando necessário. Eu o protegia principalmente por causa da

minha tia Rosana que tinha sido muito boa para mim; era a minha madrinha, inclusive. Em casa, ele preferia ficar na companhia de Claudina, apesar de mamãe não gostar disso e me fazer levá-lo para a roça para ensinar a ele tarefas mais masculinas. Mas o Bryan não se familiarizava com certas atividades, ficava vermelho no sol quente, tinha medo dos animais e até de mim. Sempre que ficávamos a sós, fosse em casa ou na roça, ele se assustava e se afastava. Do meu pai e meu irmão ele se mantinha ainda mais distante, mas eles sequer reparavam. Paolo passava cada vez menos tempo em casa e papai não era muito amistoso.

Com o tempo e a convivência, a distância entre nós foi diminuindo e fomos ficando mais íntimos, embora não tenhamos chegado ao patamar de grandes amigos. Naquela época, não tinha DVD na nossa casa nem qualquer dispositivo que armazenasse os filmes para assistir depois, de forma que a gente era obrigado a assistir o que gostava na hora em que era exibido na TV. Sorte que tínhamos uma boa televisão e uma boa antena parabólica. Também era raro sermos autorizados a dormir tarde, mas às sextas-feiras ou sábados, dependendo do humor dos nossos pais, nós podíamos assistir filmes. Eles dormiam cedo e nós ficávamos na sala.

Numa dessas sextas-feiras de “cinema”, estava passando um filme que Claudina e Bryan diziam ser de terror. Estava frio, por isso estávamos enrolados em cobertas; Claudina deitada no sofá menor e eu no outro, até que o Bryan, que estava no tapete, se levantou e pediu para sentar comigo no sofá maior. Ele se sentou e eu fiquei com as pernas sobre as coxas dele e apoiadas no braço do sofá.

Eu era brincalhão, todo mundo sabia disso. Ao ver o Bryan concentrado no filme e sentindo medo, eu não resistia, mexia em sua orelha e dizia que era um besouro. Às vezes eu levantava os joelhos para impedi-lo de ver a televisão; quando ele se zangava, eu prometia parar. Até que o frio ficou mais intenso e ele pediu para se deitar, e nós ficamos como que de conchinha, pois, como eu não cabia no sofá, tinha que ficar com as pernas encolhidas. Foi a primeira vez que ficamos tão próximos. Os cabelos de Bryan fizeram cócegas no meu nariz e uma das minhas mãos, sem ter o que fazer, repousou sobre o quadril dele.

Numa outra ocasião, numa tarde de domingo em que estávamos sozinhos assistindo televisão, Bryan se deitou ao meu lado e em certo momento se virou e disse que achava estranho eu ter tantos pelos na barriga. Eu ri da observação estranha que ele tinha feito e comentei qualquer coisa sobre ter muito mais dali para baixo. Ele fez careta, disse que era nojento, e não passou disso.

Bryan tinha dificuldade de aprendizagem e de relacionamentos na

escola, por isso, às vezes as professoras chamavam mamãe para conversar. Ela não entendia porque Bryan não aprendia como os outros meninos da mesma idade e o tratava mal por isso. Falava que ele era preguiçoso. Em algumas ocasiões o Bryan dizia, com a limitação do seu jeito assustado, que deveria ir ao médico aos treze anos, mas quando ele completou e passou dessa idade, meus pais disseram que ele não estava doente e que só o levariam ao médico quando ele precisasse de verdade. Chegaram a levá-lo quando ele teve crises de choro na escola, mas por falta de atendimento especializado, ninguém diagnosticou que problema ele tinha.

Quando se deu conta de que Bryan corria sério risco de não terminar a oitava série, mamãe me mandou dar um jeito de ensinar matemática e ciências a ele. Meu irmão já tinha ido estudar em São Paulo, só vinha nas férias, e Claudina não tinha nenhuma paciência, de forma que sobrou para mim a tarefa. Eu era estudioso, estava me preparando para fazer um bom curso superior, apesar de termos sido todos transferidos para a escola pública por causa da necessidade de corte de despesas na nossa casa. Contratar um professor de verdade para o Bryan estava fora de cogitação, tanto pela economia de dinheiro quanto pela distância, já que não havia professor disponível nos arredores.

Assim, todos os dias, depois do almoço que era a hora mais quente do dia, nós fazíamos algumas tarefas e íamos para a varanda estudar. No começo foi cansativo. Bryan não sabia as coisas mais básicas, se irritava quando eu tentava ensiná-lo, e isso me desanimava. Eu já estava pensando em desistir quando finalmente ele começou a melhorar. Depois de alguns dias, comecei a entender a forma com que ele aprendia e isso facilitou o trabalho. Algumas coisas eu precisava desenhar, de forma literal, para que ele entendesse, especialmente em cálculos. O raciocínio dele era lento, bem limitado, mas ele tinha a vantagem de ter boa memória. Se tivéssemos internet naquela época, talvez o trabalho tivesse sido mais fácil, mas com certeza teria sido menos divertido. Ao final dessa empreitada, a gente já brincava e conversava bastante.

Quando ficávamos a sós, ele já não saía correndo como antes, ao contrário, se mostrava ansioso para que eu o chamasse para alguma atividade. Quando eu estava no meu quarto, ele entrava silencioso e ficava por perto e eu fui me acostumando com sua presença e curiosidade para com as minhas coisas. Ele gostava de ver meus livros e ficava encantado com as tarefas que eu fazia. E olha que eu nem era tão bom assim. Eu falava de coisas da escola e ele prestava atenção, abria a boca e arregalava os olhos quando eu falava besteiras. Fora de casa, a gente se mantinha distante, principalmente quando eu estava com meus amigos. Eles o chateavam e faziam piadinhas; eu o

defendia, mas não andava com ele e ele não se aproximava.

O pior de todos era o Jailton, filho do nosso vizinho mais próximo. Jailton era grande, um homem, praticamente, mas não tinha nenhum juízo. Implicava com garotos mais novos, pregava peças nas pessoas e viu no Bryan um alvo para as suas gracinhas. Sabendo que eu defenderia o Bryan sempre, porque ele era meu primo e vivia na minha casa como um irmão, Jailton aprendeu a mexer com ele quando estava longe de mim, e o Bryan, por algum motivo, demorou demais a me contar o que ele fazia.

Era véspera de um feriado e eu não tinha ido para a escola; Bryan e Jailton, porém, tinham ido, eles iam e voltavam no mesmo ônibus escolar. Eu estava andando sozinho pela fazenda e, como já estava próximo ao horário de Bryan chegar, resolvi esperá-lo para irmos juntos para casa. Travesso como era, quando ouvi o motor do ônibus, tive a ideia de me esconder atrás de uma moita de mato para dar um belo susto no Bryan quando ele passasse. Porém, o Bryan não passou e logo depois eu comecei a ouvir vozes alteradas, e uma dessas vozes era a do Jailton. Eles não estavam na estrada, mas dentro da mata, e isso me deixou preocupado. O que aquele sem-vergonha estaria aprontando com meu primo?

O mais silenciosamente possível, saí de onde estava e dei a volta à matinha desviando de árvores e cipós, para ver o que estava acontecendo. Ao chegar ao local, avistei o Jailton, um ruivo grande e peludo na força dos seus dezenove anos, agarrando o pequeno Bryan e prensando-o contra uma árvore maior. Aquilo me enfureceu. Abandonando qualquer precaução, corri entre mato e plantas espinhentas, alcancei o braço do Jailton e o puxei com força. Ele só me ouviu quando eu já estava perto e por isso não teve tempo para se defender. Cambaleou para o lado e soltou o Bryan, que escorregou até ficar de cócoras no chão. Quando Jailton se recompôs e veio em minha direção, eu desviei de seu punho e acertei um soco em seu rosto, logo abaixo do olho esquerdo.

— Desaparece, seu idiota! Imbecil! — gritei.

Ele era grande e forte, mas era lento, e o flagra o tinha desestabilizado. Já eu, mesmo não sendo acostumado a brigar, era ágil e esperto.

— Tá maluco, Léo? — Jailton falou um pouco envergonhado, mas com um sorrisinho na cara. — Só estou dando um trato nesse viadinho.

Ao ouvir isso, ensaiei uma investida contra ele, mas ele desistiu de me enfrentar e começou a se afastar. Como não era mais possível alcançá-lo com socos, peguei uma pedra e joguei em sua direção. Acertei numa árvore. Peguei mais duas pedras e fui atrás dele, e então ele começou a correr. Enquanto corria, ele ainda se virou para o Bryan para insultá-lo chamando-o

de bichinha, mulherzinha, e outras palavras do tipo.

Por fim, desisti de perseguir o Jailton e voltei até onde o Bryan estava. Ele permanecia abaixado no mesmo lugar e chorava com o rosto escondido entre as mãos e os joelhos. Tinha um ombro da camisa descosturado e o cabelo todo desgrenhado. Quando perguntei o que tinha acontecido, ele começou a soluçar. Me sentei ao lado dele e esperei que ele se acalmasse. Toda vez que eu, na tentativa de consolá-lo, o tocava, ele chorava ainda mais.

— Você está melhor? — perguntei, por fim. Bryan balançou a cabeça afirmativamente. — O que aconteceu?

Não foi fácil entender a resposta. Entre soluços, Bryan disse que o Jailton vinha perturbando-o toda vez que o encontrava, chamando-o daqueles nomes e puxando sua roupa.

— Por que você não me falou o que estava acontecendo?

— Porque fiquei com vergonha.

— Vergonha de quê? Que bobagem. Toda vez que isso acontecer, você tem que me falar.

— Ele rasgou minha camisa da escola e... — Bryan não conseguiu continuar, voltou a chorar cobrindo o rosto.

— Mas eu soquei a cara dele, você viu? Vai inchar e ele vai ter que dar muitas explicações.

— Como vou entrar em casa desse jeito? — ele perguntou olhando o estado em que se encontrava.

— Eu entro pela cozinha e chamo mamãe, você entra pela varanda e vai para o quarto. Se Claudina estiver lá, inventa alguma coisa. Se ela não acreditar, pode falar a verdade. Aí você troca de roupa e vem almoçar.

Bryan ficou mais calmo e enxugou o rosto. Dei a mão para ajudá-lo a se levantar e andamos juntos e calados as centenas de metros que ligavam nossa casa à estrada principal, empoeirada e vermelha naquele fim de ano.

Entramos em casa e deu tudo certo, ninguém reparou na roupa nem na cara de choro de Bryan. Como ele vivia chorando na escola, ninguém, além de mim, lhe dava atenção. Durante o almoço, mamãe monopolizou a conversa de forma que passamos despercebidos nas nossas preocupações. Poderíamos ter falado com meus pais sobre o Jailton, mas tínhamos certeza de que eles reagiriam de forma contrária ao que precisávamos. Na certa, Bryan levaria a culpa. Jailton iria se defender dizendo que Bryan era oferecido e os mais velhos, sempre ignorantes e preconceituosos, acreditariam nele.

Depois desse dia, passei a vigiar o Jailton mais de perto e Bryan me garantiu que ele não estava mais perturbando-o. Quando voltamos a conversar, Jailton e eu, não tocamos mais nesse assunto. Com o Bryan, depois desse incidente, eu passei a conversar assuntos mais íntimos e a ficar ainda mais próximo. Mamãe tinha feito um chapéu de pano branco de abas largas para que ele não se queimasse no sol, e ele passou a me acompanhar quando eu ia trabalhar ou pescar. A proximidade, a cumplicidade e o fato de ficarmos sozinhos em locais ermos facilitava a nossa aproximação. A gente brincava, se abraçava e era feliz.

Numa noite, quando eu me ajeitava para dormir, ouvi uma batida leve na porta e me levantei. Era o Bryan. Eu dormia sozinho naquele quarto porque Paolo, meu irmão, estava estudando e só vinha nas férias. Bryan dormia num quarto pequeno perto da cozinha que no passado já tinha sido usado como despensa. Acendi a luz e me sentei na cama. Bryan disse que estava sem sono e que queria conversar e então eu disse que ele podia dormir na cama de Paolo.

— Paolo não vai se zangar? — ele perguntou.

— Claro que não, ele nem vai saber. Busque a sua coberta.

Bryan saiu e voltou pouco depois trazendo um lençol e um travesseiro. Ele estava com uma camiseta larga e um short velho que ele sempre usava para dormir. O short era curto e apertado e marcava muito na bunda, o que eu não pude deixar de reparar. As pessoas falavam tanto naquilo que os meus olhos acabavam procurando e encontrando. Eram curvas demais. Era impossível ver e não pensar bobagens, já que eu tinha dezessete anos e naquela idade qualquer coisa me lembrava sexo.

Fingindo absoluta indiferença para com a sua bunda, ajudei-o a tirar as coisas de cima da cama do meu irmão, a colcha e o travesseiro que era apenas enfeite, e algumas roupas minhas. Joguei tudo num canto do quarto. Bryan se deitou e se cobriu da cintura para baixo e a gente ficou conversando em voz baixa sobre coisas aleatórias. Apaguei a luz para não chamar a atenção de ninguém.

No começo eu estava com sono, mas ele foi passando, e mesmo quando o Bryan começou a bocejar e se virou para o lado, eu não consegui relaxar. Quando desejei “boa noite” e ele não respondeu, eu tentei me concentrar e dormir também, mas foi em vão.

O quarto era pequeno e por isso, as camas estreitas de macanaíba ficavam lado a lado, com um espaço de pouco mais de meio metro entre elas.

Na parede da porta ficava um guarda-roupas também pequeno, de madeira escura, que tinha um espelho grande em formato oval do lado de fora, e na parede oposta ficava a janela, que era enorme, com quatro bandas de madeira pintadas de branco. Devido à localização da nossa casa, no meio de uma fazenda, afastada das outras casas e da estrada, os únicos ruídos que se ouviam à noite era o ventilador de teto e os cachorros que latiam. Quando o ventilador estava desligado ou na velocidade mais baixa, dava para ouvir os grilos e as cigarras lá fora.

Deitado de lado, me concentrei para poder ouvir a respiração do Bryan, que ficava mais calma e ritmada conforme ele pegava no sono. Quando meus olhos se acostumaram à escuridão, pude distinguir alguns detalhes da sua silhueta. Meio de bruços, meio de lado, com uma perna dobrada e outra esticada e um braço embaixo do travesseiro, ele estava parcialmente descoberto. Senti vontade de tocá-lo, cheguei a me levantar para isso, mas não tive coragem de prosseguir. Seria muito errado da minha parte.

Como ele estava encolhido, achei que talvez ele estivesse sentindo frio e resolvi cobri-lo. Ao pegar o lençol, porém, senti que ele estava preso entre as pernas do Bryan, mas era tarde demais, eu já tinha puxado. Bryan se mexeu e se sentou na cama e eu temi que ele tivesse se assustado com meu gesto, então me apressei em dar uma justificativa.

— É que eu te vi encolhido e pensei que você estivesse com frio. Não queria te acordar — falei.

— Hum, tudo bem — ele respondeu com voz de sono e eu o cobri com o lençol.

— Posso deitar aí com você? — pedi de repente.

— Aqui? Por que? — Bryan estranhou.

— Ah, nada. Deixa pra lá.

— Pode. — Ele se encolheu no canto deixando para mim o máximo de espaço que podia.

Já meio arrependido da ideia estapafúrdia que tinha tido, eu apalpei a cama estreita e me deitei sem muita convicção. Ouvi a respiração calma de Bryan e senti que, apesar da minha atitude incomum, ele estava à vontade. O colchão estava quente e meu braço logo colou no corpo dele, o que me incomodou no começo. Pôr a ideia em prática é bem diferente de imaginar, foi o que eu constatei.

Imóvel no pouco espaço que tinha, senti que dormir seria impossível, tanto para mim quanto para o Bryan. E ele estava esperando que eu fizesse

alguma coisa, que ao menos justificasse minha presença ao seu lado na cama.

— E o Jailton? — perguntei depois de alguns minutos de indecisão. — Andou te perturbando?

— Não, nunca mais vi.

— Ah... — E eu sabia disso, pois Bryan não saía de casa sem mim. Perguntei para tentar entrar num assunto específico. — Você gosta dele?

— Do Jailton? Claro que não! Ele é um babaca.

— Você gosta de alguém?

— Eu não. — Bryan deu uma risadinha envergonhada. — E você?

— Também não — respondi de mau humor. Não queria que ele repetisse as minhas perguntas.

— E a Cíntia? Ela gosta de você.

— Gosta nada. É mentira.

Cíntia era uma garota bonita e eu tinha ficado feliz ao conseguir ficar com ela, mas descobri que ela era muito apaixonada e já tinha até planos para o nosso futuro. Isso me assustou, pois o que eu queria era sair para estudar e não ficar preso em um compromisso. Corri dela sem olhar para trás. Apenas meu irmão sabia disso, mas às vezes o Bryan era um pouco mais esperto do que eu supunha.

Senti uma excitação crescendo conforme eu tomava ciência da minha proximidade com as costas de Bryan. E com a bunda dele. Ele tinha uma bunda gordinha e empinada que me fazia pensar sacanagens até durante o dia, quem dirá à noite, com ela colada à minha coxa. Fechei os olhos e segurei a respiração.

Bryan estava quietinho e aos poucos sua respiração foi ficando ritmada, e eu cheguei à conclusão de que ele estava dormindo. Continuei parado, tenso, cheio de um desejo insano, persistente. Sem pensar, desci meu short o suficiente para a minha mão poder entrar através do elástico e comecei a me tocar com cuidado. A cueca atrapalhava o movimento, mas ajudava a manter meu membro rijo dentro dos limites aceitáveis. Deslizando meus dedos melados pela pele quente e dura, eu suspirava baixinho. Apenas três dedos da mão esquerda, que não era a boa, me tocando de forma contida, e eu sabia que não era o suficiente. Naquele ritmo, eu passaria a noite toda sem chegar onde precisava.

Deixando parte da cautela de lado, desci ainda mais a roupa para ter mais liberdade e aumentei a intensidade dos movimentos. Se o Bryan não

estivesse num sono realmente pesado, ele poderia sentir o que eu estava fazendo. Mas como ele não se mexeu, eu não me importei. Quando me dei conta, eu estava me masturbando com força.

— O que foi? — Bryan perguntou de repente me alertando para o fato de que apesar de estar imóvel, ele estava bem acordado. Travei.

— Nada não. É... eu acho que estava sonhando.

— Com mulher?

— É... mais ou menos.

Bryan permaneceu do jeito que estava antes, se fazer nenhum movimento, e eu o imitei, apenas tirei a mão de dentro do short. Meu membro ainda estava duro e parcialmente liberto. A vontade de continuar era grande, e o juízo, por sua vez, era pequeno. Eu era um jovem normal, safado como os outros da minha idade, e tinha certa intimidade com o Bryan, embora essa intimidade não servisse de desculpa para o que eu estava fazendo.

Por fim, me levantei e fui para o banheiro, onde não consegui gozar nem mijar, nem nada. Voltei para a cama irritado e cansado. Bryan ainda estava acordado, apoiado num cotovelo. Ele notou minha mudança de humor ao perguntar se eu não ia dormir. Respondi com um grunhido, mas depois, sabendo que tinha sido escroto, eu disse que estava bem. Então ele se levantou da cama onde estava e se deitou na minha, pondo a cabeça no meu braço, e isso me deixou ainda mais irritado, pois estava claro que ele queria proximidade e eu não sabia até que ponto ele entendia o que estava acontecendo.

Perdendo o que restava do autocontrole, eu o virei de costas para mim e o abracei com força. Meu nariz foi para o seu pescoço e sua bunda colou na minha barriga. Puxei-o para baixo e desci tanto o meu short quanto o dele, e meu pau deslizou na fenda entre as nádegas macias.

— O que você vai fazer? — ele perguntou e me pareceu ser mais curiosidade do que medo. Ele confiava em mim.

— Vou só sarrar um pouquinho... — sussurrei no ouvido dele, segurando-o para que não se virasse. — Vai machucar não.

Não foi preciso muito esforço. O contato com a pele quente e a sensação de proibido levaram meu tesão às alturas. Apenas alguns toques e um pouco de movimento de vai e vem contra aquela bundinha e eu senti o gozo se aproximando. Nem deu tempo de me levantar, só mesmo me afastar bruscamente e parar os jatos com a mão evitando sujar roupas e lençóis. Enquanto eu gozava, Bryan permanecia imóvel, nem mesmo sua respiração

eu sentia. Ou talvez eu estivesse insensível demais para sentir.

Trêmulo e com as mãos sujas de esperma, eu pus as pernas para fora da cama e me sentei. O short ainda estava abaixado. Com o único dedo limpo, puxei o elástico até o tecido cobrir meu pênis e saí do quarto em silêncio. Não acendi nenhuma luz pois havia uma pequena arandela no corredor e eu conhecia muito bem o caminho.

Enquanto lavava as mãos e o resto, eu pensava na loucura que tinha acabado de fazer. Aquilo não tinha sido nada legal e o pior é que eu não sabia o que fazer a seguir. Eu deveria pedir desculpas? Dizer que tinha gostado? Prometer que não voltaria a fazer? Eu não sabia. Demorei no banheiro dez minutos ou mais, perdido em pensamentos e reflexões. Quando voltei para o quarto, Bryan já estava na cama dele, virado para a parede e coberto até o queixo. Fechei a porta com cuidado e me deitei. O sono veio logo porque eu estava exausto e meu corpo estava relaxado. Feliz ou não, eu tinha feito exatamente o que tinha desejado: sexo.

Na manhã seguinte, nos sentamos todos à mesa conforme o costume, e eu observei o Bryan para assuntar em que pé as coisas estavam. Temia que ele estivesse triste, que passasse a me evitar, ou pior, que falasse sobre aquilo com alguém. Depois de muita ponderação, fiquei descansado, pois a única pessoa com quem ele conversava abertamente era comigo.

Vencida aquela fase de vergonha que durou uns dois dias, voltamos a nos aproximar como se nada tivesse acontecido. Numa tarde, fomos pescar num ponto mais distante do córrego e o Bryan se sentou ao meu lado, tão perto que eu podia sentir o seu cheiro. Eu entendi como um sinal verde. Tirei a camisa e mostrei minha barriga. Fiz com que passasse seus dedos sobre meus pelos e ele voltou a falar que era nojento. Tinha que passar gilete, ele disse. Rimos. Ele parecia uma garota com aquele chapéu de pano branco, que deixava aparecer as pontas louras dos cabelos. Suas bochechas vermelhas e seus olhos azuis eram fofos.

— Bunda de tanajura — falei passando a mão sobre o short grosso que ele usava.

— Seu magrelo — ele respondeu. — Veste a camisa que essa sua barriga é feia.

Abri a bermuda e mostrei não só meus pelos pubianos, com os quais ele tanto implicava, como também minha excitação nem um pouco modesta. Bryan não demonstrou nenhum interesse nem fez comentários sobre meu atrevimento. Mesmo assim, continuei a manipular meu membro rijo na sua vista, mostrando como ele crescia e babava, até que um barulho ao longe me incentivou a guardá-lo. Precisei me masturbar ajoelhado na água rasa, porém

escura, para não ser visto andando com a barraca armada.

À noite, Bryan se deitou na cama de Paolo e dormiu logo, mas eu o acordei horas depois. Só um pouquinho — eu pedi —, só um pouquinho de contato entre meu pau e sua bundinha, de costas mesmo, até eu gozar e me aliviar. Ele deixava, com a condição de que eu não o melasse. Mas naquela noite eu perdi o “tempo” da coisa e meu gozo quente inundou sua bunda e coxas, o que o irritou. Ele me xingou duas vezes enquanto se levantava, a contragosto, para ir ao banheiro. Pedi desculpas, mas não estava nem um pouco arrependido. Tinha sido gostoso.

Por dia e dias, quando ele se aproximava de mim, eu o abraçava ou o pegava no colo para mostrar minhas segundas intenções, e por noites e noites, eu visitava a sua cama, até porque, antes disso, ele visitava meu quarto. Entrava silencioso trazendo a coberta, às vezes trazia algum livro. Ele ainda levava a sério nossos estudos, mesmo estando de férias, e eu considerava uma ótima desculpa para dormir com ele sem levantar suspeitas. E ninguém suspeitava. Na verdade, até incentivavam nossa proximidade, porque nas vistas dos outros, eu era apenas um garoto brincalhão.

Finalmente chegou o fim do ano e com ele, as férias de Paolo. Eu sabia quando Paolo estava para chegar por causa da preparação que tinha na nossa casa. Tia Zuleide, nossa empregada, tinha que fazer torta de abacaxi porque Paolo gostava, mamãe punha colcha nova na cama dele, tinha refrigerante no almoço e recebíamos visitas de parentes.

Paolo sempre foi o favorito dos meus pais. Era dele que meu pai se orgulhava nas rodas de conversa com os amigos. Era também meu apoio e me defendia quando queriam me castigar. Já eu... Bem, eu era o caçula. Era bom em uma porção de coisas, mas não bom o suficiente. Paolo é que era bom. Na minha infância, eu me espelhava nele no modo de agir porque o adorava. Na adolescência, a gente brigava porque eu me ressentia da preferência dos nossos pais, mas ele nunca permitia que eu me sentisse por baixo. Por essa razão, eu me alegrava quando ele estava para chegar, mas naquele fim de ano, eu fiquei levemente incomodado. A presença de Paolo no quarto, na casa, na fazenda, impediria que eu continuasse do jeito que estava com o Bryan. E estava tão bom...

Acompanhei meu pai quando ele foi buscar Paolo na rodoviária da cidade. Paolo estava ainda mais branco por passar muito tempo em ambiente fechado, mais magro, com os cabelos desgrehados e uma barbinha crescendo. Ele não se parecia fisicamente comigo. Nos abraçamos assim que ele saiu do ônibus e papai, com seu jeitão impessoal, o cumprimentou apenas

com um aperto de mão. Mas carregou as malas até o carro.

O café da tarde foi animado e todos na fazenda vinham cumprimentar o Sr. Celebridade. Quando ficamos a sós, fomos para fora onde era mais fresco e conversamos. Comigo, Paolo não ficava falando de si mesmo, ao contrário, me enchia de perguntas.

— E aí, tá pegando a Cíntia ainda? — ele perguntou sabendo já a resposta.

— Deus me livre!

— Ué? Só falava nela quando vim em julho.

— Estou a fim de namorar sério assim não.

— E está pegando alguém?

— Porra nenhuma! Agora que acabou a aula, é eu comigo mesmo.

Paolo riu e disse que com ele era a mesma coisa, ainda mais que não tinha tempo nem dinheiro para nada. Ele avistou o Bryan, que estava distraído do outro lado do terreiro, e apontou o dedo.

— Olha, o Bryan finalmente está crescendo. E olha a bundinha dele, que gracinha!

— Nunca reparei — respondi sentindo certo formigamento. — Ele só engordou um pouquinho.

— Nunca reparou... — Paolo desdenhou. — Você é cego, por acaso? Quem não repara naquilo?

— Fala isso não, tadinho. Ele fica chateado quando falam isso.

— Vocês são amiguinhos, agora?

— Pois é, depois de umas aulas de matemática, ele começou a conversar comigo.

— Estou por fora de tudo mesmo, hein?!

— Mas vai ficar por dentro é agora. — Me levantei puxando-o pelo braço. — É hora de prender os bezerros.

Paolo se fingiu de ofendido.

— Vai você, eu sou um doutor advogado!

— Seu cu! Você é um estudante que só gasta dinheiro.

Saímos correndo juntos. Na nossa casa, férias eram sinônimo de trabalho extra, e nem mesmo Paolo podia ficar à toa. De manhã e à tarde, todo

mundo tinha que ajudar com o gado, principalmente porque, nos últimos tempos, vínhamos enfrentando uma crise financeira e alguns empregados da fazenda tinham sido dispensados.

À noite, Paolo ocupou seu lugar de costume, na cama ao meu lado, e Bryan ficou no quartinho dele. Paolo estava cansado e dormiu logo e eu fiquei olhando a porta, imaginando se era prudente me levantar ou não. Por fim, acabei dormindo e sonhando com várias sacanagens sem sentido.

No dia seguinte, quando Paolo se tornou o centro das atenções na fazenda, Bryan e eu, que não éramos obrigados a ficar dentro de casa como Claudina, saímos para dar uma volta. Estava muito calor e eu o convidei para ir no córrego. Eu adorava aquela água; o Bryan nem tanto, mas me acompanhava.

O córrego, na maior parte do percurso, era raso, mas em alguns pontos se tornava perigoso para quem não o conhecia ou não sabia nadar. A água parecia límpida nos pontos mais rasos, mas nos locais mais profundos ela era escura, característica natural das águas da região.

Naquela tarde, consegui levar o Bryan até o limite das nossas terras, dentro de uma matinha remanescente. Entrei na água apenas de cueca e ele entrou de roupa, só tirou mesmo o chapéu de pano. A correnteza era razoável, mas a profundidade era na altura das minhas coxas. Brincamos de jogar água um no outro até que o Bryan começou a ficar arrepiado. O abracei.

— Quer sair da água? — perguntei.

— É, está fria pra caramba.

— Seu fresco!

Saímos da água e Bryan procurou um local com sol para se secar. Eu, no entanto, entrei ainda mais na macega e tirei a cueca. Pendurei-a num galho de árvore com o restante da minha roupa. Bryan, que podia me ver de onde estava, ficou desconcertado.

— Por que você está pelado?

Me virei e me exibí para ele, que olhou em volta, preocupado.

— Não vai aparecer ninguém não, bobo — garanti.

Totalmente envergonhado, Bryan começou a tirar a roupa. Como ele nunca tomava sol sem camisa, sua pele era tão branca quanto uma folha de papel. Por ter ganhado peso recentemente, o peito dele estava um pouco proeminente, o que ele escondia com os braços cruzados. A cueca ele não tirava de jeito nenhum. Ele estendeu as peças molhadas num galho onde pegava sol e ficou me esperando.

Quando ele estava distraído com alguma coisa, eu o abracei por trás e ele se espantou. Ele sempre aceitava as minhas brincadeiras, mas dessa vez ele achou que eu tinha ido longe demais. Se afastou emburrado e quis pegar a roupa. Não deixei. Peguei-o pelo braço e o levei até um local mais fechado onde o virei de costas para mim. Ele se apoiou em uma árvore grossa, uma das últimas que tinha restado naquela área, e ficou parado enquanto eu investia contra o seu corpo. Deslizei minhas mãos frias pelo seu peito e descí pela barriga. Ele não se sentiu confortável com isso e resmungou. Voltei aos mamilos e ele disse que doía, então mudei de estratégia e me concentrei em suas costas e bunda, e então ele relaxou.

Aos poucos fomos encontrando uma posição em que nossa diferença de altura não atrapalhava. Eu o pressionei para baixo e ele desceu as mãos pelo tronco da árvore até ficar com a coluna perpendicular ao meu corpo. Desci sua cueca até os joelhos e me introduzi no espaço entre as partes frias e brancas da sua bundinha. Tentei introduzir um dedo, mas um aviso curto, inexorável, me fez desistir da ideia. Penetrar, jamais, sob o risco de nunca mais poder chegar nem perto dele. Obedeci.

O líquido que saía de mim era suficiente para lubrificar o caminho que meu órgão trilhava por entre as coxas do meu primo. Aquilo era bom demais para um garoto de dezessete anos que estava com os hormônios em ebulição e que sentia desejo o tempo todo. Era quase a mesma coisa que meter numa boceta — eu achava —, pois a posição, o clima, o prazer, até mesmo o cheiro, era parecido.

Agarrando os quadris de Bryan com força e entrando no ponto mais fundo que ele permitia, eu dizia em seu ouvido que estava muito gostoso e que eu ia gozar nele sim, pois o rio estava ali para nos lavar. Ele protestou, mas permitiu. O orgasmo veio intenso, em fortes jatos quentes, deixando o Bryan inundado de esperma e as minhas pernas moles.

Quando me afastei, suado e arfando, tentei virar o Bryan de frente para mim, mas ele não deixou. Puxou a cueca para cima e se cobriu, ainda melado. Correu para a água. Não permitiu que eu me aproximasse no rio, se banhou sozinho, vestiu as roupas e foi embora. Fui atrás dele e o alcancei, puxei assunto pelo caminho, e chegamos em casa juntos como bons amigos. Ninguém desconfiou de nada.

As festas de fim de ano foram tranquilas como eram todos os anos. Vieram parentes no Natal e no Ano Novo, a casa ficou cheia de gente e fizeram comidas aos montes. Em janeiro nós fomos à praia e ficamos no mesmo lugar de sempre, na casa de uns parentes. Era a única época do ano em

que podíamos aprontar à vontade, beber, pegar garotas aleatórias e virar noites sem dormir sem sermos repreendidos. Foi a primeira vez que o Bryan foi com a gente, depois de muitas recomendações de minha mãe, pois ele não era bom em se enturmar com outros adolescentes.

Eu estava ansioso pela diversão, pelas festinhas, as garotas, mas logo que chegamos, aconteceu algo que atrapalhou meus planos. Bryan estava esquisito, começou a reclamar de dor no abdômen e passou o dia deitado, encolhido, num colchonete. Consegui um remédio para dor e dei a ele, mas não surtiu efeito. Ele permaneceu deitado resmungando e querendo voltar para casa. Me irritei no início, pois parecia que ele estava fazendo de propósito, mas depois comecei a ficar preocupado. Bryan não era de chamar a atenção por qualquer motivo.

Peguei o carro que estava com a gente e levei-o numa farmácia do balneário. Um atendente indicou um remédio que eu sequer li o nome, Bryan tomou lá na farmácia mesmo, e depois de algumas horas, ele já estava melhor, embora tenha ficado sonolento. Arranjei um cantinho sossegado para ele dormir e acabei dormindo junto, pois estava cansado. No dia seguinte, meu irmão e meus primos estavam rindo de mim por ter desperdiçado a primeira noite.

Ficamos pouco mais de uma semana lá e, tirando o fato de o Bryan reclamar de dor na barriga com frequência, o resto foi normal, divertido como em todos os anos. Fora o insucesso da primeira noite, nas outras eu me diverti como queria, acompanhei Paolo em suas aventuras noturnas, bebi e fiquei com várias garotas, mas sempre cuidando do Bryan, ainda que de longe, afinal, ele estava na minha responsabilidade. Pelo menos foi o que minha mãe tinha dito.

Voltamos para casa e embora as dores do Bryan continuassem, elas eram, segundo ele, suportáveis, e diminuía quando ele tomava o remédio. Quando comentei em casa, na hora do jantar, sobre o que ele estava sentindo, ele me desmentiu e disse que estava tudo bem. Dei de ombros.

Num domingo, ainda nas férias, vieram vários parentes nossos para o almoço, e à tarde os mais jovens foram para o rio. Estava fazendo muito calor. Bryan não era simpático com as visitas e eles o chateavam. No rio, ele não quis entrar, reclamou que a água estava fria, então eu o agarrei e o joguei lá dentro. Todos riram, menos ele. Ficou emburrado o resto do tempo, sozinho na margem sombreada.

Entre as visitas, estava uma menina que eu não conhecia, ela estava acompanhando uma prima nossa. Se chamava Janaína e era muito bonita. Eu estava acostumado a ver todas as garotas das redondezas em volta de Paolo, e

quando essa Janaína começou a conversar comigo de uma forma mais carinhosa, eu fiquei surpreso. Achei que tivesse tirado a sorte grande. Mas duas coisas me desanimaram de seguir no papo com a garota: a primeira foi que notei que minha prima tinha arranjado aquele encontro e até a ida para o córrego, que ficava no meio da mata, tinha sido planejada para que eu ficasse com ela. A segunda foi o Bryan, que estava num humor cada vez pior. Toda vez que alguém lhe dirigia a palavra, ele respondia com rispidez, até que saiu da água e pegou o caminho de casa sozinho. Imaginei que ele estivesse sentindo alguma coisa e fui atrás.

— Ei, Bryan, você está bem? — pedi, correndo atrás dele. A estradinha que ia para a nossa casa era uma subida cansativa.

— Tô — ele respondeu sem olhar para trás e apressou o passo. Continuei seguindo-o ladeira acima.

— Você está estranho, está indo tomar remédio?

— Não.

— Está o maior calorão hoje, todo mundo está na água. Por que você saiu?

— Porque eu quis! — Ele me olhou com as faces vermelhas e os olhos faiscando. — O que você está aqui? Volta pra lá, se estava tão bom!

A ficha caiu e eu desatei a rir. Bryan, que tinha voltado a andar, parou e me olhou sério. Estava furioso.

— Você está com ciúmes de mim! — falei rindo tanto que chorei. — Bonitinho! Tá com ciúmes, tá com ciúmes!

— Você é um imbecil! Eu vou sair desse sol. — Ele voltou a andar, mas se voltou de repente: — E não vem atrás de mim!

Quando ele se abaixou, eu sabia que era para pegar pedras, então comecei a correr. Ele era baixinho, mas era bravo e tinha boa pontaria. Não era nem um pouco inofensivo. De qualquer forma, dei um jeito de dispensar a garota, porque ficar com alguém na vista de familiares era muito chato. Logo iriam começar com aquela coisa de “tá namorando” e eu não estava nem um pouco a fim. Entrei na brincadeira dos outros e de rabo de olho vi quando Paolo saiu com uma menina no meio da vegetação. Ele não era de ficar só de beijinhos não.

Acordei no meio da noite, fui ao banheiro e não consegui dormir depois disso. Estava muito agitado. Eu tinha me deitado cedo e o sono já tinha acabado, então, como de costume, comecei a pensar em sacanagem. Lembrei

dos ciuinhos do Bryan durante o dia e sorri. Ele gostava de mim. Safadinho, ele gostava de mim e tinha ciúmes. Me levantei e, nas pontas dos pés, fui até o quarto dele, perto da cozinha. A fechadura antiga não funcionava mais, por isso a porta ficava apenas encostada. Empurrei-a com cuidado e entrei. Identifiquei a silhueta na cama, de bruços, totalmente descoberta. A noite estava quente, apesar de estar chovendo lá fora. Me deitei sobre ele cuidando para cobri-lo sem machucar, e ele fingiu que continuava a dormir. Estava sem camisa, o que era raro, e de shortinho sem cueca.

Pressionando o quadril contra a bunda dele, eu deixei claro que estava ali com um objetivo e não tinha muito tempo. Não tinha olhado as horas, mas a qualquer momento alguém podia se levantar e passar por aquele corredor. Para adiantar, desci meu short e o dele, sem maiores explicações. Senti que ele travou embaixo de mim e se encolheu, por isso passei a beijá-lo na nuca e a fazer carinho. Sempre funcionava.

— Acordou, né, danado?! Você gosta de mim? Hein, você gosta de mim? — sussurrei em seu ouvido.

— Sai daqui — ele respondeu entredentes e com a voz abafada pelo travesseiro. Não estava muito receptivo dessa vez.

— Já vi que gosta. E gosta disso? — pressionei meus quadris contra a bunda dele. Eu já era adulto, fisicamente falando, tinha barba, inclusive, e com ela fazia os pelos das costas do Bryan se arrepiarem. Meu pau, babado e atrevido, encontrava com facilidade o caminho apertado entre as nádegas macias. Bryan nunca se virava e nem em sonho me deixava avançar além da parte externa do seu corpo. Eu sabia que doía, por isso não insistia em penetrar. Tudo o que eu fazia era agarrar, sarrar e gozar.

Naquela noite eu fiquei por cima dele e não de conchinha, como seria o adequado para o espaço. Apoiando minhas pernas no colchão, puxei o quadril dele para cima, fazendo-o ficar empinado, quase de quatro, com o rosto apoiado no travesseiro. Apertei seu peito com as duas mãos. Era fofinho por causa da gordura e eu brincava dizendo que ele tinha mais peitos que algumas meninas das vizinhanças. Ele não gostava dessa brincadeira em particular.

— Você é nojento. — Bryan virou o rosto quando eu tentei beijá-lo. Ele me xingava, mas porque era acostumado a fazer isso. Não fazia nenhum movimento no sentido de me fazer sair.

— Mentira. Eu sou gostoso. Você gosta.

— Você parece um cavalo.

Ri, tomando cuidado para não fazer barulho. Apesar da resistência do Bryan, eu o virei de frente para mim apertando sua cabeça contra o meu peito.

O fiz descer e beijar os pelos da minha barriga, que ele tanto criticava, e ele ficou enfurecido. Com a coxa, eu sentia que ele estava gostando das minhas investidas. Algo duro estava me cutucando, e não era muito expressivo.

— Estou sentindo seu dedo mindinho aqui na minha coxa.

— Hã? — Bryan não entendeu.

— Seu pinto. Cadê? — Levei a mão, mas Bryan a reteve.

— Nem pense em botar a mão aí. — Ele quis sair, mas eu não deixei.

— O que tem de errado? Você pega no meu. — O segurei e enfiei a mão por entre as suas pernas. O pênis dele era pequeno, macio, quase mole, acho que por causa do medo.

— É que eu tenho problemas — ele disse ao meu ouvido, e não estava mais à vontade.

— No pau?

— Não, é com o...

— Saco, escroto, ou sei lá o quê? — perguntei.

— É oco.

— Hein?!

— É, e por isso eu não quero que você...

Ele ia dizer que não queria me mostrar, mas já era tarde demais. Eu já estava com a mão lá, examinando com cuidado. De fato, não tinha nada dentro da pele, era oco o negócio, e quentinho, muito diferente do normal.

— Cara, faltou material na sua construção.

— Vai rir de mim? — Ele fechou as pernas e se virou de bruços e eu me deitei sobre ele.

— Não estou rindo — mentira, eu estava sim —, mas pelos meus conhecimentos, eu acho que você não vai ter filhos.

— Ainda bem. Não quero ter filhos mesmo.

Foi rápido, como tinha que ser, e gostoso como nunca. Bryan estava bravo comigo e por isso mesmo o esfrega-esfrega foi tão intenso. Consegui parar meu gozo com as mãos e ele, preocupado com uma fresta de luz que já aparecia na janela, me ajudou a me vestir e abriu a porta para eu sair.

Assim que pus meus pés no corredor, ouvi-o dar um gritinho de dor e levar as mãos à barriga. Parei, mas na situação em que estava, eu não podia

fazer nada para ajudá-lo. Prometi voltar depois do café. Eu tinha demorado demais na minha aventura e o sol já estava nascendo. Ao entrar no meu quarto, depois de ter me lavado no banheiro, vi que Paolo estava acordado. Ele perguntou porque eu tinha me levantado tão cedo. Mais um pouco e eu estaria perdido, assim como o Bryan.

As férias acabaram, meu irmão voltou para a universidade e nós, os mais novos, voltamos pra escola. Foi um começo de ano animado. Logo na primeira noite sem Paolo no quarto, mandei um recadinho velado para o Bryan dizendo que eu o estaria esperando lá. Esperei em vão, porque o Bryan não apareceu. Desde aquela madrugada no quarto dele, eu não o tinha procurado mais e ele estava muito arredio.

Já próximo da madrugada, depois de dormir e acordar, eu me levantei e fui ao quarto de Bryan, ignorando o perigo de encontrar alguém pelos corredores. Entrei e toquei em suas costas para o acordar. Ele levantou a cabeça, mas tornou a se virar para a parede.

— Vai embora — disse ele. — Daqui a pouco seu pai levanta.

— O que foi? — perguntei fazendo-o se virar para mim. — Você está sentindo alguma coisa?

— Eu não estou bem. Tá doendo aqui, ó — me mostrou a parte de baixo do abdômen, na pelve do lado esquerdo.

— De novo? Acho que você tinha que ir no médico.

— Eu sei, eu sempre falei com a sua mãe. — Bryan nunca se referia à minha mãe como “tia”.

— Falou o que?

— Que eu tinha que ir ao médico quando completasse treze anos.

— Por quê?

— Sei lá. Me disseram isso e eu não esqueci. Acho que eu tenho algum problema de nascença.

— Será que tem a ver com a falta dos testículos?

Bryan suspirou, envergonhado.

— Deve ter.

— Eu vou falar com mamãe. Você ainda tem daquele remédio que compramos na farmácia? Funcionou, né?!

— Tenho. A sua irmã também tem.

Fomos para a escola e eu pensei em conversar com minha mãe depois do almoço. Ela tinha que saber sobre as dores de Bryan e do fato de ele ter que ir ao médico aos treze anos. Ele tinha completado quinze em dezembro (segundo a data escolhida por minha tia, pois ninguém sabia ao certo sua data de nascimento) e não tinha feito nenhum tratamento.

Na volta para casa, Bryan saiu do ônibus escolar com uma expressão de dor no rosto. Senti pena dele porque tínhamos que caminhar uns bons quinhentos metros até em casa, e o sol estava escaldante. Sem avisar, eu o peguei no colo para carregá-lo contra a sua vontade. Ele se debateu e bateu nas minhas costas para que eu o soltasse. O carreguei por apenas alguns metros porque, apesar de ser menor do que eu, ele era bem pesadinho.

— Credo, Bryan, você está pesado, hein?! Está comendo demais. — Coloquei-o no chão, mas fiquei com sua mochila.

— É que eu tô crescendo, seu babaca! — Ele fez cara feia. Aliás, ele sempre fazia cara feia se alguém dissesse que ele era gordinho.

— Está do mesmo tamanho, olha só. Nem chegou no meu ombro.

— É porque você também cresceu, seu besta. Parece um bambu.

Eu era alto, mas não tanto.

— Você vai ver o bambu! — Dei um tapa na bunda dele.

— Para com isso!

— Tá bom! — Bryan não estava de bons amores, então mudei para uma postura mais séria. — Hoje vou falar com mamãe sobre essas suas dores. Ela vai ter que te levar no hospital.

— Ah, não precisa. Seu pai vai ficar falando.

— Não vai não. É bom ver isso aí. Deve ter um monte de vermes na sua barriga, por isso está tão fofinha!

Falei e saí correndo porque eu previ o que aconteceria. Bryan pegou uma pedrinha do chão e jogou nas minhas costas.

— Idiota!

Depois do almoço, eu chamei mamãe e falei das dores de Bryan. Ela ficou preocupada e mandou que ele tomasse banho e que eu pegasse o carro de papai, uma F250 preta que ele não me deixava pôr as mãos em qualquer ocasião. Por volta das duas da tarde nós saímos, fomos ao município vizinho

onde tinha um hospital particular.

Chegando lá, eu fiquei esperando do lado de fora e mamãe entrou com Bryan. Saíram cerca de quarenta minutos depois trazendo uns papeis. Ao lado do hospital ficava um grande laboratório e eles entraram lá, voltando cerca de meia hora depois. A seguir, eles foram a uma farmácia, e eu fiquei esse tempo todo esperando embaixo de uma árvore. Quando eles finalmente voltaram, já passava das cinco da tarde.

— O que você tem, Bryan? — perguntei vendo-o pelo espelho.

— Infecção urinária — mamãe respondeu como se ela própria tivesse feito o diagnóstico. — Tem que pegar os exames depois de amanhã. Você vem pegar, ouviu? Duas horas.

— Sim, senhora.

No dia marcado, Bryan e eu voltamos ao laboratório para pegar os exames e eu o acompanhei ao hospital para mostrá-los ao médico. Eu ainda era menor, mas por ser grande e ter barba, ninguém pedia a minha idade e eu passava tranquilamente como “responsável” pelo Bryan.

O médico olhou os exames sem muito interesse e disse que não havia nenhuma infecção, nem vermes, nem bactérias, nem cristais na urina. Ele pediu que Bryan voltasse depois de duas semanas, quando tivesse terminado de tomar o remédio que ele tinha receitado. Achei aquele médico pouco atencioso considerando que as consultas ali eram pagas. Parecia que ele não acreditava que o menino estivesse realmente sentindo alguma coisa e isso seria muito ruim em casa.

Os dias que seguiram não trouxeram nenhuma novidade. Bryan, aparentemente, estava bem de saúde, mas reclamou que não estava aprendendo nada na escola. Assim, voltamos a estudar, agora depois da janta. Também passei a me dedicar mais aos meus estudos, pois estava chegando a época de escolher a profissão que eu queria ter.

Chegou o dia da revisão da consulta de Bryan e eu não fui com ele; papai e mamãe foram à cidade e o levaram. Novamente, um remédio foi receitado, mas não chegaram a nenhum diagnóstico conclusivo.

Enquanto isso, a gente ficava. Não era exatamente ficar; na minha opinião, era apenas uma brincadeira. Era sempre rápido, escondido, sem criatividade; era apenas agarrar, esfregar e gozar. Nada mais do que isso acontecia, embora eu tenha cedido à tentação algumas vezes e tentado avançar. Mesmo o dedo com o qual eu me atrevi a explorar foi sumariamente

afastado, e um beliscão na minha mão, que ficou roxa depois, deixou bem claro quais eram os limites do nosso envolvimento.

Beijar no pescoço, porém, era permitido, e abraçar atrás das portas e longe da vista de todos, mesmo que por amizade ou por brincadeira, também podia. Beijo não rolou, nem sequer um selinho. O mais perto que chegamos de um beijo na boca foi uma vez em que ele se voltou para mim, que o abraçava pelas costas, e o meu lábio inferior tocou no lábio superior dele. Mesmo com tudo o que a gente já tinha feito, tocar as bocas assim, de repente, nos deixou constrangidos.

O humor de Bryan variava entre o sorriso meigo e o nariz empinado, o olhar atento de aprendiz e as palavras ácidas, os abraços carinhosos e as pedras voando para cima de mim. Tudo dependia de como ele interpretava as minhas gracinhas. E mesmo no seu pior humor, ele acabava por se aproximar, pois eu era o seu único amigo.

Lembro que os meses de abril e maio eram de muito trabalho na nossa fazenda. Eu ia à escola pela manhã e passava o resto do dia atarefado. Meu pai não deixava de colocar os filhos para ajudar nas atividades da roça, até as mais pesadas, mesmo tendo uma porção de empregados. Ele falava que todo mundo tinha que aprender a trabalhar. Além disso, eu estava completando dezoito anos e já era considerado um adulto.

Em meados do mês de abril, Bryan começou a reclamar de dor novamente, e dessa vez era mais forte. Todos ficamos preocupados com ele, mas meu pai, que achava que ele tinha inventado as dores no começo do ano, se mostrou difícil de convencer. No fim, depois de um pedido de mamãe, ele concordou em me deixar levar o Bryan ao médico, desde que fosse na sexta-feira, que era o dia em que eu ia para a autoescola. Antes disso, segundo ele, todos estariam ocupados, e ainda faltavam três dias.

Naquela noite eu fui ao quarto do Bryan verificar como ele estava e o encontrei encolhido e gemendo embaixo das cobertas. Me sentei na ponta da cama e o toquei de leve na barriga.

— Está doendo muito? — perguntei.

— Bastante, principalmente do lado esquerdo. — Ele tocou no local por cima da minha mão.

— Amanhã cedo a gente vai ao hospital, tá?

— Quem autorizou?

— Eu autorizei — ri. — Por acaso, papai me mandou ir para a escola de

carro para trazer umas coisas, ir ao banco e etc., porém... — fiz um pequeno suspense. — Nós vamos matar aula! Não vou te deixar sofrendo até sexta-feira.

— E se ele ficar sabendo? Vai brigar contigo.

— Porra nenhuma, ele não vai saber. Problema é dinheiro, eu não tenho e não posso gastar o que ele me deu. Vamos ter que ir ao hospital estadual mesmo, tomara que atendam logo. Dá para aguentar até amanhã?

Ele assentiu e eu voltei para o meu quarto.

Eu tinha planejado que, ao voltar para casa à tarde, eu diria ao meu pai que Bryan tinha passado mal na escola, que quase tinha desmaiado de dor, e então eu o tinha levado ao Pronto Socorro. Assim ficaria tudo certo e ele não saberia dos meus planos. Mas a gente não tem como saber que imprevistos podem ocorrer.

Na manhã seguinte, eu peguei a lista de coisas que teria que comprar para o meu pai, pedi mais dinheiro com a desculpa de que teria que almoçar e comprar umas coisas para mim, e ele me deu. Mas não passei nem perto da escola; assim que chegamos à cidade, fomos direto para o hospital. Bryan, ainda receoso, falou que não precisava, que podia esperar até o fim de semana, mas eu não dei ouvidos.

Acelerei a velha F1000 de carroceria de madeira e chegamos ao Pronto Socorro por volta das sete da manhã. Ele já estava lotado, para variar, principalmente de pessoas gripadas. Esperamos por quase três horas até que chegou a vez do Bryan ser atendido, eu já tinha até comprado uns biscoitos para enganar a fome enquanto esperávamos.

Uma plaquinha improvisada na recepção trazia os nomes dos médicos que atendiam naquela manhã, e o Dr. Alberto Rocha, clínico geral, era quem atenderia ao Bryan e à maioria dos outros pacientes. Quando o nome do Bryan foi chamado, o segui por um corredor apinhado de gente, e entrei no consultório como acompanhante. Um homem barbudo vestido de branco, magro, grisalho e com cara de cansaço, que nem nos olhou direito quando entramos, pediu que fechássemos a porta. Bryan entregou a ficha que lhe deram na recepção e o médico o olhou por cima dos óculos.

— O que está acontecendo?

— Ele está sentindo dores abdominais. — Eu respondi e o doutor escreveu alguma coisa num papel do hospital com uma caligrafia praticamente ilegível.

— Desde quando?

— Há uns meses já.

Então ele elevou a vista para mim.

— Você é o Bryan?

— Não. É ele. — Indiquei tocando no ombro do meu primo.

— Então deixe que ele responda.

Ignorante. Mas respirei fundo e não retruquei.

— E o que mais? — O médico continuou como se falasse com a cadeira, num tom impessoal, quase automático.

— Enjoo, dor de cabeça, visão turva... — Bryan respondeu meio sem jeito. Disso nem eu sabia.

— Certo.

O médico rabiscou mais alguma coisa na ficha e pegou um receituário, rabiscou-o também, e bateu um carimbo. Já estava se preparando para entregar sem olhar a quem quando eu intervim.

— O senhor não vai nem examinar? Não é uma dorzinha de barriga, é uma dor constante, o senhor entendeu? Não vai se resolver com paracetamol ou um remedinho qualquer.

O homem respondeu como se não se importasse.

— É preciso fazer alguns exames, aqui está a requisição. Passem no laboratório amanhã pela manhã. — Me entregou outro papel fino com alguns rabiscos.

Bryan estava pálido e encolhido apoiando-se na cadeira onde não se sentou porque o digníssimo doutor estava ansioso para que fôssemos embora. O médico o olhou, pensou um pouco e coçou a cabeça.

— Deite-se ali. — Ele se levantou como se precisasse fazer um esforço imenso para isso.

Ajudei o Bryan a deitar-se na maca alta cujo revestimento azul estava todo esburacado. Ele ficou olhando para cima, apreensivo. O médico se aproximou e levantou sua camisa de forma um pouco rude e apertou a mão espalmada na região próxima ao umbigo. Bryan não esboçou nenhuma reação. Apalpou mais à esquerda e a mesma coisa, mas quando ele desceu um pouco a mão, houve uma reação estranha, não de Bryan, mas do médico. Ele franziu a testa, ajeitou os óculos e apalpou novamente, aumentando a pressão. Bryan reclamou de dor.

— É aqui? — o médico perguntou, dessa vez mais interessado.

— Aham.

— Como é o seu nome mesmo?

— Bryan.

— Hum... isso é nome de homem ou de mulher?

Bryan se mostrou ofendido e eu me intrometi.

— Não está vendo que é um homem?

Dr. Alberto fingiu não me ouvir.

— Quantos anos? — Acho que ele nem tinha lido a ficha que Bryan tinha levado.

— Dezesseis. Não, quinze — respondeu Bryan, cada vez mais incomodado com o exame.

— Sei... — Ele respirou fundo e ficou pensativo, depois puxou uma espécie de cortina azul-escuro que deixava a maca num lugar reservado.

— Tire toda a sua roupa — ordenou o médico.

Bryan me olhou assustado. Tentei encorajá-lo.

— Vai, faz o que o doutor mandou. É só um exame.

O médico me olhou.

— Você é parente dele? — perguntou, me encaminhando para fora do reservado.

— Sou primo. Mas ele mora na minha casa tem tempo já.

Sentei na cadeira e fiquei olhando as paredes enquanto o Bryan era examinado com mais privacidade. Isso demorou alguns minutos onde eu só ouvi grunhidos, depois o médico saiu me olhando por cima dos óculos e com a testa franzida. A expressão no rosto dele me preocupou.

— O que foi? — perguntei.

— É melhor você esperar lá fora.

— Mas eu quero ficar aqui com ele.

— Ele precisa de privacidade nesse momento. Espere lá fora.

Ele me apontou a porta e eu saí bufando. Não tinha ido com a cara daquele médico, ele parecia meio biruta, mas não tinha nada que eu pudesse fazer. Me sentei num banco no corredor, ao lado de outras pessoas, e esperei. Havia um relógio na parede e segundo ele, já passava das onze da manhã.

Quando a porta foi aberta, eu entrei e vi que o Bryan já estava vestido. Ele estava sentado na cadeira olhando para baixo, o doutor estava de pé andando de um lado para outro. Me apontou o dedo enquanto falava, como se me desse uma ordem.

— Rapaz, leve o Bryan até a clínica aqui do lado e procure o consultório do doutor Pedro. Ele vai atender vocês no horário do almoço.

— Mas é uma clínica particular e nós não temos dinheiro — lembrei.

— Não vão precisar de dinheiro, por enquanto. Não posso confiar apenas no meu diagnóstico, preciso de uma confirmação, então vão lá. Eu vou ligar para ele.

— Mas é grave, doutor? — perguntei.

— Ainda não sei. Talvez seja. Vão!

Bryan levantou-se triste e desanimado. Peguei em seu braço para dar apoio e saímos do consultório. As pessoas que aguardavam do lado de fora estavam impacientes e murmuravam palavras mal-educadas, e ficaram furiosas quando viram o médico saindo atrás de nós. Ele foi fazer a ligação.

Quando saímos do Pronto Socorro, eu me senti melhor. Tinha gente demais lá dentro. A clínica que o médico tinha indicado ficava ao lado do hospital, se tratava de uma construção de dois andares verde-clara e bem cuidada. Uma vez lá fora, eu não contive a minha curiosidade.

— Como foi o exame?

— Esquisito. Ele mandou fazer outro.

— Hum... Do jeito que ele está, é melhor nem passar remédio para ninguém hoje. O cara tá mortão. — Bryan respondeu com um resmungo e eu fiquei preocupado. — Você não tá legal não, né... O homem disse o que poderia ser?

— Não.

— Quer comer um biscoitinho enquanto a gente espera? Você deve estar com fome.

Bryan parou, já em frente à grande porta de vidro da clínica, e aceitou o biscoito que eu lhe estendia. Entramos.

Ao contrário daquela sucata pública que atendia aos menos favorecidos, o prédio particular era limpo, repleto de vasos de plantas e silencioso. Era tranquilizador. Havia um grande balcão circular onde algumas secretárias

atendiam pessoas bem vestidas. Vi o nome do doutor Pedro Rocha numa plaquinha perto de uma atendente bonita e me surpreendi: era um consultório de ultrassonografia. Outro Rocha, seriam parentes?

Fomos até a moça, que nos atendeu com eficiência e simpatia. Eu disse a ela que o doutor Pedro estava nos esperando e que o doutor Alberto tinha ligado. Ela nos mandou aguardar e saiu, voltando alguns minutos depois acompanhada de uma mulher vestida de verde. Ambas exibiam largos sorrisos. A de verde pediu que a acompanhássemos por um corredor comprido e largo.

No corredor havia várias portas que exibiam os nomes dos médicos e suas especialidades, e bancos estofados onde algumas pessoas aguardavam. No final do corredor estava o nosso destino. A moça abriu a porta para que entrássemos, pediu que nos sentássemos nas cadeiras confortáveis que havia diante de uma mesa, e saiu nos deixando sozinhos na sala.

Se tratava de uma sala escura e fria, com quadros nas paredes e vasos de plantas artificiais. Um aparelho de ar condicionado estava ligado e fazia barulho. Bryan encolheu os braços e eu senti minha pele arrepiar por causa do frio. Eu não estava nem um pouco confortável naquele lugar, e Bryan estava ainda mais assustado. Ele olhava em volta a todo momento e apertava meu braço onde sua mão trêmula repousava.

Poucos minutos depois, um homem apareceu, vindo do interior do consultório, e então tivemos uma surpresa: o tal doutor Pedro era, nada mais, nada menos, que uma versão mais feliz e mais saudável do doutor Alberto. Eles eram gêmeos idênticos! O dr. Pedro, porém, era mais simpático, tinha menos rugas e menos cabelos brancos, o que me fez pensar no quanto o local de trabalho pode influenciar na vida de uma pessoa.

Ele nos recebeu amavelmente, já sabia o nome de Bryan e a razão de ele estar ali, o que significava que o Alberto tinha dado detalhes ao telefone. Ele pediu que o acompanhássemos à outra sala, que era ainda mais escura e mais fria, onde indicou uma porta e disse que Bryan deveria urinar e voltar. Estranhei aquela instrução. Por que o Bryan tinha que mijar antes do exame?

A mim ele indicou uma cadeira confortável num canto escuro onde eu me sentei e esperei. Bryan saiu do banheiro cabisbaixo e deitou-se no local onde o médico indicou, uma espécie de maca inclinada, ainda mais alta que a do Pronto Socorro. Muito delicadamente, o doutor Pedro o fez levantar a camisa e abaixar a bermuda deixando à mostra a barriga branca e redondinha que ele tinha. Bryan virou o rosto para o lado oposto ao médico, talvez por estar por vergonha.

O exame começou e de onde eu estava não era possível ver a tela onde

o médico via as imagens que vinham do aparelho. Espiciei o pescoço e tudo o que vi foram imagens cinzentas e disformes que se moviam. Intimamente, duvidei que o doutor estivesse entendendo alguma coisa. Enquanto movia um aparelho sobre a barriga de Bryan, ele ia fazendo perguntas em voz baixa. Eram perguntas comuns, como nome, idade, onde morava, etc.

— Você tem quinze anos? — ele perguntou e Bryan assentiu. — E veio só com o seu primo? Nenhum outro adulto? — Bryan negou com a cabeça olhando para a parede oposta. — Tem sentido essas dores nos últimos meses?

— Aham.

— Antes disso não?

— Não.

Ele continuou a fazer perguntas simples às quais o Bryan respondia com gestos ou monossílabos, e parecia muito concentrado em seu monitor. Até que a porta se abriu com suavidade e o doutor Alberto entrou sem fazer barulho. Parou ao lado de Bryan, de forma que eu não podia mais vê-lo nem ver o monitor. Não gostei.

A partir daí, eu fiquei esquecido num canto, como parte da decoração do consultório. Os irmãos médicos se entendiam perfeitamente sem proferir frases inteiras, e se comunicavam por sussurros e gestos. Às vezes eu ouvia alguns trechos soltos.

— Já viu algum caso parecido com esse? — Alberto perguntou limpando os óculos na camisa.

Me levantei para tentar ver o que eles viam.

— Só ouvi falar. — Pedro parou na parte mais baixa da barriga de Bryan apertando o aparelho. — Cada caso é um caso diferente. O órgão que você disse é funcional?

— Relativamente normal. Não parece um caso de clitomegalia, embora, se isso se confirmar... Se pudesse bater um raio X...

— Não é aconselhável — Pedro respondeu.

Mais um período de silêncio perturbador onde os dois médicos só grunhiam e resmungavam e eu tentava me aproximar sem ser notado. E mais uma vez o Pedro parou num ponto e os dois ficaram olhando totalmente absorvidos.

— Tem dos dois lados? — Alberto apontou algo na tela cinzenta.

— O direito é perfeito, porém o esquerdo não está nítido, o que não quer dizer que ele não exista. E veja, não tem mais espaço. Parece que a

cavidade não está crescendo. Isso é um problema.

Conseguí ver a tela, mas só tinha imagens cinzentas. Bryan se mexeu, desconfortável.

— Deve ser uma deficiência hormonal... — Alberto continuou. — Se for, dá para tratar.

— Vou falar com Margareth, ela pode cuidar dele nos plantões.

— Você vai ficar bem — disse o doutor Alberto olhando o Bryan com carinho. Mas o Bryan começou a mexer a cabeça de um lado para o outro com os olhos fechados, e então eu vi que ele estava chorando. O doutor Alberto tentou consolá-lo, e ele começou a soluçar. Eu me precipitei para onde ele estava deitado, mas ele continuou virado para a parede chorando descontroladamente.

— O que o senhor falou pra ele? — perguntei ao doutor Alberto. — Ele saiu assim da sua consulta.

— Vocês dois vieram sozinhos? — ele perguntou ignorando a minha pergunta.

— Sim, viemos escondidos dos meus pais.

Alberto respirou fundo e olhou para o irmão que fazia anotações num papel e manipulava uma grande impressora. Quando o papel foi impresso, Pedro o colocou num envelope e o entregou ao Alberto. Saiu da sala dizendo que ia conversar com uma tal Margareth.

Quando o Pedro saiu, o Alberto me chamou.

— Venha comigo para a outra sala enquanto o Bryan descansa um pouco. Tudo bem?

Olhei para o Bryan, que balançou a cabeça numa afirmativa muda. Ele estava cada vez mais abatido, ainda virado para a parede, e não quis me encarar.

Acompanhei o Alberto até a antessala que funcionava como recepção do consultório, me sentei na cadeira que ele me indicou e esperei pelas explicações. Já estava mais do que na hora de elas aparecerem. Meu estômago estava roncando, Bryan também devia estar com fome, e em casa, com certeza, já deviam estar sentindo a nossa falta.

Dr. Alberto se sentou na cadeira que pertencia ao irmão e ficou me olhando por alguns instantes antes de começar a falar. Fiquei sem graça com aquele exame mudo, mexendo as mãos devido ao nervosismo.

— Bryan disse que mora com a sua família desde que a mãe dele

faleceu. Vocês já tinham notado algo de estranho nele?

— Bom... ele é todo estranho. De que tipo de estranheza o senhor está falando? Ele tem alguma doença?

— Não é uma doença, mas é uma peculiaridade que precisa de muita atenção. Volte para casa e chame um adulto. Precisamos conversar um assunto delicado.

— Deixa eu levar ele para casa e...

— Não, ele não pode ir para casa. Estamos com um problema sério e ele tem que ser internado agora.

Aquilo foi desesperador.

— Meu Deus! Mas que adulto? A mãe dele, que era a minha tia, morreu, e ela nem era a mãe biológica dele, ela pegou ele para criar já grandinho. Ele mora com a gente há poucos anos.

O médico coçou a cabeça.

— E seus pais? Ou alguém com quem ele tenha mais intimidade?

— Bryan não tem intimidade com meus pais, só... comigo. Eu fiz dezoito anos...

O médico sorriu.

— Certo. Então o assunto deve ser com você mesmo.

— Sim? — Me ajeitei na cadeira para parecer um adulto responsável e ouvir o que o doutor tinha a dizer.

— Veja, é um assunto muito delicado e incomum. Minha cunhada Margareth é que vai tratar do caso. O fato é que esse garoto, apesar de ter algumas características masculinas, com um pênis relativamente funcional, do lado de dentro ele tem órgãos femininos, com pelo menos uma trompa e um ovário funcionando, o útero e um canal vaginal mal desenvolvido. — Ele falava batucando na madeira como se a mesa fosse um teclado. — Eu gostaria de ver um exame mais específico para confirmar, embora meu irmão não tenha dúvida nenhuma: esse menino é tecnicamente uma menina e ainda por cima...

— Tá maluco, doutor? — Foi o que me veio à cabeça. Aquele homem tinha cara de doido e os absurdos que ele dizia só confirmavam isso.

— Eu entendo a sua surpresa, o próprio Bryan desconhece esses detalhes, mas é a verdade.

— Mas doutor, não tem como... — o interrompi. — O senhor não

olhou direito. Ele tem o... hã... o pênis, normal. Tudo bem que não tem as bolas, mas...

O médico sorriu e me olhou nos olhos. Sorrindo ele ficava mais parecido com o irmão.

— Então você sabe disso, hein?! Você sabe do pseudopênis e da falta dos testículos dele, e é preciso tocar para saber. Você tem “acesso” ao corpo dele, e bastante intimidade, pelo que vejo.

— Não, eu não tenho... acesso. Foi ele que me disse.

Nesse momento eu senti inveja dos animais que conseguem cavar buracos no chão para se esconder. O médico continuou com seu ar de deboche demonstrando que não acreditaria em nada que eu inventasse. Até que ele fechou a cara e foi se aproximando de mim enquanto eu ia me encolhendo na cadeira.

— O assunto não é brincadeira, então não adianta mentir. O caso que estamos a tratar é o seguinte: Bryan é uma garota. E vai ter um bebê.

Acho que eu não ouvi bem essa última frase, e se ouvi, meu cérebro não processou a informação. Pensei que o bebê seria no futuro, o que era uma coisa boa, afinal.

— Mas como assim?

— É assim: não pude examinar direito devido ao estado emocional do Bryan, o que é compreensível, mas aparentemente ele tem um canal vaginal mal desenvolvido e a entrada fica oculta no que se parece com o saco escrotal, mas que na verdade são os grandes lábios vaginais que, por alguma razão, são grandes demais e colados, enganando aos desentendidos. Provavelmente a mãe dele não fez nenhum ultrassom no pré-natal, e como ele não nasceu num hospital, não foi examinado por um médico ao nascer. Decidiram que era um menino e o criaram assim. Mas o corpo dele não é tão masculino assim, como você já deve saber.

— Mas e os peitos? — Me lembrei da coisa que mais me lembrava uma mulher.

— Vão crescer. Na verdade, ainda não cresceram porque a puberdade demorou demais, talvez devido a uma deficiência hormonal. É essa deficiência que é perigosa, o útero pode se romper porque não está crescendo como deveria, por isso ele está sentindo tantas dores. E por isso ele não pode ir embora, não ainda, e vai precisar de muita atenção psicológica para aceitar as mudanças que irão ocorrer.

Doutor Alberto me deu as explicações detalhadamente, mas eu ainda

não estava convencido.

— Mas, e aquela coisa que as meninas têm todo mês?

— Menstruação? — O médico riu da minha cara de espanto e vergonha. — Não, não deu tempo de isso ocorrer. Ele arranhou um namorado antes. Na primeira ovulação: pimba! — Não entendi nada nessa brincadeira. — E olha, pelo pouco que Bryan me contou, eu entendi que vocês nem chegaram às vias de fato, mas saiba que nem sempre isso é necessário. Se houver uma combinação de fatores...

— Do que o senhor está falando? — A ficha começou a cair e eu estava ficando cada vez mais desesperado.

Nesse momento a porta se abriu e entrou na sala uma mulher de baixa estatura e quadris muito largos, com os cabelos pretos mal arrumados, trazendo um sorriso no rosto e um bombom Serenata na mão. Usava um jaleco branco aberto sobre a roupa comum em cujo bolso, do lado esquerdo, trazia um bordado que a identificava: Dr^a. Margareth V. Rocha – Ginecologista.

Ela cumprimentou de forma bastante íntima o doutor Alberto e sorriu para mim, que estava sentado, estarecido, com o corpo todo trêmulo e uma ideia absurda na cabeça.

— Olá, rapaz! — Ela me estendeu a mão. — Então é você o pai do bebezinho? Saiba que nós estamos à disposição pra...

Ela ia continuar falando, mas eu me levantei de repente, e minha cabeça começou a rodar. Acho que, por causa da fome, a surpresa me deixou ainda mais fraco. Eu ia protestar, dizer que aquilo tudo não passava de loucura, uma mentira, mas as palavras não saíram da minha boca. Ao invés disso, eu senti que o chão se aproximava perigosamente, como acontecia todas as vezes que eu ficava em choque. E ninguém estava lá para me segurar. Acho que bati a cabeça na quina da mesa quando caí.

Um lampejo

Aos poucos, a luz foi entrando pelas minhas pálpebras semicerradas. Minha cabeça estava vazia e eu ouvia um barulho que lembrava um enxame de abelhas se aproximando. Havia tantos anos que eu não via um enxame de abelhas...

Movi a cabeça para o lado e senti náuseas. Quando finalmente consegui acordar, me dei conta de que eu estava deitado no chão e que um homem vestido de verde me segurava pelas canelas. Devia ser uma cena deprimente para quem estava assistindo. Uma maca com rodinhas estava parada ao meu lado. Tentei levantar me apoiando numa cadeira de metal e plástico aparafusada no chão, e vi que pelo menos quinze pessoas me olhavam espantadas.

Conforme fui melhorando, fui reconhecendo o local onde eu estava: a recepção do hospital onde eu tinha levado tia Zuleide, poucas horas antes. Não se tratava daquele velho Pronto Socorro onde um dia eu tinha acompanhado o Bryan, não ficava nem no mesmo bairro. Era um prédio maior, já bastante danificado, apesar de ser novo. Olhei em volta e notei entre os curiosos um olhar conhecido. O rosto intrépido tinha um ar de desprezo e zombaria.

— Você ainda tem essa frescura?

Estudei de longe aquela figura. Se não conhecesse tão bem os seus traços e seu olhar marcante, eu nunca o teria reconhecido. Bryan.

Depois de tudo o que tinha acontecido, as mudanças pelas quais, segundo os médicos, ele passaria, eu jamais imaginava que fosse encontrar um homem!

Nem alto nem baixo, de músculos definidos, os cabelos antes rebeldes

estavam cortados rentes como o dos militares, tatuagem do rosto de Jesus no antebraço esquerdo, roupas simples, mas que lhe assentavam bem. Tinha até barba. E, no entanto...

— Cadê aquele menino? — Me lembrei do Rafael, mas sem estar convicto de que ele realmente existia. Era como se eu estivesse acordando de um sonho.

— Foi embora — disse Bryan de forma seca.

Subi na maca com a ajuda do maqueiro, e ele se virou para o Bryan.

— Você está com ele?

— Não — Bryan respondeu. Parecia satisfeito em me deixar passando mal e abandonado numa recepção de hospital. Virou as costas e foi falar com uma atendente no balcão.

O maqueiro pediu licença às pessoas que estavam no caminho e começou a empurrar a maca. Senti vertigem e fechei os olhos, mas vez ou outra os abria para saber pra onde ele estava me levando. Passamos por uma grande porta de vidro e entramos numa sala onde várias pessoas eram medicadas. Uma mulher pôs um medidor de pressão no meu braço esquerdo e ao conferir o resultado, mandou chamar o médico. Os números, que eu não entendi, não deviam ser nada bons.

Fechei os olhos ouvindo o barulho ininterrupto do compressor de ar das nebulizações e uma calma cortina de lembranças foi caindo sobre mim. Aos poucos, o barulho foi ficando longe... Fui voltando ao passado, dezesseis anos antes, onde estava eu e o Bryan e a sua anomalia. As nossas brincadeiras escondidas que resultaram na maior surpresa da minha vida.

A partida

Sair daquela clínica e ir para casa sozinho, deixando o Bryan internado num hospital, foi uma das maiores angústias da minha vida. Me lembro que ao chegar do lado de fora, eu olhei para cima e para os lados numa tentativa desesperada de acordar de um pesadelo. Nada parecia real. Entrei na F1000, abaixei os vidros e fiquei olhando para fora. Ainda tinha uma lista de coisas para eu resolver antes de ir embora, se não quisesse piorar ainda mais a minha situação.

Com que então, Bryan não era um menino “normal”, mas sim um caso totalmente diferente daquilo que eu imaginava. Tão diferente que tinha deixado até os médicos estarecidos. Era, tecnicamente, uma menina, conforme o dr. Alberto tinha falado, e por isso ele estava desesperado. Tudo bem que algumas coisas nele pareciam realmente femininas, como o rosto delicado, o corpo que tinha umas curvas meio sinuosas, mas ele era bem masculino no comportamento, e receber uma notícia dessas, daquele jeito...

Eu, sendo mais velho, era responsável por tudo o que estava acontecendo, e não podia deixar de me sentir culpado. E tinha certeza de que, quando meus pais ficassem sabendo, eu seria castigado, de uma forma ou de outra. Não se tratava apenas de um problema no corpo do Bryan, era um problema comigo. Eu tinha ficado com o Bryan e isso era inadmissível na minha família.

Quando a doutora Margareth disse que queria conversar com a pessoa responsável pelo Bryan, eu, que ainda estava sob os efeitos do choque, comecei a me desesperar. O que eu diria para a minha mãe? Que tinha engravidado o Bryan? Como meu pai reagiria? Mesmo se o doutor Alberto explicasse as coisas para ele da mesma forma que tinha explicado para mim, ele ainda me mataria. Nenhuma explicação no mundo seria capaz de salvar a minha pele. Eu estava perdido.

O trajeto de volta para casa passou num piscar de olhos, e quando vi, eu já estava na frente de meus pais tendo que explicar o motivo de minha demora. Gaguejando e tremendo, mantive meu plano original e falei que Bryan havia passado mal assim que chegamos à escola e que eu o tinha levado ao Pronto Socorro. Dessa forma, ninguém questionou a hora avançada nem duvidou da minha palavra. Meu pai me deu a chave do outro carro e pediu que eu levasse mamãe até o hospital onde Bryan tinha ficado internado. Ela se arrumou depressa e arrumou uma bolsa com roupas para o Bryan enquanto eu rezava e pedia a Deus por um milagre.

— São aquelas dores de barriga de novo? — ela perguntou quando já estávamos a caminho.

— Aham — respondi. Meu coração batia descompassado. Quando algum daqueles médicos dissesse a ela o que estava acontecendo, eu deixaria de ser o herói e me tornaria o vilão da história. Ai de mim.

— Deve ser apendicite ou cólica renal, tenho certeza — disse mamãe com sua mania de fazer diagnósticos por conta própria. Eu queria tanto que ela estivesse certa! Ela me olhou preocupada. — Você almoçou direito, Leonardo? Está pálido, parece doente.

— Comi sim, mãe. Na rua.

— É por isso, então.

Dona Gorete, minha mãe, era uma mulher que gostava das coisas sempre organizadas e almoço na hora certa era uma de suas maiores preocupações. Tia Zuleide, nossa cozinheira, babá e amiga, era muito eficiente e pontual, de forma que não comer era quase uma ofensa. Mas mamãe também era uma pessoa que se preocupava muito com as aparências, com o que os outros diziam sobre nós. A todo o momento eu me perguntava como seria quando ela soubesse da condição de Bryan e das consequências que estavam chegando.

Quando paramos próximo ao Pronto Socorro, que tinha uma parte que funcionava como maternidade, o ar à minha frente estava tão pesado que doía ao entrar no meu peito. Externamente, eu mantinha a calma e tentava usá-la ao meu favor. Quando minhas mãos tremiam demais, eu as enfiava nos bolsos da calça.

Minha mãe disse que ia entrar para ver o Bryan e levar a bolsa dele, mas eu me prontifiquei a entrar primeiro. Quase implorei para entrar primeiro, já que só podia entrar uma pessoa de cada vez. O que eu queria, na verdade, era conseguir me comunicar com Bryan e pedir a ele, em nome de tudo o que fosse mais sagrado, que esperasse um pouco mais antes de falar com a minha

mãe sobre o assunto principal. Eu mesmo falaria em outra ocasião, quando estivesse mais calmo e me sentisse mais seguro.

O médico que tinha atendido o Bryan pela manhã, o doutor Alberto, e sua cunhada Margareth, davam plantões ali; Alberto era clínico geral enquanto Margareth era ginecologista. Eles prometeram não comentar sobre o caso com outros colegas e cuidar de Bryan com muito cuidado e sigilo. Eu fiquei grato por isso. Sigilo era fundamental naquele caso.

Encontrei meu primo sozinho num quarto, deitado numa cama alta de hospital e tomando soro na veia. Estava adormecido. Quando vi seu rosto, achei-o pálido e abatido. Toquei em seu braço para que ele acordasse. Ele se mexeu e abriu os olhos, que estavam vermelhos e inchados.

— Léo? — disse num fio de voz. Ainda que choroso, ele pareceu esperançoso ao me ver ali.

— Oi... — Minha voz saiu embargada. — Como você está?

— Não sei. A dor está passando, mas eu quero sair daqui. — Ele tentou se sentar, mas eu o impedi.

— Não, espera um pouco, parece que tem um problema que você não pode se mexer muito. Pode piorar... o negócio aí.

Bryan virou a cabeça para o lado e começou a chorar, mas de raiva.

— Eu quero sair daqui! Eu não sou uma menina, eles têm que tirar isso de dentro de mim!

— Claro, eles vão dar um jeito, tenho certeza que vai ter um jeito. Mas se acalma, por favor. Minha mãe está lá fora, ela ainda não sabe de nada, mas vai entrar daqui a pouco e...

— Eu vou morrer! — ele passou as mãos pelo rosto e puxou com força os próprios cabelos. — Eu não quero morrer!

— Calma, pelo amor de Deus, tenta se acalmar. A minha mãe está vindo aí e se ela escutar aquela médica falando do jeito que falou comigo... Vão me matar, com certeza, e vão te tratar pior do que... — não continuei. Me lembrei de uma vaca que tinha morrido ao parir e senti meu corpo tremer. — Quando o médico vier, fala com ele como você está, mas não fala nada com mamãe sobre aquilo, por favor, ela vai querer saber como foi... — Levei as mãos à cabeça e comecei a chorar. — E quando todo mundo ficar sabendo...

Meu desespero não estava ajudando, Bryan ficou pior e tentou sair da cama carregando a mangueirinha do soro. Um homem e uma mulher, ambos vestidos de verde, apareceram e o seguraram, a mulher se empenhou em tentar acalmá-lo. Pouco depois, a médica Margareth chegou com seu jaleco

jogado despretensiosamente sobre um vestido comum e sorriu para mim. Se aproximou do Bryan e acarinhou os cabelos dele enquanto o examinava e falava palavras amáveis.

— Oh, não fique assim! Estou providenciando um tratamento melhor pra você, em outro lugar, pessoas especiais vão conversar com você...

— Eu quero que tire isso daqui — Bryan apontou a própria barriga. — Como pode ter isso aqui dentro?

A doutora Margareth ficou chocada.

— É um bebezinho!

— O que vai ser da minha vida?! — Ele gritou, quis se levantar, mas foi impedido.

Num canto do quarto, eu sentia o peso do olhar de súplica de Bryan em minha direção e me encolhia. Me sentia tão fraco e inútil!

— Vamos conversar sobre isso direitinho — disse a médica —, não precisa se preocupar. Ninguém vai colocar a sua vida em risco e você vai receber um tratamento adequado ao seu caso. Por que não dorme e descansa um pouco? — E se virando para mim, ela disse: — E você, rapaz? Trouxe algum responsável com quem eu posso conversar seriamente?

Engasguei e tremi como vara verde. Ela entendeu minha angústia e sorriu. Força! — disse ela. Mas que força tinha eu? A hora da verdade estava chegando, o momento do meu mundo desabar. Eu já via as rachaduras se abrindo desde a manhã, quando entramos naquele hospital. Eu via em ruínas todos os meus planos, meu sonho de estudar fora como o meu irmão, o meu futuro independente, tudo se perdendo no ar. A reação dos meus pais era a primeira coisa que me assustava, e em seguida vinha a reação da sociedade. O que diriam de mim? Como eu continuaria a viver naquele lugar?

— É a sua mãe a pessoa responsável pelo Bryan, certo? — perguntou a médica enquanto me encaminhava para fora do quarto. Uma enfermeira ficou ao lado de Bryan colocando medicação em sua punção.

— Sim. A senhora podia não falar para ela... — Algumas lágrimas teimavam em nublar a minha visão. — Por enquanto...

— Você precisa ser mais corajoso, rapaz. Não adianta pensar só em você, pense em Bryan. A decisão que tomarmos impactará a vida dele para sempre. Não podemos errar. Ele está abalado, o que é normal, mas não sabe do que está falando. Não podemos interromper a gestação sem estarmos certos de que é o melhor, de que é realmente necessário. O que Bryan precisa nesse momento é do apoio da família para encarar as mudanças que virão.

— Mas ele não quer mudar, não quer ter filho, não quer virar uma menina! Como ele vai viver agora?

— Eu imagino a sua confusão. Vocês são muito novos, mas tem que se levar em conta outras coisas. Esse é um caso extremamente raro, pode não haver chances de ele ter outro filho no futuro. Foi um milagre! E não se pode interromper uma gestação nessa fase, a não ser que haja um risco iminente. Mas nós conversaremos muito antes de tomarmos qualquer decisão, fique sossegado. Chame a sua mãe.

Eu estava petrificado. Lá fora eu ainda tinha a vaga sensação de que tudo aquilo não passava de um engano, mas ali, parado no corredor, vendo a minha mãe que, cansada de esperar lá fora, vinha entrando curiosa, a ficha caiu de vez. Eu estava realmente perdido.

Me sentei numa cadeira desconfortável próximo ao balcão de informações e fiquei por quase quarenta minutos vendo uma televisão sem de fato assisti-la. Meu espírito jazia em outro lugar. Quando minha mãe voltou da conversa com a médica, já sem a bolsa que tinha levado para o Bryan, ela me chamou com um gesto e se dirigiu para a saída do hospital.

— Vamos embora, já tá tarde — ela disse entrando no carro e suspirando. Parecia cansada.

— E Bryan? — perguntei temendo a resposta. Eu tinha pensado que ela ficaria no hospital como acompanhante, já que o Bryan tinha apenas quinze anos.

— Ele está dormindo. Parece que ele se agitou demais e ganhou um calmante. Não vai precisar de ninguém por enquanto.

Mamãe estava silenciosa, o que não era do seu feitio. Aquilo me incomodou de imediato. Se ela não estava me maldizendo, ameaçando e gritando comigo, é porque algo pior me esperava em casa. Só de imaginar, eu senti vertigens.

Em casa, mamãe explicou a todos, bem na minha frente, que Bryan tinha um problema de nascença, uma anomalia nos genitais, que precisaria operar. E que quando ele melhorasse das dores, os médicos iriam levá-lo para Belo Horizonte para tratá-lo por lá. Todos ficaram curiosos com a natureza do problema, mas se deram por satisfeitos com aquelas poucas explicações. Imaginei que não tinha sido apenas essa a conversa de mamãe com a médica, mas eu estava começando a entender a postura dela. Ela não ia fazer um escândalo nem falar nada além do estritamente necessário. Ela se preocupava muito em manter a ordem e as aparências da família, e a “anomalia” de Bryan não chegaria aos ouvidos de ninguém por sua boca.

Quando me preparava para dormir, minha irmã Claudina apareceu no meu quarto para fazer suas próprias perguntas. Quis saber o que Bryan estava sentindo de verdade e por quanto tempo ele ficaria internado. Eu não podia dar aquelas respostas, ainda que as tivesse, por isso fingi não saber de nada. Juntos nós fizemos conjecturas até que ela começou a bocejar e me deixou sozinho. Tive dificuldades para dormir, e um sono entrecortado por pesadelos. O que mamãe estaria preparando para mim?

Na manhã seguinte, fui com ela para a cidade. Deixei-a no hospital e fui para a escola com a missão de explicar à diretora a ausência do meu primo. Às onze da manhã, ela estava me esperando junto ao carro. Perguntei pelo Bryan e ela respondeu com evasivas. No caminho de volta para casa, onde eu timidamente perguntei quando Bryan sairia do hospital, ela começou a entrar no assunto.

— Léo, você estava com o Bryan na hora do ultrassom, não estava?

Minhas mãos tremeram no volante da velha F1000. Eu não podia fazer nada de errado na estrada e chamar a atenção da polícia, pois estava próximo de fazer a prova e pegar minha carteira de motorista. Suando, eu tentei me concentrar na direção.

— Sim, estava, mas eu não vi nada. A imagem era muito ruim — respondi, numa tentativa de desacreditar o que os médicos falavam. Eu sabia que minha mãe tinha conversado com o doutor Alberto Rocha.

— Mas você sabe do assunto mais grave, não sabe? E sabe muito bem como aconteceu, não sabe? — Ela não estava fazendo perguntas e sim acusações. É claro que ela sabia de tudo.

— Sim... — respondi de forma engasgada, o que não deixou de ser uma confissão. Meus olhos lacrimejaram e minha capacidade de dirigir começou a ficar comprometida. Eu tremia sem parar.

Minha mãe suspirou e olhou para fora. Começou a falar de forma calma, mas consciente do peso de suas palavras.

— Eu estou envergonhada por você, Leonardo, muito envergonhada mesmo. Ninguém falou de você, mas quando eu soube da situação, eu entendi direitinho. Que pouca vergonha, meu filho! E dentro de casa, a casa da de seu pai, embaixo do nosso nariz! Eu não te criei para isso, Leonardo, você me decepcionou demais. E aquele... moleque? Por que permitiu essa pouca vergonha? Eu criei esse menino como um filho. Maldita a hora em que eu fui trazer essa criatura para dentro da minha casa.

— Mas, mãe, eu não...

— Cala a boca, Leonardo, que você não está em condições de falar nada. O que vocês dois aprontaram já não era feio e nojento o suficiente, e ainda tinha que acontecer aquilo! Meu Deus, que castigo ele jogou sobre vocês. Se seu pai souber disso, vai te dar uma surra e te colocar no serviço pesado o resto da vida. Agradeça a sua mãe por você ainda ter uma chance.

— Ele vai me matar! Não tem como esconder, ele vai saber de qualquer jeito. Todo mundo vai saber... — Minha voz embargou.

— Não vão, não. Agora limpa essa cara e preste atenção na estrada, senão você acaba fazendo uma besteira.

— O que a senhora vai fazer?

— Eu não vou fazer nada, o médico é que vai. O Bryan não vai ter filho nenhum, ele vai fazer uma cirurgia e voltar para casa. Ele está desesperado com medo de nascer peitos, mas vai tomar um remédio, a doutora explicou. Vão interromper essa gravidez absurda enquanto é cedo, antes que as pessoas fiquem sabendo. Nenhuma criança merece vir ao mundo dessa maneira e pode ser perigoso, ele pode morrer. — Ela se virou para mim com o dedo indicador levantado. Era uma ordem. — E você, bico calado, não fale nada com Zuleide nem com sua irmã porque, do jeito que elas são, é bem capaz de saírem falando por aí. E o Bryan, quando ficar bom de novo, eu vou ter uma conversa muito séria com ele.

Chegamos em casa. Minha mãe saiu do carro, mas antes me deu um último aviso: eu não deveria ficar chorando pelos cantos nem mostrando cara de culpado. As coisas estavam sendo arranjadas e se meu pai não ficasse sabendo, nada de ruim me aconteceria. Se ninguém ficasse sabendo, as coisas voltariam ao normal dentro de poucos meses.

Fiquei calado, sem saber como reagir. Eu entendia a raiva e a preocupação de minha mãe. Bryan e eu vivíamos na mesma casa e deveríamos ter o respeito de irmãos. E Bryan, independentemente dos resultados dos exames, era um garoto, e eu não deveria me deitar com garotos, com nenhum tipo de garoto. Se eu tivesse engravidado a Cíntia, por exemplo, as coisas não seriam fáceis devido à nossa idade, mas não seria algo tão anormal, tão bizarro quanto a mesma situação com o Bryan.

A solução que minha mãe apontava, ainda que de forma velada, era cruel. Mesmo o Bryan concordando, era cruel. “Ele pode não ter outra chance no futuro”, tinha dito a doutora Margareth. Aquilo era um milagre. “Aquilo” que eu não conseguia pensar como gravidez, gestação, filho... meu Deus, a palavra “filho” ecoava nos meus ouvidos todas as vezes que a médica a proferia. Apenas ela falava assim.

Quando me sentei à mesa para almoçar, de frente com meu pai, como era o costume, a comida cresceu na minha boca e arranhou minha garganta ao ser engolida. Eu não sentia fome. Senti gosto de lágrimas, embora, externamente, meu rosto permanecesse impassível. Eu não podia demonstrar tristeza ou dor, nem falar sobre aquilo com ninguém, era a minha única chance. Eu só podia esperar que as coisas dessem certo e que o Bryan ficasse bem. Decidi que, se eu saísse ileso daquela complicação, eu não iria ter filhos. Nunca. Não queria ser injusto.

No domingo, Claudina e eu fomos ao hospital visitar o Bryan. Durante toda a visita, ele ficou calado e evitou olhar para a gente, e eu não pude ficar sozinho com ele por nem um minuto sequer. Foi uma situação muito incômoda. Quando ele precisou de acompanhante, eu me ofereci, mas mamãe me olhou feio e me mandou cuidar de estudar e trabalhar. Ela mesma foi, mas na maior parte do tempo, Bryan ficava sozinho.

Depois de alguns dias de internação, Bryan já estava um pouco melhor, mas não foi para casa. Como já podia viajar, ele foi levado para Belo Horizonte, para continuar o tratamento por lá. Que tratamento era esse, eu fiquei sabendo apenas por alto. As informações que mamãe dava a mim eram as mesmas que ela dava ao restante da família. Segundo ela, os médicos fariam uma pequena cirurgia, e Bryan receberia atendimento psicológico especial e hormônios.

Nessa altura, todos estavam cientes do problema de saúde de Bryan, mas não sabiam da gravidez nem da minha participação nela. Apenas mamãe o acompanhava na viagem e nas consultas, assim como a doutora Margareth, a ginecologista. Ela e o marido, o ultrassonografista Pedro Rocha, estavam muito empenhados no tratamento do Bryan, e cuidaram para que ele fosse para um hospital cujo diretor eles conheciam pessoalmente. Mamãe os acompanhou até Belo Horizonte, mas voltou em menos de uma semana, e só retornou para lá duas semanas depois.

Eu ficava muito preocupado com a falta de notícias e com a demora do tratamento de Bryan. Eu imaginava que a retirada do feto demoraria apenas alguns dias, e ele poderia voltar e se recuperar em casa, mas não foi isso o que aconteceu. Naquela época, não existia a facilidade das redes sociais, pouquíssimas pessoas tinham celular, e as ligações eram muito caras. Ainda se recorria às cartas escritas à mão, mas Bryan não as enviava, tampouco eu. Não nos falamos mais.

Um dia, durante o almoço, mamãe comentou com Claudina que Bryan estava ainda mais gordinho. Eu ouvi o comentário, e quando a encontrei

sozinha na sala, tomei coragem para perguntar. Queria uma resposta mais esclarecedora e menos evasiva sobre a real situação de Bryan.

— Mãe, como está o Bryan? — perguntei.

— Do mesmo jeito, ora. Calado e esquisito. — Ela desconversou e pegou uma revista.

— Não, eu falo fisicamente. Ele está mudando muito?

— Nada, só está engordando, parecendo um queijo de tão branco e redondo. Vai dar trabalho para emagrecer depois. Mas não tem barriga aparente, se é o que você quer saber.

— Mas, a senhora sabe quanto tempo tem...? Ah, quantos meses? — Eu tinha estranhado ninguém falar na contagem do tempo e eu sabia que a ultrassonografia servia para isso também.

— Eu não sei e nem quero saber, Leonardo. Quanto menos falarmos sobre isso, melhor. Mas não deve ser muito, aquela médica intrometida lá diz que ainda é cedo para saber qualquer coisa. Não se preocupe, não vou permitir que essa irresponsabilidade estrague o seu futuro.

Me sentei ao lado dela, desajeitado e com medo de conversar. Mexia as mãos de forma nervosa e suave em bicas.

— Mãe, não seria bom eu ir lá falar com o Bryan? Talvez ele esteja precisando de alguém conhecido por perto. Ele é muito novo e...

Mamãe fechou a revista com força desnecessária, tirou os óculos e me encarou.

— O quê? O que você está pensando da vida, Leonardo? Vocês dois não vão mais ficar de conversinhas e intimidades não, nunca mais, enquanto eu estiver com vida e saúde. Você vai tratar de virar homem e ter responsabilidades, e o Bryan, eu só vou cuidar dele até ele crescer. Ele tem dinheiro, coisa que você não tem.

— Mas, mãe, eu só queria que o Bryan não ficasse tão desamparado. Eu só queria ajudar! — Me defendi.

— A sua ajuda não serve para muita coisa, aliás, se você não tivesse “ajudado”, nada disso teria acontecido! E ele não está desamparado. Ele está num hospital ótimo, recebendo todo o cuidado possível. Eu vou lá, levo roupa, comida da Zuleide para ele matar a saudade de casa, e você vem falar que ele está desamparado?

Abaixei a cabeça, derrotado, e não a questionei mais.

Naqueles dias eu estava muito cansado, triste e disperso, não estava

conseguindo me concentrar em nada. Tirei notas baixas em três matérias na escola na escola, coisa que nunca tinha acontecido antes, e escondi as provas. Se meus pais ficassem sabendo, encheriam o saco me comparando com a eficiência e a aplicação de Paolo nos estudos. Aquilo me deixava ainda pior.

Num dia em que meus pais tinham saído, já no mês de junho, eu estava sozinho na sala quando o telefone tocou. Eram quase cinco da tarde. Atendi e era o meu irmão ligando mais cedo, já que o costume era ele ligar às sete ou oito horas da noite, quando todos estavam em casa.

Paolo disse que tinha ligado mais cedo justamente para falar comigo ou com Claudina, sem mamãe por perto. Me surpreendi, uma vez que meu irmão mais velho era bastante puxa-saco.

— O que é, velho, aprontou alguma? — Estranhei.

— Não, sua besta, só quero saber o que está acontecendo aí, mamãe vai ao hospital em Belo Horizonte para ver o Bryan, mas não me explica direito o que ele tem. Que negócio é esse de ele ter ovários e outras coisas de mulher?

— Pois é, ele começou com aquelas dores, lembra do carnaval? Então, depois aquilo foi piorando, piorando, agora ele está internado. Foi pra lá para se tratar.

— Que estranho ninguém saber disso antes. E esse tratamento? Vão fazer o quê?

— Acho que vão fazer uma cirurgia para tirar o que está fazendo doer. E tratar com hormônios para ele se desenvolver.

— Vocês dois eram tão próximos, achei que você soubesse mais do que os outros.

Tive a impressão de estar sendo levado para uma armadilha. Saberia Paolo dos meus encontros furtivos com o Bryan? Eu sempre me julguei tão discreto... não, eu estava nervoso, só isso. Paolo não sabia de nada.

— Bem, eu notei o que todo mundo notava, eu acho. Não dava para saber que órgãos ele tinha, eu não sou o Superman. Antes, ele nunca tinha reclamado de nada.

— É que mamãe só fala que não é nada, que não é para se preocupar, que logo vão resolver o assunto. Mas não diz o que é que está acontecendo. Bryan não corre nenhum risco sério, não é?

— Não. Pelo que ouvi dizer, vão fazer só uma pequena cirurgia. Ele é muito novo e o tratamento é longo.

— Pequena cirurgia onde?

— Então... — Eu estava ficando sem respostas. Eu mesmo não gostava de pensar, falar, sequer imaginar aquela cirurgia. Era, na verdade, um aborto, mas Paolo não podia saber disso. — Deve ser alguma coisa no... você sabe, na barriga. Pra parar de doer.

— No útero, será? Será que ele vai ficar mocinha? — Paolo deu uma risada. — Eu queria ver isso. Já pensou se nascer peitinhos?

Meu irmão mais velho era terrível e mais esperto que o recomendado. Enquanto eu falava com ele, minha testa suave, e eu olhava para os lados a todo momento. Tia Zuleide já tinha ido embora, Claudina estava do lado de fora, e nossos pais ainda não tinham chegado.

— Não, ele não quer. Deve ser para isso o tratamento, para não acontecer nada de... bizarro.

Paolo não estava convencido. Ainda insistiu em perguntar sobre o comportamento de Bryan, se ele estava muito feminino, se ele tinha pinto e essas bobagens. Por fim, ele falou sério.

— Veja se mamãe não está enchendo o Bryan com ideias erradas. Você sabe, ela acha que tem que agradar os parentes e vizinhos, manter as aparências. Talvez o bichinho esteja passando por maus bocados.

— Eu sei, mas... ah, cara... — Suspirei desanimado. — Eu nem posso perguntar nada que ela vem com quatro pedras nas mãos. Queria que você estivesse aqui para a gente conversar. Tenho tanta coisa para te falar... — Ouvi um barulho e olhei pela janela. O carro de papai vinha levantando poeira. — Não posso falar agora, eles estão chegando.

— Poxa... Daqui a quinze dias eu vou, e aí você me conta tudo o que está me escondendo. Não vejo a hora de ter as minhas férias.

Uma pena que essa conversa com meu irmão jamais tenha acontecido. Ele era a pessoa em quem eu mais confiava, mas não tive a oportunidade de me abrir. Talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Paolo desligou o telefone e eu saí na varanda. Nossos pais tinham ido à cidade para fazer compras, e quando chegaram, havia mais alguém no carro com eles. Me aproximei com curiosidade, assim como Claudina, e quando vi a pessoa, abri um sorriso enorme. Era alguém que eu conhecia, mas que não via havia bastante tempo. O abracei com força quando ele saiu do carro.

— Padrinho, quanto tempo! Achei que o senhor estivesse na Itália!

Arlindo, meu padrinho, era primo da minha mãe, um solteirão convicto que tinha conseguido a cidadania italiana e viajado para lá havia uns cinco anos. Ele era branco, baixinho, magro, de nariz e orelhas grandes, como a

maioria dos meus parentes.

— E aí, meu afilhado! Nossa, como você cresceu, está parecendo um bambu! — Ele falou olhando para cima. Se virou para a minha mãe, que estava entrando em casa com as sacolas de compras: — É, Gorete, minha velha, você trabalhou de graça, esse moleque puxou pro lado dos Leonardi, aqueles cornos. — Meu padrinho era sempre brincalhão e gostava de fazer piadinhas e, assim como a minha madrinha, tia Rosana, ele era rico e viajado.

— Você que é nanico, padrinho, ainda bem que eu não puxei esse lado da família.

— Azar, o padrinho cabe em qualquer lugar. Mas, capiche, eu não tô na Itália já tem dois anos, casei com uma americana!

— O senhor casou? — Me surpreendi com a novidade.

— Ora, mas tá duvidando? Ela estava de viagem em Veneza, me viu e se apaixonou. Nos casamos na hora!

— Ah, que mentira! — Meu padrinho estava rindo, então eu achei que estivesse brincando. Ele sempre fazia isso.

— É verdade, casei e mudei para o melhor país do mundo, Estados Unidos! — Ele falou o nome do país com orgulho, mas mantendo o sotaque italiano que ele já tinha antes de viajar.

— Que metido! Vai, humilha a família de caipiras aqui!

— Ora, não fique com inveja. Eu vim te buscar.

— Que sonho! — Falei de brincadeira porque não parecia sério. Nunca tinha me passado pela cabeça sair do país, mesmo com muitos conhecidos se aventurando em outras terras.

— Sua mãe já está cuidando dos seus documentos, você já pode arrumar as malas.

— Mamãe o quê? — Não entendi ou não quis acreditar.

— Já está cuidando de tudo! Que sorte, hã?! — Ele sorriu, empolgado, mostrando os dentes amarelados.

— Hã? Eu não sei não, ninguém perguntou se eu queria viajar. Eu pretendo ficar por aqui mesmo. — Deixei de sorrir e me sentei no muro da varanda. A novidade tinha me deixado zozinho.

— Ora, achei que você fosse dar pulos de alegria. Mas eu sei que você vai gostar da ideia, vai pensando. E pode ir arrumando as malas! — Ele me deu um tapa carinhoso no ombro e entrou na casa. Abraçou minha irmã e

quem mais encontrou pela frente.

Quando meu padrinho saiu de perto de mim, meu pai se aproximou. Estava de cara feia e bastante decidido quanto ao meu futuro.

— Mas é claro que você vai, Leonardo! Seu padrinho vai te levar e ajudar nos documentos. Você não é bom aqui na roça, não é bom na escola, então nem pense em perder essa oportunidade.

Meu pai era mais baixo do que eu pouca coisa, branco, de cabelos ralos e barbudo, cara naturalmente amarrada, e muito trabalhador. Era também rude e cabeça dura nas piores horas, e, por que não, um puxa-saco dos meus irmãos mais velhos. Paolo e Claudina eram seus tesouros.

— Mas, pai, eu quero estudar que nem o Paolo.

— As coisas não estão favoráveis para você não, Leonardo. Se já é caro manter o Paolo lá em São Paulo, imagina vocês dois. Não dá! E você não tem o mesmo empenho que o seu irmão nos estudos, andou se esfregando demais com aquele moleque que a sua tia arrumou, que eu já estou sabendo. Não quero viadinhos à toa na minha casa. Você vai com seu padrinho sim, porque lá você vai ter mais chances de estudar e trabalhar, juntar dinheiro, se tiver juízo, e virar homem.

— Mas eu não quero ir! — falei sentindo as lágrimas descendo pelo meu rosto. Aquilo só podia ser um pesadelo, e minha vida, de repente, tinha se transformado em uma sequência deles.

— É o melhor que tem para você agora, Leonardo. Você vai aprender a virar homem e a ter juízo na marra. Vai deixar de ser moleque de uma vez por todas.

Minha mãe estava se aproximando e eu tentei recorrer a ela. Não era mais possível conter meu desespero.

— Mãe, por favor, eu não quero ir!

Ela tocou no meu ombro de forma carinhosa, mas firme.

— Você vai sim, meu filho, não tem melhor opção. Lá é melhor do que aqui, veja quantas pessoas viajaram ultimamente. Você vai gostar.

— Mas eu não quero ir!

Chorei, mas eles não se compadeceram de mim. Minha mãe chegou a me abraçar, mas meu pai ficou ainda mais irritado com a minha fraqueza.

— Não me faça te amarrar e te mandar à força, Leonardo — disse ele. — E limpa essa cara de choro, você é homem! Seu padrinho vai ficar aqui por uns dias enquanto você se ajeita para a viagem. Aproveita para aprender como

é que se fala por lá.

Meu pai saiu e eu peguei a mão de mamãe.

— Mãe, por favor! Eu prometo que nunca mais vou fazer nada de errado, vou estudar mais, vou trabalhar todos os dias...

Ela sorriu tentando me tranquilizar.

— Lembra quantas vezes você já falou que queria viajar que nem o Arlindo? Que tinha inveja dele? Então! Não desperdice a sua oportunidade, meu filho. Seu pai está bravo com você, muito bravo mesmo. Se não fosse o seu padrinho chegar para te buscar, ele já teria acertado as contas com você.

— A senhora contou para ele?

— Não, ele não sabe de tudo. Algum dos empregados viu você com o Bryan e falou com ele. Meu filho, como você chegou a esse ponto? Quem te ensinou isso? Se fosse só os problemas do Bryan, vá lá, mas você piorou tudo! Agora todo mundo quer saber porque o Bryan está engordando. Se seu pai souber de tudo, meu Deus, não quero nem pensar!

— Eu não sabia que ia acontecer isso... — Minha voz embargou.

— Pensa que você não saber diminui a sua culpa?

Abaixei a cabeça e chorei. Mamãe acarinhou meus cabelos e depois saiu, me deixando sozinho. Chorei até meus olhos incharem e meu nariz ficar congestionado. Quando levantei a cabeça, vi tia Zuleide, nossa mais fiel empregada, na minha frente com uma sacola e um lenço branco na cabeça. Ela era negra, pequena, mas forte, e muito carinhosa. A casinha onde ela morava era a construção mais antiga da fazenda, e ficava a uns duzentos metros da nossa casa. Ela soltou a sacola no chão e veio até mim.

— Ô “mininu”, por que tá chorando? — Tia Zuleide falava algumas palavras de um jeito engraçado, e nos ensinava orações em dias de chuva. Ela me abraçou e eu soluzei.

— Eu vou ter que ir com meu padrinho para os Estados Unidos. E eu não quero sair daqui.

— Mas, menino, você não ia pra São Paulo que nem o Paulim?

— Eu queria, tia, mas meu pai mudou de ideia.

— Mas por que?

— Muita coisa, e eu nem posso fazer nada. — Suspirei e enxuguei o rosto. — Eu queria que a senhora olhasse o Bryan quando ele voltar do hospital. Eu não vou estar aqui. O pai e a mãe não gostam dele, e tem uns

meninos que maltratam ele. O Jailton fica andando atrás dele.

— Eu olho sim, meu filho, jogo água fervendo nele se precisar. Pode ir com Deus que a tia cuida do “barrigudim”.

Foi a última conversa que tive com tia Zuleide.

Dezesseis anos de ausência

Leonardo Leonardi. Passei a achar meu nome ridiculamente absurdo depois que o vi repetidas vezes nos diversos documentos que tirei. Quando eu soube, minha viagem já estava planejada, e eu desisti de lutar. Não havia nada de útil que eu pudesse fazer. Em poucos dias nós viajamos, primeiro para São Paulo, depois para Chicago. Não vi meu irmão antes de sair nem pude falar com o Bryan, nem pelo telefone. A despedida dos meus pais foi estranha, minha mãe chorou e meu pai, cujas emoções eram duramente contidas, me abraçou meio sem jeito e disse para eu me cuidar. Viajei no final de junho de 2000, sem passagem de volta. E não voltei mais.

Até gostei de Chicago nos primeiros dias. Gwen, a jovem esposa de meu padrinho, me acolheu bem e eu achei a cidade linda, bem organizada, cheia de atrações para um matuto como eu que não conhecia nada. Mas poucos dias depois, comecei a sentir saudades de casa. Sofria pensando em quando poderia voltar, chorava à noite e planejava trabalhar muito para poder comprar as passagens de volta.

Na primeira ligação que pude fazer, vários dias depois, eu chorei ao telefone e minha irmã também. Ela me contou como tinham ficado as coisas lá em casa, disse que mamãe tinha ido a Belo Horizonte visitar o Bryan, mas que ela não sabia como ele estava. Eu não podia ligar com frequência e meus parentes também não ligavam, as ligações eram caras e difíceis naquela época.

Ao contrário do que tinham me dito, meu padrinho não era uma boa referência. Ele e a esposa viviam em dificuldades, brigavam muito, era uma situação horrível. Quando consegui um trabalho mais rentável, saí do apartamento deles e fui morar com outros estrangeiros num local bem menos interessante. Pouco tempo depois, eles se separaram em definitivo.

As poucas informações que meus familiares me deram sobre o Bryan no restante daquele ano não foram nada boas. Para começar, a cirurgia que resolveria permanentemente “aquele” problema só foi feita no final de julho, e isso me espantou muito. Mamãe disse que os médicos não acharam seguro fazer nenhum procedimento antes de se precaverem contra o risco de hemorragias e infecções, por isso foram adiando.

Bryan permaneceu sozinho, internado em Belo Horizonte, por mais algum tempo, e quando voltou para casa, ele estava muito diferente, e não só fisicamente. Segundo Claudina, ele estava rebelde, agressivo, irritável, respondia mal aos adultos e não parava em casa. Nossos pais acreditavam que se tratava dos efeitos colaterais dos remédios que ele estava tomando, mas terminados os remédios, ele não melhorou, mostrando que ele tinha mudado mesmo.

Quando liguei para casa, na véspera do Natal, Bryan estava por perto e não quis falar comigo. Aquilo me deixou muito triste, pois já era a segunda vez. Mas eu o entendia quanto a isso, afinal, vendo pelo lado dele, eu era aquele que o tinha usado e o abandonado no momento em que ele mais precisava. Eu era simplesmente um cafajeste.

Segundo minha mãe e minha irmã, logo que Bryan pôde se levantar da cama, ele começou a exigir o dinheiro que lhe pertencia por herança. Chegava mesmo a roubar quando não lhe davam o que queria. Em alguns momentos, ele parecia um usuário de drogas. Isso foi se agravando até se tornar insustentável, e então papai tomou uma decisão drástica, mas que resolveu todo o problema: um documento de emancipação, para que Bryan passasse a se virar sozinho com apenas dezesseis anos de idade.

A partir desse documento, Bryan passou a ter acesso ao dinheiro e aos bens que tinham sido de sua mãe adotiva, e não voltou mais para a casa dos meus pais. Ficava às vezes na casa de tia Zuleide, mas a maior parte do tempo ele ficava na cidade onde minha família não sabia o que ele estava fazendo. Quando eu ligava e perguntava por ele, mamãe e Claudina o chamavam de ingrato, mal-agra-de-cido e outras coisas do tipo.

De longe, eu ficava muito triste com as notícias que recebia. Nunca quis que as coisas terminassem daquela forma, afinal, Bryan era meu primo, filho da minha tia e madrinha, e antes daquilo tudo acontecer, ele era um bom garoto. Meu único consolo era saber que ele estava bem de saúde e, sendo herdeiro de uma boa quantia, não precisaria trabalhar em subempregos, embora eu me preocupasse com as dificuldades que ele poderia enfrentar na gestão do seu dinheiro. Claudina garantiu que ele nunca mais pisou na escola.

Quanto a mim, nenhum evento importante marcou minha longa estadia

no estrangeiro. Não voltei a estudar, mesmo mamãe me cobrando para que o fizesse. Passei por empregos ruins e empregos razoáveis, e recusei quando meus pais me ofereceram ajuda financeira. Eu já tinha me acostumado a me virar sozinho e a não dar satisfação a ninguém. Arlindo, meu padrinho, voltou para a Itália depois dos atentados de 11 de setembro, e eu fiquei sozinho, com a documentação regular, podendo usufruir dos direitos adquiridos.

Eu trabalhava menos que o necessário para guardar dinheiro, o que ainda era bastante, muitas horas por semana. Saía, me divertia, bebia muito. Por um milagre, não fiquei viciado. Fazia sexo ocasional com mais de um gênero, mas nunca me envolvia. Namorei sério uma única vez, uma mulher mais velha do que eu que logo se mostrou ciumenta de forma doentia. Foram poucos meses, mas foi o suficiente para eu não querer mais nada do tipo. Depois disso, descobri o prazer de viajar e de fotografar.

Em uma das minhas viagens ao Canadá, conheci uma moça chamada Anne com a qual eu tive um curto caso e uma longa amizade. Ela fotografava profissionalmente e eu estava me especializando no que, até então, eu considerava um hobby. Tempos depois, comecei a trabalhar com ela e com seus amigos em um lugar fixo. Era um estúdio com ligeira importância onde cada um tinha uma especialidade, mas todos se ajudavam. Na falta de um, o outro trabalhava, e eu cheguei a fotografar casamentos, que era o que eu menos gostava. Ainda assim, fotografar era um trabalho que me divertia e me deixava com bastante tempo livre.

Eu tinha talento para fotografar crianças, de forma que consegui, aos poucos, conquistar meus próprios clientes entusiasmados. Pais e empresas vinham de outros lugares em busca do meu trabalho. Poderia até ter ganhado mais dinheiro se tivesse deixado de encarar a fotografia como um hobby. Eu tinha o que meus colegas de estúdio chamavam de defeito, que era, de tempos em tempos, pegar a estrada em busca de novas paisagens. Minhas viagens não eram nem um pouco lucrativas, e serviam para que Anne e os outros colegas se irritassem, tanto por terem que cobrir minhas ausências quanto por eu não permitir que eles me acompanhassem. Minhas excursões eram solitárias como a maior parte da minha vida.

Toronto, minha nova casa, era tudo o que eu queria: noite, paisagens, gente, solidão, vazio. Eu gostava da liberdade, da libertinagem, de sexo pago ou casual. Nunca ligava no dia seguinte, nunca entrava nas armadilhas que meus colegas preparavam para que eu conhecesse “uma pessoa especial”. Me afastava até mesmo dos amigos quando eles começavam a participar demais da minha vida. Às vezes exagerava no afastamento e precisava voltar atrás e pedir desculpas. Anne dizia que a minha reserva era atraente. A gente ficava vez ou outra, sem compromissos ou cobranças, mas quando ela começou a

elogiar demais meu jeito com crianças e a falar que no futuro queria ter um filho, meu radar anti-compromisso emitiu um alerta, e eu passei a ficar esperto. Minha vida era tranquila demais para admitir alguém nela.

Da minha família, eu fui me afastando mais e mais. Surgiram os meios de comunicação mais rápidos e menos onerosos, mas eles não foram suficientes para nos aproximar. A profissão que escolhi, pouco rentável e sem nenhum glamour, não agradou aos meus pais, assim como o meu estilo de vida. Eles queriam que eu estudasse e voltasse para casa, depois de um tempo queriam que eu voltasse de qualquer jeito, mesmo sem ter estudado. Não obedeci, e com o tempo, eles foram desistindo de mim. Mantive um parco contato telefônico com minha mãe e nas redes sociais com meus irmãos e primos.

Paolo, meu irmão mais velho, terminou seu curso de Direito e ficou por São Paulo mesmo. Passou na prova da OAB, conseguiu emprego numa firma importante e se casou com uma advogada um pouco mais velha do que ele. Elisabeth, a dama com nome de rainha, era linda e aristocrática. Apesar de terem ficado tristes com o descaso de Paolo em relação à fazenda, meus pais ainda se orgulhavam dele por sua profissão e seu exemplo familiar.

Já de Claudina não. Ela nunca foi especialmente bonita, não teve muitos namoros na juventude, e quando anunciou que estava grávida de um dos peões da fazenda, mamãe ficou furiosa. Ao telefone, ela disse que o rapaz era feio, sujo, imundo, golpista e muito mais, mas eu traduzi tudo numa única palavra: preto. Seu preconceito eu conhecia muito bem. Mas Claudina acabou perdendo a gravidez e ficou muito abalada, passando a se dedicar exaustivamente ao trabalho na fazenda. Pelo que eu soube, o casamento também não deu certo e ela seguiu solteira e solitária, vivendo com nossos pais. Raramente me mandava fotos e mensagens. Nossos contatos se resumiam às datas comemorativas.

Com Paolo eu tinha bastante contato, mas secretamente eu o achava esnobe e muito influenciado pela esposa. Não parecia ser o irmão inteligente e pouco ortodoxo que eu tinha antes de viajar. Eles tiveram dois filhos gêmeos depois de a Beth ter passado por tratamentos para engravidar, isso em 2010. Eram a única conquista de meu irmão que eu tinha vontade de conhecer. Suas propriedades materiais, suas viagens e seus amigos importantes não me interessavam, embora Paolo falasse exaustivamente sobre isso.

Em meados de 2016, dezesseis anos depois da minha saída do Brasil, eu recebi uma ligação de minha irmã. Estranhei porque ela costumava usar outros meios nas raras ocasiões em que se preocupava comigo. Até mesmo meu aniversário tinha passado sem que ela entrasse em contato. Atendi com certa apreensão.

— Está tudo bem mesmo? — perguntei mais uma vez, com uma ansiedade crescente me sufocando o peito. Por alguma razão, eu senti que estava na hora de rever meus pais.

— Está sim, mas seria bom se você viesse o mais rápido possível, sabe, papai quer resolver a questão das terras com você presente, não por advogados ou procuradores. Se você não puder vir...

— Eu vou sim, daqui a duas semanas. — A interrompi antes que ela se oferecesse para pagar minhas passagens. — Não precisa me buscar no aeroporto porque eu ainda conheço a estrada.

— Certo. Então vou dar a notícia à mamãe. Paolo vai vir também e aí nós resolveremos tudo. Aproveitamos para fazer uma festa no aniversário de mamãe. — Claudina pareceu animada quando confirmei minha ida, mas ainda assim eu estava preocupado.

— Papai está com algum problema sério? — Insisti. — Pode falar...

— Não, apenas a pressão alta de sempre, mas ele está muito preocupado, quer resolver tudo agora porque mamãe quer ir para a rua (um jeito regional de dizer que quer se mudar pra cidade), e ele está se sentindo velho. Quer te ver o quanto antes. Se você não quer que eu te busque no aeroporto, faço questão de deixar um carro na casa de tia Mercedes, assim você vem para cá mais tranquilo...

E assim foi. Por mensagem, anunciei minhas férias de um mês a quem estivesse interessado, comprei minhas passagens e vim para o Brasil sem me despedir de ninguém. Todos estavam acostumados com minhas partidas bruscas. Também não estava com expectativas em relação aos meus parentes, mas embarquei com o coração e a cabeça aberta para revê-los e para reviver, ainda que por alguns dias, nossa vida em família.

Confortavelmente instalado numa cadeira reclinável, abri os olhos quando um rapaz vestido de branco colocou o equipamento de medir a pressão no meu braço direito. Depois do exame rápido, ele disse que eu já estava melhor, que minha pressão já tinha baixado, e que eu deveria descansar por mais meia hora antes de ir embora. Mas senti fome e preocupação, e resolvi sair da sala de medicações mesmo estando ainda cansado e sonolento. Era o momento de continuar minha viagem de volta.

Será que alguém tinha avisado a minha família? Eu estava sem celular e

não tinha visto nenhum conhecido além de tia Zuleide, que estava internada com problemas no coração, o Bryan, que me odiava, e aquele menino sardento, que chamava o Bryan de tio e que naquele momento devia estar bem longe. Eu tinha esperança de que ele, com seu celular, tivesse notificado alguém sobre a minha chegada. Nosso acidente na estrada era uma boa fofoca para espalhar.

No momento em que eu saía no corredor do hospital, avistei uma pessoa que, mesmo sem ver havia dezesseis anos, eu reconheceria em qualquer lugar: minha irmã Claudina. Ela vinha olhando todas as portas e quando me viu, abriu um sorriso e correu para me abraçar.

— Léo, seu grandão! Que saudades! — Ela chorou. Eu também chorei. Nosso abraço, no meio de um corredor que cheirava a remédios, foi longo e demorado. Depois de me soltar, ela se afastou para me olhar. — Nossa, você não mudou nada mesmo! Continua o mesmo magricelo de antes, parece um jovem de vinte anos!

— Mudei sim, estou mais velho. E você, como está?

— Nossa, eu estava muito preocupada. Estava em casa te esperando e você demorando, então ouvi falar que você tinha trazido tia Zuleide para cá, e quando eu chego aqui, é você que está passando mal! Você estava desmaiado, que loucura! — Ela falou tudo de uma vez e só parou quando estava cansada, da mesma forma que fazia na juventude.

— Calma, mulher! Foi só um aumento de pressão devido à viagem, ao cansaço, tudo. Já estabilizou. Só tive sustos desde que cheguei aqui.

Caminhando juntos e de braços dados, saímos do hospital por onde eu tinha chegado, ou seja, pela recepção do pronto atendimento. Quando passamos por entre aquelas cadeiras enfileiradas, olhei para todos os lados procurando pelo Bryan. No tempo em que fiquei deitado esperando a pressão baixar, tantas coisas me passaram pela cabeça... Será que ele ainda estava por ali? Provavelmente não. Tia Zuleide devia ter outros parentes para acompanhá-la no hospital.

Distraído com meus pensamentos, não ouvi o que Claudina falava.

— Desculpa, o que você disse? Eu não ouvi direito — falei.

— Eu disse que você está parecido demais com papai. Magrelo, com pressão alta e surdo, ainda por cima!

Protestei.

— Não, eu não sou hipertenso. Deve ser esse calor que eu não estou acostumado. E não ouvi você falar porque eu estava distraído.

— Claro, o seu Alvino também diz isso. — Ela sorriu.

Claudina pediu que eu esperasse e foi até o balcão pedir informações sobre tia Zuleide. Havia lá outras duas mulheres que também perguntavam por Zuleide Honório dos Santos. A notícia que receberam foi a mesma que eu já tinha recebido horas antes: ela estava em observação.

Enquanto esperava por Claudina, aproveitei para dar mais uma vista de olhos pelo local. Minha irmã me chamou, e como eu demorei para ouvi-la, ela se aproximou com ar de preocupação.

— Léo, você está bem mesmo? — perguntou. — Está tão aéreo...

— Sim, estou bem. Sabe, estou procurando o Bryan. Você viu ele?

— O Bryan? Tem certeza? Não, não vejo ele tem muito tempo, muito tempo mesmo.

— E aquele menino que mora com tia Zuleide? Sabe, o loirinho... — De novo aquela sensação de irrealidade, como se apenas eu no mundo visse aquele garoto. Mas Claudina o conhecia.

— Ah, eu sei. É filho de uma sobrinha-neta de tia Zuleide. Ela nem mora por aqui.

— Sim? — Me interessei e encorajei Claudina a continuar falando. — Então tia Zuleide criou ele?

— Ela ajudou a criar. Quando o menino nasceu, a mãe dele era muito novinha, não tinha nenhum juízo. Fugiu de casa e veio para cá, para a casa da avó, mas a avó morreu e tia Zuleide, que é tia-avó dela, ficou ajudando a cuidar. Mas sabe como são essas meninas, logo ela arrumou outro namorado e foi atrás dele deixando o menino aqui. Ele fica mais com o Bryan. Você sabe que o Bryan foi para a casa de tia Zuleide quando não quis mais morar com a gente, não sabe?

— Sei... É que num momento de distração na estrada lá de casa, eu acabei atropelando esse menino. Mas foi só um susto.

— Fiquei sabendo. É melhor você não dirigir enquanto estiver com essas distrações, viu?! Mas foi bom que você pôde chegar na hora certa e socorrer tia Zuleide. Seria pior se ela estivesse sozinha, o moleque talvez demorasse muito a chegar.

Entramos no carro, eu no carona, ela no volante, e ela continuou falando e falando, e eu deixei de ouvir. Divaguei. Rafael. Sobrinho-bisneto de tia Zuleide. Mas e aquele olhar estranho e aquelas sardas? E aquele jeitinho petulante que ele tinha e que me lembrava alguém? Acho que por um momento, por um efeito do cansaço da viagem, eu viajei demais.

O recomeço

Eu não imaginava que fosse me emocionar tanto ao reencontrar meus pais. Eu tinha sim saudades deles, mas as circunstâncias da minha partida me impediam de pensar neles com carinho. Mas chegar em casa depois de tantos anos despertou uma emoção profunda em mim, uma mistura de felicidade por encontrá-los bem, e de tristeza por termos perdido tanto tempo. De repente me bateu saudades de tudo, e eu me entristeci por ter que voltar para o Canadá em menos de um mês.

Meu pai, que provavelmente não tinha visto minhas fotos nas redes sociais, me olhou com curiosidade, depois deu de ombros. “Até que tem pouco penduricalho, achei que fosse ter mais” — disse ele ao olhar minhas mãos e orelhas. Ele não sabia que antes de viajar eu tinha cuidado da barba e dos cabelos para não assustar os meus parentes.

De fato, era minha irmã quem tomava conta de tudo na fazenda. Meu pai, já passando dos setenta, não tinha mais a saúde de antes e se encarregava apenas do gado, que não era muito. A seca prolongada fez com que o rebanho fosse reduzido, além disso, Claudina tinha investido em outras culturas. A casa tinha sido modernizada e ampliada, estava bonita na cor branca, com grandes portas e janelas de vidro. Mas estava repleta de dispositivos de segurança, o que me deixou preocupado.

Paolo e a família só chegariam no sábado, e ainda era quinta-feira. Eu estava ansioso para conhecer os gêmeos, que já tinham cinco aninhos de idade. Havia fotos deles na estante da sala, junto com fotos minhas e de meus irmãos quando criança. Era bom me sentir em casa depois de tanto tempo.

Me acomodei no meu antigo quarto, que estava um pouco diferente do que era antes. Agora o piso era formado por grandes placas de porcelanato branco, e a janela enorme, de vidro verde, estava escondida por uma bela

cortina. Mas a velha cama estreita de madeira escura ainda estava lá, assim como o pequeno guarda-roupas de espelho oval na porta. Claudina disse que mamãe não quis se desfazer das velharias de jeito nenhum. Da minha parte, gostaria que tivesse pelo menos uma cama maior, sempre sofri por não poder me acomodar direito e ficar com os pés pendendo para fora do colchão.

Eu estava cansado, e por causa do remédio que tinham me dado no hospital, também estava com muito sono. Dormi boa parte da tarde e quando acordei, todos estavam me esperando para um café. Depois de comer, ficamos todos na mesa conversando amenidades. Eles me enchiam de perguntas e eu respondia como se não tivessem sido eles os responsáveis pela minha partida repentina. Depois de tudo, eles estavam saudosos e solícitos. Me serviam bolo, suco, doces, e eu entendi que não adiantava ressuscitar velhos ressentimentos. Foi um choque de realidade ver meus pais tão velhos e cansados, e minha irmã aparentando muito mais do que a idade que realmente tinha.

Quando papai e Claudina saíram pra cuidar dos seus afazeres, eu fiquei na sala assistindo a TV local. Pela televisão, parecia tudo tão igual. Não fosse o próprio aparelho ter mudado muito, assim como o local onde se encontrava, eu não diria que tinha se passado tanto tempo.

Num momento em que vi mamãe sozinha na cozinha, eu desliguei a televisão e fui até lá, e enquanto ela me bajulava e comentava sobre a vizinhança, eu tomei coragem e iniciei aquele nosso antigo assunto.

— Mãe, a senhora tem visto o Bryan?

Ouvi um suspiro e vi um desvio de olhar.

— Meu filho, depois que ele cresceu, ficou um rapaz bonito e muito esnobe. É difícil ele aparecer por aí. Zuleide sabe dele melhor do que eu.

— Hum, mas ele está bem de saúde?

— Sim, pelo que eu sei. Mas ele não dá notícia mesmo.

— Tia Zuleide está internada, a senhora já sabe?

— Sim, e eu vou lá amanhã na hora da visita. Que sorte você estar por perto na hora em que ela passou mal.

— Acho que foi o susto de me ver. Mas ela ainda vai ficar internada por uns dias porque foi o coração, sabe.

— Coitada de Zuleide, ainda bem que ela é forte.

— De onde é aquele guri que chama ela de vó?

— Ah, é filho da filha de uma sobrinha dela. Coisa dessas famílias que

se enchem de crianças que ninguém sabe quem é o pai.

— Eu atropeliei ele hoje, por pouco não machucou de verdade.

— Atropelou? Meu Deus! Mas também, do jeito que aquele menino é levado! Vai ver ele estava aprontando, ele está sempre na represa ou passeando por essas estradas. Eu já falei, um dia esse menino vai se machucar e nós vamos ser responsabilizados, olha o que eu estou falando. Que sorte que não machucou, talvez dessa vez ele se emende. Sem contar que ele não respeita os mais velhos.

Me sentei na cadeira de frente à janela e fiquei olhando para fora.

— Deve ser a idade... — disse pensativo. — Todo moleque é assim nessa idade. Mãe, quando foi que o Bryan ficou daquele jeito? Eu o vi hoje no hospital e parece que ele já nasceu assim, ninguém diria que ele já teve qualquer problema.

— Não sei, ele nunca me falou nada, mas antes de sair daqui de casa ele já tinha mudado bastante. Foi uns remédios que ele tomou no hospital. Claro que de uns tempos pra cá ele está mais bonito, deve ser academia e essas coisas.

Claudina voltou e mamãe encerrou o assunto rapidamente, passando a falar mal de alguns parentes nossos.

Naquela noite fomos dormir tarde, ficamos conversando na sala por bastante tempo. Eles queriam saber de mim, saber o que eu fazia lá e como era o Canadá. Até meu pai estava falando como eu nunca tinha visto.

No dia seguinte, fui com mamãe ao hospital onde tia Zuleide seguia internada. Enquanto eu era atendido para verificar minha pressão arterial, mamãe entrou para visitá-la. Quando chegou minha vez, me deu uma crise de ansiedade e eu tremi muito. Tentei me acalmar com exercícios de respiração para não passar a vergonha de ser carregado novamente. Mas eu sabia que o que tinha me feito passar mal era o susto, o susto de ver o Bryan e... Bem, pelo menos foi só um susto.

Entrei devagarinho no quarto. Tinha outras senhoras internadas e também com visitas.

— Tia? — chamei.

— Léo? Vem cá, meu menino! — Tia Zuleide estava deitada numa cama alta e parecia ainda menor. Me estendeu a mão magra e ressequida.

— Que saudades da senhora!

— Nem deu pra te ver direito ontem. Como você está branco!

— É, eu assustei a senhora. Me desculpe!

— Que nada, eu que tô ficando capenga mesmo! Esse negócio de coração já levou muito parente meu, meu filho.

Eu fiquei ao lado dela segurando sua mão.

— Fala isso não, tia! Esse coração está muito novo ainda. Eu vou ficar aqui por uns dias; quando a senhora estiver em casa, eu vou lá fazer uma visita mais educada. Ontem eu cheguei de supetão, seu netinho tinha me dado um susto na estrada. A culpa foi minha, mas não se preocupe, ele está bem.

— Rafael fica andando pra lá e pra cá, eu falo pra ele tomar cuidado, mas menino não para quieto.

— Eu que estava distraído, graças a Deus não machucou demais. Que bom que ele faz companhia pra senhora.

— É, ele sempre vem, tadinho. Arteiro que só ele!

— A cara dele não nega. Mas, me diz uma coisa, por que ele chama o Bryan de tio?

Tia Zuleide desviou o olhar e sua respiração cansada me alertou de que eu não poderia ficar falando demais. Ela suspirou e sorriu.

— Eita, menino, ali é sabido, viu?! Sempre foi sabido.

Não entendi nada, mas não questionei. Queria saber do Bryan.

— Tia, a senhora vê o Bryan com frequência?

— “Craro”! Toda semana ele vem. Menino de ouro, viu? Ele tá tão diferente, “ocê” viu?

— Vi sim, vi e minha pressão subiu. — Ri e dei um beijo na testa dela.
— Tia, eu vou indo porque tem umas moças aí fora para ver a senhora, eu não posso ficar empatando.

— Ô, meu filho, vai na minha casinha quando eu sair daqui, eu estava com uma saudade de você!

— Vou sim, tia. Com certeza eu vou lá conversar com a senhora. Tchau!
— Fui saindo e soltando a mão dela ao mesmo tempo.

Levei mamãe para casa, e da estrada, avistei a pequena vila. Marquei mentalmente a casa de tia Zuleide e lembrei que eu estava devendo uma bicicleta a um certo alguém.

Depois do almoço, fiz um “tour” em volta de casa olhando os

maquinários e as plantações. Sem dúvidas aquele espaço estava bem valorizado, tinham sido feitos muitos investimentos. Ainda não se tinha entrado no assunto da divisão das terras, ele só ia ser abordado quando Paolo estivesse presente, mas eu sentia que seria um assunto delicado. Sempre era. Da minha parte, eu não pretendia criar problemas, só queria resolver tudo para ir embora tranquilo.

Por volta das quinze horas, eu disse à minha irmã que ia dar uma volta, peguei a caminhonete e saí. Passei pelo aterro que transformou o velho córrego numa enorme represa, e vi que o nível de água estava baixo devido à falta de chuvas. Segui rumo à vila.

Enquanto atravessava em baixa velocidade o pequeno aglomerado de casas amarelas, eu reconheci alguns velhos funcionários de meu pai, gente que havia cuidado do gado e que não podia mais trabalhar. Cumprimentei os que me reconheceram, troquei algumas palavras com alguns, e parei em frente à casinha de tia Zuleide. Essa eu posso dizer que era a mais limpa e bem cuidada da vila, com plantas floridas no pequeno quintal bem varrido. O portão estava aberto, então eu entrei e só chamei quando já estava na varandinha.

— Quem é? — respondeu lá de dentro a voz do jovem Rafael.

— Sou eu, o Leonardo. Vim resolver o assunto da bicicleta.

Ele saiu na varanda com o rosto e a camisa suja, e um pacote de biscoitos na mão. Atrás dele, um rastro de farelos o acompanhava. Sorri ao imaginar a asseada dona Zuleide convivendo com aquele porquinho.

— Já? Você melhorou de ontem? — Ele me olhou dos pés à cabeça.

— Melhorei sim.

— Foi coração também?

— Não, foi pressão alta, mas já estou bem. Que bicicleta você quer? Me fala o modelo que eu vou à cidade resolver isso.

Ele coçou a cabeça e seus cabelos ficaram ainda mais desgrehados.

— Cara, vai precisar não, já vou ganhar outra.

— Mas a culpa foi minha, eu sei que tenho que te ressarcir.

— Eu sei, eu falei pro Bryan, mas ele achou que eu não precisava ter te cobrado. Mas valeu aí.

— Tem certeza?

— Tenho, uai. Já está tudo certo.

— Está bem, mas não diga que eu não procurei resolver a questão. O Bryan costuma vir aqui?

— Aham.

— Quando você o vir, fala que... — Parei sem saber o que falar.

— Falar o quê? — Ele ficou aborrecido com minha indecisão.

— Ah, fala que eu quero falar com ele, pode ser?

— Pode, uai.

— Estou indo, então... — Comecei a me afastar, mas parei e voltei. — Você tem certeza de que não vai precisar de nada enquanto tia Zuleide estiver internada?

— Não, não. Vai vim mais gente, até minha mãe. — Rafael sorriu e eu notei um machucado no lábio inferior, provavelmente causado pelo aparelho ortodôntico no momento da queda.

— Ah, sim. E quem é a sua mãe? — Eu estava curioso para saber disso, mas a resposta dele não ajudou muito.

— É a Andressa. E o Bryan vai vir também, ele foi fazer compras.

— Ah é? Que surpresa... Bem, então eu vou embora. Você ainda pode mudar de ideia no caso da bicicleta, viu?

— Tá bom.

Fui embora ainda sorrindo. Então o Bryan tinha providenciado outra bicicleta só para me tirar do assunto? Que bichinho rancoroso! E como ele vinha sempre ali, encontrá-lo seria apenas uma questão de espera.

Quando eu me afastava da vila pela estrada que passava pela represa, vi um carro preto chegando pelo lado oposto e tive a impressão de que ele estava parando no lugar exato de onde eu tinha acabado de sair. Seria o Bryan ou a tal Andressa?

Reduzi a velocidade e mais adiante eu manobrei e voltei. Se fosse o Bryan, eu tentaria conversar com ele, era a minha chance e eu tinha bastante tempo livre.

Parei a caminhonete um pouco antes da casa de tia Zuleide e acabei encontrando um velho conhecido com o qual eu conversei por uns dez minutos. Depois segui em passos lentos, com a estranha sensação de estar fazendo algo errado, de estar procurando incomodar quem há muito tempo não me via e que com certeza tinha mágoas em relação a mim. Respirei fundo e fui em frente.

Empurrei o portão, mas senti-o trancado, e então fui obrigado a chamar lá de fora. Envergonhado e sem saber a quem chamar, acabei chamando pelo Rafael. Chamei duas vezes, sem resposta, e quando eu já pensava em desistir, a porta da sala se abriu e de lá saiu alguém que estava de muito mau humor. Tinha as faces vermelhas e cara de poucos amigos.

— O que você quer? — perguntou.

Baixei o olhar, respirei fundo e depois levantei a cabeça para enfrentar a fúria do meu primo Bryan.

— Eu queria falar contigo. — Sorri sem graça.

— Ah é? E por que chamou pelo Rafael? — Ele estava numa posição engraçada, com a mão esquerda na cintura e a direita segurando a porta entreaberta. Mas o rosto sério e o tom da voz não eram nada engraçados.

— É... Eu não tinha certeza se era você quem tinha chegado, por isso chamei pelo menino. Mas eu quero conversar com você, pode ser?

— O que quer falar? Estou ocupado agora. — De fato, a camisa estava respingada e as mãos molhadas, e ele tinha acabado de chegar.

— Eu quero saber de você. Pode me deixar entrar, eu não sou um estranho. Ontem mesmo eu estive aqui.

— Claro, depois de atropelar o menino! — Ele me lançou um olhar de raiva.

— Foi um acidente! E ele só se machucou superficialmente, nem quis ir ao médico e olha que eu insisti.

Bryan ficou pensativo, olhou para o interior da casa, falou alguma coisa que eu não ouvi, e veio para fora deixando a porta fechada. Abriu o portãozinho fechando-o atrás de si e se encostou ao carro preto.

— Desculpe a grosseria, é que eu não esperava que você viesse querendo falar comigo. Faz tanto tempo!

— Eu sei, faz muito tempo, mas por que as pedras na mão? A gente não pode nem conversar?

— Tudo bem. — Ele suspirou. Depois ergueu a cabeça me olhando nos olhos e cruzando os braços de forma desafiadora. — Mas não somos amigos, ouviu? Não espere abraços da minha parte. O que veio falar?

— Tanta coisa, mas principalmente que eu queria saber de você... Sabe, depois daquilo, como ficou. Eu sempre me preocupei com você.

— A sua família não te dá notícias minhas?

— Poucas. Eles dizem que não sabem de você, que não te viram, que você não dá notícia...

— Eles não me prezam muito, você não sabe? Eu fiquei “rebelde”. — Ele fez aspas com as mãos e esboçou um sorriso sarcástico.

— Me disseram que você mudou muito. Eu sei que você teve seus motivos e não vou te questionar, não é esse o assunto. Eu só queria saber se você está bem, como foram os tratamentos, como você ficou assim tão... masculino.

Bryan deu um passo à frente e apontou o indicador na minha cara ao mesmo tempo em que falava em voz baixa e olhava para os lados. Seu rosto ficou ainda mais vermelho.

— Não fale isso perto do Rafael, ouviu? E para ninguém mais! Não quero que as pessoas fiquem comentando sobre mim e sobre o meu passado. Está resolvido, então não venha levantar esse assunto!

— Com certeza! Eu não vim te atrapalhar, eu sei que a vida mudou. Você também mudou, está bem... diferente. Nunca imaginei que fosse te encontrar assim tão... — não sabia o que falar. Analisei mais detidamente o corpo dele e ele percebeu.

— Eu sei o que você quer dizer. Eu levo uma vida normal, só tomo hormônio para manter minha voz e a massa muscular. Meu organismo sempre funcionou muito bem, e depois que me tratei, eu fiquei assim. Só precisei resolver uma coisinha que estava começando a incomodar, mas foi fácil. — Ele sorriu, um sorriso lindo e misterioso.

— Seios? — Não consegui esconder a curiosidade e sorri quando vi que estava certo. Eu estava escorado no tronco de madeira tratada que sustentava os arames lisos que faziam a função de muro, e Bryan estava encostado no carro dele, de frente para mim. Estávamos a cerca de meio metro um do outro, e a tranquilidade dali nos permitia certa intimidade.

— Perverso! Isso mesmo. Mas não vai achando que eu tinha peitos chamativos. Não tinha crescido ainda. Quando eu emagreci, não sobrou quase nada, mas ainda assim me incomodava. Era muito sensível e eu tinha vergonha. Foi resolvido com medicação apenas, mas não sei se eu faria hoje o que fiz na época.

— Se arrependeu?

— Não, mas eu não sei se isso me incomodaria hoje. As coisas mudam, o pensamento muda. Antes eu me preocupava com o que iam pensar de mim, hoje eu quero que todos se danem.

— Muito inteligente. Eu te imaginava do jeitinho que era antes, mas adulto. Só te reconheci pelos seus traços, seus olhos, sua boca. Até o seu rosto mudou.

— Passei dos trinta, meu caro! Não tenho mais aquele rostinho juvenil e, se quer saber, nem você.

Ri. Ele era marrento, bem marrento mesmo, assim como o Rafael. Seria a convivência? Aliás, por que tanta convivência?

— Quem é essa Andressa? — perguntei de repente.

— É filha de uma sobrinha de tia Zuleide, por quê? — Bryan deixou de sorrir ou foi impressão minha?

— Nada, é que eu só ouvi falar dela hoje, nunca tinha ouvido antes. Mãe do Rafael?

— Hum, sim... — Ele saiu de perto do carro e aproximou-se do portão. — É bom lá onde você mora? Estados Unidos, né?

— É muito bom sim, mas estou no Canadá há bastante tempo.

— Nunca quis voltar para cá? — Enquanto falava, Bryan olhava para um cadeado novo, brilhante, e passava um dedo nele.

— Já sim. Nos primeiros anos eu queria muito voltar, aliás, eu nem queria ter ido, mas não tive escolha. Depois eu fui me encontrando, me acostumando, e me fixei definitivamente.

— Casou? — Ele me olhou nos olhos, depois voltou à atenção para o cadeado.

— Não, não. Só uns lances, mais nada. E você?

— Não e nem vou fazer isso. Quando você volta para lá?

— Fim de julho agora.

— Ah, tá...

E ficamos num silêncio incômodo, ele olhando o cadeado sem me dar abertura para perguntar nada, e eu olhando para ele, completamente desconfortável naquele sol que já começava a arder minha cara.

— Rafael disse que você tinha ido fazer compras, e que você é tio dele... — comentei e esperei pela resposta.

— Rafael disse isso? — Bryan franziu a testa.

— Sim, eu perguntei se ele estava precisando de alguma coisa já que a avó está no hospital, e ele disse que não, aliás, não precisava ter me

dispensado da responsabilidade da bicicleta. Eu sei que fui imprudente.

Bryan ficou calado olhando para os próprios pés.

— Rafael fala cada coisa, às vezes... — E depois dessa frase enigmática, ele mudou de assunto. — Você está trabalhando com o quê?

— Fotógrafo. Paisagens gélidas de inverno, paisagens lindas de primavera. E casamentos, aniversários, crianças. Principalmente crianças.

— Na primavera ou no inverno? — Ele perguntou com seu sorriso de zombaria.

— Em qualquer estação. É o meu ganha-pão, como costumam dizer por aqui. As fotos de paisagens são um hobby, mas não é muito rentável. E você, faz o quê?

— Eu tenho os imóveis que ficou da minha mãe, estão alugados, umas lojas. Claro que seria melhor se seus pais não tivessem se apropriado de parte do meu dinheiro, não é?

— Como você chegou a essa conclusão?

— Eu sei. Não tenho provas, mas sei. Quando tive acesso às contas, não tinha a quantidade que eu tinha ouvido falar quando minha mãe morreu. E eu precisava tanto dele...

— Desculpe, mas você pode estar enganado.

— É o que diz o seu irmão e todo mundo. Que eu estou enganado. Eu sei que é mais fácil e mais confortável pensar assim, afinal, o Bryan não sabe somar dois mais dois, como vai entender de dinheiro, não é?

— Eu não disse isso, me desculpe. Talvez você tenha razão. Eu não queria que as coisas tivessem sido desse jeito, mas aconteceu aquilo, minha mãe deu um jeito de me tirar daqui achando que as coisas seriam melhores para mim... acabou que não foi bem assim.

— Não foi bom lá?

— O começo foi ruim. Eu tive que trabalhar muito, em vários empregos, morar com um bando de estrangeiros. Não estudei e quando eles quiseram que eu voltasse, eu bati o pé e fiquei por lá. Resolvi ser independente, me virar sozinho. Não quis mais voltar.

— Entendo...

— Você também se virou sozinho, não foi?

— Sim. Eu tive ajuda, mas a maioria das decisões eu tive que tomar sozinho. E ainda tive que me defender de pessoas mal-intencionadas.

— Alguém te fez mal?

— Tentaram, mas no fim ficou tudo bem.

— O que te fizeram? Ou tentaram fazer?

Ele sorriu enigmático e abriu o portão.

— Passado, não vamos falar sobre isso. E se me dá licença, tenho coisas para fazer. Comida...

— Não posso entrar? — Me aproximei do portão que ele abria.

— Pra quê? — Dessa vez ele não foi rude, mas sarcástico. Sorriu sem me olhar.

— Essa casa é de tia Zuleide, e ela me convidou...

— Mas tia Zuleide não está. Quando ela voltar, você pode vir fazer sua visita.

Sorri e não respondi. Nem eu mesmo sabia o que queria fazer.

Nesse momento, a porta se abriu, e Rafael apareceu na varanda.

— Ué, você está aí ainda? Achei que já tivesse ido. — Ele ainda estava comendo biscoitos doces de pacote.

Bryan o olhou e balançou a cabeça em desaprovação.

— Rafael, vai tomar banho e deixe esses biscoitos. Come outra coisa mais saudável.

— Não preocupa não, paizinho. Biscoito é bom demais, tem vitaminas. — Sorriu para o Bryan e fechou a porta na cara dele. Aquele garoto tinha um jeito que com certeza devia irritar seus responsáveis. Mas uma coisa me chamou a atenção, claro que podia ser só uma brincadeira.

— Ele te chamou de Paizinho? Antes ele tinha te chamado de tio.

— É sacanagem dele, não liga não. Ele simplesmente não me leva a sério. — Bryan suspirou, cansado e aparentemente triste.

— É a idade... — Me aproximei e Bryan me olhou nos olhos. — Ele se parece contigo, até fala do mesmo jeito, todo petulante.

— É... Às vezes eu nem sei o que fazer.

— Sobre ele? — A gente estava perto um do outro, já na varandinha.

— É, também sobre ele... — Bryan colocou a mão na maçaneta para abri-la, mas se deteve me olhando. — Você pode ir embora, se quiser.

Segurei a mão dele para impedi-lo de girar a maçaneta.

— Não posso entrar?

— Ai, Léo...

A porta se abriu de supetão e nossas mãos foram puxadas para dentro. Me apoiei no Bryan para não cair. Rafael se assustou com a gente ali, olhou para mim, olhou para o Bryan, depois suspirou.

— Ah, então é isso, é? Fala sério! — Ele fechou a porta com força.

Bryan abaixou a cabeça e eu fiquei sem entender nada.

— Do que ele está falando?

— Ele fala cada coisa que você ficaria de boca aberta. Agora vai embora, por favor.

— Tá, mas quando a tia sair do hospital eu posso voltar?

— Claro, a casa é dela e eu não vou estar aqui mesmo! — E ele entrou sem se despedir.

Fiquei parado olhando a porta fechada a poucos centímetros do meu nariz. Claro que eu não era bem-vindo onde ele estivesse. Aquele encontro, aquela conversa, aquela despedida, tudo aquilo me deixou zozado e confuso, mas de uma coisa eu tinha certeza: eu tinha que conseguir uma forma de conversar com o Bryan novamente. E tinha que ser com mais tempo, com mais calma, sem dar chances de ele fugir. Tinha algumas coisas que eu precisava saber.

O fim de semana foi interessante. Meu irmão chegou no sábado à tarde e enfim eu pude conhecer meus sobrinhos Pedro e Paulo, duas criaturinhas muito sapecas. Beth, minha cunhada, era uma mulher bem vestida e cheia de finezas, mas simpática. E muito bonita. Ninguém diria que ela beirava os cinquenta anos. E o fato de ela ser muito fina fazia com que todos a julgassem erroneamente, mas depois de algumas conversas, acabei gostando dela.

Depois de me apresentar a família, Paulo me abraçou. De todos os abraços que recebi, aquele foi o mais emocionante, o mais forte, o mais dolorido. Chorei e ele também. Mesmo longe, mesmo sem nos falar, nós sempre fomos ligados. Ele era o mais velho e eu o caçula, ele era o responsável e eu o avoadado, embora nem sempre isso fosse verdade. Mas sempre senti a falta dele. O reencontro só reavivou nossa ligação.

Quando ficamos a sós, ele começou a me encher de perguntas sobre a minha vida. Ele sempre tinha sido assim: com os outros, ele falava de si, comigo, ele queria saber de mim. Mais tarde falamos sobre o Bryan.

— Você o viu depois que chegou? — Paolo perguntou. — Ele está bem diferente de quando você estava aqui.

— Vi sim, o encontrei no hospital onde levei tia Zuleide. Ainda bem que foi lá porque eu passei mal quando vi. Foi um choque imenso, eu o imaginava de outro jeito, nunca pensei que fosse encontrar ele assim tão... tão forte!

— Sim, ele começou um tratamento logo que você foi embora e acabou ficando daquele jeito. Emagreceu, cresceu, engrossou a voz. Na verdade, com esse tratamento, ele ficou intratável e terrível. Tinha que ver as cenas que presenciei aqui, os gritos, as acusações contra todos nós, as malcriações. Só podia ser efeito colateral desses hormônios. Claudina sabe melhor do que eu. Até ele sair de casa, foi assim.

— Ele disse que roubamos o dinheiro dele.

— Ele sempre fala isso, mas era ele quem roubava, pode perguntar à Claudina. O que sei é que ele brigou com todo mundo aqui e nunca mais apareceu. Eu mesmo o vi poucas vezes, e foi por acaso porque a cidade é um ovo e ele mora lá. É uma pena. Queria poder conversar com ele e saber como ele se sente.

Assenti, entristecido. Também queria.

No domingo, depois do almoço, minha cunhada levou as crianças para brincar do lado de fora enquanto o restante da família se reuniu para uma conversa muito aborrecida sobre a divisão de terras. Nem Paolo nem eu pretendíamos pôr qualquer tipo de entrave à decisão de papai, e o que ele propôs foi aceito por todos sem maiores discussões.

— Léo, se você quiser vender sua parte, fique à vontade, meu filho, eu só peço que dê a preferência à sua irmã, mesmo se ela não puder pagar à vista. Você sabe que nessas bandas as terras “valorizou” muito — meu pai disse na ocasião.

— Eu sei, pai. Não vou explorar ninguém. Vou combinar com Claudina um preço que ela possa pagar.

Paolo decidiu que não venderia a parte dele, mas também não questionou a decisão de papai. E nós deveríamos resolver sobre a compra de uma casa na cidade onde nossos pais iriam morar dali a alguns meses, já que eles estavam abrindo mão da fazenda em vida. Para nós era bastante vantajoso. O assunto se resolveu com facilidade e nós saímos sorrindo da sala, algo incomum numa divisão de bens entre irmãos.

Por volta das quinze horas, nós já não tínhamos mais o que conversar, as crianças estavam dormindo, e eu comecei a ficar com preguiça. Então peguei uma faca na cozinha e saí para os fundos da casa onde havia muitas laranjeiras. A maioria delas era antiga, exatamente do jeito que eu me lembrava, e era a época da colheita.

Estava distraído entre as árvores quando ouvi alguém se aproximando pelo lado oposto à estrada. Agucei os ouvidos e esperei. Dei a volta atrás de uma mangueira e avistei o recém-chegado: era o jovem Rafael que vinha sorrateiro com uma bicicleta novinha.

— Menino? — chamei e ele se assustou. Me diverti com a reação dele, que ficou vermelho e envergonhado. Se aproximou de mim.

— Você está aí escondido?

— Eu não estou escondido, estou apanhando laranjas. Quem chegou escondido foi você. O que quer?

— Quero falar com você. — Ele parou a bicicleta e se apoiou nela.

— Pois fale, chegando levinho assim eu vou pensar que você veio roubar laranjas.

— Claro que não. Eu só queria te perguntar umas coisas, se você não estiver muito ocupado...

— Pergunte.

Rafael coçou a cabeça, pouco à vontade para perguntar. Incentivei-o com gestos e com o olhar para que ele se abrisse.

— Ah, então... Seu irmão, ele mora em São Paulo faz muito tempo?

— Paolo? Sim, faz muito tempo, desde quando ele foi estudar, há uns vinte anos, mais ou menos.

— Ah, sim. E ele mora onde? Você sabe?

— O nome exato do lugar eu não me lembro, mas posso perguntar a ele, e claro, ele deve ter se mudado algumas vezes durante esse tempo. Mas por que você quer saber?

— Só queria saber se ele conhece a minha mãe.

— E por que não pergunta a ela?

— Ela diz que não se lembra. Ela é doida.

— Então pergunte a ele. Ele está aqui.

Rafael negou de uma forma tão veemente que me fez rir. Fiquei curioso

para saber o que ele queria. Mas nesse momento minha mãe chegou onde nós estávamos com uma cesta para apanhar frutas, o que nos obrigou a pausar o assunto. Quando viu o Rafael, ela falou com ele.

— Ei, rapaz, como está Zuleide?

— Ela tá melhor sim, senhora, terça-feira já vai estar em casa.

— Que bom! Eu vou lá fazer uma visitinha, viu? Fala para ela.

— Tá.

— E o Bryan está por aí?

— Tá não, senhora, ele foi pra Vitória.

— Ah, sim. E você está com quem? Sua mãe apareceu?

— Aham... — Rafael evitava olhar para minha mãe enquanto falava, olhava as laranjas como se estivesse escolhendo algumas, e não me pareceu muito convincente.

Até que minha mãe se despediu do Rafael e saiu, e ele se sentou perto de mim. Pediu minha faca e começou a descascar uma laranja. Tinha um olhar esperto e culpado.

— O Bryan viajou, é? — perguntei, já imaginando a resposta.

Rafael sorriu e me olhou. Os olhos azuis brilhantes e o nariz arrebitado, repleto de pequenas sardas, irradiavam peraltice.

— Não.

— E por que mentiu para a dona Gorete?

— É que o Bryan não gosta quando ela fica procurando por ele.

— Sei... E aí você o ajuda a se esconder mentindo. Muito bonito pra vocês dois! O que quer saber sobre o meu irmão?

— Ah, umas coisas... — Ele abaixou a cabeça envergonhado.

— Pode falar, eu não conto pra ninguém.

Rafael me olhou e sorriu, depois voltou a se concentrar na laranja.

— Quero saber quem é o meu pai.

Estreitei os olhos, espantado com a audácia. De fato, aquele menino falava coisas inacreditáveis.

— E acha que Paolo tem alguma coisa a ver com isso?

— Pois é...

— Pela sua idade, eu acho que não, a não ser que tenha sido nas férias, Paolo aprontava muito nas férias. Mas qual o motivo das suas suspeitas? Alguém te falou alguma coisa?

— Ele mora em São Paulo há muito tempo...

— Ah, você nasceu lá? Bem, há milhares de homens em São Paulo. Eu imagino como deve ser difícil não saber uma coisa tão importante como o nome do pai, mas não é por aí.

Rafael balançou a cabeça negativamente, depois me estendeu o braço, ainda mais envergonhado.

— Eu sei que isso pode não ser nada, mas olha... — Ele me mostrou o pulso esquerdo onde havia uma manchinha marrom-claro no formato de uma framboesa.

— Sim, uma manchinha. E daí?

— Ele tem uma igualzinha — Rafael confidenciou como quem sabe um segredo de estado. — E no mesmo lugar!

— Paolo?

— Aham. Você nunca viu?

— Sim, eu já vi, mas isso pode ser coincidência. Eu também tenho uma nas costas e nem por isso...

— Eu sei que pode ser coincidência, mas não é só isso. Meu avô, que já morreu, falava que eu sou daqui. — Rafael apontou para a casa de meus pais. — Eu era pequeno, mas não esqueci o que ele dizia.

— Quem era seu avô?

— Seu Arthur, ele era o pai da Andressa. — Ele não chamava a mulher de mãe.

— Por que ele dizia isso?

— Não sei. — Ele me entregou a faca e então sorriu, matreiro. — Ei, se você não tivesse viajado, podia ser você!

Ri alto, estava me divertindo demais com a conversa. Sentados no tronco de uma antiga jaqueira que tinha sido derrubada, nós dois disputávamos a faca para descascar as laranjas e espantávamos os mosquitos. Ainda era dia, mas eles sempre estavam embaixo das árvores.

— Bem, isso é pouco provável porque eu nem conheço a sua mãe. E já aviso logo que não tenho dinheiro pra te pagar pensão.

— A não ser que o Bryan esteja mentindo — continuou Rafael. — Ele é bem capaz disso.

— O Bryan? Por que?

— Ele vive cuidando de mim, mas diz que não é meu pai.

— Ele não mentiria para você se fosse.

— Eu sei, ele diz que não pode ter filhos porque tem problemas de saúde, mas a verdade é que ele é... — Rafael fez um gesto muito conhecido com as mãos. — Sabe?

— Oi?

— É gay. E você não precisa fingir que não sabe, já vi você indo atrás dele e não era para conversas de primo. Relaxa, bobo, eu não ligo. Mas o Bryan pensa que eu não sei dos esquemas dele.

— O Bryan tem esquemas, é?

— Tinha, pelo menos. Não precisa ficar com ciúmes.

Eu me divertia, mas meu pensamento dava voltas com tudo o que aquele menino falava. E como falava! Além disso, havia o fato de que o Bryan realmente não podia ter filhos, e talvez o garoto não soubesse de todos os detalhes.

— Que ciúmes? E por que você chama ele de tio? Ele não é seu tio.

— Ele meio que me criou porque minha mãe foi embora, sabe. Eu queria que você falasse com ele.

— Com Paolo? Eu falo, quando ele estiver longe da Beth, eu falo. Ele vai morrer do coração, já estou até me divertindo com isso.

Rafael coçou a cabeça e sorriu, desconfortável.

— Com o Bryan. Eu queria que você falasse com o Bryan. Ele sabe de coisas que não quer me falar.

— Tipo o quê?

— Tipo porque Andressa esconde o nome do meu pai. Eu sei que ele deve ser casado e ter outros filhos...

— Talvez ele não saiba mesmo.

— Claro que sabe, ele sempre sabe de tudo. Vó Zuleide também deve saber, mas com o Bryan eu achei que você pudesse ajudar já que é todo amiguinho dele.

— Bom, somos primos, não amigos. Ele nem tem boas lembranças de mim.

— E você me deve uma... — Rafael começou.

— Sim, espertinho, eu sei que você veio me cobrar. Mas eu ajudo. Se puder, eu ajudo. Só preciso de uma oportunidade. — Então eu tive uma ideia. Era a minha chance. — Ei, se o Bryan não viajou, onde ele está?

— Na casa dele, na cidade.

— Hum, será que ele me receberia bem por lá? — perguntei numa espécie de confiança e Rafael sorriu. Se eu queria mais contato com o Bryan, o garoto poderia me dar uma bela desculpa. Resolvi arriscar.

— Com certeza que não receberia, mas você pode ir comigo. Duvido que ele não te deixe entrar. Depois eu saio, se você quiser.

— Quando podemos? — Fiquei subitamente animado.

— Qualquer hora, hoje é domingo mesmo. O Bryan sai pouco.

— É uma ideia interessante.

Rafael me estendeu a mão num súbito acesso de entusiasmo e eu a apertei. Ele foi embora com sua bicicleta nova e eu fui tomar banho para encontrá-lo depois. Me arrumei um pouco nervoso por causa da possibilidade de o Bryan bater a porta na minha cara, mas eu não recuaria de modo algum. Oportunidades como aquela não deveriam ser desperdiçadas, além disso, eu estava mesmo interessado na história do garoto.

Por que será que o avô do menino dizia que ele era daquela casa? O que ele sabia sobre nós? Será que meu pai tinha andado pulando a cerca? Não, era demais para mim. O velho tinha mais de setenta anos. Só podia ser o Paolo. Ou então... Não, não havia chances.

Quando falei com meus familiares que eu ia dar uma volta pela cidade, todos ficaram de risinhos querendo saber se eu já tinha encontrado alguém. Revirei os olhos. Passam-se anos, mas a família não muda.

Parei próximo à casa de tia Zuleide e entrei procurando o Rafael. Estava sem jeito e completamente deslocado. Havia três mulheres lá, duas eu tinha visto no hospital, a outra eu não conhecia. Essa tinha cabelos compridos e descoloridos, sobrancelhas artificiais, e usava um batom forte. Não pude deixar de reparar no calçado que ela estava usando: tênis prateado brilhante. Meus olhos doeram. Ela estava sentada no sofá ao lado de Rafael, os dois viam alguma coisa no celular e riam. Quando Rafael deu pela minha

presença, se levantou com a mochila que tinha no colo.

— Oi, Léo, essa é a Andressa. — Ele fez um aceno de cabeça para me apresentar a mulher, que era bem jovem, por sinal.

— Ah, sim, sua mãe, né. Prazer!

A Andressa se levantou ajeitando o short jeans nas coxas grossas. Era uma figura muito chamativa.

— Você que é o Léo? Já ouvi falar muito de você! — Ela sorriu.

— Espero que não tenham falado mal.

— Não, não. Tia Zuleide só fala bem de você.

— Que bom! — Fiquei sem graça.

Rafael percebeu meu embaraço e sorriu de forma zombeteira para a mulher. Me puxou pelo braço para sairmos.

— Ele quer ver o Bryan, eu vou lá com ele. — Tive a impressão de ter ouvido um “ver” muito acentuado e sorri para mim mesmo.

— Realmente, eu não conhecia a sua mãe — comentei já no carro. — Não sou o candidato adequado para ser seu pai.

— Piriguete, né. Você viu?

— Olha o respeito, menino! É a sua mãe.

Rafael deu uma risada.

— Ih, ela mora longe, só vem no Natal e olhe lá. Só veio hoje porque vó Zuleide está doente. Ela nem liga pra mim.

— Poxa, que chato!

— Ah, eu não me importo.

Chegamos ao endereço que Rafael me indicou, um prédio de quatro andares com a fachada revestida de pastilhas em dois tons de verde e sacadas de vidro, também verde. As lojas do térreo estavam fechadas por ser domingo e quase não tinha movimento na rua.

Rafael pegou uma chave na mochila, abriu o portão e subiu tranquilamente. Já eu estava cada vez mais nervoso e começando a achar a ideia dele uma roubada. Apenas dois trechos curtos de escada e ele introduziu outra chave na fechadura, e o que eu ouvi foi meu coração batendo cada vez mais rápido. Tinha quase certeza de que seria enxotado, Bryan havia deixado bem claro que não queria falar comigo e não gostaria que eu o procurasse no seu lugar de sossego.

Rafael entrou e eu hesitei.

— Vem logo! — Ele chamou.

Entrei e fechei a porta com cuidado. Olhei em volta. Não havia ninguém na sala nem na arrumadíssima cozinha americana, mas dava para sentir que tinha alguém por perto. O garoto pôs a mochila no sofá e foi para o interior do apartamento. Pela desenvoltura, ele devia estar se sentindo na própria casa. Agucei os ouvidos e então ouvi um chuveiro ligado.

— Rafael? — a voz de Bryan ecoou pelas paredes. Ele estava mesmo no banho.

— Sim. Eu vim de carona, pode deixar.

— Com quem?

— Um pessoal aí. Hein, tem um cara aqui, amigo seu.

O chuveiro foi desligado e tudo ficou em silêncio. Eu estava nervoso e Rafael se divertindo descaradamente.

— Ah, já estou indo — Bryan respondeu com uma voz diferente.

— Vou na rua, tá bom?

— Leva o celular e se cuida, viu?! E atende se eu te ligar!

— Tá bom! — Rafael respondeu gritando, já na escada.

Precisei me sentar sem ser convidado porque minhas pernas tremiam sem parar. Ouvi uma porta se abrir e abaixei a cabeça de vergonha. O sofá ficava fora da visão de quem vinha lá de dentro.

— Por que veio sem ligar? — Bryan falou. Ele estava no corredor.

Antes que eu pudesse responder, ouvi uma porta se fechar. Continuei calado sem entender nada. Minutos depois, ouvi passos se aproximando, mas o que chegou primeiro foi uma onda de perfume muito bom. Aspirei aquele cheiro e ia me levantar para me apresentar quando ele disse algo que me deixou completamente aturdido.

— Ai, Everaldo, o que deu em você hoje, hein? Por que veio a essa hora e sem avisar?

Então ele apareceu na minha frente. E o ar me faltou.

— Me desculpe! — falei, me levantando todo sem graça.

— Não, eu não desculpo! O que você está querendo aqui na minha casa, Leonardo?

Abaixei a cabeça enquanto o Bryan me olhava com os olhos faiscando de raiva e com as mãos na cintura. Eu não sabia o que responder.

Senti algo preso na minha garganta e meu coração batendo forte. Levantei a cabeça e vi o Bryan de braços cruzados batendo o pé no chão, um gesto que demonstrava impaciência. Ele estava bem vestido e cheiroso, claro que tinha planos diferentes para aquele fim de domingo.

— Eu estava querendo conversar contigo, desculpe vir sem avisar. Você está esperando seu namorado? Everaldo, né. — Não pude deixar de sorrir ao pronunciar aquele nome, mesmo o bichinho do ciúme começando a incomodar.

— Te interessa?

— Eu posso esperar para conversar outro dia, se você quiser, é claro! Porque, mesmo que você esteja namorando, a gente ainda pode conversar, não pode?

— Conversar? E o que a gente teria para conversar?

— Rafael me pediu para...

— E por que fica usando o Rafael para me procurar? Não é homem pra tomar a iniciativa sozinho?

— Na verdade, foi ele que me procurou. — Entreguei o garoto.

Bryan estreitou os olhos e se sentou numa cadeira.

— Te procurou? Pra quê?

— Bom, ele acha que eu posso ajudar...

— Sim?

— A te convencer a dizer quem é o pai dele.

Ele suspirou e se levantou. Olhou para mim com cara de raiva.

— E aí você aproveitou...

— Não vou mentir. Eu queria mesmo te ver, mas ia esperar um pouco mais. Eu sei que você não quer papo comigo, mas...

— Então o que você está fazendo aqui? — Bryan recuou quando eu cheguei mais perto. Foi até a pia, pegou um copo e bebeu água da torneira.

— Não aguentei, tive que vir quando Rafael me chamou. Eu estava com saudades sim...

— Rafael te chamou para quê, exatamente? Não invente coisas.

— Ele acha que a gente é..., digamos, velhos conhecidos. — Revirei os olhos e sorri. — E que talvez eu saiba de coisas que você não quer falar com ele. Juro que não tive nada a ver com isso, a única coisa que eu fiz foi concordar. Eu não ia inventar uma coisa dessas só pra vir aqui. Poxa, antigamente a gente se dava tão bem. Eu tenho muito carinho por você.

— Rafael! Ele está cada dia mais impossível! — Bryan lavou o copo e acabou deixando-o cair no granito da pia. Fez barulho, mas não quebrou. — E você? Tá querendo o quê? Brincar de casinha e depois ir embora me deixando com os problemas, como fez da outra vez? Eu não sou mais aquele menino bobinho não!

— Eu sei. Eu nunca imaginei que as coisas pudessem acabar daquele jeito. Acha mesmo que se soubesse que você... — Abaixei o tom e olhei para os lados. — Se eu soubesse que você podia engravidar eu não teria feito aquilo, ou teria tomado cuidado. E de tanto todo mundo repetir que a minha ajuda não servia pra nada, que eu só atrapalhava, eu acabei desistindo. Você mesmo não quis que eu fosse te ver no hospital!

Bryan abaixou a cabeça, depois me olhou com os olhos marejados.

— Acha que eu estava bonitinho para receber visitas lá no hospital? Eu não queria ver ninguém, só queria acabar logo com aquilo. Eu estava horrível, queria morrer!

Meu coração apertou quando o vi limpar as lágrimas que caíam.

— Eu imagino, mas a mãe disse que você só ficou gordinho, que não dava pra ver muita coisa.

— Eu fiquei enorme, tá? Inchava até os dedos e os olhos, sentia dores e não aguentava andar. — A voz dele saiu embargada e eu comecei a chorar também. — Eu achei que fosse morrer. Eu só tinha quinze anos!

— Mas eu não podia fazer nada! — Quis tocá-lo, mas ele se afastou. — Eu nunca entendi porque demorou tanto, eu perguntava toda vez que ligava e sempre diziam que ainda não. Olha, se eu pudesse... Se pudesse, eu teria feito alguma coisa para que você não sofresse tanto.

— Será que teria feito mesmo? — Bryan pôs as mãos na cintura. — Você não pensou em mim, ninguém pensou em mim, só pensaram em se livrar dos problemas, e todos se livraram, né?! Todos se livraram! Você foi lindamente viajar e aparece agora, depois de dezesseis anos, como se tivesse sido ontem! “Oi, Bryan, como vai você?” Vá se foder!

Ele falou alto, quase gritando e eu abaixei a cabeça, derrotado. Ele tinha

razão. Ainda que eu não pudesse fazer muita coisa em relação ao que ele passou naquela época, eu pensei primeiro em mim, nunca voltei para saber como ele estava, e ele tinha todo o direito de me odiar. Dei dois passos para trás e me virei em direção à porta. Eu tinha pensado em tanta coisa para falar, tantas perguntas para fazer, mas com dois minutos ele tinha me feito voltar à realidade. Ele me odiava. Se em mim aquele assunto nunca tinha sido, de fato, curado, nele as feridas ainda sangravam.

Lágrimas grossas e doloridas saíram dos meus olhos e quanto tentei falar, minha voz saiu embargada. Meu peito doeu. Talvez eu estivesse mesmo precisando ouvir da boca do Bryan o quanto eu tinha sido cafajeste e inútil para enfim botar pra fora tudo o que eu sentia. Antes de chegar na porta, eu me virei.

— Se você não quer falar comigo, tudo bem. Eu sei que você tem mágoas em relação a mim, e com toda a razão, afinal eu era o seu único apoio naquela casa e não ajudei em nada, aceitei a decisão dos meus pais e sumi quando você mais precisava. Eu fui covarde e me acomodei. Eu não vou mais te incomodar, vou voltar lá pra casa..., mas saiba que eu nunca quis me afastar. Eu não teria ido embora se eu soubesse o que fazer. Eu nunca soube o que fazer! — Abaixei a cabeça para deixar as lágrimas caírem e quando abri os olhos, o Bryan estava na minha frente. Ele estava mais calmo.

— Eu não odeio você — ele disse, por fim. — Tenho mágoas, mas não te odeio. Sei que você é apenas um tonto covarde.

— Você nunca quis falar comigo...

Bryan voltou a se afastar quando eu disse isso.

— Nas duas únicas vezes em que você ligou e pediu por mim? Não, eu não quis. Eu não tinha o que falar com você pelo telefone e com a sua mãe no meu pé, mas esperei que você fosse voltar em, sei lá, dois anos, ou que fosse se lembrar que eu existia quando inventaram a internet, mas não, você simplesmente sumiu. Imaginei que estivesse casado, cheio de filhos...

— Não, não. Eu nunca te esqueci, eu juro. Eu só não sabia o que fazer, o que dizer, eu só fui... ficando. E o tempo foi passando.

— É, o tempo passou. Muitas coisas aconteceram nesse tempo e você não viu. Vem, senta aqui. — Ele me indicou o sofá e se sentou ao meu lado.

— Você mudou muito. Eu imaginava que depois, você sabe, que depois daquilo você ficaria diferente. O seu corpo, eu quero dizer. Quase morri de susto quando te vi assim. Só esse seu jeito que não muda. — Sorri ainda derramando lágrimas. — Eu lembro quando você brigava comigo e me jogava pedra nas costas...

— Você sempre foi um idiota! — ele disse sorrindo e revirando os olhos. — Se você tivesse visto metade do que aconteceu naquela época, teria caído no chão como uma jaca podre e nunca mais se levantado.

— Poxa, não fale assim.

Ouvimos uma musiquinha, era um celular tocando. Bryan foi até o painel de TV, pegou o aparelho e digitou alguma mensagem, depois voltou a se sentar olhando as próprias mãos em silêncio.

— Estou incomodando, não é? — falei. — Você se arrumou para outro tipo de encontro.

— Pois é, mas já que veio... Vamos conversar. Nós temos muito o que conversar.

— Certo. Vamos conversar.

Depois que nos sentamos para conversar, o que aconteceu foi nós dois ficarmos sem ter como iniciar a conversa, um olhando para o outro. Ele se mexia, se inclinava e reclinava no sofá, eu tinha que entrar no assunto do Rafael, mas não sabia como, e ele também parecia querer dizer alguma coisa. Sorrimos um para o outro ao perceber o embaraço mútuo. O rosto dele ainda estava vermelho por causa do desabafo, e os olhos brilhantes por ter chorado.

— Sabe, um dia eu fui num evento lá no Canadá e assisti a um show do seu xará — comentei depois de titubear por algum tempo. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Que xará?

— Bryan Adams. Só fui porque ouvi dizer que seu nome foi em homenagem a ele. Lembrei na hora, bateu saudade... De verdade.

— Sei..., mas sabe de uma coisa? — ele disse com um meio sorriso. — Meu nome não é Bryan. É bom você saber disso.

— Não? — Fiquei surpreso e minha voz saiu exagerada. Era uma grande novidade.

— Não, não, meu nome é Rafael. Meu nome original, antes da sua tia mudar para o nome desse cara aí.

— Desculpa, é que você nunca disse, e às vezes eu me esqueço de que você teve uma história antes. Mas que bom que resolveu me contar.

— Eu não pensava nisso naquela época, só lembrei muito tempo depois. Ficar sozinho no hospital faz umas coisas com a cabeça da gente.

Ficamos em silêncio novamente. Eu queria conversar, mas ele

permanecia calado, mexendo as mãos de um jeito nervoso. Lembrei de uma coisa e me virei de repente.

— Mas que coincidência! O nome do menino...

Bryan riu e elevou a cabeça até o encosto do sofá, se esticando e olhando para o teto.

— Claro, seu idiota! Você já sabe disso desde que chegou.

— Sei o quê?

— É ele.

— Ele o quê?

— O meu filho... — Bryan disse baixinho e olhou para frente.

— Mas, como? — Minha cabeça ainda não tinha processado, e aos poucos, a ficha foi caindo. Senti minhas vistas escurecendo e passei as mãos trêmulas pelo rosto. — Ele fez aniversário...

— Léo, é melhor você parar com isso, juro que deixo você desmaiar aqui e nem chamo o socorro! — Ele falou bravo, mas não parecia zangado, apenas preocupado.

— Bryan, por favor! — Fui para o chão e me sentei perto das pernas dele olhando-o nos olhos. — Me diga como isso é possível, porque eu não estou processando bem. Você ficou...

— Tenta se acalmar. Quer água gelada?

Neguei.

— Mas você abortou. Fez uma cirurgia.

— Eu fiz uma cesárea, seu tonto. Nunca calculou o tempo que eu passei no hospital? Claro que não! Os Leonardi não sabem fazer contas quando o assunto sou eu. — Ele riu desdenhosamente. — Ninguém nunca se importou em saber se era possível ou se era adequado fazer o aborto. Nunca se importaram. Só queriam se livrar de mim e do meu filho.

Abaixei a cabeça e me calei. Bryan fez uma pausa, depois continuou:

— Sabe o doutor Alberto, aquele médico mal-humorado que a gente foi primeiro, lá no hospital velho?

— Claro, nunca me esqueci do susto que ele levou quando pôs a mão na sua barriga. Mas depois ele me botou pra correr do consultório, você ficou sozinho lá e não me falou o que ele disse.

— Quando você saiu, ele me examinou todo, mesmo eu estando com

medo. Aí ele disse que devia ser um caso único no mundo porque eu realmente tinha genitália masculinizada, mas tinha algo na minha barriga. Então ele passou em mim uma coisa fria e um aparelho, e disse que deviam ser mais de vinte semanas.

— Vinte semanas o quê?

— Vinte semanas de gestação. Deviam ser mais. Eu fiquei desesperado quando ouvi os batimentos cardíacos do bebê. Ele disse que eu corria um risco muito grande e depois passou o caso para o irmão e a cunhada.

Assenti.

— Eu suspeitei que aquele maluco tivesse descoberto tudo antes do irmão. Mas você não falou nada...

— Não, eu não quis falar nada, para mim aquilo era o fim do mundo. Eu não pensei mais naquele número, sabe, me agarrei à promessa de que ia ficar tudo bem quando me levassem para Belo Horizonte, que logo iriam resolver a situação, mas não, eles foram adiando e adiando. Diziam que era perigoso, que antes eu precisava tomar progesterona e vitaminas e soro e mais soro. Fiquei isolado no hospital, na verdade era uma clínica ou uma casa de saúde, não sei, pouca gente sabia do caso, e um médico veio conversar comigo. Ele queria me convencer a não retirar os órgãos femininos na cirurgia, que eu poderia precisar deles mais tarde, que eu poderia mudar de ideia, essas coisas. Aí eu pensei com mais calma no que estava acontecendo, e comecei a achar que havia algo errado, que estavam mentindo para mim.

— Mentindo? Por quê?

— Engraçado que quando uma garota está grávida todo mundo quer saber do tempo de gestação, mas no meu caso, a única pessoa que falou sobre isso foi o doutor Alberto, mas ele parecia maluco e ninguém o levava a sério. E ninguém mais, ninguém perguntou, ninguém esclareceu nada sobre isso. Ninguém me explicou sobre o tempo.

Lembrei que perguntei sim à mamãe, mas sabia que aquilo era pouco, então resolvi me calar. Bryan suspirou e continuou, sem me olhar.

— A boa doutora Margareth e seu marido bonzinho, uns sem-vergonhas, na verdade, mas ela era pior. Eu confiava neles, nunca questionava nada. Eu estava sozinho e as pessoas que me tratavam na ausência deles não ajudavam. Eles sabiam que estava tudo bem e foram me medicando até poderem fazer a cirurgia com segurança. Com segurança para roubarem o meu filho.

— Roubaram o bebê? — Gritei. O que ele dizia fazia todo o sentido. A

demora, a falta de informação e a falta de datas.

— Por que o susto? Eu queria me livrar dele, você também, sua mãe então, nem se fala. Os médicos se aproveitaram da minha falta de conhecimento sobre o meu corpo, do meu desespero, e principalmente da falta de alguém da família. Eu dizia que não queria o bebê e isso foi suficiente para eles, eu não recebi o tratamento que eu precisava. No dia 29 de julho eu passei mal, minha pressão subiu de repente, lembro que fui às pressas pra cirurgia e só acordei muitos dias depois. Sem a barriga.

— E como foi que você conseguiu tê-lo de volta?

— Pessoas boas, apareceram algumas no final das contas. Eu fiquei confuso por alguns dias, quando acordei direito tinha muita gente lá, sua mãe, sua irmã, até tia Zuleide. Nesse dia eu vi a situação de uma forma diferente, sabe? Tia Zuleide ficou lá comigo como acompanhante, eu falei com ela que alguém tinha me enganado e roubado o meu filho. Ela falou com umas pessoas que trabalhavam lá, mas elas disseram que eu estava com depressão, com sequelas da cirurgia, diziam que pessoas nas minhas condições nunca têm filhos, essas coisas, mas ela acreditou em mim. Cuidou de procurar o doutor Alberto aqui, e eles deram jeito em tudo.

— Doutor Alberto?

— É, o gêmeo do bem. Um bom homem, me ajudou em tudo. Pena que as pessoas boas se vão tão cedo...

— Ele morreu?

— É... — Bryan suspirou enxugando uma lágrima. — Ficou doente e não se tratou. Não é irônico?

Abaixei a cabeça e deixei que as lágrimas caíssem pensando em tudo o que tinha acontecido com o filho da minha tia Rosana. Falta de tratamento adequado, falta de apoio em casa, pessoas inescrupulosas no hospital onde estive por muito tempo sozinho, e ainda assim ele estava ali na minha frente, tão forte. E alguém vinha subindo as escadas cantarolando...

— Enxuga essa cara e aja naturalmente — disse Bryan, já de pé, indo em direção a um dos quartos. — Depois a gente termina essa conversa!

Rafael abriu a porta fazendo um ruído que ecoou pelo apartamento. Quando me viu, ele deu um sorriso, mas ficou sério logo a seguir. Eu ainda estava no tapete da sala, praticamente de joelhos e, embora tivesse enxugado o rosto, estava mais do que na cara que eu estava chorando.

— Tá tudo bem? — ele perguntou me olhando de soslaio. Encostou a

porta sem barulho.

— Tá sim, não se preocupe. — Me levantei do chão e me sentei numa cadeira avulsa.

— Mas por que...?

— Ah, isso? — Apontei para o meu rosto. — São tantas emoções!

Rafael riu e se aproximou olhando para o corredor.

— Hum, entendo... Vocês se conhecem muito mesmo, né?

— É, bastante.

— Legal. Aproveita e fala com ele daquilo que eu te falei.

— Ah, sim... Eu vou perguntar sim, está bem? — Garanti enquanto meu coração batia descompassado.

— Cadê o Bryan? — Rafael perguntou desconfiado.

— Não sei, deve ter ido no quarto.

— Sei... — Rafael riu e foi atrás dele. — Tiiio? Quero uma blusa, tá frio pra caralho lá fora!

Bryan apareceu normal, como se nada tivesse acontecido.

— Pega lá no seu quarto. Mas você vai sair de novo? — ele falou com as mãos na cintura, de um jeito engraçado que lhe era peculiar.

— Ué, tá cedo ainda. E você tem visita. — Rafael me apontou com o polegar, por cima do ombro

— Não, acho que o Leonardo já vai logo, logo.

— Mais tarde eu volto, pode continuar conversando com ele.

Ele entrou em um quarto. Bryan permaneceu onde estava e nem olhou em minha direção; eu me ajeitei melhor na cadeira e também evitei olhá-lo. Rafael saiu minutos depois usando um casaco preto maior que o número dele e se despediu de mim e do Bryan com um sorriso suspeito. Ficamos em silêncio por algum tempo depois que ele saiu.

— O que ele falou com você? — Bryan perguntou ao se sentar.

— Hum? — Eu não soube o que responder.

— Não precisa se fazer de desentendido, eu sei que ele te disse alguma coisa logo que chegou, e cheio de confiança!

— Como você sabe? — Olhei-o nos olhos. — Ele veio me lembrar de te perguntar sobre aquele assunto. Ele está me cobrando...

Bryan suspirou, apoiou os cotovelos nos joelhos, e ficou olhando para frente, pensativo. Depois me olhou, decidido.

— Vamos ter que resolver isso, ouviu? Quando o Rafael começa a questionar alguma coisa, ele não para até conseguir uma resposta satisfatória. E quando ele não fica satisfeito com a resposta, continua a perguntar, perguntar, até que você se contradiz e é obrigado a dizer a verdade. Ele é muito esperto, ouve e observa tudo, de uns tempos pra cá está impossível manter as coisas escondidas. Ele me faz perguntas e mais perguntas e depois usa minhas respostas contra mim.

— Promotor? — Ri. — Sabe, hoje ele me apareceu querendo saber se Paolo era o pai dele. Porque ele viu que Paolo também tem uma manchinha no braço.

— Paolo? — Bryan revirou os olhos e pôs a mão na testa de um jeito engraçado. — É verdade, e eu nem sei como Rafael sabe disso, eles se viram em pouquíssimas ocasiões. Ele sempre procura uma ligação. Acredita que ele chegou a perguntar ao idiota do Jailton se ele conhecia a Andressa? Ele tinha uns dez anos.

— Até o Jailton? — Dei risadas apesar do meu nervosismo. — E como vai aquele sujeito?

— Se casou com aquela Cíntia que gostava de você, faz tempo já, e continua na terra dele. É um homem de sorte e de azar. — Não entendi e ele continuou: — Sorte porque a Cíntia é uma boa pessoa e uma mulher muito bonita. E azar porque a filha deles saiu a cara do pai! — Ele riu alto jogando a cabeça para trás.

— Você é malvado e fala o que não deve, viu! — falei em tom de brincadeira, mas era a pura verdade. — E o Rafael faz a mesma coisa.

Bryan sorriu de um jeito sapeca e aquele sorriso me despertou uma lembrança recente.

— Sabe, quando eu cheguei aqui e vi Rafael na estrada, na hora ele me pareceu muito familiar. E quando eu vi você chegando lá no hospital, vocês dois juntos, na hora me veio à cabeça... Os mesmos traços, o mesmo sorriso sapeca, o olhar inquieto, o mesmo modo de falar... — Me recordei o que tanto tinha me chamado a atenção no nosso primeiro contato.

— Verdade?

— É... Ele me lembrou você...

Voltamos a ficar em silêncio, olhando nos olhos um do outro. Bryan pegou o celular, colocou-o ao seu lado no sofá, depois sorriu novamente.

— Espera até ver os dedos dos pés dele!

— Que que tem?

— São esquisitos que nem os seus, compridos. E outras coisinhas também. — Ele viu que eu fiquei pensativo. — Isso te assusta?

— Bastante, não vou mentir. Mas acho que qualquer um se assustaria, encontrar o menino já grande assim. Mas o susto maior eu tomei há muito tempo, quando o doutor Alberto disse que você tinha engravidado. Se eu não enfartei naquela hora...

Quando falei isso, Bryan arregalou os olhos e ele se levantou num pulo, indo até a porta. Abriu-a sem dificuldades, pois estava apenas encostada, e olhou a escada. Depois voltou para o sofá, pálido e silencioso.

— O que foi? — perguntei apreensivo.

— Você ouviu o portão bater quando o Rafa saiu?

— Não me lembro. Você acha que ele não saiu?

— Acho que sim, mas... Não, impossível, ele não faria isso comigo. — Bryan empurrou a porta de vidro para olhar da varandinha, depois fechou-a juntamente com as cortinas.

— E se ele ouviu? — insisti.

— Não, ele deve ter saído sim, é que quase sempre ele bate o portão, mesmo eu pedindo para ele não fazer isso.

— Hum... — Suspirei e me ajeitei no sofá. — Olha, seu celular está vibrando de novo.

Bryan pegou o aparelho de forma que eu não pudesse ver a tela. Digitou alguma coisa e colocou-o no assento, atrás de uma almofada.

— É o seu Everaldo? — Tentei não rir dessa vez.

— Pois é... — Ele respondeu de má vontade, sem me olhar.

— Sério mesmo que você tem namorado? Nunca imaginei.

— Sua imaginação é bem limitada então. Eu tenho um lance aí, mas é bem na moita, ninguém sabe. Eu prefiro assim e ele também.

— Entendo. Assim é melhor mesmo. — Embora o Rafael soubesse dos “esquemas” dele. Não devia ser tão discreto assim.

Ele continuou calado e eu aproveitei para entrar no assunto mais importante da noite. Aquilo eu tinha que saber.

— Bryan, como eu disse, no momento em que vi você e Rafael juntos, eu lembrei daquela consulta, do doutor Alberto, da gravidez. Mas depois me falaram que Rafael tinha mãe, uma sobrinha-neta de tia Zuleide, inclusive eu acabei de ver a mulher, e tudo me pareceu bem explicado e que eu apenas tinha ficado maluco. Mas agora... De onde saiu essa Andressa, meu Deus?

— Bom, é uma longa história. — Ele bocejou.

— Quero saber.

— Ok, talvez não seja tão longa assim e dê tempo de te contar. Quer um café? Nem te ofereci nada, né. Me desculpe, eu não costumo ser tão mau anfitrião assim.

— Eu estou bem, mas estou ansioso. Deixo o café para a próxima. Pode começar a me contar?

Fui para o sofá para ficar mais perto dele, que estava no canto, virado de lado, olhando as próprias mãos. Até que ele me olhou e começou...

— Foi assim que aconteceu a coisa toda: quando eu fui para Belo Horizonte, eu estava crente que voltaria para casa logo, todo mundo estava, na verdade. Mas o tempo foi passando e passando e nada de resolver e eu fui aumentando de tamanho e por fim eu passei muito tempo sem ver ninguém conhecido, só mesmo a doutora Margareth, que era quem mantinha a sua mãe informada, ou não, do que estava acontecendo. Eu comia, dormia e caminhava com dificuldades, acho que estava numa casa de saúde que ficava perto de um hospital grande.

“No dia em que eu passei mal, foi tão rápido que eu não sabia o que estava acontecendo. De repente me levaram às pressas para o centro cirúrgico e as pessoas que estavam lá eram todas desconhecidas, não eram da casa que eu ficava e nem daqui, e não vi muita coisa porque eu apaguei logo. Não tenho certeza se foi a Margareth quem fez a cirurgia. Quando acordei, eu já estava num quarto de hospital de verdade, com outros pacientes por perto, com soro e máquinas por todo o lado. Alguém falou em apendicite, outros falaram em tumor, mas o fato era que eu estava com a barriga cortada, sendo tratado por enfermeiros. Foi mais um tempo até me dar conta de que eu não estava doente e que se tivesse sido um aborto, eu não estaria com um corte enorme e costurado na barriga. Falei com as enfermeiras e elas riram de mim, falei com um médico e ele disse que eu estava com depressão e crise de identidade. Quando me senti mais lúcido, entendi o que tinha acontecido: eu tinha sido enganado, o tempo todo.

“Quando seus parentes apareceram lá, preferi não falar nada com eles, mas falei com tia Zuleide quando ela ficou sozinha comigo. Falei e chorei,

imaginando que ela fosse achar que eu estava doente da cabeça e contar para a megera da sua mãe. Mas não, ela acreditou em mim. Foi um alívio alguém acreditar em mim depois de tudo, porque até eu já estava duvidando do que tinha acontecido, e acho que era isso o que eles queriam. Pessoas que têm condições parecidas com as minhas nunca têm filhos. Ela também tentou encontrar informações no hospital, mas ela é muito simples, as pessoas não a levam a sério, e então, quando viemos para a casa dos seus pais, ela foi ao Pronto Socorro, o doutor Alberto estava lá, doido como sempre, e ouviu tudo o que ela tinha a dizer. E ele deu um jeito de saber a verdade. Está entendendo tudo o que eu estou falando, Leonardo?

— Sim, sim. Por favor, continue. O que tinha acontecido?

— Como era de se esperar, o irmão dele e a cunhada sabiam onde estava o meu filho. Ele estava internado num hospital particular de BH, não tinha recebido alta ainda. Estava muito frágil e precisava de cuidados. Eu fiquei feliz em saber que ele estava bem, eu não tinha ideia do que ia acontecer depois, mas saber o que tinha acontecido me deixou aliviado. Tia Zuleide me dava os recados, a sua mãe não podia saber de nada. Se passaram mais quinze dias e então a doutora Margareth apareceu querendo que eu tomasse uma decisão. O Doutor Alberto tinha exigido que eles me consultassem e respeitassem a minha vontade, e ela veio fazer isso. Só que eu não tinha tomado nenhuma decisão e ela ficou me pressionando. Disse que queria registrar o menino, comprar coisas para ele, e eu estava empatando. Eu não queria deixar ela levar a melhor, porque ela tinha me enganado desde o começo, mas tinha consciência de que eu não saberia cuidar do neném. Eu não tinha as mínimas condições de ficar com ele e a sua mãe me mataria. Só que eu fui pedir para ver o meu filho, para ver a carinha dele pelo menos, e ela não deixou, e isso acabou me fazendo tomar a decisão num momento de raiva.

“Eu estava na clínica sozinho, conversando com eles sozinho, os Rocha estavam ansiosos pela minha resposta, me falavam das vantagens e tudo mais, e eu estive mesmo a ponto de abrir mão do menino, mas como eu não pude vê-lo antes de decidir, eu resolvi ficar com ele. Pronto! Bati o pé. Ainda lembro dos argumentos todos que eles usaram. Por fim, como eu não cedi, eles se aborreceram e me atiraram o bebê nos braços, e me mandaram sumir da clínica. Eu, que ainda não tinha me recuperado totalmente da cirurgia e que nunca tinha brincado de boneca, estava com um bebê nos braços. Era quentinho, cheiroso, e se mexia muito. Parecia pesado. Eu nunca tinha pegado um bebê no colo antes. Ele veio enrolado num pano bonito, de roupinha, e só. Não me deixaram pegar nem a mamadeira. E isso foi só o começo. Aí começa a outra saga, não menos complicada do que essa. — Bryan suspirou.

— Estou ouvindo. Me conte, por favor.

— Um bebê chama a atenção. Você tem que dar explicações de onde ele veio, filho de quem ele é e, principalmente, porque ele está com você. Saí daquela clínica e fui ao hospital com o neném no colo, todo desajeitado. Fui pedir ajuda ao meu protetor. Horas depois, já estava na casa da avó de Andressa, uma irmã de tia Zuleide bem velha que morava por aqui, Zulmira o nome dela, não sei se você se lembra. Eu ia para lá quando tinha que vir na cidade. Andressa já estava lá. Ela tinha perdido um filho pouco tempo antes e estava muito mal. O bebê nasceu prematuro, ficou um tempo em tratamento, mas não resistiu, então a mãe dela a trouxe de São Paulo para passar um tempo com a avó. Aproveitamos as meias-coincidências. Não sei de onde partiu a ideia, mas decidimos que Andressa registraria o bebê como se fosse dela e isso resolveria para mim, eu não poderia fazer nada disso sem chamar a atenção e não tinha sido feito nenhum laudo na minha cirurgia. Seria o bebê de Andressa por aqui e ao mesmo tempo, onde ela morava, ninguém poderia saber porque lá todo mundo sabia que o verdadeiro tinha morrido. Me perguntaram que nome eu achava bonito para pôr no menino e eu me lembrei do meu. Nem sempre eu lembrava do meu nome, mas naquele dia eu me lembrei. Rafael. Achei que seria um nome legal.

— É um nome lindo, combina com ele. Você fez bem.

— As coisas foram difíceis. Eu não sabia o que fazer com o neném e nem com a minha vida, essa é a verdade. Uma coisa é chorar por não saber o que aconteceu, por imaginar o rostinho dele, outra coisa é tê-lo berrando de fome e se contorcendo de dor nas suas mãos. Saí daquela clínica debaixo de um sol quente com o neném resmungando e tentando comer as mãos. As coisas que a Margareth comprou, ela fez questão de não me dar. Enfim, do hospital fomos para a casa de dona Zulmira e ela achava que era o bebê de Andressa, acho que ela morreu achando que Rafael era o bisneto dela. Muito simples, ela não entendia como poderia ser de outra forma. E ela nem enxergava direito. Rafael ficou lá por uns dias e eu também, quando podia. Ainda tinha consultas e remédios, e tinha que dar satisfação para a sua mãe.

“Até que a velha Zulmira começou a passar mal e acabou falecendo, foi bem de repente, e então era a hora de Andressa voltar para casa. A mãe dela apareceu pro velório e se encantou com o Rafael. Como tínhamos falado que era um bebê que não tinha família, ela cismou de querer ficar com ele. Quando me dei conta de que queriam tirar meu filho de mim outra vez, eu embrulhei ele num cobertor e fugi. Estava chovendo naquela noite. Rafael era lindo e todo mundo queria ele, sem contar que ele ainda não tinha sido registrado. Era muito fácil perdê-lo. Eu tinha dinheiro, pelo menos eu achava que tinha muito dinheiro, e com dinheiro a gente resolve tudo. Só não era

fácil arrancá-lo dos seus pais.

Bryan parou e respirou fundo. Eu estava aos prantos, e ao mesmo tempo, perplexo. Ele continuou:

— Avisei que era uma história longa. Agora se acalme e ouça até o final. Eu precisava te contar isso, tem dezesseis anos que estou esperando. — Assenti e ele continuou. — Andressa ainda ficou um tempo com tia Zuleide, mas era eu quem cuidava do neném a maior parte do dia. Eu não era nem um pouco bom naquilo, só não desistia porque eu não queria perder aquela guerra. Rafael dava trabalho, mas ficar sem ele não era uma opção. Eu me desdobrava para que sua mãe não fosse atrás de mim quando eu saía, ainda bem que raramente ela fazia isso. Se eu estivesse com tia Zuleide, estava tudo bem.

“O problema passou a ser o dinheiro, eu precisava de dinheiro e eles não me davam. Faltava muito tempo até eu completar dezoito anos, mas eu não podia esperar, então eu comecei a exigir e eles foram se zangando. Quando não me davam o dinheiro, eu procurava até achar ou pegava coisas de valor. Um dia seu pai quis até me bater. Por fim, seu irmão disse que era possível me emancipar. Foi a melhor ideia que já tiveram. Um documento que resolveu tudo; ainda tenho ele guardado, acredite se quiser. Um documento que me permitiu usar meu dinheiro e ver o quanto ele tinha diminuído. Fiquei bastante decepcionado, eu achava que seria bem mais, mas por sorte, entre os bens que minha mãe me deixou, havia imóveis alugados e uma casinha aqui na cidade, e então eu me mudei para lá e pagava uma babá para me ajudar com Rafael. Quando tia Zuleide parou de trabalhar com seus pais, ela ficou um tempo com a gente e eu pude cuidar melhor da minha saúde, mas quando seu pai fez aquela vila, ela inventou de voltar para a roça, ganhou aquele lote e aquela casinha e se fincou lá. Andressa arrumou um namorado e virou a mãe desnaturada, e eu me tornei o tio Bryan.

— Tio Bryan... — Peguei a mão dele e fiz um carinho. — Você merece mais do que isso. Ele sabe que você é mais do que isso.

— Então... O médico que me tratou tempos depois veio com essa: “ah, mas por que você não disse que era o pai do garoto e tudo ficaria certo?” Entenda que não é bem assim. Por muito tempo eu fui andrógino demais e não seria nem um pouco convincente como pai. Sem contar que nunca confiei na sua família. Minha preocupação maior ao criar uma história para o Rafa era dar a eles uma explicação para que não ligassem os pontos e descobrissem que ele era o seu filho. Não sei se fiz certo ou errado, mas eu queria proteger meu bebê. E a mim também. Eu só pensava nas explicações que teria que dar, na exposição, porque é um caso raríssimo, nem mesmo o médico mais experiente que consultei sabia de uma gestação bem-sucedida em casos assim.

Não queria me tornar fonte de estudos para ninguém, eu só queria viver a minha vida e ver o meu filho crescer. Eu era novo demais e não sabia o que fazer. Tia Zuleide sempre foi meu apoio, e enquanto o doutor Alberto estava com saúde, ele cuidou de mim e do Rafael, e me encaminhou a médicos que não me enchiam de perguntas. Mas não demorou muito e ele morreu e então eu tive que crescer muito rápido, tive que enfrentar minhas dificuldades. Você sabe como eu era ruim na escola, tia Zuleide também é simples demais... As coisas nunca foram fáceis para nós.

— Se ao menos eu estivesse aqui, né...

— Se ao menos você estivesse aqui, talvez não para assumir o filho publicamente nem para enfrentar ninguém, mas para ajudar na parte financeira, para levar Rafael à escola ou para me atender nas emergências. Eu tive que ser um adulto forte quando eu era só um menino problemático. Um dia, quando o Rafa ainda era bebezinho, ele se engasgou e eu não sabia o que fazer, não tinha celular fácil como tem hoje, e eu me desesperei. Até eu conseguir enfiar a mão na garganta dele e desobstruir, ele ficou roxo e quase morreu, e eu fiquei pensando em como eu era lento e inútil. O mesmo eu pensava quando não conseguia encontrar a temperatura certa da mamadeira. Eu esquentava demais, punha para esfriar e esfriava demais, voltava a esquentar e passava do ponto, tudo isso enquanto o menino se matava de chorar. Eu era lento demais nas decisões, ruim nas contas, tinha um transtorno que nunca trataram.

“Eu só pensava em como seria bom quando esse menino crescesse e ficasse mais esperto do que eu, que me ajudasse com as coisas. E ele cresceu tão inteligente que por um tempo pareceu que minhas preces tinham sido atendidas, mas aí veio a desvantagem de ele ser esperto demais: nunca engoliu as histórias que eu contei. Depois dos treze anos, ele passou a questionar tudo e todos, e agora ele quer saber quem é o pai.

— Quem diria... estou zozinho — confessei. — Mas você é forte, sempre foi. Soube enfrentar as pessoas, coisa que eu nunca fiz...

Bryan me olhou nos olhos, compreensivo. Levantou um dedo como se tivesse se lembrado de algo importante.

— Hum, é bom você saber disso: existe um segredinho sobre a data de nascimento de Rafael. Pelo registro, ele é um pouco mais velho do que a realidade. Foi necessário para não levantar suspeitas sobre mim. Na verdade, ele é de julho, mas foi registrado como se fosse de junho, entendeu?

— Sim. Ele me disse que fez aniversário esses dias.

— Exato. Fez dezesseis, mas na verdade ele ainda vai fazer. Rafael

cresceu perto dos seus parentes e eles nunca souberam de nada. A sua mãe talvez tenha desconfiado, mas além de ser convencida, ela não é muito esperta. Foi melhor assim. Sempre tive medo do que ela poderia fazer se soubesse do meu filho.

— Entendo. E a Andressa nunca atrapalhou?

— Só no sentido de ficar me pedindo dinheiro, mas nunca pediu demais. Ela e o Rafa até que se dão bem, você precisa ouvir as conversas malucas que eles têm!

— Imagino... — Me lembrei da cena mais cedo, no sofá da casa de tia Zuleide, e sorri.

— Então é isso. É tudo isso. Eu fazia um tratamento longo, não sabia o que seria de mim, tinha que estudar, tinha que cuidar do Rafael, tinha que manter as aparências. Confesso que foram alguns meses até que eu conseguisse amar o meu filho por completo. Às vezes eu sentia raiva, muita raiva. Sentia raiva de você, principalmente, por não ter segurado a porra aí. — Ele riu. — Sério, Leonardo, a culpa foi toda sua. Mas passou. Hoje eu olho pra ele e sinto muito orgulho de tudo, sabe. Ele é tão inteligente, não tem nenhum problema de saúde. E pensar que a sua mãe dizia que ia nascer um monstrinho e eu cheguei a acreditar nisso...

— Me desculpe... por tudo.... — Minha voz embargou. — E me perdoe pela minha família, que deveria ser a sua, e que deveria te apoiar. Nós só te fizemos sofrer. Eu fui muito... ausente.

Bryan concordou com veemência.

— E covarde, bastante covarde, vamos falar. Eu lembro de como você se cagava de medo quando a sua mãe estava prestes a saber de tudo. E deu graças a Deus por alguém dizer que eu não queria ter o bebê e foi viver sua vidinha bem longe. Acho que, banana do jeito que você era, não poderia ter feito muita coisa mesmo. Vai ver, teria desmaiado toda vez que surgisse um problema. Talvez tivesse caído fora do mesmo jeito.

— Poxa, também não é assim. Eu era novo e fraco, mas não era assim tão ruim.

— Eu sei, no fundo eu sempre soube. Você não tinha como saber que daria nisso. Sei que você não é uma pessoa ruim.

Num impulso, eu diminuí a distância entre nós e o abracei. Ele retribuiu, um pouco desajeitado.

— Obrigado.

— E agora? — Bryan se aprumou no sofá e esfregou as mãos. — O que

acha de fazer algo realmente útil depois de todos esses anos de covardia e ausência?

— Claro! O que eu puder fazer por você. — Garanti.

— Como eu disse, de uns tempos para cá Rafael anda questionando sobre tudo e todos. Quer saber quem é o pai dele, de onde veio, onde nasceu realmente, quer saber por que o ensinei a me chamar de tio, por que eu pago as coisas dele, quer ver meus exames para confirmar se eu realmente não posso ter filhos...

— Ele é muito inteligente. O jeito que ele questiona é muito engraçado, nós rimos muito hoje à tarde, quando ele me procurou. — Com um sentimento diferente, me dei conta de que eu estava imaginando a reação de Paolo e no fim o caso era comigo. Irônico e surreal.

— Está impossível prosseguir com isso sozinho, Léo. Preciso de você. Posso contar contigo ao menos uma vez na vida?

— Claro! O que quer que eu faça? — perguntei, inocente.

Bryan sorriu e me olhou nos olhos de forma desafiadora.

— Seja homem e assuma o seu filho!

— Como assim? — Quase me levantei tamanho o susto que eu levei. Como assim assumir um filho com o Bryan? Ele estava brincando?

— Se assustou, mocinho?

— N-não. Mas como isso seria possível?

— Ele quer saber quem é o pai, você é o pai, isso resolve por enquanto. Faça um exame para dar mais veracidade no caso de alguém questionar. Vai dar positivo mesmo, eu garanto.

— Mas, e você? Como vai ser isso?

— Eu fico na mesma. Sempre fui o tio Bryan e não vou deixar de ser, não tenho coragem de me expor nem de expor o meu filho. Aqui nesse fim de mundo é uma droga, gente demais me conhece. Se eu disser que Rafael é meu filho, vão querer saber como. Mas já que você apareceu... — Ele voltou a me encarar, eu deslocado no sofá sem saber o que dizer. — Posso contar com você dessa vez?

— C-claro! — Tentei ser firme, mas não fui muito convincente.

— Vai mesmo fazer alguma coisa útil por mim ou vai continuar só lamentando, dizendo que foi obrigado a viajar e que não podia voltar? Lembre-se de que eu não fui atrás de você, foi você que apareceu e começou

a correr atrás de mim. Agora é a hora da verdade.

Ele tinha razão.

— Sim, eu sei. O que quer que eu faça? — Decidi.

— Vou dar um jeito de conversar com Andressa, é ela que tem que dizer ao Rafa quem é o pai dele. Ele nunca questionou sobre a mãe, e eu vou deixar assim, por enquanto.

— A Andressa? Mas eu acabei de falar com Rafael que eu nunca a tinha visto. Acabamos de nos apresentar.

— Eu falo com ela, a gente combina alguma coisa. Sorte ela estar por aqui agora, aí ela aproveita e conversa com Rafael. Espera eu dizer o que você deve fazer, mas se ele te perguntar, você diz que não se lembra de nada. Acho melhor você não inventar histórias, Rafael é esperto e pega as mentiras muito rápido.

— Isso eu já notei. Mas e você?

— Eu vou continuar assim como estou, é o melhor para ele... — Bryan abaixou a cabeça entristecido.

— Poxa, isso é ruim. Ter que esconder dele e...

— Não, nem tanto. A gente se dá bem, muito bem mesmo. Ele me vê como um pai adotivo, claro que não me dá ouvidos às vezes, mas eu sei que ele tem carinho mim. Eu só te peço uma coisa. — Bryan segurou nos meus braços e me encarou com os olhos marejados. — Mesmo se algum dia o Rafael quiser, nunca leve ele para longe de mim, por favor. Ele vai se encantar porque você mora nos Estados Unidos ou sei lá onde, mas isso é uma coisa que eu não aguentaria, ele te seguir lá pra onde você mora. Nunca!

Me comovi. Toquei o queixo dele e quis abraçá-lo.

— Não, com certeza! Eu nunca faria uma coisa dessas, nunca tiraria o menino de você. Eu vou fazer o que você pediu. Estou um pouco surpreso e nervoso, é verdade, mas vou dar um jeito. Pode confiar em mim.

— Olha, está me surpreendendo. — Ele sorriu, me olhando com mais carinho. Os olhos dele eram tão bonitos.

— Mas será que ninguém vai suspeitar? Digo, de você.

— A sua mãe vai, com certeza. Mas isso importa? Porque se você ainda precisa da opinião da mamãe e se preocupa com o seu futuro, pode sair... — Ele apontou para a porta de saída.

— Ei, calma! Não, eu não preciso da opinião da minha mãe e não, eu

não me preocupo com o meu futuro. Não mais. Eu já tenho idade suficiente para resolver as coisas por mim mesmo.

— De qualquer forma, duvido que sua mãe vá falar alguma coisa com alguém. Ela vai bem se fazer de desentendida quando a ficha cair.

O celular dele voltou a vibrar, ele pegou, olhou e se levantou.

— Já está tarde, Léo. Acho melhor você ir agora. Nossa, como o tempo passou!

— Ai, eu não acredito que existe um Everaldo! — Me levantei me espreguiçando. Estava tão cansado que parecia ter ficado um dia inteiro na mesma posição. Bryan ignorou a minha fala.

— Rafael disse que quer voltar com você. Se ele perguntar alguma coisa, e ele vai perguntar, diga que você ainda precisa de um tempo e que vai conversar com ele depois, ouviu?

— Sim, senhor.

Ele abriu a porta e começou a descer as escadas, e eu fui atrás. Me surpreendi que tivessem se passado apenas algumas horas, eu me sentia como se tivessem passado dias, senão meses. Tudo havia mudado desde que eu tinha subido furtivamente aquelas escadas. Minhas expectativas tinham mudado, meus pensamentos estavam todos bagunçados, até o clima lá fora tinha mudado. Quando cheguei estava apenas fresco e nesse momento soprava um vento frio que me fazia doer os joelhos.

A caminhonete estava estacionada alguns metros depois do pequeno prédio onde Bryan morava. Estava toda salpicada de gotas de orvalho. Rafael estava perto dela acompanhado de um menino do tamanho dele e uma menina que parecia mais nova, todos com roupas de frio e capuz. Eles conversavam animadamente e comiam salgadinhos chips. Senti o cheiro de longe e tive um leve enjoo.

Ao ver que saímos no portão, ele se despediu dos amigos e ficou me esperando encostado no carro. Bryan acenou para ele. Eu toquei no braço do Bryan quando ia me despedir, mas algo chamou a minha atenção de tal forma que nem pude sair do lugar. Um carro branco rebaixado, de vidros pretos, calotas prateadas e um ronco estrondoso chegou perto de nós e parou a poucos centímetros dos nossos joelhos. Do carro tunado, cujo modelo eu não consegui identificar, saiu um rapaz negro bem-apessoado, alto e atlético, cabelos cortados à máquina, um brinco brilhante em cada orelha e roupas que deviam custar caro. O sujeito me olhou com cara feia, depois olhou para o

Bryan.

— Seu relacionamento discreto? — perguntei maldosamente.

— Cala a boca e desaparece! — Bryan disse entredentes e se aproximou do recém-chegado.

— Quem é esse aí? — perguntou o carinha. Ele era cheio de marra e irritadinho, e parecia ciumento, ainda por cima. — E por que você não está atendendo ao celular?

Eu já ia me aproximando da caminhonete, mas ao ouvir a voz do Everaldo, me virei para o Bryan, pronto para defendê-lo. Mas notei que ele fitava o namorado com os olhos estreitos e as mãos na cintura, sua marca registrada. Olhei o Everaldo e tive a impressão de vê-lo abaixar as orelhas. Sorri para mim mesmo e destravei as portas do carro para que o Rafael entrasse.

Entrei no carro depois de uma última vista de olhos no casal. Rafael permanecia quieto, olhando a cena com interesse, mas quando eu liguei a ignição, ele me conteve.

— Ei, calma aí, deixa eu ver quem é esse idiota — ele disse cochichando como se lá de fora alguém pudesse escutar.

— Deve ser o tal Everaldo.

— Ih, deve ser...

— Nesse caso, é melhor a gente ir embora logo para não atrapalhar, você sabe, o caszinho ali. Bryan vai saber que você está olhando.

— Não, calma aí, deixa eu ver se é quem eu tô pensando.

— Quem? — Me interessei.

— Um jogador de futebol, uma babaca que estudou comigo uma vez. Eles se conheceram na academia, apostou.

— O cara é da sua idade?

— Não, ele é mais velho uns três anos. É que ele ficava reprovado.

Então o sujeito que o Bryan namorava tinha no máximo dezenove anos? Meu Deus! Mesmo que Rafael ainda quisesse ver mais, eu arranquei com o carro, dei a volta ao quarteirão para não passar em frente ao prédio e quando me dei conta, eu estava aborrecido. Distraído, passei em velocidade alta por um quebra-molas, o carro sacudiu e Rafael reclamou.

— Ei, calma aí, tio. Você está com ciúmes do Bryan, né?! Eu sabia!

Olhei pra ele, que me olhava sorrindo, fazendo pequenas rugas ao redor dos olhos. Já estávamos na rodovia e uma música tocava no rádio.

— Que ciúmes, que nada, rapaz! É que esse quebra-molas não estava aqui quando eu passei da última vez — disse.

Rafael riu alto.

— Estou sabendo.

Mesmo concentrado na estrada, às vezes eu me pegava olhando para o Rafael. Durante a tarde, eu não tinha prestado atenção nas suas características, mas ali, na semiobscuridade do carro onde eu não podia vê-lo, eu me esforçava para recordar seus traços. A orelha dele tinha o lóbulo diferente da do Bryan, acho que se parecia com a minha; ele tinha sardas no rosto, coisa que o Bryan não tinha, mas muitas das minhas primas e até mesmo minha irmã tinham. Lembrei do que Bryan havia dito sobre os dedos dos pés dele e olhei para baixo, mas além de estar escuro, ele estava de ténis. Distraído, quase não ouvi quando ele me alertou.

— Em cem metros tem outro quebra-molas, viu? Cara, tá tudo bem?

— Desculpa, é que eu estou muito cansado. A gente já está quase chegando. — Reduzi a velocidade e entrei na estrada de terra que levava à vila onde morava tia Zuleide.

Estava impossível manter a naturalidade de antes, eu ficava todo o tempo tentando vê-lo, tentando me identificar nele. Estava nervoso, minhas mãos tremiam e minha respiração pesava; ele falava comigo e eu tentava parecer normal, mas a verdade é que eu não estava. Aquele menino era o meu filho, o filho do Bryan, o fruto daquela gravidez surreal e o motivo pelo qual eu tinha passado tanto tempo ausente. Ele já tinha dezesseis anos. Na verdade, ele tinha nascido em 29 de julho e, portanto, ainda não tinha dezesseis completos. Mas ele mesmo não sabia disso e eu não poderia me esquecer desse detalhe.

— Vai lá quando a vó sair do hospital... — Rafael falava inclinando a cabeça para indicar as direções. Era engraçado.

— Vou sim. Melhor, eu busco ela no hospital e levo em casa. Vou dar um jeito no meu celular que ainda não funcionou e vocês me ligam.

— O Bryan quer buscar a vó ele mesmo. Se você for, ele vai brigar contigo. — Ele avisou, mas sorriu, matreiro. — Mas é claro que você não sabe disso.

— Amanhã eu te passo um número e você me avisa.

— Vocês conversaram bastante, não foi?

— Foi.

— E sobre aquele nosso assunto?

Claro que ele ia perguntar, eu já estava esperando por isso, embora não estivesse preparado. Meu coração acelerou quando parei em frente à casinha de tia Zuleide e ele me encarou, ansioso. Eu tinha que dizer alguma coisa. Respirei fundo.

— A gente ainda tem que conversar mais, é que tem umas coisas que eu não me lembro direito. Me dá mais uns dias, está bem?

— Tudo bem. — Ele saiu e fechou a porta com tanta força que eu me preocupei com a integridade do carro. Ouvi a voz dele lá de fora gritando: — Foi mal!

Fui para casa. Acho que o carro já conhecia o trajeto e foi sozinho, porque eu estava leve e perdido, de estômago vazio, ansioso, irritado com o namorado do Bryan, e atordoado com o fato de ter um filho. Estacionei a caminhonete no lugar adequado e antes de entrar em casa, ouvi vozes animadas conversando. Alguém já tinha notado a minha chegada e falava de mim entre risinhos maldosos.

— Com quem será que ele saiu? Podia ter demorado mais.

Família. Cheios de defeitos, mas sempre os mesmos. Me senti em casa depois disso.

Uma vez em casa, tentei parecer o mais normal possível. Me esquivei como pude das perguntas dos adultos e fui me entreter com as crianças. Os gêmeos brigavam o tempo todo por causa de um tablet e quando os chamei para jogar cartas, eles esqueceram o aparelho. Jogamos um pouco, mas já era tarde e minha cunhada os levou para a cama. Meus pais dormiam cedo desde sempre e minha irmã estava cuidando dos assuntos dela, de forma que fiquei sozinho na sala. Já estava pensando em ir tomar banho quando o que eu mais temia aconteceu: Paolo se acercou de mim, sentou ao meu lado e começou a me interrogar.

— Como foi o seu encontro? — ele perguntou com aquele velho costume de me encarar para não me deixar mentir.

— Quem disse que eu tive um encontro? Acabei de chegar aqui.

— Que bobagem, você é solteiro.

— Exato, e isso é resultado da falta de encontros.

Ele riu.

— Você voltou bem estranho. Tudo bem que faz tempo que a gente não conversa direito, mas se é alguma coisa ruim, pode me falar...

— Não, não é nada ruim. É que eu fui atrás de umas pendências do passado, saí pensando em fazer uma coisa e acabou acontecendo outra.

Paolo ficou curioso.

— Hum, não sabia que você tinha deixado “pendências” por aqui, ninguém nunca comentou nada.

— Na verdade, nem eu sabia.

— Do jeito que você fala — ele disse pensativo —, parece que essa pendência tem nome.

— É, tem sim... — Era impossível mentir. Abaixei a cabeça pondo o rosto entre as mãos, e ele tocou de leve no meu ombro.

— Não acha melhor se abrir e me dizer o que está acontecendo? Dependendo de quais forem as pendências, eu posso te ajudar. Eu faço o tempo todo.

Olhei um quadro na parede da sala, uma foto aérea de quase toda a fazenda e que tinha sido tirada há muitos anos, antes mesmo de eu viajar. Não sabia o que responder ao meu irmão advogado.

— Ainda não sei o que fazer. Não é do jeito que você está pensando, é uma situação bem complicada.

— E você pretende resolver antes de viajar?

— Sim, vou sim... eu acho.

Paolo aproximou a cabeça da minha.

— Quando você quiser falar, é só me chamar.

— Obrigado. — Quando ele fez menção de se levantar, eu o contive. — Você poderia, por favor, não dizer nada a ninguém sobre essa conversa? Não gostaria que ficassem tirando conclusões antes da hora.

— Com certeza, pode deixar. — Ele sorriu de forma tranquilizadora, deu um tapinha na minha coxa e se levantou. — Lembre-se de que amanhã vamos ver a questão da casa lá na rua e os documentos da terra.

— Ah, sim. Com tudo o que aconteceu hoje, eu já tinha me esquecido. Espero que a gente não tenha que sair muito cedo. Estou cansado, vou acordar tarde.

— Tudo bem. Boa noite.

Paolo saiu e eu o ouvi conversando com alguém. Poucos minutos depois, fui ao banheiro e tomei um banho frio e demorado. Vesti um short e me deitei na cama, completamente sem sono.

Sozinho no meu velho quarto, comecei a repassar as últimas informações que tinham desabado sobre mim, todo o drama que o Bryan tinha vivido enquanto eu estava ausente. Uma conversa franca, depois de tanto tempo. Por mais que eu tenha me esforçado para parecer forte e decidido, a verdade é que eu estava com medo, um medo que eu não sabia explicar. Pensei em como seria me tornar pai de um dia para outro, mas ao invés de um bebê recém-nascido, receber um rapaz quase adulto e muito curioso. Como o Rafael reagiria à notícia? Como seria mentir para ele sobre a mãe, uma mulher que eu nem conhecia? Ele era esperto e investigava tudo, e era tão linguarudo quanto o Bryan. Como eu lidaria com isso?

Na penumbra do quarto, olhei a parede oposta onde antes ficava a outra cama e me lembrei da primeira vez que tive a ideia de me “aproximar” do Bryan, praticamente me aproveitando na inocência dele. Eu tinha apenas dezessete anos, era inexperiente, inconsequente, mas sentia muito carinho por ele. Ao pensar em como eu o tinha deixado à própria sorte, sem nunca ter procurado notícias, confiando em tudo o que a minha mãe dizia, eu só podia me odiar por ter sido tão covarde. Depois de tudo, eu tinha muita sorte por ele me receber em sua casa e me contar o que tinha acontecido.

E a gente tinha um filho.

Mesmo sem termos sequer nos beijado direito, e termos tido um contato sexual muito limitado, a gente tinha um filho. Eu não precisava de nenhum tipo de confirmação ou exame para saber que ele estava falando a verdade; para mim, tudo se encaixava perfeitamente. Eu tinha um filho. Aquela gravidez improvável tinha dado certo, o bebezinho tinha sobrevivido. E tinha crescido, entendido o mundo e estava procurando pelo pai. Pobre Bryan. Depois de tudo o que ele passou... O pedido que ele fez, para que eu nunca levasse o Rafael para longe, doeu meu peito. O jeito que ele segurou meus braços para fazer aquele pedido... Só por isso senti vontade de guardá-lo num potinho.

Minha cabeça doía e meus olhos não fechavam de jeito nenhum. Meus pés pendiam para fora da cama, do mesmo jeito de antes, mas agora eu estava desacostumado e isso me incomodava. Várias horas depois de me deitar, eu ainda estava acordado. Me levantei, fui à cozinha tomar água, perambulei pela casa quase toda escura. O barulho de ventiladores, geladeiras e ar-condicionados ofuscavam os meus passos. Tive vontade de ir para o terreiro

olhar as estrelas. Pela janela, eu podia ver o céu límpido e iluminado, mas como não encontrei a chave da porta, voltei para o quarto e me deitei.

Voltei a pensar o Bryan. Como ele estava diferente! Forte, decidido, namorando... O idiota do Everaldo. Por que logo um moleque daqueles? Rafael achou que eu estava com ciúmes...

Quando finalmente consegui cochilar, tive um sonho estranho. Eu estava com Bryan numa praia, nós dois usando shorts de dormir como os que usávamos antigamente, e a gente se beijava. Ele tinha peitinhos e não os cobria, eu os acariciava sem que ninguém se importasse. Era como se as pessoas não nos vissem. Tinha sol, um sol poente, e ventava forte, e esse vento me fazia arrepiar e tremer de frio. Quanto mais o ventava, mais frio eu sentia e me agarrava ao corpo franzino do Bryan, que parecia cada vez menos real. Até que ele desapareceu dos meus braços, o sol se pôs e eu acordei. O ventilador estava ligado na velocidade máxima e eu estava trêmulo e arrepiado, agarrado ao travesseiro. Diminuí a potência dele e voltei a me deitar tentando não pensar em mais nada.

Na manhã de segunda-feira eu me levantei mais cedo do que gostaria, mais cansado do que quando tinha deitado, e com olheiras profundas. Paolo me observou e demonstrou preocupação; os demais só fizeram comentários genéricos. Andei em volta da casa para espairecer e para dar um pouco de sol na minha pele descorada, e só voltei para o café quando todos já tinham saído da cozinha.

Por volta das nove, acompanhei meus irmãos à cidade. Fomos ver algumas casas que poderiam servir aos nossos pais. As que visitamos ou eram muito caras ou eram cheias de degraus e escadas, um detalhe que inviabilizava a compra devido aos reumatismos de papai. Ficamos de ver outras no dia seguinte, acompanhados de dois corretores locais.

A respeito da divisão das terras, Claudina foi ao cartório providenciar um documento chamado Promessa de Compra e Venda e me entregou para que eu pudesse lê-lo e assiná-lo mais tarde. Ali também ficaria acertada a questão do pagamento parcelado. Como eu não tinha recursos para pagar minha parte na casa que seria comprada aos nossos pais, Claudina se encarregaria de pagá-la, descontando o valor aos pagamentos que ela deveria me fazer, correspondentes à minha parte na fazenda. Seria tudo fácil e rápido, já que eu havia concordado com os termos propostos por minha irmã e não tinha interesse em retardar a negociação.

Depois que vimos o que tínhamos que ver juntos, meus irmãos foram embora e eu fui a uma loja de celulares resolver o problema do meu aparelho e adquirir um chip novo. Quando eu estava saindo da loja, já com o problema

resolvido, avistei uma pessoa encostada à porta da caminhonete mexendo no celular. Era o Bryan e ele parecia estar me esperando.

— Oi, que surpresa! — disse, ao me aproximar.

Ele sorriu e guardou o aparelho no bolso, me estendendo a mão de longe. Estava todo arrumadinho, de tênis, camiseta e bermuda. Ele se preocupava bastante com a aparência.

— Oi, eu queria conversar com você, pode ser?

— Claro! É a hora do almoço, a gente pode almoçar juntos.

— Tem certeza? — Ele estranhou meu convite.

— Claro! Vem comigo, vou te levar num lugar que eu achei legal, logo na entrada da cidade.

Abri a porta do carona para que ele pudesse entrar, mas ele hesitou.

— É para conversarmos sobre um assunto importante, Léo. Não é um encontro.

— Tudo bem, depois do almoço a gente conversa. Não vou te sequestrar nem ficar pensando que é um encontro.

— Você não tem jeito, né?!

Entrei no carro, ele entrou também, pôs o cinto e me olhou desconfiado. Sorri. Parei num posto de combustíveis para abastecer e depois o levei a um restaurante bonito que eu tinha visto no dia em que cheguei. Era um local descontraído e espaçoso, próprio para conversas íntimas.

Entramos e fomos lavar as mãos, pegamos a comida, pois era self-service, e escolhemos uma mesa afastada das demais. O local não estava lotado, o que conferia um clima de paz e privacidade. A comida era ótima.

— Você já tinha vindo aqui? — perguntei para puxar assunto.

— Não, aqui não. Eu saio pouco, na verdade.

— Hum. Gostou?

— Sim, é bonito o lugar, mas não pense que isso aqui é um encontro, Leonardo. Eu te chamei para conversar sobre coisas sérias.

— E quem disse que eu não quero conversar sobre coisas sérias? Mas primeiro vamos comer, aproveitar o lugar. Você está com pressa?

Ele não respondeu.

Comemos em silêncio, um de frente para o outro na pequena mesa, num

lugar arejado, uma espécie de varanda repleta de artesanatos e plantas. Muito aconchegante o local, pena que não era um encontro. Se fosse, seria perfeito. Às vezes nos encarávamos e Bryan revirava os olhos. Eu ria da resistência dele. Depois que tomou o último gole do suco de laranja sem açúcar que tinha pedido, ele estava pronto para conversar seriamente. Afastou o prato e o copo e entrelaçou os dedos.

— Como eu te disse, Leonardo, nós precisamos ter uma conversa importante. Pare de querer me paquerar! — Ele quis falar sério, mas acabou rindo.

— Sim, pois fale das coisas importantes, estou ouvindo.

— Sei que você está aqui porque seus pais vão dividir a terra.

— Também por isso.

— Na parte de quem ficará a vila?

Ah, então ele estava preocupado com o futuro de tia Zuleide.

— Quanto a isso, não se preocupe. A vila ficará independente do restante das terras, num documento escriturado no nome de papai até que se resolva na prefeitura a questão dos lotes. Ninguém precisa sair de lá.

— Melhor. Tia Zuleide não sai por nada nesse mundo e olha que eu já insisti muito. Agora não insisto mais. Mas não é só isso. O que eu quero dizer é o seguinte: antes de decidir o que vai fazer com a sua parte na fazenda, lembre-se que você tem um filho, entendeu?

— Ah... — Fiquei de boca aberta, sem saber o que dizer. — Eu nem parei para pensar nos dezesseis anos de pensão que estou te devendo...

— Não estou te cobrando pensão. Não sei quais são os seus planos, mas espero que eles incluam o Rafael. Eu penso no futuro do meu filho e vou lutar por isso.

— Claro, eu entendo.

— Minha mãe era rica, mas o que eu tenho hoje são imóveis de pouco rendimento, muitos deles desocupados por causa da crise no comércio. Eu levo uma vida modesta e, pelo que entendi, você também. O que eu ganho mensalmente talvez — ele frisou o talvez — dê para garantir os estudos do Rafael, e não mais do que isso. Não é interesse da minha parte, é um direito dele. Ele gosta daqui, gosta da fazenda, nada mais justo do que você pensar nele antes de se desfazer da sua parte, entendeu?

— Aham...

Bebi de uma vez só o restante da Coca cola, olhando para o copo.

Tentei me concentrar e não deixar transparecer, mas naquela manhã Claudina e eu havíamos decidido sobre a venda da minha parte das terras, o documento ainda estava comigo, mas ela o aguardava assinado no dia seguinte. Sem vender minha parte, eu não tinha como ajudar a pagar a casa que compraríamos para os nossos pais, e sem comprar essa casa, as terras não seriam divididas. Suspirei e sorri para o Bryan.

— Você me pegou de surpresa — disse, depois de alguns segundos sendo observado pelos seus inquietos olhos azuis.

— Eu sei, mas eu preciso fazer isso. Pensei em muitas coisas essa noite e cheguei à conclusão de que tenho que cuidar do futuro do meu filho, e para isso, eu preciso agir antes que você desapareça mais uma vez.

— Claro, você está certo, mas eu não vou desaparecer de novo.

— Espero. Acho que vai ser bom para o Rafael ter pai, tios e avós, ainda que sejam os seus pais, já que quanto a isso não há o que se fazer.

Eu ignorava todas as vezes que ele fazia comentários depreciativos sobre os meus pais. Ele tinha seus motivos. Mas era engraçado ouvi-lo falar naquele tom sarcástico e revirar os olhos.

Eu ainda não tinha pensado em como minha família reagiria ao fato de o Rafael ser meu filho; na verdade, eu mesmo ainda não tinha reagido adequadamente. Ainda não tinha avaliado o impacto que causaria na minha vida e o Bryan me jogava as responsabilidades de uma só vez, do jeito dele. Abaixei a cabeça e o esperei continuar. Ele falava pausadamente, ciente do efeito das suas palavras.

— Foram vocês que me pegaram de surpresa. Enquanto eu ainda pensava no que fazer, vocês andaram pela cidade, visitaram imóveis, já foram ao cartório, e olha que mal chegaram. Por que essa pressa toda?

Ele tinha andado nos observando, pelo visto.

— Meus pais querem deixar o assunto da fazenda resolvido para não haver brigas e disputas quando um deles falecer. Querem morar num lugar mais acessível, viver apenas com o dinheiro das aposentadorias, mas para isso meus irmãos e eu devemos comprar uma casa adequada para eles. Foi um acordo que fizemos: damos uma casa e ficamos com as terras. É disso que estamos cuidando.

— Eu entendo. E estão com bastante pressa, não? Naturalmente, esperam que você venda a sua parte para os seus irmãos, já que você não mora mais aqui... — Bryan tamborilava os dedos sobre a mesa e me encarava. — Mas eu quero que você reconsidere isso. Pelo seu filho.

Assenti. Bryan continuou com seu jeito duro e acusador:

— Estão em dívida comigo. Todos vocês. Seus pais administraram muito mal o meu patrimônio quando estive na responsabilidade deles, sabia? Não sei se me roubaram descaradamente, o que também não duvido, mas que administraram mal, disso não há dúvidas. O dinheiro não rendeu, nem com a soma dos arrendamentos e alugueis. Bem pelo contrário. Não estou a fim de conversar sobre isso com seu pai e muito menos com a sua mãe, mas essa é a verdade. Espero que pelo menos você tenha consciência e aja de forma adequada.

Mais uma vez, admiti com um gesto de cabeça, sem olhar para ele. Eu não acreditava que meus pais tivessem roubado o dinheiro do Bryan, acreditava sim que tinha havido má administração, da parte dele, principalmente. Sempre tinha me preocupado com o que Bryan estaria fazendo sozinho, e a culpa de ele estar sozinho era toda nossa. Eu não sabia em que o Bryan se baseava para fazer acusações, mas não podia defender a minha família com tudo o que meus pais e eu tínhamos feito. E com tudo o que tínhamos deixado de fazer.

Bryan continuou, dessa vez num tom diferente, e com um dedinho lindo apontado para a minha cara.

— Olha aqui, Leonardo, se você for embora sem resolver isso comigo, eu juro que vou dar um jeito de te cobrar...

— Ei, calma aí! — Segurei a mão dele. — Calma aí, eu não pretendo ir embora sem resolver as coisas. Eu fui atrás de você, lembra? Eu prometi assumir e te ajudar e eu vou fazer isso. Não vou fugir de você.

Ele suspirou, apoiou os cotovelos na mesa, entrelaçou os dedos e pôs o queixo sobre eles, pensativo. Depois me olhou novamente.

— Desculpe a minha exaltação, eu sei que você disse que vai resolver tudo. Só quero que saiba que esse “tudo” inclui a parte financeira, não por mim, mas pelo menino. É justo.

— Eu sei, claro que eu sei. Ser pai tem custos financeiros. Mas antes, eu tenho um probleminha familiar para resolver. Um grande problema, na verdade. Ainda não sei o que fazer, mas vou tentar, ouviu? Não vou ser injusto com você e nem deixar os interesses do... Rafael de lado.

Falar “nosso filho” ainda era constrangedor.

— Sim... — Ele baixou os olhos. — Obrigado!

— Não precisa agradecer, mas não fique tão bravo. Do jeito que você fala, parece que estou fugindo da responsabilidade, mas não estou. Confie em

mim.

— Tudo bem, vou confiar em você.

— E quanto àquele outro assunto? — perguntei sentindo aumentar minha ansiedade. Meu coração acelerou e meus pelos se arrepiaram. Enxuguei as mãos suadas num guardanapo e me levantei.

— Sim, já liguei pra Andressa, ela vai falar quando o Rafael questionar sobre o pai novamente. Não vai demorar muito, acredite. Ele está terrível por esses dias.

— Vamos? Eu preciso conversar com Paolo sobre o dinheiro para a casa, ele deve ter alguma ideia. Sem isso, todo o resto fica empacado.

— Entendo.

Mesmo o Bryan querendo pagar a própria conta, eu o ignorei e paguei tudo, depois fomos embora. No trajeto, fiquei puxando assunto para não parecer pensativo demais, enquanto ele se divertia com minhas investidas pouco sutis.

— Eu dei um jeito no meu celular, você pode me passar o seu número? — pedi.

— Sim, e me fala o seu também. Eu vou ligar pra te orientar sobre o que dizer ao Rafael quando ele te interrogar. Porque ele vai te interrogar, viu? Se prepare.

— Estou ciente disso já.

Quando paramos em frente ao local onde ele morava, eu gravei o número dele no meu celular.

— Vou te ligar, posso? — perguntei e pisquei, galante.

— Claro, se o assunto for importante.

— Sempre vai ser...

— Valeu pelo almoço — ele disse, já saindo do carro.

— Que isso! É sempre bom te ver, vou te levar mais vezes.

Bryan saiu do carro sorrindo e sem me responder.

Peguei a rodovia rumo à fazenda, mas ao sair do asfalto, me lembrei de algo importante. Segui até a vila e cheguei na casa de tia Zuleide, buzei e logo o Rafael apareceu vestindo apenas um short, mostrando as sardas que tinha nos ombros e nas costas. Ele se acercou do carro e apoiou as mãos no vidro quase totalmente abaixado, me impedindo de abrir a porta para sair.

— E aí? — disse ele.

— Eu vim trazer o meu número de celular, se você precisar me ligar.

— Ah, sim, fala aê. — Ele pegou o celular do bolso e eu notei que não estava mais sujo e arranhado como na quinta-feira anterior.

Falei meu número, lendo num papelzinho, pois ainda não o tinha decorado.

— Celular novo? — perguntei apontando o aparelho preto que reluzia no sol brando do nosso inverno tropical.

— Aham, o Bryan tinha encomendado, chegou hoje. Ganhei de aniversário. — Ele me mostrou o celular, todo orgulhoso, girando-o na frente dos meus olhos.

— Hum, que bom, ele é perfeito. A Andressa está aí?

— Tá não, ela foi na visita no hospital. Sabia que a vó vem amanhã?

— Sim, estou feliz que ela já tenha melhorado. Eu vou indo, qualquer coisa você me liga, tá bom?

Liguei o carro e ele se afastou da janela me respondendo com um grunhido e com sua atenção toda voltada para o aparelho.

Fui para casa e logo na chegada vi papai sentado numa cadeira de balanço e minha mãe ao lado dele com um aparelho de medir a pressão arterial. Deixei o carro em frente à varanda e me aproximei.

— Está tudo bem, mãe?

— Sim, é só rotina mesmo. Você também deveria sentar aqui e medir a sua, Léo. Você é igualzinho ao seu pai, e passou mal na semana passada. Sua irmã disse que foi pressão.

— Que nada, mãe, foi só um susto. Cadê Paolo?

— Saiu, foi ver o curral com as crianças. Você almoçou já?

— Já sim. Vou lá com ele. — E antes que ela pudesse falar alguma coisa, eu voltei para o carro e segui a estradinha até o local onde eu achei que Paolo estaria. Ele estava conversando com um empregado, um rapaz que eu não conhecia, e os meninos estavam encantados com os bezerros.

— Chega aqui, Léo! — Meu irmão me chamou quando me viu chegar. — Veja como os meninos se divertem.

Na divisão que acordamos, aquela parte da fazenda ficaria para ele, que inclusive já planejava o que fazer.

— Que bom que eles gostam. É bom alguém continuar a tradição da família.

— Pois é, porque se depender de você... — Ele começou, mas eu o interrompi.

— Preciso te falar sobre isso mesmo. Preciso de uma opinião. E do seu apoio.

— Sim, pode contar comigo. — Ele se apoiou num mourão e aguardou que eu falasse.

— Olha, eu resolvi não vender a minha parte para Claudina. Andei pensando melhor e acho que vou precisar dela.

— Mas mudou de ideia tão rápido assim? O que aconteceu?

Resolvi adiantar para o meu irmão o assunto inevitável.

— Sabe aquela nossa conversa de ontem à noite sobre minha pendência ter nome? Então, tem mesmo. Eu tenho um filho.

Paolo arregalou os olhos.

— Nossa! Como você escondeu isso da gente? Por que?

— Por que eu não sabia.

— Hum... E como pode afirmar com tanta certeza agora, assim, de uma hora para outra? Não vai confirmar?

— Sim, eu posso fazer o tal exame, mas eu tenho certeza, sabe. Por isso acho precipitado me desfazer da propriedade sem levar isso em consideração. Pode servir a ele.

— Pode servir a ele... — Paolo sorriu e deu um soco fraco no meu braço. — Então é um rapaz, não é? Um rapaz que já tem uma certa idade porque, afinal, você saiu daqui há muito tempo.

— Pois é... — Sorri, sem jeito. A novidade ainda não tinha caído bem em mim.

— Seria aquele menino que anda com tia Zuleide? — Paolo perguntou fazendo gestos com o dedo indicador.

— Como você sabe? — Fiquei intrigado com o palpite certo demais. O que meu irmão saberia sobre o caso?

— Eu não sei, foi o único menino que me veio à cabeça, por causa da idade, talvez. Mas não eu sabia que você tinha andado com a mãe dele.

— É uma longa história... — que eu não tinha a menor intenção de

contar, por isso parei por ali mesmo. — Melhor deixar para outra hora. Mas eu não tenho dúvidas sobre ele. Tenho que resolver isso.

— Sei... — Paolo coçou o olho esquerdo e ajeitou o boné na cabeça, depois me olhou com curiosidade. — Mas você só foi saber disso ontem, tem certeza? Ninguém nunca falou nada a respeito.

— Sim, acredite se quiser. Eu nem imaginava que ele tinha nascido.

— Que coisa interessante! Mas saiba que sua irmã vai chiar quando souber da sua mudança de planos, ela já está se contando dona de tudo.

— É verdade. E eu tenho outro problema, até vim atrás de você em busca de ajuda. Só posso contar com você.

Paolo tinha dado alguns passos, mas parou e voltou até mim.

— Outro problema? Pois fale, se eu puder ajudar...

— É problema de dinheiro. Eu não tenho condições de pagar minha parte na compra da casa, assim, de uma vez. Não sem vender nada.

Meu irmão mais velho coçou a cabeça, depois sorriu pensativo.

— Bom, isso pode ser fácil se dona Claudina quiser colaborar. Vocês podem negociar apenas uma pequena parte da terra, aquela que fica depois da represa, por exemplo. O tamanho da área deve ser mais ou menos o valor que você tem que pagar. Não vai fazer tanta diferença na sua parte e não vai dar prejuízo para ela. Acredito que é perfeitamente possível fazer as escrituras desse jeito, basta ela querer. Já para mim é complicado, do jeito que ficou a divisão não seremos vizinhos de terra, e eu nem teria dinheiro para te pagar agora. Mas Claudina tem.

— Sim, você tem razão. Pelo valor que combinamos, esse pedaço daria para pagar a minha parte na casa e aumentaria a parte de Claudina na terra. — Me animei e passei o braço sobre os ombros dele num quase abraço. — Obrigado, irmão. Tenho tido tantas surpresas ultimamente que até corri de medir a pressão agora há pouco. Tenho certeza de que não estou bem.

— Se cuida, seu Alvino Leonardi! Você não se parece com ele à toa.

— Ah, não exagera. Ainda sou muito jovem.

Fomos até onde estavam as crianças e o rapaz que tomava conta do pequeno curral. Tinha sobrado bem pouco do grande rebanho que tínhamos antigamente, mas isso não era ruim. Parte das pastagens tinha sido substituída por plantações mais lucrativas, aumentando o valor agregado da propriedade. Era bom para nós, os herdeiros.

Enquanto respondia as constantes perguntas dos filhos, Paolo teve uma

ideia e me puxou para longe deles.

— Olha aqui, Léo, e se você vendesse a sua parte e adquirisse outra coisa com o dinheiro? Não seria bom também?

Sacudi a cabeça em negativa.

— Não, ele não quer e eu nem saberia o que comprar. — “Ele”, na verdade, era o Bryan, mas Paolo entendeu como se fosse o Rafael e foi melhor assim.

— Hum, cheio de ambição o garoto, gostei de ver. Mas, me diz uma coisa... — Paolo abriu os braços e deu um sorriso enorme. — Então você não vai mais embora, não é? Vai ficar de vez? Eu nem tinha pensado nisso! — E então ele me deu um abraço seguido de um soco no ombro, um jeito doloroso de ele demonstrar afeto por mim.

Eu também não tinha pensado nisso, mas me limitei a sorrir e a responder as perguntas que os meus sobrinhos faziam.

— Não, nada disso! A gente acabou de fazer um acordo, Leonardo, não dá para mudar! — Claudina estava brava, vermelha e suada, sentada no murinho da varanda onde eu e Paolo comunicávamos minha decisão de não abrir mão da minha parte nas terras.

— Ele não é obrigado, querida! — Paolo me defendeu.

— Nós combinamos, não foi? Onde está o documento que você ia assinar? — ela falava alto apontando o dedo na minha cara. Sempre soube que minha irmã era brava, mas nunca a tinha enfrentado num caso que envolvia dinheiro.

— Rasguei e joguei fora! — Mentira, estava intacto no carro, mas eu ia fazer justamente isso mais tarde. — Dina, as coisas mudaram de ontem para cá. Agora eu não posso me desfazer disso aqui, eu vou precisar.

— Pra quê você vai precisar de terra? Há anos que você não sabe o que é trabalhar na roça, mora em outro país. O que vai fazer com isso? Está pretendendo vender para outra pessoa por um preço maior? O Jailton, por acaso? Que covarde que você é!

— Ele tem um filho, Dina, um filho já grande. — Paolo estragou a surpresa. — Um menino que você conhece. O Léo está pensando no futuro dele. E ele vai continuar com a gente, isso é bom para a nossa família. Não seja tão egoísta. Se você ficasse com a parte depois da represa...

Claudina ficou furiosa e se levantou avançando sobre nós.

— Nem pensar! Eu não vou querer pedaços. É tudo ou nada! Quem foi que trabalhou nessa merda aqui e fez isso aqui melhorar? Não foi nenhum de vocês, não foi ele, que ficou bem tranquilinho e agora vem cheio de direitos! E não foi você, que deu um jeito de sair daqui e só vem quando é pra se dar bem!

Eu abaixei a cabeça e fiquei na minha, não queria brigar com ninguém naquele dia, embora não tenha faltado vontade. Mamãe apareceu na varanda com as mãos na cabeça e a Beth, minha cunhada, acompanhava a discussão de longe. Agradei por papai não estar presente, pois poderia fazer mal a ele. A cena não era bonita.

— Meu Deus, que gritaria é essa? — Nossa mãe quis saber, mas ninguém respondeu.

— Você está errada! — Paolo falou com a calma de um advogado, apesar do tom elevado. — A fazenda não te pertence. Você trabalhou nela porque quis e colheu os lucros sozinha. Eu sei que papai quer te beneficiar nos convencendo a vender nossas partes por um valor menor do que o que realmente vale, mas eu não vou fazer isso. O Léo também não. Nós não somos obrigados.

— Então ele que pague a casa com o dinheiro dele, porque eu não quero nem saber, não vou ser feita de palhaça aqui não! — Ela saiu pisando duro, passou como uma ventania pela mamãe e bateu portas lá dentro. Nossa cordialidade na divisão de bens tinha ficado no passado.

Minha cunhada tinha levado os meninos para longe da varanda, de forma que quando mamãe saiu, Paolo e eu ficamos sozinhos. Ele se aproximou e passou um braço sobre os meus ombros. Respirei fundo e senti o peso abrandar.

— Não precisa se desesperar com isso. Se acalme. Enquanto ela não ceder, ninguém paga nada, a casa não é comprada, papai e mamãe não se mudam, as terras não são divididas. E você e eu temos os mesmos direitos que ela sobre isso aqui. Vamos ficar calmos e esperar.

— Ainda bem que você e Beth são fortes e seguros. Muito obrigado pela força que você está me dando.

— Não precisa agradecer. Você é o meu irmão mais novo e eu sempre vou te defender.

Me virei e o abracei com força lembrando quantas vezes eu tinha sentido falta daquele abraço. Me sentei no banco quando ele se afastou. Quando vi que meu pai estava chegando, decidi sair para não ter que falar com ele. Peguei a caminhonete e saí, dessa vez sem rumo.

Paolo tinha razão. Nossos pais estavam vivos e capazes, a fazenda pertencia a eles e não à Claudina. Dessa forma, se quiséssemos resolver aquele impasse, teríamos que chegar a um acordo. No meu caso, era importante que esse acordo acontecesse o mais breve possível. Eu tinha a minha vida no Canadá, minha viagem de volta estava marcada, tinha acabado de prometer ao Bryan que resolveria nossas pendências do passado, e que deixaria minha parte na terra no nome do meu filho. Era muita coisa ao mesmo tempo.

Enquanto dirigia pela estrada que fazia divisa entre nossa fazenda e as terras vizinhas, eu pensava em tudo o que estava acontecendo na minha vida. Não eram coisas ruins, mas eram complicadas. Havia anos que minha vida não passava por tantas emoções simultâneas, dezesseis anos, para ser exato, e eu não estava preparado. Meu coração batia forte e meus dedos tremiam ao segurar o volante. Mais uma vez, eu não sabia o que fazer.

Até que, ao diminuir a velocidade para apreciar um rebanho bonito do outro lado da estrada, eu avistei um velho conhecido. Meu amigo de infância, às vezes nem tão amigo assim, mas meu vizinho mais próximo que, com a divisão da fazenda de meus pais, seria ainda mais vizinho.

Jailton gritou e acenou pedindo que eu parasse. Estava do outro lado da cerca juntamente com alguns cavalos, um rapaz moreno e uma criança.

— Leonardo Leonardi, quanto tempo, hein? Nem acreditei quando me falaram que você estava aqui. — Ele passou pela cerca de arame liso e me estendeu a mão grande e peluda enquanto eu saía do carro.

— Jailton! Muito tempo mesmo, não é, cara? Como vai?

— Tudo beleza. Tirando o que não presta, está tudo bem! — Ele riu, desfez o aperto de mãos e me deu um abraço forte. Ele era quase da minha altura e ainda mais forte que na juventude, de rosto vermelho e barba ruiva. Usava boné e roupas de trabalho. — Você não mudou muita coisa não. Estava nos Estados Unidos, né?!

— Não, não. Já tem mais de dez anos que me mudei para o Canadá.

— Ah, sim... Olha, aquela é a minha princesa! — Ele apontou uma

menina loirinha que segurava as rédeas de um cavalo castanho-escuro. — Vem cá, filha!

A menina veio até a cerca trazendo junto o cavalo, segurando as rédeas sem nenhuma dificuldade. Bryan tinha razão. Cíntia, a mãe, era uma bela morena, mas a filha saiu a cara do pai!

— Minha Jamili, ela já tem oito anos. — Ele a ajudou a passar pela cerca, e pôs a mão sobre o ombro dela de forma protetora. Era surreal um tipo bruto e safado com o Jailton cuidando com tanto esmero de uma menina. A vida é muito curiosa.

— Como o tempo passa e as coisas mudam, não é? Você tem uma menina! Ela se parece muito com você. — Não menti.

— É, todo mundo fala isso. E logo, logo vai nascer um menino. Você tem filhos também?

— Tenho um. — Era a hora de começar a responder afirmativamente à pergunta que quase todo mundo faz quando encontra um velho colega de escola. Sim, eu tinha um filho. — Mas ele já é grande.

— Ah, um rapaz? Que legal! O meu vai nascer mais para o fim do ano, o nome dele vai ser Jailson — ele disse, orgulhoso da falta de criatividade na escolha do nome.

— Eu vou ter um irmãozinho — disse a menina, com os grandes olhos brilhando. — Papai já comprou o cavalo dele.

— Já? — Minha surpresa era genuína. — O menino nem nasceu, mas já tem um cavalo, meu Deus! E como é o nome do seu?

— É Orlando — ela respondeu passando a mão na cabeça do animal através da cerca. Ele se abaixava para receber o carinho.

— Que nome diferente! É nome de cavalo?

— Mamãe disse que é nome de gente, mas o papai disse que podia. — Ela se explicou.

Jailton riu alto e se encostou na caminhonete.

— Ouvi dizer que você vendeu a sua parte para a sua irmã. Aquela mulher vai ficar rica, escuta só o que estou te falando.

Por ali, as notícias corriam mais rápido que qualquer cavalo.

— Não, não vendi. Não deu certo a negociação.

— Uai, achei que você fosse vender e voltar pro Estados Unidos.

— Canadá.

— Que seja! — Acho que ele não sabia da existência do Canadá.

— Não, eu até tinha pensado nisso, mas apareceram outras questões. Estamos num impasse agora: eu preciso levantar um dinheiro rápido para comprarmos uma casa para os velhos, pensei em vender uma parte pequena para ela, mas ela só quer se for tudo.

— Normal. Na hora de mexer com herança, irmão vira estranho. Ainda bem que seus pais vão resolver isso em vida para evitar aborrecimentos mais tarde.

Entramos nas terras dele e começamos a conversar sobre o assunto. A pequena Jamili e o cavalo Orlando nos acompanharam. Depois de Everaldo, aquele era um nome do qual eu jamais esqueceria.

Jailton me falou de suas criações, das dificuldades que teve por causa da seca. E por fim se interessou em ficar com uma pequena parte da minha terra, desde que fosse contígua à dele e que tivesse acesso à represa. Disse que era para criar carneiros. Foi uma boa conversa, interrompida pelo cair da noite. Ficamos de voltar a falar sobre o assunto caso eu não me entendesse com a minha irmã nos próximos dias.

— Ok, então — disse ele na despedida. — Vizinhos de novo, hein? — Ele sorriu apertando a minha mão com força.

Voltei para casa decidido, pronto para enfrentar minha irmã e seu ataque de egoísmo. Se ela não queria uma pequena parte da terra para me ajudar, outra pessoa poderia comprar, e isso resolveria o problema do dinheiro. Eu estava cansado, mas tranquilo, e ansioso para compartilhar a novidade com meu irmão. Ao chegar em casa, porém, tudo mudou. Todos estavam estranhos e silenciosos, Claudina não estava por perto e mamãe estava conversando em voz baixa com papai na sala. Pararam quando eu cheguei e isso me incomodou. Dei de ombros e fui à cozinha pegar algo para comer, depois fui tomar banho. Enquanto eu me vestia no quarto, ouvi passos no corredor e batidas na minha porta. Não parecia ser o Paolo.

— Leonardo? — Era a minha mãe.

— Pode entrar, mãe. Já me vesti.

Ela entrou silenciosa e muito séria, olhando para os lados como se estivesse se preparando para dizer algo difícil.

— O que foi? — perguntei quando notei que tinha algo errado.

— Vem cá, Leonardo, que história é essa de você ser pai daquele neto da Zuleide? — ela perguntou num fôlego só. — Você tem certeza?

— Então a senhora já sabe? É verdade, foi surpresa para mim também.
— Me sentei na cama de cabeça baixa.

— Surpresa pra você? Como isso é possível? — ela falou de forma sarcástica com as mãos na cintura, da mesma forma que fazia quando eu aprontava algo na infância. — Você fez esse menino como? Por carta?

— Mãe, por favor! Não importa de onde ele veio, ele é seu neto. Trata ele da mesma forma que a senhora trata os filhos de Paolo.

— E você fez algum exame para saber se isso é verdade? Eu me lembro de quando aquela menina veio pra cá com um neném, você já tinha ido embora. Por que ela nunca falou nada antes?

Levantei a cabeça e a encarei. Seria possível que mamãe não desconfiasse de nada a respeito da origem do Rafael? Será que a farsa tinha sido tão boa a ponto de enganar até a pessoa mais informada da situação?

Fiquei olhando-a com os olhos estreitos enquanto ela esperava a minha resposta, e senti uma estranha necessidade de falar. O Bryan tinha razão em odiá-la, e o fato de o Rafael ter nascido e crescido apesar dela e do meu pai e de mim e de tudo o que fizemos, era uma vitória. E eu queria esfregar essa vitória na cara dela.

— Mãe, não me obrigue a dizer com todas as palavras como foi que eu fiz esse menino. A senhora bem sabe quem é a mãe dele. Não é “aquela menina”. Acorde.

Falei e esperei que ela digerisse a informação, o que demorou alguns segundos. Dona Gorete foi arregalando os olhos atrás dos óculos, deu um passo vacilante para trás e se apoiou na parede. Cheguei a pensar que ela estivesse passando mal.

— Meu Deus! — ela disse, por fim, se sentando na cama ao meu lado, com a boca aberta.

— Ele nasceu, mãe, e cresceu aqui. Nós nunca ficamos sabendo porque somos idiotas, mas é só olhar para ele. É a cara do Bryan.

— Então, esse tempo todo... — Ela ia dizer algo, mas mudou de ideia.
— Que coisa mais esquisita!

— O Bryan não quer que ninguém mais saiba dessa história, mas quer que eu assumo, porque o menino insiste em saber quem é o pai dele. Ele não desconfia de que a mãe não é a mãe, e nenhum de nós vai falar nisso, só quando o Bryan quiser. — Ela assentiu. Ao me dar conta de que estava falando alto demais, me contive e voltei a sussurrar. — Por favor, não diga nada disso a ninguém, muito menos ao Rafael! Aliás, até mesmo para o

Bryan, se a senhora o encontrar, tem que fingir que não sabe de nada, ouviu?

Mamãe começou a balançar a cabeça em negativa e se levantou como se tivesse se lembrado de algo crucial. A cor natural do rosto dela voltou, assim como o tom acusador.

— Isso não é possível, o Bryan não ficou nem três meses naquele hospital. Vocês querem enganar quem, Leonardo? Ele te convenceu com essa mentira?

Me irritei e me levantei para encará-la.

— Não estou inventando isso, se é o que a senhora está querendo insinuar. Lembra que um dia eu te perguntei de quanto tempo estava a gravidez e a senhora disse que não sabia e nem queria saber? Pois é, já era de bastante tempo! Deveria ter se preocupado.

— Quanto tempo? — Ela ainda duvidava.

— Sei lá, uns cinco meses. A barriga não crescia porque não tinha espaço, por isso ele sofria tanto de dor, não podia nem andar. Não é como uma mulher que já tem o espaço certo.

— Meu Deus! — Ela se benzeu. — E esse menino nasceu com saúde?

— Nasceu sim, Bryan diz que ele não tem nada de errado. Sabe, mãe, os médicos que cuidavam dele esconderam sobre o tempo da gestação e quando fizeram a cirurgia, eles esconderam o bebê. Até cheguei a pensar que a senhora tinha alguma coisa a ver com isso, mas vejo que está surpresa de verdade. Bryan desconfiou, pediu ajuda no hospital, mas ninguém o ouviu, apenas tia Zuleide que procurou o doutor Alberto aqui, e eles deram um jeito em tudo. A irmã de tia Zuleide ajudou.

— Aquela que morreu do coração?

— É.

— E o menino sabe que você é o pai dele?

— Ele ainda não sabe, mas vai saber. A Andressa vai falar. Ela vai continuar como mãe dele até que o Bryan possa explicar tudo.

Minha mãe ficou um tempo calada, de cabeça baixa, depois explodiu em acusações.

— E por que nunca falaram nada comigo? Por que fizeram as coisas pelas minhas costas? Até Zuleide fez as coisas pelas minhas costas!

— Na certa, estavam pensando que a senhora ia dar um sumiço no menino, e eu nem duvido. A senhora nunca colaborou, mesmo sabendo que

era um milagre o Bryan ter um filho, a senhora fez de tudo para o meu filho não nascer. A senhora e papai me fizeram ir embora! — A acusei e ela se assustou. Se sentou na cama e começou a se defender.

— Ele queria abortar.

— Ele tinha quinze anos, não sabia de nada. Não se esqueça de que Bryan foi criado como homem, tem nome masculino. Seria muito escândalo, ainda mais na época, se todo mundo ficasse sabendo. O falecido doutor Alberto, aquele que atendia no hospital, que deu jeito em tudo. Ajudou com os documentos, e ele e tia Zuleide ajudaram o Bryan a criar o filho. Aquilo que a família deveria ter feito!

Finalmente minha mãe se calou. Ficou pálida e pensativa olhando para frente, os olhos fixos na parede oposta onde, no passado, ficava a outra cama. Tentei imaginar o que ela estaria pensando. Até que pedi que ela me deixasse sozinho e quando se levantou para sair, ela me pareceu ainda mais velha e cansada.

Eu também estava cansado, minha cabeça latejava e meus olhos ardiam. Aquele dia tinha sido duro demais e ainda longe de acabar, mas tudo o que eu queria era me deitar e dormir, e deixar para resolver as coisas no dia seguinte. Meu corpo pedia paz e conforto. Meu celular começou a tocar e eu o peguei distraidamente, mas então me dei conta de que aquele número era novo. Desde que eu o tinha colocado para funcionar, ele só estava servindo de relógio, ninguém me ligava ou mandava mensagem. Olhei com atenção e era o número do Bryan. Atendi.

— Oi... — Não falei o nome dele porque algum intrometido poderia estar ouvindo.

— Léo, o que foi que você fez? Ficou maluco? — Bryan estava bravo e falando alto.

— Ei, calma! O que foi que eu fiz?

— Vem aqui em casa, agora! — Ele me ordenou com todas as letras, enfatizando a última palavra.

— O que houve? — insisti.

— Anda logo!

— Tô indo então, mas se acalma aí! — Saí pelo corredor às pressas.

Nesse momento, ainda com o celular no ouvido, eu esbarrei em Beth, minha cunhada. Pedi desculpa pela distração, mas o olhar dela me fez parar para ouvi-la. Parecia que ela sabia o que estava acontecendo.

— Parece que seu irmão deu a notícia antes da hora, não foi? Ele não fez por mal, só estava tentando te ajudar — ela falou sem graça.

— Está tudo bem... eu acho. — Comecei a ligar as palavras dela com o desespero de Bryan ao telefone e senti uma estranha ansiedade. Não parecia ser coisa boa.

Dirigi o mais rápido que pude os 22 quilômetros que separavam a casa dos meus pais do prédio do Bryan. Não vi nem ouvi nada pelo caminho, de tão preocupado que estava. Parei na única vaga que consegui, e ele já estava no portão me esperando. Saí do carro e me aproximei.

— Oi, Bryan. O que...?

— O que deu em você? — Ele foi logo gritando.

— Calma, eu não fiz nada! Me explica, porque estou até com medo.

— Lá na roça todo mundo está comentando! — Ele olhou para os lados, me pegou pelo braço e fechou o portão, me puxando enquanto subia os degraus de dois em dois. — Você disse para alguém que é pai do Rafael, alguém comentou com a empregada, que espalhou por toda a vila. Você não podia ter feito isso! Andressa ouviu e ligou para mim, eu fui correndo pra lá... — Ele respirou fundo. — Meu Deus, só faltava o Rafael saber disso pela boca dos outros! Eu fiquei maluco!

Me sentei na escada e passei a mão nos cabelos.

— Desculpe. É tanta coisa que acontece que nem dá pra acreditar.

— Como você foi abrir essa boca sem me consultar?

Balancei a cabeça de olhos fechados. Eu precisava descansar. Bryan se calou quando percebeu meu estado.

— Como foi lá? — perguntei alguns segundos depois.

— Ah, sorte que o Rafael estava assistindo televisão, acabou cochilando. Eu e Andressa tivemos que falar pra ele assim, do nada. Sem contar que uma hora dessas ele já deve saber que muitas pessoas ficaram sabendo antes dele.

— Meu Deus! — Balancei a cabeça sem acreditar. — Quando eu disse ao Paolo o motivo de não poder abrir mão da minha parte na fazenda, na hora ele deduziu que fosse o Rafael. Numa discussão com minha irmã ele acabou falando, a menina que arruma a casa deve ter ouvido... Desculpe, eu não

achei que daria nisso. As coisas acontecem diferente do que a gente imagina. É uma loucura!

Bryan estava de pé na minha frente, alguns degraus abaixo, apoiado na parede. Mais um pequeno trecho e chegaríamos à porta do apartamento dele, mas ficamos parados ali, como duas estátuas. Eu passei as mãos pelo rosto enquanto ele me observava. Sua expressão de raiva foi se abrandando e dando lugar à de curiosidade.

— Paolo deduziu que fosse o Rafael? Por que?

— Pois é. Acho que Rafael é o único menino de dezesseis anos e sem pai nas imediações.

Bryan balançou a cabeça em negativa.

— Não, não, Paolo não conhece as imediações tão bem assim. Ele vem fazer visita uma vez ou duas por ano, e só. Eu tenho a impressão de que Rafael andou por lá algum dia em que ele estava presente, e eles devem ter conversado sobre isso.

— Sim, deve ser. Ontem mesmo ele mencionou uma manchinha que Paolo tem no braço esquerdo. Ele investigava mesmo. Além disso... — Me lembrei de algo importante. — Quem é esse Arthur que o Rafael chama de avô? Ele disse que esse avô falava que ele era um Leonardi, por isso ele pensou em Paolo, que estava geograficamente mais perto da mãe.

Bryan me deu um tapa no braço. Era incrível como as pessoas de minha família não largavam aquele costume irritante.

— Meu Deus, até essa agora! Seu Arthur era odioso. Ai, como eu odiei aquele velho quando o conheci! Quando a mãe de Andressa morreu, ele se aposentou e veio para cá, e mesmo sabendo que o neto tinha morrido, ele tratava o Rafael como se fosse o filho de Andressa. Ele tinha uma barriga enorme, vivia sentado numa cadeira em frente à minha casa, fumando e falando idiotices. Noventa por cento do que ele dizia eram devaneios bizarros, acho que ele sonhava com aquilo. Rafael achava engraçado. Não sei de onde ele tirou essa sobre o Rafa.

Assenti concordando. Esse Arthur era um tipo que eu gostaria de ter conhecido, aliás...

— Tantas mortes nessa família — comentei. — Todo mundo de quem você fala já morreu.

— Verdade... É que eles comem demais. E tem predisposição às doenças do coração.

Assenti mais uma vez e ficamos calados até que resolvi voltar ao

assunto. Sorte a escada estar vazia e silenciosa para nós dois.

— Como o Rafael reagiu à informação? O que ele disse sobre mim?

— Ele não reagiu... — disse Bryan tristemente. — Ficou quieto e me deu um abraço, depois foi para o quarto. Desde que ele aprendeu a falar, foi a primeira vez que ficou sem palavras.

Abaixei a cabeça. Aquela era uma situação para a qual eu não tinha nenhum parâmetro de como reagir. O que dizer ao Bryan ou o que dizer ao Rafael quando o encontrasse? Será que ele voltaria a falar comigo com aquela espontaneidade de antes?

Bryan me despertou dos meus pensamentos.

— Eu te chamei aqui pelo seguinte: para quem perguntar, você tem que dizer que conheceu Andressa na praia, no fim de 1999, você não lembra de muitos detalhes porque estava bêbado, ouviu? Eu estava na ocasião e posso confirmar essa história de vocês dois.

— Hein?!

— Andressa vai dizer a mesma coisa. Rafael está calado agora, deixa o tempo dele, mas amanhã a “vó” sai do hospital, a “mãe” vai embora e a vida continua do mesmo jeito de antes. Não vai demorar e ele vai vir com as perguntas de sempre, por isso só diga o que eu te falei. Não invente nada, porque aí complica, ouviu? E lembre-se de contar essa história para todo mundo que te perguntar.

— Andressa nunca tinha vindo pra cá antes... — tentei argumentar.

— Isso só tia Zuleide que pode confirmar, e ela não vai fazer isso. Já está informada. Todos os outros, com exceção de seus parentes, já morreram, e seus parentes não são espertos. Ou são espertos demais para entrar nesse assunto.

— Ah, sim... — Apoiei os cotovelos nos joelhos quando senti o cansaço me abater. — Andressa e eu... Meu Deus!

— Está passando mal? — Bryan perguntou enquanto se levantava e se espreguiçava. Ele também parecia cansado.

— É cansaço, muito cansaço. Essas últimas 24 horas me trouxeram mais emoções do que a última década inteira!

— Imagino que vidinha chata que você levava então! Vem, vamos entrar. Descanse um pouco antes de ir, não é bom você dirigir assim.

Eu me levantei com a ajuda dele, entramos no apartamento e ele me indicou o sofá. Depois foi em direção à cozinha e começou a mexer com

panelas. Me encostei numa almofada fofa, de tecido preto macio. Fechei os olhos e sorri ao me lembrar de uma coisa.

— O seu Everaldo não vai ficar bravo se souber que eu estou aqui de novo? Ele me pareceu ciumento.

— Se tiver uma cena, eu ponho os dois pra correr!

— Adorável! É por isso que eu sonho com você... — Bocejei.

— Andou sonhando comigo, é?

— Pois é... — Fui escorregando para o lado e me deitando no sofá. — Você nem vai querer saber o que é.

— Quer jantar? — Bryan desconversou.

— Quero sim, se não for incomodar. Você me chamou tão desesperado que eu vim antes de comer. Hoje o dia foi difícil.

A cozinha era perto, por isso dava para continuar nossa conversa.

— Você não parece nada bem. Há quanto tempo parou de fumar?

— Já tem mais de um ano. Mas como você soube? — Aquilo me deixou estarecido. Eu não tinha falado com ninguém!

— Intuição. — Bryan voltou à sala enxugando as mãos num pano de prato e piscou para mim. Depois deu uma risada. — Intuição é o caralho! É o jeito que você faz com os dedos quando está distraído. E antes que você me ache muito esperto por ter reparado nisso, saiba que foi o Rafa quem comentou. Mas é bem óbvio.

— Rafa... Então vocês andaram falando sobre mim?

— Naquele dia que você foi lá na tia Zuleide. Ele viu que a gente tinha alguma... pendência do passado. — Ele me olhou e sorriu, depois voltou a ficar sério. — Tem certeza que está bem?

— Eu tô bem sim. É que as coisas estão caindo muito rápido em cima de mim e eu não estava preparado para nada disso. Eu cheguei aqui na quinta passada pensando em assinar o que tivesse que assinar e voltar para a minha vidinha, cheguei a combinar com Claudina um pagamento quase simbólico pela minha parte na fazenda, e em prestações...

— Ah, é?

— É. E aí você me diz que o Rafael é aquele bebezinho que nós dois fizemos sem saber, depois me lembrou que eu tenho obrigações com ele... Tá bom, achei justo, mas explicar isso em casa não está sendo fácil. Até quem tenta me ajudar acaba causando problemas. Paolo falou aquilo para que ela

me entendesse.

— Ela, quem? — Bryan foi mexer alguma coisa no fogão e calmamente me encorajou a continuar falando, mas eu sentia que sua calma era apenas aparente, e que ele estava ansioso para arrancar de mim algumas informações. Pouco sutil.

— Claudina. É que para a gente tomar posse da fazenda, precisamos providenciar uma casa adequada para os nossos pais e, naturalmente, eu não tenho dinheiro pra isso. Falei com Paolo sobre isso hoje mais cedo, logo depois do nosso almoço, e ele viu uma solução simples, mas Claudinha não topou de jeito nenhum. Ela quer a minha parte toda ou não me ajuda em nada! Paolo falou do Rafael para que ela pudesse abrandar e ser mais flexível, mas de nada adiantou.

Bryan voltou com o pano nas mãos, e dessa vez ele estava bravo.

— Claudina fez isso?

— Pois é.

— Aquela bruxa mal-amada! É por isso que vive sozinha, cheia de teias de aranha! Sabe, eu até gostava dela antigamente, mas depois de anos e anos convivendo com a sua mãe, ela está igual ou pior. Chata e recalcada!

— Ai, Bryan... — Toda vez que ele ofendia a minha família, eu ria.

— Sabe o que é isso? É falta de homem, falta de...! — Ele falava sério e gesticulava, mas eu ria alto, chegava a me contorcer no sofá. Até que ele me jogou o pano na cara.

— Calma, você não sabe! Não falei nem com Paolo ainda, mas eu, por acaso, topei o Jailton e conversei com ele. Se Claudina não fizer o acordo, ele vai fazer um negócio comigo, já que é meu vizinho de cerca. De qualquer maneira, a coisa desenrola. Eu sei que Paolo vai me apoiar.

Bryan me ouviu pensativo, com a cabeça inclinada para me observar do mesmo ângulo. Depois ele balançou a cabeça e voltou para a cozinha.

— Anda, vem comer!

Fui até a bancada e ele já estava lá fazendo o prato. Comemos quase em silêncio, nossos cotovelos se tocando, o que fingíamos ignorar. Tinha arroz, feijão, carne, batatas e salada de tomate. Simples e muito gostoso para mim que estava com muita fome. Quase no fim da refeição, Bryan riu sozinho e passou a mão pelo rosto.

— O que foi? — Estranhei.

— Eu estava com tanta raiva de você, Léo! Se você não tivesse uma

boa explicação para aquela confusão toda, eu nem sei o que eu faria...

— Ainda bem que eu tinha uma boa explicação.

Sorrimos. Ficamos mais alguns minutos em silêncio até que ele se virou para mim com ar preocupado.

— Você teve mais crises de hipertensão depois daquele dia?

— Não sei, talvez eu tenha tido hoje. Talvez eu esteja tendo agora. — Exagerei tentando dar um duplo sentido às minhas palavras. Não sei se surtiu algum efeito. Bryan ignorou meu sorriso sem-vergonha e me olhou como se me examinasse.

— Trate de se cuidar, esse problema deixou o seu pai acabado. Você vai ficar que nem ele.

— Bryan, que comparação injusta! Meu pai tem setenta anos.

Ele se levantou, me deu um copo de água e foi ajeitar a cozinha. Eu fui ao banheiro, lavei a boca e voltei para a sala. Me sentei no sofá e Bryan se sentou ao meu lado. Ficamos calados até que eu comecei a bocejar de forma escandalosa.

— Tô ficando com sono... — falei;

— Sêrio? — Ele ironizou. — Não tinha reparado.

— Me deixa descansar, depois eu vou... — Fechei os olhos — ... embora. — Pensei em mantê-los fechados por alguns minutos porque ardiam, mas eu perdi a contagem do tempo. Acabei pegando no sono.

Meio inconsciente, eu tive a impressão de que as luzes se apagaram e que alguém me fez deitar no sofá onde uma almofada macia já esperava pela minha cabeça. Senti carinho e calor humano. Apaguei. Ali eu tive um sonho engraçado. Eu sabia que dormia, mas via o Bryan sorrindo bem perto de mim, falando coisas que eu não entendia. Senti um beijo leve e demorado no meu rosto, depois nos meus lábios. Era gostoso. Ainda no sonho, ou na realidade, eu ouvi um barulho de metal, fui sacudido e obrigado a me levantar, encaminhado para uma porta onde a escuridão me aguardava. A escuridão era fria, porém macia, e ali o sonho acabou.

Aos poucos, fui despertando de um sono profundo, me esticando na cama e ouvindo minhas juntas se estalarem como biscoitos crocantes. Senti que tinha dormido bastante, pois meu corpo estava letárgico como se tivesse passado muito tempo na mesma posição. Me virei com cuidado para não cair da cama, mas me dei conta de que eu não estava naquela caminha estreita da

casa dos meus pais, eu estava numa grande cama de casal. Por um momento eu cheguei a pensar que estava no meu próprio apartamento, dormindo na minha própria cama, mas mudei de ideia ao sentir um cheiro diferente no ar. Eu ainda estava no apartamento do Bryan, que tinha me tirado do sofá e me levado para a cama dele. Eu me recordava de ter cochilado na sala e de ter sonhado aos montes. E de ter sido encaminhado, sonâmbulo, para o quarto.

Sentei na cama e senti o incômodo causado pela bermuda de tecido que tinha deixado marcas na minha pele, e senti que precisava ir ao banheiro. Esfreguei os olhos tentando me localizar no tempo e no espaço e vi, pela fresta da cortina blackout, que lá fora o sol estava brilhando. Pus as pernas para fora da cama e então vi, na mesinha lateral, um papel branco com um recado escrito em letras grandes. Era para mim.

“Leonardo, fui à academia, volto depois das dez. Não saia antes de eu chegar. Ah, eu atendi o seu celular, era o seu irmão preocupado. B”

Em cima do outro travesseiro estava o meu celular, peguei-o para ver a ligação e tomei um susto: eram quase onze horas da manhã! Levantei da cama num pulo e saí do quarto. Putz! Tentei entrar no banheiro do corredor, mas ao girar a maçaneta, ela não cedeu. Estava trancado.

— Já tô saindo! — disse o Bryan, e pouco depois ele abriu a porta. Fez um falso drama ao me ver. — Meu Deus, achei que teria que chamar uma ambulância! Tomei o seu pulso duas vezes essa noite para conferir se você estava vivo.

Ele tinha acabado de tomar banho. Estava vestido, mas com cheiro de sabonete e os cabelos molhados.

— Eu dormi demais, me desculpe — eu disse, envergonhado.

— Notei. Isso é normal?

— Não, é que eu estava muito cansado, há dias que eu não vinha dormindo direito, e depois de tanta coisa...

— Tudo bem. Vai, toma um banho que essa morrinha passa.

Entrei no banheiro e fechei a porta, mas ouvi a voz do Bryan:

— Tem uma escova aí para você, e vou pegar uma toalha!

De fato, tinha uma escova de dentes nova, lacrada, sobre a bancada. Era cor-de-rosa.

— Brigado! — respondi. Quando abri a porta, a toalha estava pendurada na maçaneta. Peguei-a e fui tomar um banho gostoso que me encheu de energia. Vesti apenas a bermuda porque o resto da roupa estava

suada, e saí do banheiro. Bryan estava na cozinha.

— Está vivo agora? — ele perguntou enquanto fazia alguma coisa na pia. Não me olhou diretamente. — Vem tomar café, vem.

— Com esse cuidado todo, eu não vou querer ir embora nunca mais — disse, ao me aproximar. — Nunca cuidaram de mim assim.

Bryan elevou seus olhos azuis em minha direção e sorriu.

— Não se acostume, é claro que você vai embora.

Não respondi, apenas sorri. Fui até a bancada e lá tinha café, pão e manteiga, além de queijo e uma cesta de frutas. Eu comecei a comer e notei que o Bryan estava tomando algo diferente num copo grande. Tinha sido batido no liquidificador, pois a jarra do aparelho estava suja ao lado.

— O que é isso? — Apontei.

— Um shake que eu tomo depois do treino. Não é muito gostoso.

Eu já tinha reparado que o corpo dele era repleto de músculos definidos e aquilo devia dar bastante trabalho.

— Hum... Você disse que meu irmão ligou...?

— Sim, foi ontem ainda. Parece que estavam todos preocupados com o seu sumiço, aí eu tranquilizei o pessoal. Mas agora — ele sorriu sacana e piscou para mim — eles sabem que você dormiu aqui. E você deve saber como eu sou mal afamado por essas redondezas.

— Ah, é? — Me interessei. — E qual a sua fama pelas redondezas?

— Eu sou viado, naturalmente. — Ele falou com certa ironia. Claro que era assim que as pessoas o viam, já que não sabiam de suas particularidades. — Andei tendo uns casos que caíram na boca do povo, então imagina. Virei puta.

— Falam isso de você?

— Pois é, mas faz tempo que eu não ligo. Se prepare porque vão te apontar na rua quando você sair daqui. Estou avisando.

— Que se fodam! Ninguém tem nada com a minha vida. — Bryan me olhou com curiosidade, depois sorriu. — Você me beijou ontem à noite — falei sentindo certo prazer.

— Do que você tá falando?

— Ontem, enquanto eu estava cochilando no seu sofá!

— Você estava sonhando, isso sim. — Ele se levantou e começou a

lavar os copos na pia. — Eu fui te pedir a chave do carro porque você fez o favor de estacionar em frente à garagem do meu vizinho mais idiota e ele me ligou, cheio da razão...

— Eu estacionei em frente a uma garagem? Meu Deus! Juro que eu não reparei. Que chato! E você viu quando eu cheguei.

— Até que dava para aquele imbecil sair, mas como ele adora me infernizar... — Bryan respirou fundo. — Enfim, você não acordou e eu tive que pegar a chave no seu bolso, e então notei que você devia estar sonhando com alguma coisa muito boa. — A risada que ele deu entregou que tipo de sonho ele achou que eu estava tendo.

— Você me beijou sim — repeti sem muita convicção.

— No seu sonho, só se for! Eu até fiquei preocupado porque você não acordava de jeito nenhum, mas vi que a sua “pressão” estava alta e resolvi te deixar quieto.

— Foi esse vizinho que bateu no portão? Porque eu ouvi o portão.

— Não! — Ele ficou repentinamente sério. — Foi outro idiota.

— Seja mais específico.

— Um carinha aí passou por aqui e reconheceu o seu carro na frente do prédio, parou e ficou batendo no portão. Fez um verdadeiro escândalo!

Eu saquei quem devia ter sido.

— E aí você me levou pro seu quarto! — Sorri, satisfeito.

— Levei, você estava esgotado e, afinal, a casa é minha, eu ponho quem eu quiser na minha cama. Desci lá e resolvi a situação em definitivo.

— Resumindo: você tá solteiro!

Bryan sorriu de um jeito matreiro que em todas as formas lembrava o Rafael. Piscou.

— E quem disse que eu não estava antes?

— Foi o olhar de um rapaz de dezenove anos que me disse.

— Ele nem era fiel e estava se achando demais, querendo cuidar da minha vida. Cansei.

Bryan pegou um pano e começou a limpar a bancada com vigor.

— Gostei de ver, decidido! Eu também sou bem solteiro, no caso de você se interessar.

Ele riu alto, depois fez cara de decepção.

— Eu não me iludo com você.

— Isso foi cruel, viu? E olha que eu gosto de você... — Toquei a mão dele, a que tinha o pano e ele permitiu, olhando para baixo.

— Gosta, é?

— Sim. E aquele beijo foi muito bom no sonho, sabia? Eu ainda penso que foi real...

— Mas não foi... — Bryan não me olhava, mas já tinha saído de trás da bancada e estava parado ao meu lado.

— Então deixa eu conferir, só para ter certeza.

Antes que ele pudesse entender o que eu dizia, eu o puxei para mim. Com as duas mãos, uma nas costas e outra na nuca, eu o abracei, e o beijei de uma vez sem dar chances de ele reagir. No começo ele apenas deixou, manteve os lábios entreabertos, mas parados, mas depois ele correspondeu com desejo, se entregando aos meus braços.

A banqueta era alta de forma que eu podia encaixá-lo entre minhas pernas e pressioná-lo contra o meu corpo que estava quase desnudo. Apenas a bermuda me vestia. Beijei-o na boca, no pescoço, nos ombros enquanto minhas mãos apertavam com força suas costas, braços e cintura. As mãos dele, um tanto frias por terem estado na água poucos minutos antes, deslizavam pelo meu peito, meus braços, costas, coxas, os dedos se enroscavam nos meus pelos. Ele me queria! O beijo quente e intenso e a pegada forte deixavam isso mais do que claro. Até que descii as mãos pela cintura dele e o puxei para encaixá-lo sobre minha coxa, e acho que isso foi um pouco precipitado. Ele interrompeu o beijo e saiu dos meus braços, me deixando ofegante e louco de vontade de continuar. Virou de costas para mim e pegou água na geladeira. Bebeu toda uma garrafinha de uma única vez. Me movi apenas o suficiente para tocar suas costas com as pontas dos dedos. Senti os músculos tensos e a carne quente. Quando falei, minha voz saiu grave, mais grave do que eu me recordava. Não parecia a minha voz.

— Esse beijo... tão real! Realmente você não me beijou ontem. Foi um sonho. Esse foi diferente, foi... foi forte.

Bryan ouviu e foi se virando lentamente, seu rosto rosado aparecendo aos poucos na minha frente. A boca estava vermelha e entreaberta, úmida, deliciosamente úmida. Nossos olhos se encontraram.

— Claro que eu te beijei ontem, mas não foi naquela hora no sofá.

— Ah, é? E quando foi?

— Foi na cama, bem mais tarde. Eu me deitei ao seu lado e ouvi você murmurando; prestei atenção e era o meu nome. Achei... bonitinho. Não resisti e te beijei e a gente se pegou, estava até gostoso, mas daí eu notei que você estava mesmo dormindo. Estava sonhando comigo! Então eu saí e fui dormir no quarto do Rafa.

— Me desculpe! — Me levantei e o abracei por trás cheirando o pescoço dele, que se arrepiava. — Eu queria estar acordado para aproveitar porque eu venho sonhando com você com certa frequência, sabe.

— Eu reparei. Você me chamava... O que a gente estava fazendo no seu sonho para você agir daquele jeito?

— Não me recordo bem, mas acho que a gente estava na praia, e você não usava nenhuma blusa. Sempre sonho com os seus peitos.

Bryan riu alto e me deu um tapa no braço. O abracei com força tirando-o do chão, levantando-o, apesar do peso, para acima da minha cabeça, para descê-lo colado ao meu corpo. A camisa dele subiu por causa do atrito contra o meu peito, e sua boca se colou à minha num beijo suave.

— Eu te quero tanto... — falei quando ele acabou de escorregar pela minha pele e já estava no chão. Eu o queria e não podia esperar mais. Mas ao focar em seus olhos, vi que eles ficaram subitamente hostis. O tom azul ficou escuro, e a boca ficou dura. As palavras saíram ásperas.

— Ah, por favor! — Ele se soltou do meu abraço e se afastou. Caminhou pelo pequeno espaço entre a sala e a cozinha, ora me olhando, ora de costas para mim.

— O que foi?

— Quando você volta pro seu Canadá?

— Por que a pergunta?

— Não tente me iludir, Léo, você só veio para resolver as coisas e voltar logo, eu sei que você tem data pra viajar. Quando é?

Respirei fundo e olhei para o chão. Aquela boca que tinha acabado de me beijar estava longe e inacessível, e o queixo erguido me desafiava a expor todas as minhas fraquezas. Ele tinha razão. Eu tinha uma data.

— Dia 29... — confessei.

Eu esperava pelo aumento do seu acesso de raiva, mas o que ouvi foi um suspiro de tristeza. Seu queixo deixou de ser arrogante e seus ombros caíram.

— É o dia do aniversário real do Rafa. Dia 29 de julho...

Não tive palavras para responder. Era um dia especial para ele, que ele sequer podia compartilhar com o filho. Entre nós se instalou um silêncio tenso e acredito que ele se esforçou para conter uma emoção mais forte. Eu também tive que conter uma lágrima. Até que senti uma coisa fria e dura acertar o meu peito; o Bryan tinha me atirado as chaves da caminhonete. Agarrei quando senti o impacto.

— Já pode ir embora — disse ele me virando as costas.

— Bryan, me dá mais uma chance. Eu posso voltar...

— Eu duvido que você volte, Léo. Depois que chegar lá você vai me esquecer, esquecer daqui, esquecer de tudo, como da outra vez!

— Mas eu não esqueci, eu juro, eu só não sabia... — Fui me aproximando enquanto ele recuava, até que o alcancei.

— Como é que eu...?

O agarrei antes que ele pudesse continuar e o beijei com avidez, e dessa vez ele correspondeu de imediato e com vontade. Deixei a chave cair no chão, o que fez bastante barulho, e fixei minhas mãos no corpo do Bryan para que ele não se afastasse mais. Preso nos meus braços, ele não tentou sair, ao invés disso, se enlaçou em mim, os braços em volta do meu pescoço e as pernas com a clara intenção de se abrirem e se envolverem em torno da minha cintura. Ele tirou os pés do chão e o seu peso, aliado à minha vontade de domá-lo, nos derrubou no chão, sobre o tapete fofo da sala. Eu sobre ele e um desejo incontável, uma vontade louca de matar a saudade de algo que a gente sequer tinha chegado a fazer. Eu queria entrar no corpo dele.

— Eu nunca esqueci... — disse, entre as pequenas pausas de nossas bocas. As mãos não paravam. — Nunca mesmo. Sempre fui louco para conhecer o seu corpo depois de adulto.

— Não fala... não fala nada!

Ele passou os dedos nos pelos do meu peito e arranhou as minhas costas. Mesmo com as unhas bem aparadas, ele fazia minha pele arder. Entre suas pernas, eu pressionava minha excitação cada vez mais forte, e minhas mãos se ocupavam em explorar seu peito. Ele gemia mais e mais conforme meus dedos avançavam sobre sua pele sensível. O peito dele era forte e musculoso, e tinha bicos grandes e macios, que cresciam conforme eram tocados. Senti vontade de vê-los e sugá-los, de sentir que gosto tinham, mas o tecido da camisa estava fixo. Bryan o estava prendendo deliberadamente. Desci minha boca até a orelha dele para deixá-lo arrepiado e para sussurrar o

que eu estava querendo.

— Deixa eu te conhecer direitinho, deixa... Você tem tantos segredos embaixo dessa roupa... Deixa eu ver...

Ele gemia, todo entregue, e eu aproveitei para levantar ainda mais sua camisa. Senti as auréolas salientes, como se estivessem inchadas, e me concentrei em tocá-las apertando de leve com três dedos de cada mão. Mas de repente, o corpo do Bryan paralisou e ele me conteve.

— Para, Léo! Não é assim não! — Ele se virou e me fez sair de cima, mas eu continuei tentando tocá-lo e beijá-lo.

— Então me diz como é, eu faço o que você quiser...

— Não, por favor, não! — Ele balançava a cabeça em negativa e suas mãos empurravam meu peito para longe, mas a força que ele empregava era pouca, como se não quisesse, de fato, me afastar. Seu corpo parecia me querer, apesar da resistência. — Não, Léo, assim não. Está indo rápido demais.

— Eu te quero, você me quer, por que não?

Os olhos dele encontraram os meus e tinha um brilho de desespero neles. E ele continuava negando com a cabeça, mas permitindo com as mãos e o resto do corpo.

— Eu tenho que sair, tenho que buscar tia Zuleide no hospital, tenho que buscar o Rafael na casa dela. Aliás, eu tenho que buscar o Rafael antes, eu prometi levá-lo... Meu Deus, eu já perdi tempo demais! — Com um joelho, ele afastou uma perna minha que estava entre as dele e se sentou no tapete. Passou as mãos pelo cabelo e começou a se levantar, mas eu o imobilizei com um abraço forte.

— Tudo bem, a gente vai lá... — Beijei o pescoço dele, que gemeu. — Calma que vai dar tudo certo. — Beijei-o nos lábios e depois na testa, de forma protetora. — Vou pegar minha camisa e vou com você, eu fico no hospital enquanto você busca o menino. Depois a gente continua... — Colei minha testa na dele e minha respiração descompassada encontrou a dele. — Depois a gente continua!

Bryan respirou fundo e soltou o ar pela boca de olhos fechados. Se levantou num impulso e em passos rápidos, foi para o quarto. Fui atrás dele, mas antes que eu chegasse lá, minha camisa foi atirada sobre mim e a porta foi fechada na minha cara.

Vesti a camisa, peguei minha cueca que estava no banheiro e coloquei-a no bolso para levá-la embora. Bryan saiu do quarto bem vestido e cheiroso, de

meias nos pés e a chave do carro na mão. Calçou os tênis que estavam próximos à porta, trancou-a e eu o segui escada abaixo. Enquanto ele tirava o carro, que ficava guardado no prédio ao lado, eu procurei pela caminhonete e encontrei-a do outro lado da avenida, longe de qualquer garagem, hidrante ou vaga exclusiva.

Sáímos quase ao mesmo tempo, mas em direções diferentes. Ele rápido e concentrado, eu disperso e ainda excitado. O corpo dele, a voz dele, o jeito que ele me tratava, tudo isso me deixou ansioso para continuar de onde tínhamos parado. A gente estava indo rápido, bem rápido, mas para o meu desejo, não era rápido o suficiente. Saber que ele compartilhava dos meus sentimentos e retribuía os meus avanços me deixava muito feliz, mas ainda assim... em meia hora, mais ou menos, eu veria o meu filho, o nosso filho, e isso era assustador.

Em poucos minutos eu cheguei ao hospital. Encontrei duas sobrinhas de tia Zuleide na recepção esperando que o médico a liberasse, e elas me disseram que estava quase na hora de ela sair. Me sentei num banco do lado de fora e esperei. Havia poucos dias que eu tinha estado naquele hospital e não estava com saudades.

Logo o Bryan chegou e com ele, o Rafael. Este vinha logo atrás, olhando com desinteresse as pessoas próximas à portaria. Ao passar por mim, ele virou o rosto. Eu também não sabia o que fazer e isso foi um pouco chato. Gostaria que tivesse sido diferente. Bryan disse que ia entrar para ver se estavam precisando de alguma coisa, mas eu o contive para uma pergunta de última hora.

— O que eu faço? — Com um olhar, expliquei o que queria dizer. Bryan entendeu.

— Não diga bobagens, apenas isso. Ele vai se aproximar de você.

Eu estava nervoso. Mesmo já tendo conversado com o Rafael antes, nesse momento estava tudo diferente. Eu não era mais um conhecido distante, um amigo que o tinha ajudado num plano, “o filho do pessoal ali” como ele tinha dito na primeira vez que o encontrei. Tínhamos uma ligação, uma coisa séria. E isso me assustava.

Rafael se sentou ao meu lado no banco de cimento mantendo certa distância, e eu sorri para ele. Tive medo de falar algo tolo ou de parecer desinteressado demais.

— Oi — falei, tentando engatar algum assunto. — Tudo bem?

— Aham — ele respondeu sem muita vontade e começou a estalar os dedos. Depois pegou o celular.

— Me desculpe por não saber antes... — Arrisquei e acho que acertei o tiro, pois ele entrou no clima.

— Tudo bem, Andressa explicou tudo, o tio também. Você não sabia que eu tinha nascido.

— É...

— Eu não tô com raiva de você não.

Achei interessante a forma com que Rafael disse isso. Ele não estava com raiva de mim, mas estava com raiva de alguém, isso era óbvio. O olhar dele, os gestos nervosos, os lábios presos entre os dentes. Ele queria falar alguma coisa.

— Que bom! Do que você tem raiva então?

— Sei lá... — Ele deu de ombros. — Eu ainda tinha esperanças...

— Esperanças?

— De que fosse o Bryan.

— Ah... — Ele queria ser filho do Bryan! Achei tão bonita a expressão que ele fez, estive mesmo a ponto de dizer isso, mas me contive a tempo. Era melhor me calar antes de falar alguma coisa errada, o Bryan me mataria se eu estragasse tudo. — Mas eu sou o seu pai.

Rafael pôs o celular no bolso e finalmente me olhou.

— Tudo bem, eu achei legal. Sério.

Passei meu braço sobre os ombros dele.

— Também achei legal.

Ficamos em silêncio até que Rafael sorriu, tirou meu braço do próprio ombro e começou com as inevitáveis perguntas. E foi bem direto.

— Por que você não pediu um exame de DNA?

— É porque eu não tenho dúvidas. Mas se você quiser, eu peço o exame. Vai dar positivo, eu garanto. — Claro que ele iria questionar, mas eu tinha que ser mais esperto e passar tranquilidade. Um exame de DNA convencional traria um problema que nem o Bryan parecia estar ciente: a amostra da mãe.

— Interessante... — Rafael balançou a cabeça numa afirmativa lenta. Ante a minha incisiva certeza, ele ficou sem saber o que dizer, e seus olhos

inteligentes vagaram de um lugar para outro com rapidez. Ele estava procurando algum ponto mal explicado para me testar. — Me diga, tem alguém de olhos azuis na sua família?

— Não, que eu saiba... — respondi antes de pensar e me arrependi logo em seguida. Era tarde demais.

— Meu avô era branco, mas não tinha olhos azuis. Você não tem, nem seus pais, nem ninguém... — Ele fez uma pausa e sorriu, triunfante.

— Sei lá, acho que isso pode acontecer.

— Não com as ervilhas.

— O que tem as ervilhas?

— Ai, já vi que você fugiu da escola, assim como o Bryan. Deixa pra lá. Você vai fazer o exame?

— Ah, o exame! — Cocei a cabeça. — Sim, a gente vai fazer esse bendito exame! Não se preocupe, assim que a gente puder, a gente vai ao laboratório e pede um exame. — Como a gente faria isso sem levantar suspeitas, o Bryan teria que se virar. Eu não estava passando no teste de perguntas do Rafael, na verdade, eu estava sendo bem reprovado. — Você não confia na minha palavra, não é?

— Confio sim. É que eu sempre pensei no exame, sabe. Eu queria fazer e ver como é.

— Entendo...

Demorei a entender o que tinha a ver ervilhas com a minha vida, admito até que usei a internet do celular para pesquisar no momento em que Rafael foi comprar um refrigerante. Ao questionar sobre a cor dos olhos, com certeza ele já devia saber que da mistura de Leonardo e Andressa não sairia alguém como ele. Eu precisava dizer isso ao Bryan.

Rafael voltou e sentou-se ao meu lado bebendo Coca-Cola diretamente da latinha...

— É verdade que o Bryan não pode fazer filhos? — ... e continuou com suas perguntas terríveis.

— Quem te disse isso?

— Ele mesmo. E dizem que ele é aleijado dos testículos. Você deve saber, afinal você dormiu com ele essa noite.

Respirei fundo e passei as mãos pelo rosto e cabelos.

— Eu exijo a presença do meu advogado!

— Você está com sorte, olhe ele ali! — Rafael deu uma risada e apontou o indicador sem nenhuma cerimônia.

— Como? — Não entendi a graça, mas ao olhar na direção que ele apontou, vi uma pessoa conhecida que se aproximava sorrindo. — Paolo?

— Ele é advogado, não é?

Assenti. “E chegou em boa hora” — pensei.

— Léo?! Que bom que você está aqui! Eu vim para ver tia Zuleide, mas me disseram que ela já está indo para casa. É verdade? — Paolo estendeu a mão ao Rafael, que correspondeu de forma tímida, depois me cumprimentou com um meio abraço.

— Sim, daqui a pouco ela vai embora. O Bryan está lá com ela.

— Muito bom. E você, Rafael? Tudo bem?

— Eu tô legal — ele respondeu.

— Hum, estou feliz por você ser meu sobrinho.

— Ah, valeu.

— Ele chegou a pensar que era seu filho, acredita? — falei e Rafael me fuzilou com o olhar.

Paolo arregalou os olhos e deu uma risada.

— Eu? Isso seria bem interessante..., embora a escola esteja um pouco cara ultimamente. Eu tenho dois filhos, você precisa conhecer eles.

— Vocês dois tem manchinhas iguais nos braços. Mostra a ele, Rafa — continuei.

Cada vez menos à vontade, Rafael puxou uma pulseirinha que usava no braço esquerdo e o estendeu na direção de meu irmão. Paolo olhou-o com curiosidade e então tirou o relógio para mostrar onde estava a manchinha dele. Eram idênticas.

— Olha a genética aí! — disse Paolo, com entusiasmo. — Você é mesmo meu sobrinho. Gostei de você.

O sorriso de Rafael se estendeu um pouco mais, e eu me senti mais à vontade para encará-lo. Genética. Só Paolo mesmo para me tirar da sinuca de bico onde eu me encontrava.

— Viu só? Agora olha os nossos pés. — Estávamos os dois de sandálias. — Bryan diz que são parecidos.

Rafael cobriu os olhos com a mão e abaixou a cabeça se dizendo envergonhado.

— O Bryan deve saber mesmo de tudo onde a gente é parecido, mas ele não precisa ficar falando.

Todos rimos juntos. Eu ficaria com vergonha se tivesse outra pessoa por perto, mas me senti muito à vontade com meu irmão. E como na noite anterior ele tinha ligado para o meu celular e o Bryan tinha atendido, nem adiantava dizer que não estava rolando nada entre nós.

Foram cerca de quinze minutos até o pessoal começar a sair do hospital. Tia Zuleide chegou andando devagar e segurando a mão de Bryan; suas duas sobrinhas vinham atrás com papeis e uma pequena bolsa. A tia estava ainda mais magra e seus cabelos brancos estavam bagunçados. Apesar disso, ela aparentava saúde e estava feliz.

Rafael a abraçou e Paolo também. Conversaram animadamente. Para irmos embora, as duas moças foram comigo enquanto a tia e o Rafael foram no carro de Bryan. Paolo foi para casa. Ao chegarmos à vila, alguns vizinhos foram ver tia Zuleide, Rafael e Bryan ficaram dentro de casa com mais algumas pessoas, e eu, sem ter muito o que fazer, fui embora sem me despedir de ninguém. Estava me sentindo deslocado.

Ao chegar em casa, vi meu pai na varanda e ao lado dele, seus dois netinhos, a nora bem vestida, dois funcionários antigos e Paolo, que servia cerveja todo animado. Todos conversavam e comiam alguma coisa que tinha na bandeja. Seu Alvino, que vivia à base de remédios para pressão e para outros problemas, também tomava a sua Brahma, falava alto e ria.

Cumprimentei a todos e me sentei ao lado de Paolo, um pouco afastado da roda de conversas. Segurei seu braço para poder falar próximo ao seu ouvido.

— O pai pode tomar cerveja?

— Não pode, mas ele quer, ele está feliz, então deixa. A mamãe veio reclamar e ele botou ela pra correr. — Paolo riu. — Pega uma você também e deixa rolar, não vai matar ninguém não.

— E qual é o motivo da felicidade do velho?

— Adivinha: é você! Ele está crente que você não vai mais embora, e gostou de saber que você tem um filho aqui. Ele estava preocupado, doente, e você nunca dava notícias. Ele sabe que não adianta dar uma de durão nessa altura da vida, por isso queria juntar a gente aqui e deixar tudo certo, tanto a

questão da terra quanto a da família.

— Só não estou gostando desse clima de despedida. Parece que alguém vai... Eu não vinha antes porque não sentia que tinha motivos para voltar. Eu nunca quis ir, na verdade. Estava magoado.

— Eu sei, mas eles acharam que era o melhor para você na época, estudar e trabalhar lá, e que você não teria muito futuro na roça. Naquela época, muita gente ia para o exterior e parecia a melhor coisa do mundo. Eles erraram, mas os pais também erram na tentativa de acertar.

Dei um gole na cerveja que ele me entregou.

— Não, não foi por isso que eles praticamente me obrigaram a ir. O motivo foi outro.

— Hum. Por que foi então?

— Não comenta isso com ninguém, mas foi por causa do Bryan.

Paolo bebeu a cerveja enquanto digeriu a informação confidencial. Sorriu olhando para a lata.

— Entendi. Isso já tinha passado pela minha cabeça antes, aí ontem eu te liguei e ele atendeu ao seu celular... Bichinho petulante, viu?! Mas nunca vou te julgar.

— Obrigado. Se não fosse você para me defender por aqui...

Como a mais perfeita demonstração de afeto entre irmãos, Paolo me deu um soco no ombro. Doeu pra caramba. Reclamei e ele socou do outro lado. Ignorando meus protestos, ele pegou mais cerveja e voltou a questionar sobre o Bryan.

— Como ficou a saúde dele depois dos tratamentos todos? Ele fez alguma cirurgia?

— Ele parece muito bem, só não gosta de falar sobre o que fez e sobre os problemas que já teve. Acho que ele prefere esconder.

— Sei. Ele é todo arredio mesmo. Mas então vocês já tinham se pegado no passado e os velhos ficaram sabendo?

— Mais ou menos isso...

Paolo era muito curioso e conforme ele ingeria a cerveja, o tom de voz e o nível de curiosidade iam aumentando. Por sorte, os demais estavam envolvidos em outro tipo de conversa.

— Imagino como deve ter sido complicado. Vocês eram pirralhos ainda. E esse reencontro depois de tanto tempo, não é? Que novelesco!

— Você não tem ideia! Mas eu ainda tenho que voltar onde eu moro, tenho muito que resolver por lá, e o Bryan fica ainda mais arredio por causa disso. Ele acha que se eu viajar, não vou voltar mais.

— Eu espero que você não decepcione o Bryan nem o velho ali. Olha como ele está feliz!

Fitei meu pai que ria alto e contava anedotas antigas. Que pena não ter sido sempre assim.

— Ele sabe que eu dormi no apartamento do Bryan essa noite?

— Sabe, mas finge não saber. É melhor assim. Vamos todos nos fazer de desentendidos.

— Melhor. E a mamãe?

Paolo respirou fundo. Mamãe não estava na lista de pessoas felizes.

— A mãe está estranha, distante. Você tem algo a ver com isso?

— Provavelmente. Acho que a notícia de eu ter um filho não caiu bem nela igual no papai. Mas não posso fazer nada, nunca consigo agradar por aqui mesmo... — Dei de ombros e voltei a beber.

Nesse momento Claudina veio até nós e se sentou. Paolo puxou um assunto qualquer e eles começaram a falar sobre o aniversário de mamãe no próximo domingo, sobre o almoço que fariam e sobre quem convidariam. Fiquei apenas ouvindo até Claudina se virar para falar comigo.

— Traga o menino, Léo, vai ser legal.

— Vou chamar, pode deixar — respondi. Ela ainda estava de cara feia comigo, então deixei que ela tomasse a iniciativa de desfazer o clima ruim. Mas ela estava calma naquele momento e queria conversar.

— Hoje cedo Jailton conversou comigo sobre o que vocês decidiram ontem. Espero que dê certo. Não vai ser prejuízo para ninguém, a gente resolve a questão da casa, faz as escrituras, e cada um decide o que faz com a parte dele.

Senti vontade de abraçá-la. Era tão bom as coisas começarem a dar certo, pra variar!

— Obrigado por entender. Se não tivessem acontecido tantas coisas, e mais essa questão do Rafael, eu teria facilitado tudo para o seu lado. Mas agora eu não posso fazer isso, estou cheio de responsabilidades. Vocês não querem que eu seja preso por não pagar pensão, querem?

Todos rimos.

— Não, não. Vai ser bom ter o Rafael por aqui.

Paolo deu a ela uma latinha de cerveja e ela olhou com desagrado, depois mudou de ideia.

— Eu não gosto de cerveja, mas hoje está valendo o sacrifício.

Paolo, com uma lata de cerveja em cada mão, abraçou a nós dois.

— Como são bonitos esses Leonardi!

Demos risadas. Eu era o mais novo e o mais moreno, era também o único magro e o mais alto, e destoava dos outros dois, que eram muito parecidos. Paolo estava praticamente bêbado e ria fungando no meu pescoço. Ele deu um beliscão na barriga de Claudina e nós nos separamos xingando um ao outro como nos velhos tempos. Era tão bom estar entre eles. O dia estava mesmo merecendo uma comemoração.

Fui dormir tarde aquela noite, depois de conversar, comer e beber com os familiares e outras pessoas que apareceram por lá. Dormi como uma pedra e não tive sonhos bons nem ruins. Acordei por volta das nove da manhã; a casa estava silenciosa e vazia, apenas a moça que fazia a limpeza estava presente. Eu ainda não tinha visto, pois ela não vinha todos os dias.

Quando eu estava no banheiro, ela passou com uma vassoura e eu me lembrei de como minha conversa com Paolo e Claudina tinha se transformado em fofoca por toda a região. Provavelmente tinha sido ela a transmissora da novidade. Fiquei aborrecido, mas deixei passar, afinal estava feito e resolvido. Me sentei na cozinha para tomar o café. Estava com vontade de ficar sozinho. Por sorte, não tinha ninguém por perto.

Pela internet ruim do meu celular, vi que a companhia aérea tinha enviado um e-mail antecipando minha viagem para o dia 28 de julho e, embora faltasse bastante tempo, eu ainda tinha muito que resolver. Sem contar que todo mundo esperava que eu ficasse, e com tudo o que estava acontecendo, eu nem tinha tido tempo de avaliar.

Pensei no rosto de Rafael com suas sardas, seus olhos inteligentes e seu aparelho ortodôntico, e meus lábios se distenderam num sorriso. Que menino esperto! Aquele jeito inquiridor dele ainda ia deixar o Bryan em maus lençóis. Uma hora ele iria questionar o fato de ser tão diferente da família, principalmente do lado da mãe. Olhos azuis... no domingo ele não estava preocupado com isso, e agora vinha com essa. Ele tinha andado pesquisando.

Quando me lembrei da nossa conversa em frente ao hospital, imediatamente cliquei no ícone de ligações do celular. Queria falar com o

Bryan, mas mudei de ideia a tempo. Ele estaria na academia naquele horário e eu estava me tornando muito chato e grudento, já tinha dormido na cama dele e estava vendo-o todos os dias. Claro que estava sendo bom, eu estava me sentindo um adolescente apaixonado, mas decidi que ligaria mais tarde, depois do almoço, pelo menos.

Da janela da cozinha, vi que a grama do jardim estava seca e as outras plantas estavam feias devido à falta de chuva. Avistei também meu pai fazendo alguma coisa na cerca, não muito longe da casa. Ele estava com roupas de ficar em casa, short e camiseta, mas usando botas de serviço e chapéu, uma cena grotesca que me fez rir. Fui até lá andando preguiçosamente. O sol estava forte naquele dia.

Assim que me viu, papai começou a falar sobre o gado, sobre as plantações e sobre a seca. Ele estava muito eloquente. Depois começou a me chamar à atenção, como nos meus tempos de garoto.

— Se vai voltar a trabalhar na roça, é melhor se acostumar a levantar da cama cedo, Leonardo. Você está muito preguiçoso.

Revirei os olhos.

— Eu não durmo o dia todo, pai, eu trabalho! Achei que estivesse de férias por aqui. E ainda não sei se vou trabalhar na fazenda.

— Uai, e quem vai trabalhar então? Trata de ser mais decidido porque as coisas não podem ficar esperando. Olha só que tem que preparar a terra para quando chover, senão passa a época de plantar... — E ele falou e falou e eu só ouvi calado. Não adiantava discutir com ele.

Fiquei ajudando com o serviço na cerca e quando terminamos, ele foi para casa e eu fui dar umas voltas a pé. O sol se escondeu atrás de nuvens escuras e eu me animei a ir mais longe. Paolo tinha saído com a família toda e eu estava sozinho e com bastante tempo para desperdiçar.

Andei até o aterro da represa e parei para descansar um pouco. Havia ali um grande banco de madeira e uma cobertura de telhas vermelhas, parecia uma construção nova. De repente me veio uma saudade! Uma saudade de quando aquela represa não existia e no lugar dela havia um córrego de pouca profundidade, mas de correnteza forte, cercado por uma matinha de árvores finas e cipós. Era um lugar lindo e foi onde eu vivi algumas das minhas aventuras. Olhei ao redor tentando encontrar algum ponto familiar, algum arbusto sobrevivente, alguma pedra. Mas não havia mais nada. A paisagem nesse momento lembrava o sertão. Deprimente.

Mas sem dúvidas ainda era um bom lugar para pensar, e eu estava precisando organizar a minha vida. Estiquei as pernas e me estendi no banco

olhando para cima. O sol voltou a aparecer com força total e estava muito quente. Suspirei.

Não bastasse encontrar a minha complicada família depois de tanto tempo e descobrir que eu sentia falta dela, ainda encontrei o Bryan e senti reviver em dose tripla o antigo desejo que eu tinha por ele. E descobri que a gente tinha um filho, fruto daquele contato que tivemos no passado, antes de eu saber que ele era muito mais do que um menino estranho. Fantástico e ao mesmo tempo assustador. Sim, eu estava assustado. Não me sentia nem um pouco preparado para ser pai do Rafael. Aquele rapazinho que ainda não tinha completado dezesseis anos era muito perspicaz, muito esperto e sempre me deixava na defensiva. Eu não sabia como agir em relação a ele e o Bryan não ajudava com aquelas exigências. Eu nunca fui bom em mentir.

Além disso, eu tinha a minha vida no Canadá e tinha muitas coisas para fazer lá. Compromissos marcados, amigos, eventos... Não, isso não era verdade. Minha vida no Canadá e em qualquer outro lugar do mundo era monótona, blindada para relacionamentos profundos e vazia. Eu tomava muito cuidado para não me envolver e não me deixar atingir por ninguém, e isso me fazia viver pela metade. Os amigos de lá e as pessoas que por acaso passaram pela minha cama eram apenas borrões na minha memória. Muitos nomes eu sequer me lembrava. Ainda assim, meu refúgio gelado parecia tentador nos momentos em que eu não sabia o que fazer. Era aterrorizante não saber o que fazer da vida aos trinta e quatro anos de idade. Eu não era mais um garoto, mas ainda me sentia assim.

Não, eu não estava com saudades do Canadá. Eu estava com saudades do meu passado. Mas o passado é um lugar para onde a gente não pode voltar, enquanto o Canadá...

Ouvi um ruído leve, um espirro talvez. Havia mais alguém por ali. Agucei os ouvidos e esperei. Até que ouvi o barulho de uma pedrinha caindo na água e olhei para trás. Foi uma reação automática, mas o que eu vi, por um segundo me pareceu ser uma visão do passado. Acho que foi um presente dos Céus para que eu voltasse a me sentir em casa.

Rafael estava usando uma camisa suja e uma bermuda rasgada, estava descalço e tinha na cabeça uma espécie de chapéu de pano branco. Lembrava demais o Bryan quando tinha quatorze anos, só que mais alto e mais magro. E com sardas no rosto, coisa que o Bryan não tinha. Fora isso, a semelhança era impressionante. O mesmo jeito de olhar, de andar, e de se aproximar sorrateiro. Lembrei dos passos leves que apareciam no meu quarto quando a gente fingia que ia estudar matemática.

Rafael sorria e se aproximava. Estava vermelho, sujo e fedido.

— Ei! — ele disse. — O que você está fazendo aqui? Veio pescar?

— Não, estava só pensando na vida. — Me levantei para cumprimentá-lo e voltei a me sentar. — E você?

— Estou pescando. Tem pouca água e os peixes vão morrer se ninguém pegar.

— Se forem pegos, eles vão morrer também, só que mais rápido — comentei para provocá-lo. Ele entrou na onda.

— Sim. É para diminuir o sofrimento deles que eu pesco. Assim eles morrem mais rápido.

— Sei. Mas cadê seu equipamento? — Rafael estava de mãos vazias.

— Está ali do outro lado, você não me viu lá?

— Não! Achei que eu estivesse sozinho aqui e no mundo.

— Pois eu estava te vendo e achei que você tinha me visto. Quer dizer então que você estava rindo e falando sozinho?

Dei uma risada. Ele tinha me pegado mais uma vez.

— É possível. Como está a tia Zuleide?

— Está bem. Tinha muita gente lá, por isso eu saí.

— Entendo. E a Andres... quer dizer, a sua mãe?

— Está lá, mas vai embora daqui a pouco. Talvez até já tenha ido.

— Hum... — Notei que ele não tinha muito apego à mulher, embora gostasse dela e a tratasse bem. Era como uma conhecida e não uma mãe.

— Você vai na rua hoje? — ele perguntou e não me pareceu ser uma pergunta desinteressada. O encarei.

— Não sei, por que?

— Não vai ver o Bryan?

Ri sem querer e com certeza corei, mas era impossível mentir. A expressão do Rafael era de pura inocência fingida.

— Talvez, por quê?

— Ah, nada... É que ele vai “vim” aqui mais tarde.

— Então...? — Não entendi bem onde ele queria chegar.

— Para me levar na escola.

— Eu posso te levar, se você quiser. É longe?

— Não, não é isso. — Ele abaixou os olhos, depois deu um sorriso maroto. — Tem que ser o Bryan. Ele é o meu responsável.

— Huum... Andou aprontando, foi?

Rafael arregalou os olhos, falsamente ofendido, e sorriu.

— Claro que não, é que ele quer me trocar de escola, só isso. Para uma melhor.

O convidei para se sentar ao meu lado no banco de madeira envelhecida, mas ele permaneceu de pé na minha frente.

— Me fale mais sobre isso.

— É até legal lá onde eu estudo, mas o Bryan quer que eu estude na outra que, segundo ele, é melhor.

— Certo. E o Bryan vai te levar nessa escola nova?

— Vai. — A forma como ele falou sugeriu que ele queria dizer mais alguma coisa. Tentei ajudar.

— Se você quiser, eu vou lá também...

— É...

— E passo no apartamento do Bryan antes.

Rafael sorriu. Era exatamente isso o que ele queria.

— E me leva! Tem gente demais na vó hoje. Uma mulherada!

Me levantei e começamos a andar para fora do aterro.

— Parece que só tem mulher naquela família, né — comentei.

— Pois é. Quem vê e não sabe das histórias, pensa que elas se reproduzem por partenogênese.

— Par o quê? — Fiquei confuso e o olhei.

Rafael fechou o indicador com o polegar e bateu na própria testa.

— Ai, Léo, como você é burro!

Dei uma gargalhada e ele parou e pôs a mão na boca.

— O que foi? — perguntei.

— Desculpa! Tem hora que eu... — Ele ficou sem graça, então passei o braço por seus ombros puxando-o para mim. Ele já era mais alto que o Bryan.

— Tudo bem, você vai se acostumar. Só de vez em quando tente se lembrar de que eu sou o seu pai. E que talvez eu seja um pouco burro sim.

— Dizem que eu sou meio desbocado.

— Relaxa, você tem a quem puxar.

— Puxei a você? — ele perguntou saindo do meu braço.

Tive que pensar rápido porque ele estava me testando.

— Não, uns parentes aí...

Quando saímos do aterro, ele pegou a direção contrária de onde eu estava indo. Chamei-o.

— Vem comigo, eu vou tomar banho e pegar o carro, depois te levo.

— Não, eu tenho que levar os peixes.

— Ah é, você estava pescando. — O acompanhei ao local onde ele estava antes. — Ué, você estava tão perto de mim assim?

— Pois é, e você nem me viu. Olha, eu peguei um monte! — Ele me mostrou um balde, todo orgulhoso. Contei e eram apenas três peixes, e não muito grandes. Ri e ele também.

— Então leva isso para casa que eu passo lá daqui a pouco.

— Isso. E eu tenho que tomar um banho muito demorado porque se o Bryan sentir cheiro de peixe... Aquela bicha chata!

Ri alto e Rafael pediu desculpas de novo.

— Eu não ligo não, tá? — falei enquanto ele, fingindo estar arrependido, segurava um balde preto com três peixes dentro e uma vara de pescar na mesma mão.

Subi a pequena ladeira ainda sorrindo e tomei o rumo de casa. O carro de Paolo tinha acabado de passar, indo na mesma direção. O sol começou a sair de entre as nuvens e a queimar minha pele desacostumada, e eu estava suando muito. Ao chegar ao terreiro, vi os meninos carregando sacolas do carro para casa, fazendo a maior algazarra. Paolo me viu chegar e foi até onde eu estava. Me deu o tradicional soquinho no ombro.

— Ei, eu vi você e o Rafael lá na represa. Que legal que vocês estão se aproximando.

— Ele estava pescando.

— Que bom! Claudina pediu que o pessoal pegasse os peixes da represa por causa do nível baixo da água. Acho que ele gosta daqui.

— Eu sei. Deve ser por isso que o Bryan me sugeriu conservar a terra.
— Na verdade, ele tinha exigido e ameaçado arrancar os meus olhos, mas Paolo não precisava saber desses detalhes.

— Me fala uma coisa... — Paolo olhou para os lados verificando se estávamos realmente a sós, estreitou os olhos, e isso me deixou alerta.

— Sim?

A pergunta não podia ser mais certa.

— Há alguma explicação plausível para a semelhança que existe entre esse menino e o Bryan?

Eu, que estava esperando ansioso pela pergunta, só consegui suspirar e olhar para baixo e para cima antes de encará-lo. Eu não conseguia mentir para ele.

— Há... — confessei. — Ou não há, dependendo do que você entende por explicação plausível.

Paolo continuou a me olhar, se escorou num esteio do coberto que usávamos como garagem, e começou a falar.

— Deixa eu te explicar a minha dúvida: esse menino chegou por aqui recém-nascido, veio com a mãe, segundo me disseram. Eu não estava aqui. Eu o vi algumas vezes aqui por perto, sempre com tia Zuleide, e nas vezes em que vi o Bryan, ele estava junto. Aparentemente não tinha nada demais. Ele foi deixado pela mãe, a tia era sozinha, o Bryan cuidava dele. O Bryan herdou um bom dinheiro e podia fazer o que quisesse, e acho que ele quis criar esse menino. Nada além de muita benevolência, afinal, ele também foi adotado. — Paolo fez uma pausa e me olhou nos olhos. — Mas aí você aparece e fala que é pai do menino e a tal Andressa confirma. E eu tenho certeza que vocês dois nunca se viram antes!

Sustentei seu olhar nos meus enquanto digería a sentença, e o que me veio à boca para falar, nem eu mesmo acreditei.

— Você sabe se na nossa família tem alguém de olhos azuis?

Paolo riu e passou a mão no cabelo escuro e ondulado, crescido demais para um advogado.

— Pois é, ninguém. Mas a gente olha para o Rafael e se lembra do Bryan, e não é só por causa da cor dos olhos. Ele criou esse menino bem embaixo do nosso nariz, e pela idade...

— Sim, a idade do Rafa coincide com a data da internação do Bryan em Minas. Você já notou as coincidências.

— Notei, mas não entendo!

— É que ele... — Olhei para os lados buscando coragem para pronunciar a palavra correta. — ... engravidou!

Paolo abriu a boca e arregalou os olhos. Ficou me olhando enquanto eu esperava por sua reação com ansiedade. Ele pensou muito, mas quando falou, foi pouco. Resumiu toda a surpresa em uma única palavra.

— In-crí-vel! — Ele continuou sem mover um músculo sequer, sem nem mesmo piscar. Estava estarelecido. E eu continuei olhando-o e esperando mais alguma reação, até que me lembrei.

— Paolo, pelo amor de Deus, não diga isso a ninguém! O Bryan esconde isso de todo mundo, e se alguém comentar...

Finalmente meu irmão se moveu, e começou a falar.

— Claro, claro, fica descansado. Mas isso é incrível! Veja bem, se a gente sabe do passado do Bryan, eu me lembro dele meio feminizado e lembro do que o médico tinha falado na época, então é até compreensível. Mas se você olhar para ele hoje, é... é inacreditável! — Sua surpresa era genuína, a expressão e os gestos que ele fazia chegavam a ser cômicos.

— Eu sei. Só acredito nisso tudo porque eu estava lá quando o médico disse que, tecnicamente, o Bryan era uma menina, que o lado de dentro era feminino.

— Alguma síndrome? — Paolo especulou. — Existem muitas, pelo que já ouvi falar.

— Não sei, o Bryan não fala nada sobre isso. O lado de dentro era feminino na época; como é agora, eu não sei. Ele mudou muito, embora tenha me dito que não fez nenhuma cirurgia.

— Sim, o lado de dentro, eu até ouvi falar isso naquela época. Mas, e o lado de fora? Se disseram que era homem quando nasceu é porque tinha alguma coisa que o caracterizava assim, não é?

— Pois é...

Um pequeno silêncio se instalou entre nós até que Paolo continuou.

— Mas, se engravidou...?

Entendi a pergunta incompleta e senti o rosto formigar de vergonha. Ele queria saber por onde tinha entrado e a verdade é que eu não sabia.

— E se eu te falar que eu nunca vi o que você está pensando que eu vi? Você acredita?

— Como? — Ele franziu a testa. — Como vocês faziam aquilo?

— É sério, Paolo! — Eu nervosamente mexia a terra com o pé numa tentativa frustrada de cavar um buraco e me esconder. — Era sempre no escuro e sem muito contato, acredite se quiser. Não foi a “coisa” completa, era só uma brincadeira.

— Sei...

— Eu só vi que ele não tinha... bem... as bolas, porque ele me disse e eu toquei pra saber... — Era tenso ter que relatar aquilo para alguém. — Mas fora isso, eu nunca vi nada e acho que nem ele sabia o que tinha escondido naquela pele. Era a pele que eu sentia, só isso.

Paolo riu e deu um tapa no meu braço.

— Se acalma que você está vermelho e sujando os pés de poeira.

Passei as mãos pelo rosto e suspirei. Ele continuou:

— Mas como ele resolveu com a tal Andressa aquela história toda? Ficou bem convincente. Pelo que eu sei, ninguém nunca questionou por aqui. Agora vão questionar, se prepare, porque o conjunto é bem improvável. Ela não é branca, você tem cabelos escuros, e o Rafael é galeguinho demais. De olhos azuis, ainda por cima!

— Pois é, estou mesmo indo dizer isso ao Bryan. — Lembrei que a história do nascimento do Rafael era longa e eu tinha marcado com ele de sair. Me recompus. — Paolo, a gente conversa à noite e eu te falo sobre essa história, ok? Eu tenho que sair agora, vou levar o Rafael na cidade. — Toquei no braço dele para uma última súplica. — Por favor, não deixe que ninguém saiba disso! Imagina só a confusão, seria uma exposição absurda do Bryan e do Rafael, e Deus me livre, eu não quero isso!

— Claro, e eu tenho que te pedir desculpas por aquele dia em que eu falei demais, a Beth até brigou comigo depois. Na hora da discussão, eu acabei falando aquilo, ela ouviu, mamãe ouviu... Mil perdões, eu não quis causar nenhuma confusão.

— Eu sei, aquilo já foi e está tudo bem. E olha, a diarista anda levinho, escuta tudo o que a gente fala, ela deve gostar de fazer fofoca, mas isso aqui é muito mais sério. Ninguém pode saber!

— Com certeza, por mim ninguém vai saber, juro. Mas olha, eu tenho que te fazer um alerta. — Assenti e ele continuou: — Mamãe e Claudina vão acabar desconfiando. Para quem viu o Bryan no hospital, não é difícil ligar os pontos, agora que tem você envolvido.

Respirei fundo e soltei o ar pela boca. Outro segredo revelado.

— Mamãe já sabe...

— O quê? Ela sabe? Ela sabia o tempo todo? — Paolo elevou a voz e eu o repreendi com o olhar. — Claro, era ela quem acompanhava o Bryan ao hospital e devia saber o que estava acontecendo. Que maldade!

— Paolo, por favor, vamos deixar isso para depois! Eu vou sair, prometi ao Rafa e, além disso, eu tenho que conversar com Bryan...

— Desculpa a minha exaltação... — Paolo sorriu. — Mas é inacreditável! Inacreditável mesmo, e se quer saber, é até fofo isso tudo.

— Fofo? — Não entendi.

— Vocês dois juntos e o menino. São uma família!

— É... — Concordei enquanto me afastava.

Fofo. Essa era uma palavra que Paolo não usava à toa. Uma família. Quase sonhando, eu entrei no banheiro. Tomei um banho de água morna, com bastante pressão, e sorri embaixo do chuveiro.

Incrível, inacreditável. Realmente eram as palavras mais corretas para expressar aquilo tudo. Rafael pescando com um chapéu igual ao que o Bryan usava no passado, consciente de que não podia ir encontrá-lo com cheiro de peixe, e o Bryan, que cuidava dele como uma mãe e que ao mesmo tempo não permitia que ele soubesse a verdade. Decidi que depois de resolvermos o assunto da escola, eu falaria com o Bryan sobre as perguntas que o Rafael fazia. O Bryan teria que repensar sua estratégia.

Saí antes do almoço sob os protestos de todos que reclamavam que eu nunca ficava para comer. Peguei a caminhonete e desci rumo à casa de tia Zuleide parando um pouco antes para conversar com um velho conhecido que me chamou. Uns dois minutos e eu segui, entrando no pequeno quintal onde duas moças, provavelmente sobrinhas-netas de tia Zuleide, estavam sentadas mexendo em seus celulares. Essas eu ainda não tinha visto. Elas sorriram para mim e me deram passagem, voltando aos aparelhos logo em seguida.

Entreí e fui recepcionado por mais duas ou três mulheres e vi que Rafael estava no sofá com cara de tédio mudando os canais da televisão.

— Entra aí, a vó tá na cozinha — ele disse sem muito entusiasmo.

— Vou só falar com ela rapidinho e a gente vai, tá bom?

— Tá... — Ele soltou o controle e cheirou a mão, me fazendo rir.

Fui até a cozinha e tia Zuleide estava ao fogão mexendo uma panela e

com um pano branco amarrado na cabeça. Parecia um pouco mais velha que na quinta-feira anterior, mas nem de longe parecia doente. Tinha mais uma mulher ao lado dela, acho que era uma vizinha.

— Tia, a senhora não devia estar descansando?

Ela me viu e sorriu na hora, deixou a colher de pau na pia e veio me abraçar. Me abaixei por causa da pouca altura dela e senti como estava magra e encolhida a antiga cozinheira da casa dos meus pais.

— Ô, menino, você veio! Mas eu estava com uma saudade de fazer a minha comida, que eu não aguentava mais aquele hospital.

— Eu imagino, tia, mas e o repouso da senhora?

— Eu já tô é boa. Fica aí pra almoçar, menino, olha que eu tô fazendo a comida porque o Rafael reclama de tudo, só quer comer biscoito.

Rafael estava atrás de nós.

— Isso, todos falando mal de mim!

Rimos.

— Não sei, tia. Eu prometi ao Rafael... — O jovem me lançou um olhar suplicante e eu entendi que ele não queria mais ficar ali. Havia pessoas demais. — A gente tem hora marcada lá na rua, não é, Rafa? — Ele confirmou de forma veemente.

Me desculpando com tia Zuleide e me despedindo das demais mulheres, eu saí da casa e Rafael me seguiu. Entrou no carro ao mesmo tempo que eu e ficou olhando para fora.

— Está sufocante ali, não está?

— É... — Ele não parecia muito a fim de conversar. Pegou o celular e ficou mexendo nele até chegarmos ao endereço do Bryan.

A melhor vaga para estacionar em frente ao prédio estava ocupada naquele momento, e o carro não era desconhecido. Quando Rafael viu o carro branco rebaixado, de vidros pretos e calotas reluzentes, guardou o celular e esboçou um sorriso sapeca. Eu cocei a cabeça. Estacionei a caminhonete no próximo quarteirão e saímos na rua, eu na frente e Rafael vários passos atrás. Imaginei que ele quisesse assistir ao espetáculo, caso ele acontecesse, de longe.

Quando cheguei ao portão que levava ao apartamento de Bryan, notei que ele estava aberto. Por precaução, não entrei nem toquei o interfone. Aguardei encostado na parede. Não precisei esperar mais que um minuto. Ouvi vozes alteradas e dei uma espiada pela escada. No alto dela, estava o

Everaldo é um degrau acima, estava o Bryan. Eles estavam conversando, mas não amigavelmente.

— É melhor você ir embora, Everaldo. Estou sem saco pra você — Bryan falou.

Antes de responder, porém, o Everaldo me viu e começou a descer. Bryan o seguiu.

— É por causa desse idiota aqui, não é? Por causa dele, você começou a me fazer de palhaço.

Nesse momento, me lembrei do meu tamanho e encarei o rapaz cujos músculos apareciam na camiseta regata. Os dentes dele lembravam um cachorro Pinscher.

— Está falando de mim, pivete?

— Vai embora, Everaldo, já chega, já deu! — Bryan gritou. — O que deu na sua cabeça?

— Vou socar esse cara!

Cruzei os braços e entrei na frente dele.

— Ah, mas não vai não.

Bryan entrou entre nós com as mãos na cintura e o queixo erguido.

— Vai embora, Everaldo, antes que esse show atraia mais gente na minha porta. Se isso acontecer, você vai se arrepender!

O pobre Everaldo me fuzilou com o olhar, mas se deu por vencido. Passou por mim, entrou no carro e saiu cantando pneus. Quando ficamos a sós, eu comecei a rir, mas o Bryan me encarou com cara de poucos amigos. O rosto dele estava vermelho.

— E quem você pensa que é para ficar aqui na minha porta o tempo todo, Leonardo? Eu não te chamei.

— Ei, é o meu pai! Eu pedi para ele me trazer — Rafael falou antes que eu me recuperasse da surpresa.

No mesmo instante, os ombros do Bryan caíram, assim como suas mãos. Com os olhos baixos, ele passou por mim e se aproximou do Rafael.

— Perdão, eu não tinha te visto. Eu disse que ia te buscar, poxa! Por que chamou ele?

Eles se abraçaram rapidamente, mas apesar da cena de carinho, minha atenção ficou presa na demonstração de ciúmes do Bryan.

— Eu vim porque tinha muita gente lá na vó. Estava chato.

— Podia ter me ligado.

— Eu falei com ele, não podia?

— Hum...

Rafael subiu as escadas correndo e Bryan subiu devagar, cabisbaixo.

— E essa ceninha de ciúmes? — perguntei.

— Ah, ele passou aqui querendo tirar satisfações, mas eu não estou a fim de perder meu tempo nem de gastar minhas energias discutindo.

— Não estou falando do seu ex-ficante, estou falando de você com ciúmes do Rafael porque eu trouxe ele antes de você ir buscar.

— Nada a ver! — Bryan percebeu que onde ele pisava, eu pisava atrás, e fez uma careta. — Ei, eu te convidei para entrar, por acaso?

— Não, mas eu tenho todo o direito. — Deslizei a mão pelas costas dele de forma provocante. — Meu embaixador já foi na frente e nós queremos almoçar. Eu pago aquele restaurante se você não tiver uma farofa para nos oferecer.

— Não sei de onde você tirou esse direito. Mas já que veio...

Bryan preparou sua comidinha simples em pouco tempo. Enquanto ele estava ocupado, eu fiquei sentado na banquetta e Rafael ficou no quarto dele. Quando Bryan o chamou para almoçar, ele demorou a aparecer, e quando veio, pegou o prato e foi para o sofá. Ele não interagiu conosco e isso me incomodava porque eu sabia que, de certa forma, ele estava decepcionado por ser eu o seu pai, e não a pessoa que o tinha criado.

Por volta das treze horas, nós saímos com destino à nova escola de Rafael. Insisti para que eles fossem no meu carro e eles concordaram. A escola era um conjunto de prédios coloridos numa área bem grande e que funcionava também como faculdade. Rafael e Bryan entraram num local chamado secretaria e eu me sentei num banco de cimento para aguardar. Poucas pessoas passavam por ali já que se tratava do período de férias. Depois de vários minutos o Rafael saiu, mas o Bryan permaneceu lá dentro. Rafael se sentou ao meu lado e ficou pensativo, estalando os dedos.

— O que foi? — perguntei. — Você quer falar...

— Não é nada. É que essa escola é cara demais e o Bryan gasta muito dinheiro comigo.

— Eu vou dar um jeito de ajudar com as despesas, ok? Não se preocupe

com isso.

— Eu sei. Eu falei com ele que não precisa de nada disso, que ele faz muito por mim.

— E o que foi que ele disse?

— Nada, só chorou. Ele é assim.

Engoli um negócio que se formou na minha garganta. Suspirei.

— Ele te criou, por isso te vê como um filho. É normal a gente gastar dinheiro com os filhos. Inclusive, se você não sabe, a mãe do Bryan o adotou e deixou dinheiro para ele. Ele faz o mesmo por você.

— Eu sei.

Eu ia fazer mais algum comentário quando apareceu uma menina mais ou menos da idade do Rafael e o chamou. Ele correu em sua direção.

— É a Helena! Vou lá, tchau!

Fiquei sozinho vendo-o se distanciar com a menina. Bryan chegou e se sentou ao meu lado olhando na mesma direção. Ficamos em silêncio até que os dois adolescentes sumiram pelos corredores da escola.

— Está tudo certo aqui? — perguntei.

Bryan sobressaltou-se como se acordasse de um sonho e falou algo diferente do que eu tinha perguntado.

— Eu não trouxe o Rafael para cá antes porque a mensalidade é um pouco elevada, eu tinha medo de não conseguir pagar. Ele é tão estudioso! Mas agora as coisas estão se ajeitando, e se algo der errado no futuro, eu já tenho de quem cobrar.

— Jura? Quem? — Brinquei e Bryan sorriu.

— Prepare os seus bolsos, querido. Ser pai é padecer no prejuízo!

Enquanto eu ria, passei um braço pelos ombros de Bryan e o puxei para mim, mas ele retesou-se e me fez afastar. Antes que eu retrucasse, ele se levantou e apontou uma dupla de adolescentes que tinha aparecido no começo de outro corredor, distante de nós, mas que podiam nos ver, se quisessem.

Quando eles estavam próximos, Bryan chamou o Rafael para ir embora, mas ele se recusou. Disse que voltaria de ônibus. Bryan protestou.

— Não, Rafael, eu venho te buscar.

— Mas, tio — era assim que ele o chamava —, eu posso muito bem ir de ônibus depois. Nem vou demorar. Fala pra ele, Léo ... — Ele olhou para

mim com um rostinho suplicante repleto de sardas. Não resisti.

— É, Bryan, o quê que tem ele voltar de ônibus? Ele está com a amiga, deixa o menino!

Bryan me estendeu um olhar duro e frio. Rafael comemorou juntamente com a garota, e eles voltaram correndo para o interior da escola.

Com um sorriso bobo, acompanhei a dupla com o olhar até vê-los desaparecer, e então comecei a andar em direção ao estacionamento. Bryan me seguiu alguns passos atrás e entrou no carro sem dizer nada. Vários minutos depois, quando pus a mão sobre sua coxa e ele a tirou com rispidez, eu diminuí a velocidade e o olhei.

— Iih... Que que foi, hein?

— Nada não! — ele respondeu olhando para fora.

— Te chatee?

— Me leva para casa, Léo.

— Agora não. Vai, me fala por que você está com ciúmes do Rafa.

— Do que você está falando?

— Das suas cenas de ciúmes. Duas já hoje. Por que você está agindo assim? Ele vai perceber.

— Eu não estou com ciúmes, só estou... — Ele conteve uma onda de emoção. — Estou com medo de perder o meu filho, é isso. Tenho medo de que o Rafael se apegue com você e pense que eu não sou mais importante para ele. Ele já não me escutava antes...

Passei a mão na perna dele, que deixou dessa vez.

— Deixa disso. Ele acabou de falar que reconhece o que você faz por ele. Ele te adora.

Bryan limpou uma lágrima que escorreu pelo rosto.

— Mas você é o pai bonitão que ele sempre esperou. Veio lá de longe, todo cheio de boas intenções, e agora, quando eu falar não por algum motivo, ele vai achar que eu não tenho nada com isso. Eu não sou o pai dele e ele sempre vai me lembrar disso.

Aquela conversa não poderia se resumir num lamento. Tínhamos muito que acertar, por isso, ao ver que estávamos passando por uma praça, eu localizei uma vaga e estacionei. Bryan não entendeu minha intenção e me olhou, desconfiado.

— Por que você parou aqui?

— Vamos sair um pouco e conversar. Eu tenho umas coisas pra te dizer.
— Abri a porta e já estava saindo quando percebi que o Bryan permanecia parado e sem tirar o cinto de segurança. Insisti para que ele me seguisse e saísse. Ele aceitou de má vontade.

Era uma praça pequena, redonda, com árvores podadas e alguns canteiros. Os postes de luz eram bastante ornamentais, e devia ficar lindo à noite. Ao redor da praça tinha bares, lanchonetes e pequenas lojas. Entramos numa sorveteria que também vendia açaí, e eu pedi um completo. Nunca tinha experimentado e quis aproveitar a oportunidade. Bryan não quis comer nada, se sentou num banco de madeira pintado de branco, do lado de fora, e esperou. Era uma tarde agradável, soprava um ventinho refrescante, mas tinha sol. Quando me sentei no banco em frente, Bryan quis logo saber da conversa, não me dando tempo para comer.

— Calma, eu vou te falar. É um assunto complicado — revelei entre as colheradas de açaí misturado com várias coisas doces.

— Não enrola, Leonardo!

Ri do nervosismo dele e ele se impacientou ainda mais. Comecei a falar, tentando escolher palavras que não o irritassem.

— Então... Ontem, enquanto você estava no hospital e a gente estava te esperando do lado de fora, o Rafael veio com umas perguntas muito bem planejadas. Eu não me atentei para a importância delas no momento e não sei se dei a resposta correta.

— Traduzindo, você falou besteira! — Ele cruzou os braços e me lançou um olhar de repreensão. — O que foi que você falou?

— Calma! Rafael perguntou se tinha alguém de olhos azuis na minha família e eu disse que não, o que é verdade. Eu não poderia inventar parentes loiros que eu não tenho. Ele também perguntou três vezes pelo exame de DNA. Parece que ele não se convenceu com a sua história.

— Mas ele não disse isso quando eu falei... De qualquer forma, faça o bendito exame. Não existe chance de dar resultado negativo mesmo.

— Eu sei, mas você sabe como normalmente são feitos os exames? Pela sua cara, já vi que não sabe. Mas isso tem jeito e esse não é o problema maior. É que outras pessoas também vieram questionar o fato de o Rafael ser branquinho demais.

— Esfregue um resultado positivo na cara delas.

— E tem outra coisa...

Dessa vez Bryan me olhou diferente, já prevendo a revelação.

— Manda logo a real.

Olhei para a taça do açaí e suspirei. Era um momento crucial.

— O pessoal lá de casa também desconfia, afinal eles se lembram bem daquele seu... problema. Paolo notou a semelhança entre vocês dois, me perguntou, e eu não tive como fugir. Lembre-se que...

— Ai, Leonardo! — Bryan me interrompeu. — Eu não acredito!

— Calma!

— Calma? Daqui a pouco a novidade vai estar correndo pela vila. Quando foi que Paolo se tornou essa velha linguaruda?

Ele ameaçou se levantar, mas eu o segurei pelo braço e o fiz permanecer onde estava.

— Fica calmo, por favor, e me escuta. Você tem que aceitar que...

— O quê? Então você já está querendo decidir o que eu tenho ou não que aceitar?

— Eu não disse isso. Estou dizendo que você tem que se aceitar. Se aceitar do jeito que você é e deixar o seu filho saber disso. Não adianta ficar inventando...

Nesse momento, o Bryan já estava de pé, e eu não pude mais segurá-lo. Com as duas mãos sobre a mesa, ele me encarou. Seu rosto estava pálido e havia ódio naqueles olhos azuis.

— Desaparece da minha vida! — disse ele entredentes, separando as sílabas. Enfim, eu tinha tocado na ferida principal.

Permaneci sentado e calmamente terminei meu açaí enquanto o Bryan se distanciava com seus passos rápidos e obstinados. Eu sabia que não adiantava correr atrás dele nem me desesperar. Talvez eu não tenha sido muito perspicaz na escolha das palavras, mas no geral, era o que eu achava correto. Não adiantava mais inventar mentiras para esconder a verdade do Rafael, isso só serviria para aumentar a sensação de desconfiança que ele já vinha sentindo. Era o momento de confiar nele.

Sinceramente, eu não conseguia entender o porquê de o Bryan não se aceitar e de não se abrir. Ele havia me dito que não se importava mais com a opinião das pessoas, que tinha crescido e mudado de ideia, mas no que se referia ao Rafael, ele ainda agia como se o garoto fosse uma criança. Ele era muito cabeça-dura, e quando podia estar comigo conversando sobre o assunto

mais importante de nossas vidas, que era o nosso filho, ele estava indo para casa a pé, perdendo preciosos minutos em vão.

Depois que terminei de comer, entrei no carro e fiquei pensando no que teria que fazer para convencer o Bryan a me deixar entrar naquele apartamento e a não bater a porta na minha cara. Pensei que se eu ligasse para o Rafael e o levasse comigo, talvez o Bryan baixasse a guarda, embora depois me acusasse de estar usando o menino para dobrá-lo.

Ao olhar pelo espelho do carro, porém, um objeto no banco de trás me chamou a atenção. Quando vi a mochila do Rafael, eu tive uma ideia e a achei muito boa. Sorri. Me virei e toquei-a sentindo o molho de chaves no bolso externo, junto com o carregador do celular. Rafael me perdoaria por aquele pequeno inconveniente.

Se eu me apressasse, chegaria ao apartamento antes do Bryan, e ele nada poderia fazer a não ser me ouvir. Ou a gente se sentava e conversava ou ele teria muito trabalho para me colocar pra correr. Arranquei com o carro e tomei a direção da residência dele, tendo o cuidado de passar por uma rua lateral para não correr o risco de encontrá-lo.

Cheguei em poucos minutos, estacionei na rua de trás e abri o portão com a chave do Rafael. Foi fácil localizar as chaves devido aos logotipos estampados nas fechaduras. Subi as escadas com cuidado. Eu imaginava que o Bryan ainda não tinha chegado, mas não tinha como ter certeza, por isso minhas pernas tremiam.

Se o portão abriu com facilidade, com a porta do apartamento eu não tive a mesma sorte. Parecia haver um truque qualquer para abri-la, pois a chave não girava de jeito nenhum. As outras chaves não conferiam, o tempo estava passando, e eu estava cada vez mais nervoso.

Quando ouvi um barulho no portão, meu coração, que já batia apressado, disparou. Meus dedos trêmulos deixaram cair as chaves e eu me desesperei. Quando consegui apanhá-las do chão, saí de perto da porta e subi correndo mais dois lances de escadas, saindo da visão de Bryan, se fosse ele quem estivesse subindo. Mas, para a minha sorte, quem subiu as escadas, passou por mim e me cumprimentou com cordialidade, foi uma senhora de uns sessenta anos num grande vestido branco e repleta de bijuterias prateadas. Retribuí o sorriso dela e suspirei aliviado. Desci, mais calmo, e enfim consegui abrir a fechadura. O truque era girar a chave devagar e não forçar.

Uma vez lá dentro, eu me senti culpado por estar invadido o espaço do Bryan, mas estava feito, e a teimosia dele me obrigava a tomar medidas assim. Tirei as sandálias e coloquei-as num canto da sala e me sentei no sofá, bem na visão da porta de entrada. Estiquei as pernas e relaxei o tronco, pus os

braços acima da cabeça com as mãos entrelaçadas numa espécie de apoio, e me espreguicei. Era só aguardar.

Passaram-se cerca de dez minutos e ouvi o portão sendo aberto e fechado com barulho. Uma pessoa descuidada ou muito nervosa tinha chegado, e estava subindo. Os passos na escada eram rápidos; mentalmente eu contei apenas três segundos de subida pelos degraus de granito cinzento. Estava tudo silencioso no prédio, e meu coração era a única batida concorrente. Ouvi um suspiro do lado de fora e senti que a fera se aproximava. Uma chave foi introduzida com força, mas não girou de primeira. Uma praga foi rogada e a madeira robusta levou um soco. Ouvi outro suspiro e então a maçaneta girou em câmera lenta, o clique de abertura soou como o último número do segredo de um cofre. A porta foi se abrindo, lentamente no começo, mas depois foi empurrada com força batendo na parede e fazendo um estrondo. Eu tinha sido visto.

Confortavelmente instalado no sofá, eu vi uma figura vermelha e suada com um chaveiro na mão e uma expressão de raiva no rosto. Não me movi. Sorri. Bryan olhou em volta e olhou para mim com os olhos faiscando. Imaginei que ele fosse me jogar alguma coisa.

— Eu também apanhei dessa fechadura — falei. — Tem que ser com carinho, né.

— Como você entrou aqui?

Mostrei a chave do Rafael. Bryan colocou as mãos na cintura daquele jeito que lhe era característico.

— Você não tem o direito de invadir a minha casa. Saia já! — Com os dedos trêmulos, ele apontou a porta escancarada.

— Vamos conversar. Sem brigar. — A calma que eu estava sentindo surpreendeu até a mim. Mas irritou o meu primo Bryan.

— Não tenho nada para conversar com você. Me deixa em paz!

— Você vai ter que me tirar daqui na marra. — Bati no assento do sofá ao meu lado. — Senta aqui.

— Pois eu tiro você na marra! — Ele tirou um chinelo do pé e me jogou. Passou bem longe.

— Bryan, para de pirraça! A gente tem que conversar sério, sem brigar e sem sair correndo.

— Não estou a fim de conversar com você, Leonardo. — Ele pegou o outro chinelo. — Estou cansado e muito putto. Vai embora!

— Tudo bem, eu espero você se acalmar. Mas deixa o chinelo, por favor. Vai sujar o sofá.

Ele foi convencido pelo amor ao sofá e jogou o chinelo no canto da sala onde estavam minhas sandálias. Mas não abrandou sua raiva. Bryan apontou o dedo para mim e para a porta.

— Vai esperar lá na casa do caralho!

— Não, eu vou esperar por aqui mesmo. Por que você não se acalma e escuta o que eu tenho a dizer? Eu juro que é importante. Se não quer me ouvir, pelo menos ouça o seu filho. Ele tem certeza de que há algo errado na história que você contou, e se você continuar agindo assim, ele vai perder a confiança.

Bryan abriu a boca para protestar, mas seus olhos ficaram rasos e ele prendeu os lábios. A cor do rosto dele oscilava entre o pálido e o vermelho e parecia que enfim ele iria desabar. Mas o que ele fez foi se virar e fechar a porta, permanecendo alguns segundos de costas para mim. Quando ele se voltou, seu rosto e seus ombros demonstravam um profundo cansaço. Ele respirou fundo e encolheu-se.

— Vou tomar banho — ele disse mais para si mesmo do que para mim, e foi em direção a um dos quartos.

Esperei com ansiedade. Eu também estava cansado. Quando ele voltou, o cheiro de sabonete invadiu a sala. Vestindo short confortável e camiseta, ele se sentou ao meu lado no sofá, mas ficou de cabeça baixa.

— Não pretendo desaparecer da sua vida — falei. — A menos que você realmente queira, mas não parece que é isso o que você quer. A gente teve uma prova disso ontem, aqui nesse tapete.

— Esquece aquilo.

— Não, não vou esquecer. Eu fiz tudo o que você mandou até agora, mas entenda uma coisa: não é fácil para mim também. Eu não questionei as suas cobranças porque, de certa forma, eu me sinto culpado por tudo o que aconteceu, mas isso não quer dizer que você esteja certo em tudo e que eu esteja errado o tempo todo.

Bryan parou de fitar as paredes e me olhou.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que o Rafael é muito esperto, ele já sacou que você não é uma pessoa qualquer, e que vocês são, no mínimo, parentes. Também sabe que se eu e Andressa fôssemos os pais dele, ele seria diferente, pelo menos mais moreninho. Pensa nisso. As pessoas não são cegas.

— Ninguém nunca falou nada sobre a cor do Rafael.

— Claro que não, porque havia o pai desconhecido. Mas se eu sou o pai, e não sou loiro de olhos azuis, é normal questionarem agora. Dá para notar que tem algo errado. Sobre o exame, como você vai explicar que não pode usar a amostra da mãe?

Bryan ouviu tudo olhando para o chão. Fiquei esperando a reação dele, que foi a costumeira. Ele explodiu.

— E qual a sua sugestão? Acha que é fácil conviver com isso tudo? Acha que é assim porque eu quis?

— Claro que não, eu sei disso. Não estou dizendo...

— Não, você não sabe. Você diz: “Ah, você tem que se aceitar”. É muito fácil dizer isso com barba, um metro e noventa, e um pau de vinte centímetros. Se coloque no meu lugar e veja se é fácil.

Peguei a mão dele, que foi puxada em seguida.

— Eu te entendo! Sim, eu te entendo. Mas, veja bem, você tem que dizer alguma coisa verdadeira. Rafael é tão esperto, eu duvido que ele não vá entender. Ele sabe um monte de coisas, acho que as crianças aprendem isso na escola hoje em dia. Não é o fim do mundo. O que ele pode não gostar, é de ser enganado.

Bryan permaneceu olhando para baixo, mexendo as mãos e arrancando lascas das unhas, que já estavam bem curtas. Continuei:

— Você mesmo disse que desde os treze anos ele questiona tudo, questiona o seu papel na vida dele. Hoje mesmo ele fez isso. Duas vezes. Aliás, toda vez que a gente se encontra, ele dá um jeito de me dizer alguma coisa ou de fazer alguma pergunta suspeita. Essa coisa da cor dos olhos é novidade, ele não sabia disso quando foi me perguntar sobre Paolo. Ele está pesquisando.

— Eu não sei o que dizer! — Bryan começou a chorar e eu o abracei.

— Muito menos eu, mas pelo amor de Deus, não vamos mais inventar mentiras. Quando ele fizer uma pergunta, vamos dizer uma verdade, qualquer uma, mesmo que seja isso que você falou agora, que não sabe o que dizer. — Encaixado no meu abraço, Bryan chorou baixinho. Quando ele se afastou, eu toquei seu queixo, onde tinha pelos finos e macios. — Não estou dizendo que você tem que mudar ou sair falando para todo mundo. Mas você teve um filho aí dentro, e ele tem o direito de saber disso. Tudo bem que ele é muito novo, mas já entende as coisas melhor do que a gente. E eu não estou sabendo explicar como eu sou o pai sem nunca ter visto a mãe. É uma armadilha.

Bryan riu sem querer, de olhos fechados. Fiz carinho no rosto dele.

— Entende como é difícil? — falei. Ele assentiu. Puxei-o para mim e o fiz colocar a cabeça no meu ombro. Meus braços o envolveram e o acariciaram e ele não se afastou. — Rafael disse, lá em frente ao hospital, que tinha esperanças de que fosse você o pai dele. Acho que ele está triste porque pensa que te perdeu.

— Se eu tivesse me mudado daqui, se tivesse levado o Rafael comigo, talvez eu pudesse ter dito isso a ele. Era o que eu queria, era o que eu devia ter feito. Mas eu não tinha autoconfiança suficiente para criar ele sozinho, sem a tia.

— Sim, e como vocês dois se parecem, ele não ia questionar, não é? Mas aí você nunca ia poder namorar mais firme com alguém por causa do risco de a pessoa espalhar que você não pode fazer filhos, e sem contar que o Rafa não ia conhecer o pai, que sou eu. E eu não ia saber que ele existe... Você acha isso justo?

Bryan negou com a cabeça e voltou a chorar, e eu não permiti que ele saísse do meu colo. Passei uma perna por detrás das costas dele e o abracei mais forte. Assim ficamos até que ele se acalmou e minha barba em seu pescoço começou a fazer o efeito desejado. Mas não mudamos de posição nem avançamos nos carinhos, apesar da vontade mútua.

— O que você diz aos seus namorados? — perguntei sorrindo, mas preparado para um possível rompante.

— Como? — Bryan não entendeu de imediato.

— O que você diz quando o cara nota algo diferente no seu corpo?

— Ah, tá! Isso... — Ele revirou os olhos. — Eu precisei dizer alguma coisa pra você?

— Então você não diz nada? O... aquele Everaldo não sabe?

— Que meu pintinho é pequeno? Quem liga? Eu sou passiva assumida. Quem eu fico não se importa em saber.

Ele ria enquanto eu pensava no significado daquela resposta. Então ele se escondia atrás da indiferença e da ignorância dos caras com quem transava. Por falar nisso...

— Você sempre namorou homens?

Ele já estava rindo e depois dessa pergunta, quase teve um ataque. Eu o observava com preocupação porque o riso era muito exagerado e não parecia de alegria.

— Ai, Léo, até parece que eu vivo namorando. Quem me dera! Depois de você, eu fiquei virgem até os 25 anos.

— Não se interessou por ninguém?

— Claro que me interessei. Eu tinha um amor platônico diferente todo mês. Nenhum me notava e eu não tinha coragem de me abrir com ninguém. Até os 25 eu não tinha tido nenhum contato sexual, só aquilo lá contigo, se é que conta como experiência. Mas, enfim, vontade eu sentia, mas não tinha ninguém para compartilhar.

— E mulheres?

— Andei beijando algumas, mas nunca passou disso. A possibilidade de ser obrigado a tirar a roupa me assustava. Muita vergonha e pouca emoção. Sem contar que o principal deixa a desejar.

— Que bobagem! É só usar os dedos, a língua...

Ele pôs a língua para fora e fez cara de nojo.

— Nããão. O mais provável é que eu não goste mesmo de bucetas. Um dia uma inquilina com quem eu tinha certa intimidade quis saber se eu era gay. Eu disse que não sabia e ela disse: ah, então vamos trepar para você descobrir. Ela veio aqui e a gente se beijou e ela insistiu, insistiu, até que chegou à conclusão de que eu era mesmo muito gay. Me senti confortável por ela pensar assim.

— Estou entendendo. E o que aconteceu aos 25? Pode me contar?

— Huumm... — Ele sorriu, sapeca. — Posso sim. Foi o único caso em que o cara sabia sobre mim previamente.

— Como assim?

— Então... eu sempre fiz tratamentos de saúde e consultei muitos médicos: psicólogos, endocrinologistas e, mesmo contra a minha vontade, ginecologistas. Aí aconteceu que eu troquei de médico... — Ele deu uma risada. Ele estava na minha frente com as costas coladas na minha barriga, os cotovelos nas minhas pernas e a cabeça caída para um lado, por isso eu via o seu rosto.

— Sei...

— E o médico novo era um cara meio... digamos, safado. Ele sabia como eu era, nos mínimos detalhes, e mesmo assim demonstrava interesse e me fazia propostas indecentes. Acabei cedendo. Então a gente começou a se encontrar uma vez ou duas por mês, e foi com ele que eu aprendi a fazer e a gostar de sexo.

— Ciúmes desse cara, viu. Ele gostava de você de verdade?

— Porra nenhuma, ele era casado. Mas foi importante para mim, me ajudou a perder o medo de experimentar.

— E depois disso...?

— Depois disso, que nada! Eu fiquei com ele por anos e anos. Não é fácil para mim encontrar alguém conveniente. Vez ou outra rolava uma paquera, mas na hora H... Só nos últimos anos foi que eu me soltei mais, me arrisquei mais, e claro, passei raiva e quebrei a cara com mais frequência. Mas é um risco gostoso. Peguei um cara daqui uma vez e fiquei muito mal afamado. Foi chato e humilhante, mas acho que isso fez aumentar os meus lances casuais. Se não se incomoda em saber, Everaldo foi meu caso mais duradouro depois do doutor. Duas semanas.

— Você não se apega, não é?

— Nem devo. Não tem um que preste para eu dizer: esse cara merece ficar para o café. Minha lista de afetos tem uma tendência para homens casados, malucos, psicóticos. Não tenho muita sorte.

Realmente a gente tinha muito em comum.

— E o Everaldo se encaixa em qual categoria?

— Na dos ordinários, assim como tu.

O soltei e me joguei para trás numa mistura de riso e surpresa.

— Porra! Eu entro na lista desses que não valeram a pena?

— Você valeu a pena sim, mas fugiu e me deixou sofrendo.

— Poxa, me perdoa! Eu era muito novo, você também. A gente não sabia o que estava acontecendo. Agora somos adultos e algumas coisas mudaram para melhor, temos que admitir. Eu gosto muito de você. — Peguei o queixo dele e o beijei com suavidade.

— Léo... — ele sussurrou e eu o apertei para evitar que saísse dos meus braços.

— E eu sei que você gosta de mim também...

— Mas eu não quero me iludir, você vai embora, eu sei.

— Por que você fala tanto em ilusão?

— Porque é o que eu sinto... — Ele me olhou nos olhos e deu um sorriso tímido. — Você foi meu primeiro amor, seu chato! — Ele se soltou do meu abraço e foi até à cozinha. Pegou a garrafinha na geladeira e a bebeu de

uma só vez. O segui e o abracei pelas costas.

— Então você me ama.

Ele riu e se afastou novamente.

— Iludido! Eu te amei e você me abandonou.

— Me perdoa!

— Está perdoado, mas agora as coisas são diferentes, Léo. Sei que a gente tem um filho, que a gente tem uma química gostosa — Bryan percorreu meu corpo com os olhos e mordeu os lábios de leve. —, mas não é assim que a banda toca. Claro que eu estou acostumado a ser tratado como um pedaço de carne, como amante ocasional, eu até gosto disso, me traz prazer e segurança, sabe, mas não quero isso com você. Sei que você me quer na cama, que tem curiosidade pelo meu corpo... e tá, está difícil resistir com você me tentando o tempo todo, mas não!

Sem pensar duas vezes, eu me abaixei na frente dele dobrando uma perna e pondo um joelho no chão. Peguei suas mãos juntas e as segurei próximas à minha boca. Beije-as várias vezes enquanto falava e o olhava nos olhos. As palavras saíram da minha boca sem que eu me desse conta de que estava me declarando e fazendo promessas. Nem no meu sonho mais surreal eu tinha imaginado uma cena daquelas.

— Por mim, a banda pode tocar do seu jeito. Se você me der uma chance, eu prometo ser diferente de todos que você já conheceu. Eu sou independente, solteiro, vou me preocupar mais com os seus sentimentos do que com a minha vontade, eu prometo. A gente tem uma ligação especial, e eu não quero estragar isso com sexo descartável. Desde que eu te reencontrei, eu só consigo pensar em você, e não estou escondendo de ninguém. Todo mundo sabe, o Rafael sabe, meus pais e irmãos sabem que eu corro atrás de você o tempo todo. Me dá uma chance de mostrar que você pode ser amado e protegido, e cuidado além da sua carne.

Bryan ficou de boca aberta e por alguns instantes, sem palavras. Com meus lábios em suas mãos, eu esperava uma resposta e estava feliz por tê-lo deixado confuso e indeciso. Por fim, ele riu.

— Ai, como você fala, Leonardo! Levanta daí! — Ele deu alguns passos para trás, mas eu o segurei impedindo-o de sair e de desviar o olhar. Meu celular começou a vibrar no bolso, mas eu o ignorei.

— Não, você não vai fugir para a sua zona de segurança não, mocinho. Admita que você está cansado de ser amante ocasional e estava disposto a dar uma chance até mesmo àquele moleque chamado Everaldo. Mas você não o

amava. Foi só eu chegar para ganhar de vez seu coraçãozinho machucado. Deixa eu cuidar dele, deixa.

Bryan deu uma gargalhada.

— Você está se superando, Leonardo! A vontade de me comer é tanta que você nem percebe o que está falando.

— Por que você não confia em mim? A gente tem tanto em comum. Eu também vivo de relações vazias e também me protejo do risco de me apegar e sofrer. Dá uma chance para a gente. Quem sabe não é isso o que a gente estava procurando esse tempo todo?

As mãos dele nas minhas se moveram com suavidade, e seus lábios se apertaram enquanto seus olhos se moviam para todas as direções. Até que ele respirou fundo, fechou os olhos, e entrou sem reservas no abraço que eu oferecia. Envolvi-o com carinho e deixei que ele pousasse a cabeça no meu ombro. Beijei seus cabelos. Ele era carente e vulnerável, e eu estava me sentindo cada vez mais forte e decidido. Continuaría insistindo se ele não tivesse cedido.

Por mais que o abraço estivesse gostoso, eu não podia continuar ignorando meu celular. Só pessoas muito especiais tinham aquele número, e elas não ligariam à toa. Bryan viu quando eu peguei o aparelho, e com um sorriso de compreensão, se afastou e foi se deitar no sofá.

Atendi. Era o Paolo querendo saber onde eu estava e me chamando para ir ver uma casa que pareceu adequada ao que a gente procurava. Enquanto ele explicava o motivo da ligação e me dava o endereço para onde eu deveria ir, eu observava o Bryan deitado de forma preguiçosa. Fui até ele e me ajoelhei no chão, passei o aparelho para a mão esquerda e comecei a acariciá-lo na barriga. Quando desliguei, deitei minha cabeça sobre ele e fiz carinho com a barba. Levantei alguns centímetros da camiseta e beijei sua pele branca. Ele ficou todo arrepiado.

— Quem era? — Bryan perguntou num quase sussurro. Bocejou.

— Meu irmão.

— Vai lá, deve ser importante.

— Eu vou, mas é aqui perto, ainda tenho tempo. Vou lá ver uma coisa com ele e Claudina, e volto depois.

— Vai voltar, é? Pra quê?

— Para a gente fazer amor. Você quer, não quer?

Bryan mordeu os lábios e olhou para o lado fazendo charminho, mas

não conseguiu segurar o sorriso. Um sorriso tão gostoso que me fez beijá-lo. Eu estava louco por ele.

Me levantei ajeitando a roupa por causa da excitação, e desci as escadas correndo. Antes de sair, porém, joguei um beijo para o Bryan e ele retribuiu. Já no carro, passei as mãos pelo rosto e me olhei no espelho. O desejo e ansiedade que eu sentia eram tão fortes que minha respiração estava pesada. Estava bem explícito e qualquer um podia perceber. Quando cheguei ao local que Paolo tinha indicado, ele e Claudina já estavam me esperando, bem como as outras pessoas envolvidas na negociação.

Realmente a casa era adequada, totalmente acessível e sem escadas, num terreno grande e bem protegido. Não era no centro da cidade, mas o comércio estava perto, e meus pais teriam conforto e segurança se morassem ali. O preço pedido pela proprietária era o normal para a região e as condições de pagamento eram viáveis. Quando fomos embora, cerca de uma hora depois, todos estavam animados quanto ao sucesso do negócio.

Claudina saiu primeiro e Paolo, que tinha ido com ela, ficou sem carro. Ele estava contando comigo para voltar para casa. Eu estava distraído, parado perto da caminhonete preta que servia ao meu uso pessoal, quando ele chegou me socando o ombro e perguntando que horas eu ia embora. Me sobressaltei e não consegui disfarçar meu desagrado; meu irmão notou, como sempre.

— Você tinha outros planos, não é? — disse ele sorrindo.

— Pois é... quer dizer, é que eu trouxe o Rafael e ele saiu e... — Cocei a cabeça, embaraçado.

— Sei..., mas me leva até um ponto de táxi e eu me viro. Imagino que você tenha mais o que fazer por aqui.

— Tenho mesmo, se você não se importar — confessei.

O ponto dos táxis ficava na mesma avenida em que o Bryan morava, logo após o ponto de ônibus. Dirigi até lá, e antes mesmo de parar, vi o Rafael caminhando ao lado de alguém. Acho que ele tinha acabado de desembarcar e seguia a pé para o apartamento de Bryan. Quando me viu, ele se despediu da amiga e me esperou. Parei ao lado dele e abri o vidro.

— Ei, Rafa. Você vai para casa agora? — perguntei.

Rafael demorou a responder e notei que seus olhos estavam em Paolo e não em mim.

— Vou voltar lá na vó — ele respondeu, e ficou mais do que claro que meu irmão tinha dado algum aviso e ele tinha entendido direitinho.

— Tem certeza? — Ele confirmou e eu me virei para meu irmão. — Vocês poderiam ir juntos então, o que acham? É bom que vocês se conhecem. Paolo leva o carro e eu dou um jeito de ir embora depois.

Rafael sorriu fazendo ruguinhas em volta do nariz e balançando a cabeça em negativa.

— Você não vai embora depois.

Paolo deu uma risada e eu me encolhi de vergonha. Todo mundo percebendo minhas segundas intenções. Rafael abriu a porta atrás de mim e entrou. Pegou a mochila no colo e então eu me lembrei de que não tinha devolvido a chave dele no lugar.

— Rafael, eu peguei emprestado a sua chave, ok? E acabei esquecendo lá com o Bryan. Espero que não se zangue comigo.

— Tudo bem. Ele te deixou do lado de fora, foi?

Não respondi, mas dei uma risada e Paolo também. Rafael conhecia o Bryan melhor do que ninguém e devia saber como ele era difícil, por isso nem adiantava inventar desculpas.

Parei em frente ao prédio do Bryan e saí do carro. Paolo foi para o banco do motorista e Rafael foi para o lado do carona. Eles se despediram cheios de sorrisos sacanas e eu respondi fingindo demência. Só depois que eles desapareceram na rua foi que eu chamei no interfone. Achei uma pena não estar com a chave, pois seria legal pegar o Bryan de surpresa.

O interfone tocou, tocou, tocou. Ninguém atendeu. Estranhei, pois tinha certeza de que o Bryan estava em casa. Chamei de novo, e de novo, já impaciente, até que ouvi o barulhinho do aparelho sendo atendido. Bryan respondeu com uma voz safada.

— Olá, o que o senhor deseja?

— Eu gostaria de terminar um serviço que comecei em 1999.

O portão se abriu.

Terminando um serviço

Subi as escadas e minha ansiedade foi aumentando, o coração batendo tão forte que quase doía. Everaldo, o ex, já tinha sido enxotado, Rafael e meu irmão tinham acabado de ir embora, cientes do que eu pretendia fazer, sendo assim, a única coisa que poderia atrapalhar aquele momento era o orgulho do Bryan. Por isso tentei não correr escada acima para chegar mais manso e com menos sede ao pote.

Bati na porta e ouvi passos suaves. A porta se abriu, pois não estava trancada, e o Bryan apareceu na minha frente. Pelos cabelos e pelo cheiro, ele tinha tomado banho de novo. Senti vontade de agarrá-lo ali mesmo.

— Oi... — falei.

Ele sorriu e mordeu os lábios.

— Vê se faz o serviço completo dessa vez!

Dei dois passos à frente e o abracei fechando a porta com o pé. Ela bateu e fez barulho. Bryan se entregou nos meus braços. Estava cheiroso, muito cheiroso. Levantei-o do chão e ele enlaçou as pernas em mim, rodopiamos enquanto nossas bocas se encontravam. Eu não aguentava o peso dele e acabamos caindo no sofá, ele sobre mim, e começamos um beijo incrível, com direito a bater os dentes e tudo mais. A gente já tinha se beijado antes, mas naquele momento a ansiedade de ir até o fim deixava tudo mais insano. Até que ele cortou o ritmo do beijo e segurou meu rosto.

— Para onde seu irmão levou o meu filho?

— Para a casa da vó Zuleide. Eles sabem que a gente precisa ficar sozinho. A cria está segura, relaxa.

Bryan me deu um tapa enquanto tirava a minha camisa. Levantei os braços para ajudá-lo.

— Safado... Você falou pra ele?

— Claro que não, mas precisa? Eu falei que estou doido por você e não estou escondendo de ninguém.

Bryan passou a língua pelo meu peito enquanto puxava meus pelos com os dedos. Desde antes ele tinha interesse naquela parte. Peguei o rosto dele para beijá-lo na boca e sentir o gostinho de menta. Ele tinha se preparado para mim e estava no meu colo, com as pernas abertas. Peguei em seus quadris para movê-lo friccionando-o contra minha excitação enquanto nos beijávamos, olhos nos olhos. O prazer era imenso. Passei as mãos em seu peito, sobre a camisa; como ele não impediu, eu desci e as enfiei por debaixo do tecido.

— Eu não tenho seios — ele disse com a boca na minha.

— Tô falando nada...

— Mas está procurando. Vai devagar, é sensível.

— Tá aqui... — Circundei com os dedos e apertei, e o ouvi gemer. — Quase não aparece na camisa.

— Baixo percentual de gordura, querido. — Ele se afastou, tirou a peça de roupa e jogou-a sobre o braço do sofá, onde já estava a minha. — Olha, não tem nada. — Ele estufou o peito fazendo ressaltar os músculos. De fato, fora a parte de ser macio em volta da auréola e dos mamilos serem maiores que os meus, não tinha nada de mais. Mas era gostoso e, segundo ele, sensível. Olhei e passei as mãos sobre eles, fazendo-os intumescer com o toque dos meus dedos. Me inclinei e passei a língua em um deles, mas o Bryan riu e se encolheu.

— O que acontece se você parar de malhar e de tomar esses remédios aí? — perguntei.

— Ih, eu fico magrelo, com voz fina e com biquinhos salientes. Esquisito pra caralho.

— Ai, que delícia! — Lambi os lábios e o Bryan riu alto jogando a cabeça para trás.

— Desista, eu gosto do meu corpo assim.

— Delícia de qualquer jeito.

Voltamos a nos beijar enquanto ele desabotoava minha bermuda. Abriu, mas não fez nada além de se sentar exatamente sobre a parte elevada na cueca.

— Eu quero muito você... — falei.

— Ah, é?

— Aham... Tô doidinho...

Ele saiu do meu colo e ficou de pé na minha frente, me olhando com cara de safado. Puxei-o pela cintura e comecei a beijar a barriga, os braços, o peito. Como ele não recuou dessa vez, me concentrei no peito onde deslizei a língua sobre as protuberâncias macias deixando-as molhadas e quentes. Alternando de um para outro, comecei a sugar os biquinhos com vontade. Olhei para cima e reparei que ele estava de olhos fechados e apertava os lábios enquanto suspirava. Ele sentia prazer, mas talvez estivesse sentindo um pouco de dor. Parei minha boca no caminho entre as costelas e Bryan abriu os olhos.

— Vem para o quarto que é melhor — ele pediu.

— Você que manda.

Bryan trancou a porta da entrada e pendurou a chave num quadro que tinha ganchinhos, e foi em direção ao quarto. Fui atrás e o agarrei pelas costas beijando seu pescoço. Prendi seu corpo entre meus braços e deixei que minha pelve tocasse sua bunda arrebitadinha.

— Meu sonho isso, sabia?

Ele gemeu e não disse nada. Virou-se e puxou minha bermuda para baixo, passou a mão por cima da minha cueca preta onde estava molhado.

— Tira ele daí — pedi, e Bryan apenas sorriu.

Ele se sentou na cama que estava perfeita com uma grande colcha branca. As cortinas estavam fechadas e por isso o clima parecia noturno. Estendi a mão e acendi a luz do quarto. Bryan me puxou pela cintura, me beijou no peito e inclinou a cabeça para beijar mais embaixo. Como a altura não era adequada, ele se deitou de bruços na cama, de forma que sua cabeça ficou de frente para mim. Se apoiou sobre os braços cruzados e passou a língua no tecido da minha cueca, me olhando nos olhos com cara de safado. Quando ele puxou a cueca para baixo e eu pude sentir sua respiração, meu pau tocou em seu rosto, que sorriu. Ele começou a me chupar, e me olhava nos olhos ao fazer isso. Quase enlouqueci.

— Que delícia!

— Ah, é? — Ele sorriu com meu pênis encostado nos lábios.

— É... muito bom... sua boquinha é linda.

Com as duas mãos, ele explorava toda a minha região genital, masturbava de leve, puxava a pele e colocava na boca. Eu permaneci de pé e

ele deitado de bruços, eu acariciava seu rosto e ombros enquanto ele me engolia com maestria. Ninguém podia dizer que ele não tinha prática. Quase ao ponto de gozar, eu o interrompi.

— Não vamos assim tão rápido, meu bem. Sossega essa fome.

Me deitei na cama em sentido inverso ao dele. Passei a mão por suas costas suadas e apertei sua bunda sobre o short. Tentei puxar o short para baixo e ele me auxiliou elevando o tronco para que saísse mais fácil. Não tirou a cueca, e eu resolvi deixá-lo no seu ritmo. Passei a mão em sua bunda, que era dura e redondinha, em suas coxas grossas, e na cintura, que só não era mais fina por causa dos músculos abdominais desenvolvidos. Como eu estava de lado, ele se virou de frente pra mim e voltou a me chupar num quase meia nove. Eu não alcançava o meio de suas pernas.

Desci a mão até seu rosto e fiz um carinho para impedi-lo de se concentrar totalmente no que fazia.

— Parece que você quer adiantar o processo... vamos com calma, meu bem, nós temos todo o tempo do mundo.

— Não tá gostoso?

— Imagina, claro que é gosto! Mas eu quero você, quero te ver, quero ir devagar. Se você continuar me sugando assim, eu vou dar o que você quer.

Inverti a posição para ficar frente a frente com ele, nós dois virados para os pés da cama. Fazia calor, mas ninguém pensou em ligar o ar condicionado. Voltei a beijá-lo na boca, no pescoço e nos ombros, e desci pelo peito. Passei a língua sobre um biquinho duro e explorei o espaço macio em volta. Era como uma pequena almofada de gordura sobre um peito de músculos trabalhados.

— Posso aqui? — pedi.

— Vai...

Passei a língua de leve para não o incomodar e peguei com as pontas dos dedos, sentindo a textura.

— Não fez mesmo nenhuma cirurgia?

— Não, não quiseram fazer quando eu era menor, depois eu nunca tirei tempo. Mas vou fazer no futuro.

— Por quê? É tão gostoso.

— Tenho risco de desenvolver câncer.

— Ah... — Parei de boca aberta e ele se irritou.

— É... Agora vai, senão vou pensar que você é frouxo.

— Nunca!

Desci a língua pela barriga dele, beijei o umbigo, os lados da cintura. Afastei suas pernas uma da outra.

— Que trabalho deve ser para manter esse corpo sarado...

— Você fala como um papagaio, Léo. — Ele riu e me puxou para cima.
— Me fode que é melhor!

Arregalei os olhos ao ouvir aquilo da boca dele!

— Uau, que safado! Deixa eu te amar direitinho...

Entreí entre as pernas dele e passei as mãos pelas duas coxas simultaneamente. Notei que o pênis dele fazia pouco volume, mas dava para sentir, mesmo embaixo do tecido. Deslizei os dedos da barriga para a pelve descendo a cueca dele até o meio das coxas. Peguei o membro entre os dedos, explicar. Além de não ser grande e não ter glândula notável, também não era tão duro, apesar de ficar ereto. Beijei a barriga dele e desci pelas virilhas enquanto minhas mãos levavam sua cueca para longe. Tinha um cheirinho bom de sabonete, aliás, todo o corpo dele estava cheiroso, ele tinha poucos pelos, muito bem cuidados. Bem no baixo ventre ele tinha uma cicatriz, mas era antiga, quase um risco.

Desci os dedos entre as pernas dele e levantei um pouco mais à esquerda. A luz acesa e acesso permitido aguçavam a minha curiosidade. Bryan tinha parado de gemer e estava calado, mas ao se sentir exposto demais, ele começou a se incomodar. Passou uma perna por mim ficando de lado e quando eu tentei voltá-la à posição inicial, ele se afastou.

— Para, Léo, não fica procurando porque eu não gosto.

— Mas só estou fazendo carinho. — Me justifiquei.

— Não, você está me examinando, isso é chato.

— Está bem, me desculpa. Vem cá, vem... — Entendi o motivo de ele ter se dado bem com o médico que o conhecia antes de levá-lo para a cama. Examinar e transar eram duas coisas distintas.

— Apaga a luz, vai — ele pediu. — Acende a do corredor.

Acendi, tomei o cuidado de deixar a porta do quarto aberta para a claridade entrar e voltei para a cama. Bryan estava de bruços e peladinho, já virado para o lado normal da cabeceira.

Apoiado sobre os braços, me inclinei sobre o corpo dele. Passei a língua

em suas costas e fui subindo do cóccix até o pescoço, deixando-o todo arrepiado. Beijeí sua nuca, o pescoço e os ombros, e voltei a descer. Ele se arqueava quando minha língua passava pelo meio das suas costas. Aproveitei que ele gostava e fiz isso várias vezes. Por fim, desci até a bunda e apalpei os glúteos, afastando-os. Deslizei a língua pela fenda enquanto ele gemia. Como eu não tinha pressa, continuei a brincar e a acariciar, mas uma camisinha surgiu ao meu lado. Coloquei-a enquanto Bryan me olhava por cima do ombro e empinava a bundinha. Com os dedos, deixei-o pronto para mim, e me deitei de vez sobre seu corpo. Fui devagar até sentir que ele estava confortável, depois passei a fazer os movimentos cada vez mais rápidos.

No começo a gente se beijava, deslizava nossas línguas uma na outra, mas depois o ritmo ficou forte demais, e ele se encolheu de forma a ficar quase de quatro. Isso me deu ainda mais vontade e eu investi com ainda mais força, quis puxar os cabelos dele, que eram curtos demais, e perdi de vez a razão. Ele estava no mesmo ritmo. Tentei mudar de posição, mas só consegui que ele virasse de lado, sobre um braço meu. Mordendo sua nuca e apertando sua cintura, eu alcancei o auge do prazer enquanto ele sorria e me incentivava com palavras obscenas, e sugava os dedos da minha mão esquerda. Depois do último espasmo, peguei o queixo dele com força e o beijeí. Estava exausto.

— Você é selvagem, hein?! — falei.

— Se não for para valer a pena, eu nem começo.

— Safado. Você é tão gostoso. — Ele sorriu e já estava saindo dos meus braços quando o segurei. — Ei, espera! Você nem gozou...

— Quem disse que não? Eu gostei, seu bobo, meu orgasmo é mais psicológico mesmo. — Ele começou a se abanar. — Porra, por que não ligamos esse ar condicionado? Está calor. — Rimos quando ele mostrou que o controle do aparelho estava sobre o criado ao lado da minha cabeça.

Tirei a camisinha e amarrei pondo-a de qualquer jeito na embalagem original. Olhei com desagrado meus dedos melados e acabei limpando na linda colcha branca que cobria a cama. Bryan viu tudo e fez careta. Quando o ar ficou mais fresco, voltei a abraçá-lo. O corpo suado dele tinha um cheirinho tão delicado, parecia uma flor. Comentei em seu ouvido e ele disse que delicado era o caralho. Ele se inclinou sobre um cotovelo e deslizou os dedos pelo meu peito e barriga até chegar ao meu pau, que ainda estava duro. Pegou-o e fechou os dedos em volta.

— Pelo menos em uma coisa você não decepçiona.

Ri enquanto ele manipulava meu órgão sensível.

— Você gosta dos grandes e nem disfarça, safadinho.

— Nunca neguei. E olha esses pelos na sua barriga! Antigamente eu achava nojento.

— Achava nojento uma ova, você adorava, só não admitia. Mete a boca, vai. Mata a vontade.

— Hum... — Ele passou a língua na minha barriga me olhando nos olhos, depois parou e se deitou com a cabeça na minha axila. — Desculpe por te interromper naquela hora, é que você me deixou constrangido. Procurar meu buraco secreto não foi nada sutil da sua parte.

— Eu percebi, me desculpe. Foi mais forte do que eu. Mas me diga o nome do problema que você tem — pedi. — Tenho curiosidade.

— Nenhum!

— Sério? — Franzi a testa.

— Aham. Não tenho nenhum “problema” tipo síndromes, doenças, etc. Só mesmo uma pequena confusão. Nenhum médico encontrou uma explicação convincente para o meu caso, mas se supõe que na gravidez da minha mãe eu tenha ficado exposto a uma grande quantidade de testosterona, e por isso meu corpo teria ficado indeciso na hora de desenvolver os órgãos sexuais externos. Na dúvida, vieram os dois.

— Foi muito inteligente.

— Que nada! Os dois são malformados. Eu tenho uma deficiência na produção de hormônios, mas ao que parece, meu organismo pretendia se consertar sozinho na adolescência, para funcionar como o de uma garota. Mas garanto que eu seria uma fêmea muito feia.

— Você sempre teve as suas particularidades.

— De qualquer forma, eu nunca seria uma pessoa “normal”, nem se tivessem me operado quando eu nasci. Eu tinha que crescer para me encontrar. Dizem que isso já aconteceu por aí, é muito raro, mas não inédito. Mas nunca, em nenhum dos casos, a pessoa engravidou. Só eu.

— Nosso moleque é um milagre, não é? Eu acredito nisso.

Bryan me mostrou o braço onde tinha tatuado o rosto de Jesus.

— Eu também acredito.

Mesmo estando interessadíssimo no assunto, eu bocejei. Satisfazer ao meu marrentinho safado consumiu boa parte das minhas energias. Bryan saiu do meu abraço e se levantou.

— Fica aí que eu vou tomar banho.

Eu ia protestar, mas ele já tinha saído do quarto. Me levantei e fui ao banheiro que, para variar, estava trancado.

— Que malvadeza, deixa eu entrar aí contigo... — falei, manhoso, à porta envernizada. — Bryan! — Não obtive resposta, apenas o som de um riso, mas ele saiu logo, envolto numa toalha.

Entrei no banheiro e deixei a porta escancarada, tomei banho me exibindo enquanto ele me observava pelo box de vidro transparente. Me enxuguei com a toalha que ele tinha me emprestado no dia anterior e quando saí do cubículo de vidro, ele se abaixou na minha frente. Pegou meu pau e cheirou, passou a língua e o engoliu inteiro me olhando com cara de safado. Me encostei na parede azulejada e abri as pernas, ele colocou as mãos espalmadas nas minhas coxas e me chupou enquanto eu segurava meu próprio membro na posição adequada. Interrompi para beija-lo na boca e imediatamente ele voltou a me sugar com vontade.

— Você é bom nisso, sabia? — falei entre suspiros. — Muito bom!

Bryan me olhou e tirou o pau da boca apenas o suficiente para dizer:

— Por que não te calas?

Ri alto e tentei agarrar os cabelos dele, mas como eram muito curtos, eu o segurei pelas orelhas e comecei a fazer movimentos de penetração em sua boca. Diminuía quando ele principiava a engasgar, e depois continuava. Se era isso o que ele queria, só me restava entrar na onda. Nunca tinha imaginado ser tão selvagem com ele. Em poucos minutos, eu gozei de novo espalhando porra no rosto e no peito dele. Ele me sugou até a última gota e se levantou me deixando de pernas bambas. Quase pedi ajuda para sair do banheiro.

Depois que saí, ele foi se limpar. Vesti apenas a bermuda que eu usava antes e me sentei preguiçosamente no sofá. Eu estava exausto, mas era aquele cansaço gostoso que vem depois do prazer. Minhas pálpebras pesavam. Alguns minutos depois, Bryan apareceu na sala arrumadinho e cheiroso. Eu estava bocejando.

— Te derrubei, não foi? — Ele sorriu ao perguntar e a voz me pareceu ao mesmo tempo doce e safada. — Você está com soninho?

— E com fome também. Vamos sair pra comer alguma coisa? — Puxei-o pela mão; ele me deu um selinho, mas voltou a ficar de pé.

— Sair? Eu vou fazer sopa de legumes pra mim, e o senhor pode ir.

— Ir...?

— Pra sua casa, meu bem!

Ri e me deitei no sofá de tecido escuro, com as pernas dobradas e os pés em cima.

— Mas de jeito nenhum eu vou sair daqui agora! — Bocejei novamente. — Quero provar da sua sopa, embora eu prefira uma pizza. Depois a gente vai continuar namorando e vai dormir de conchinha. E vamos tomar o café da manhã juntinhos.

Bryan pôs as mãos na cintura naquela pose que não me assustava nem um pouco, e bateu o pé.

— Não pense que me comer te dá o direito de ficar na minha casa o tempo que você quiser, querido. A gente está indo rápido demais, isso não é nada bom. E tire os pés do meu sofá!

Continuei a rir e ele me olhou com as sobrancelhas franzidas.

— Deita aqui comigo e deixa de drama, vai. Eu tenho uma coisa para te dizer.

Ele fez um pouco de doce, mas se aproximou. Sentou-se na beirada do sofá, perto da minha barriga.

— Diga.

— Chega mais perto, é importante. — Puxei-o para cima de mim e ele aceitou, mas não me deixou abraçá-lo. Se apoiou em um cotovelo e me olhou nos olhos. Estava impaciente.

— O que é?

— Eu te amo!

Bryan ficou me olhando com os olhos arregalados, muito azuis, e sem palavras.

— Eu te amo... — repeti.

Ele suspirou e sorriu olhando para o sofá. Mordeu os lábios e me olhou. Eu estava ansioso.

— E quer saber se eu te amo também, não é?

— Naturalmente. Mas tudo bem se você não quiser responder agora, a gente tem tempo. Eu sei que você sente algo especial por mim.

— Tempo... Acho que é esse o problema. — Ele se sentou e ficou olhando para as mãos. — Gostaria que a gente falasse sobre amor quando você não mais tivesse uma viagem marcada.

Peguei sua mão e beijei.

— É só por um tempo, meu amor.

— Eu quero muito acreditar que você vai voltar, Léo, antes que se passem outros dezesseis anos. Mas pressinto uma coisa ruim. A gente aqui juntos, você dizendo que me ama, sei lá, não me parece natural depois de tudo o que aconteceu.

— Ih, que coisa ruim? Para com isso! — Me sentei ao lado dele, ainda segurando sua mão. — Deixa eu explicar o que pretendo fazer: eu só vou precisar de uns meses para resolver sobre o apartamento que eu moro, o meu carro, alguns compromissos que já estão marcados. Eu vou voltar, eu prometo. Eu queria que você me desse essa chance, aliás, que desse essa chance pra gente. — Beijei o rosto dele e continuei. — Não é só você que não tem sorte no amor, sabia? Eu também estava esperando por isso, por esse encontro. Acho que o nosso destino é ficar juntos.

Bryan tirou a mão das minhas.

— Não acredito nessa coisa de destino.

— Mas acabou de falar em pressentimento. Não é contraditório?

— Olha, isso não tem nada de sobrenatural. Eu não sei explicar, mas alguma coisa que você diz me faz sentir essa insegurança. Alguma coisa não me parece bem.

— Ei, para com isso! Pode me dispensar de outra forma, se quiser. Fala logo que não quer, que não gostou da minha pegada, mas não precisa desse drama todo.

Ele riu jogando a cabeça para trás.

— Léo, quer saber se eu te amo? A resposta é sim! Sim, eu te amo, e não é pelo nosso passado, é pelo presente, é por isso que a gente está vivendo agora. Mas eu não quero sofrer, não quero me iludir...

O interrompi segurando seu rosto e pondo um dedo em seus lábios.

— Eu não vou te fazer sofrer, eu juro! Vou viajar por causa dos compromissos, mas eu tenho aqui o meu filho, que estou curtindo pra caramba, meus pais, que já estão cansados e eu quero passar mais tempo com eles, minha parte na fazenda, que eu tenho que cuidar, e você, se me quiser. E eu acho que você quer sim.

Ele sorriu e me deixou abraçá-lo. Nos beijamos de leve.

— Tá, mas vamos com calma. Não precisa se mudar para o meu apartamento já. — Ele se levantou e foi em direção à cozinha.

— Vai mesmo me expulsar daqui hoje? Porra, tô cansado, com fome,

sem carro...

— Ok — ele concordou, mas com um dedinho em riste. — Só hoje então, mas não se acostuma, seu espertinho.

Joguei um beijo para ele, que revirou os olhos.

Bryan olhou na geladeira, mexeu em alguma coisa, depois voltou para perto do sofá.

— Quer mesmo a pizza? Tem uma pizzaria aqui perto, e esse horário é bom para pedir porque é cedo para o movimento maior.

— Se quiser, pode fazer a sua sopa, eu gosto de sopa.

— Hoje eu te acompanho na pizza. É que quando o Rafa não está aqui, eu sou mais light, sabe.

— Seu chato!

— Não tenho essa genética de bambu que você tem. No mínimo, vive se entupindo de porcarias porque não engorda. Vai se matar.

— E isso é porque você me ama!

Bryan pegou chaves, sandálias havaianas, e foi em direção à porta.

— Por que vai sair? — perguntei.

— A pizza vem mais rápido se a gente for buscar. Fica aqui perto, eu vou sozinho. Vai querer qual?

— Eu como a que vier, peça a do seu gosto. Mas toma aqui o dinheiro... — Mas ele saiu antes que eu me levantasse.

Pensei em ligar a televisão, mas não estava com vontade de assistir nada. Bocejei duas ou três vezes e apoiei a cabeça no braço, cochilando por alguns minutos. Estava com sono, mas não cheguei a dormir porque senti meu celular vibrando no bolso na bermuda. Quando estiquei o braço, senti um formigamento incômodo. Fazê-lo de travesseiro não tinha sido uma boa ideia. Atendi e era o meu irmão.

— Fala, Paolo.

— Que voz de preguiça!

— Pois é... — Eu não mentia para ele, mas não queria entrar em detalhes. Ele era adulto e inteligente.

— Imagino que você pretenda passar a noite aí, mas olha, dê um jeito de estar aqui amanhã cedo. O agrimensor marcou para amanhã a demarcação das futuras divisas, e para evitar conversas fiadas, é bom que todos

acompanhem os trabalhos.

— Ok, estarei lá com certeza. Eu pego um táxi ou até mesmo o ônibus, e você me busca na estrada.

— Isso. Me liga que eu te busco onde for preciso, ok?

— Aham. E o Rafael?

— Eu o deixei lá na tia e aproveitei para conversar com ela.

— Tem muita mulher lá ainda? O Rafael fica constrangido e deslocado, tadinho.

— Não sei, acho que só vi uma. A tia está melhor, acho que as “parentas” estão indo embora.

— Alguém aí de casa comentou sobre a minha ausência?

— Com certeza, e eu disse que você tinha compromissos, só isso.

Ri. Imaginei o que estaria se passando na cabeça dos meus pais ao saberem que dezesseis anos depois do afastamento forçado, eu estava dormindo com o Bryan de novo. Eu poderia inventar outro motivo, dizer que éramos apenas amigos, mas nosso passado e o fato de o Bryan ser, segundo ele, mal afamado, impossibilitava isso. E, porra, eu estava muito feliz para negar o que quer que fosse. O que eu queria mesmo era expor, exhibir minha relação com o Bryan, principalmente para os meus familiares.

— Valeu, então.

Nos despedimos e eu me levantei para movimentar as pernas e os braços. De fato, o sofá era muito pequeno para o meu tamanho. Resolvi me deitar no tapete, que era bem mais espaçoso, além de confortável, e tinha almofadinhas. Peguei no sono dessa vez. Acordei com o Bryan agachado ao meu lado e com a mão no meu rosto. A expressão assustada dele me fez rir.

— O que foi?

— Eu é que te pergunto. Está tudo bem?

— Claro, é que o sofá não me cabe deitado, e eu não quis ir para a sua cama sem autorização.

— Besta! É que você tem uma certa tendência para cair, esqueceu? Levanta daí, a pizza está ótima e eu trouxe suco.

— De laranja e sem açúcar? Nada de “Coke”?

— Nunca!

Comemos sentados no chão da sala segurando as fatias nas mãos. Eram

duas pizzas de sabores diferentes e estavam ótimas. Depois de tanto comer, minha barriga cresceu e apareceu na minha magreza, e o Bryan achou engraçado.

— Seria legal se o Rafael estivesse aqui — falei.

— Aham, e aí eu teria comprado a pizzaria inteira, porque ia precisar. Vocês comem como dois cavalos.

— É porque estamos em fase de crescimento. Ele já está maior do que você.

— Sim, ele vai ficar grande. Eu sei disso desde quando vi o pezinho dele pela primeira vez. Aqueles sapatinhos de bebê não serviam nele.

Enquanto eu comia a última fatia da pizza cujo sabor eu nem me lembro, o Bryan falava coisas sobre o Rafael. Era tão bom a gente junto, compartilhando de uma intimidade que nunca tivemos antes, falando do nosso filho. Nem me passava pela cabeça perder aquilo depois de todo o tempo que tínhamos passado longe um do outro.

Depois que terminamos as pizzas, Bryan pegou as caixas e os copos e foi pra cozinha. Me ofereci para ajudar, mas ele me fez sentar no sofá.

— Vou pegar uma coisa para você ver, fica aí. — Ele foi ao quarto e voltou com dois álbuns grandes de capas azuis. Abriu o primeiro e me entregou. — São fotos do Rafael, desde bebezinho até recentemente. Acho que você vai gostar de ver.

Não respondi. Eu queria ver sim, e muito, mas a emoção meio que me travou. Bryan percebeu e foi cuidar da bagunça, me deixando sozinho.

Não tinha muitas fotos do Rafael recém-nascido, aliás, já na terceira foto ele estava sentadinho num sofá antigo de tia Zuleide, de apenas um lugar. Rafael era branquinho, de cabelos cacheados, e gordinho. Como o álbum era organizado numa espécie de linha do tempo, a partir de certo momento começou a ter mais fotos, acho que por volta dos três aninhos de idade. Eram fotos em vários lugares diferentes, muitos deles eu não reconheci. Notei que as sardas no rosto de Rafael só começaram a aparecer quando ele já era bem grandinho, as primeiras surgiram no nariz. Em pouquíssimas fotos o Bryan estava com ele; em algumas aparecia o braço, e com isso deduzi que além de ser ele quem tirava as fotos, também não gostava de aparecer nelas.

O segundo álbum era de fotos mais atuais. Rafael já crescido, magro e de canelas compridas, parecendo as minhas, inclusive. Algumas fotos na praia, na casa de tia Zuleide, ali no apartamento de Bryan, e numa cidade

diferente. Definitivamente não era por perto. Saí um pouco da meditação.

— Que lugar diferente, Bryan! Onde é? — Mostrei a foto a ele.

— Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Tem três anos que a gente foi lá. Vamos de novo daqui a uns tempos, talvez esse ano, se sobrar dinheiro.

— Olha, que chique! O que tem de bom lá?

— Parentes meus. Procurei e acabei encontrando uma tia, duas irmãs e uns primos. Eu também tenho uma família. Desfeita, é verdade, mas ainda é uma família.

— Ah... — Fiquei sem palavras.

— Não precisa ficar de boca aberta desse jeito, Léo. Eu tinha que saber de umas coisas, e estou bem com isso, sabe? Eu tinha que saber de onde eu vim.

— E seus pais?

— Minha mãe usou drogas por boa parte da vida, morreu já tem tempo. Meu pai ninguém tem ideia de quem seja, deve ser algum soldado, como dizem. Foi bom conhecer minhas irmãs, elas foram criadas pela avó paterna. São mais velhas do que eu. Agora a gente mantém contato.

— Nossa...

Depois daquilo eu fiquei ainda mais pensativo. Olhei as fotos do Rafael várias vezes pensando no Bryan e em sua história complicada. Ele ainda me falou sobre como conseguiu localizar a família, sobre a viagem, e como é no sul do Brasil. Conversamos também sobre minha vida no Canadá e nos Estados Unidos, e o meu trabalho com fotografia.

Por volta das dez da noite nos deitamos na cama, apenas de cuecas. Ele se deitou de lado e eu fiquei atrás dele, na famosa posição de conchinha. Conversamos um pouco mais.

— Léo, eu preciso saber de uma coisa — ele falou.

— Fique à vontade, pergunte.

— Você não tem ninguém te esperando lá onde você mora?

— Alguns amigos, só isso. Não sentem muito a minha falta e eu não sinto muito a falta deles. Achei que fosse sentir, mas não estou sentindo.

Bryan não curtiu muito essa última afirmação, embora ela fosse a mais pura verdade. Eu não esperava que fosse esquecer tão rápido.

— Hum... Nenhuma pessoa em especial?

— Não, ninguém. Por que esse biquinho?

— Nada, é só... insegurança. Não gosto de sentir isso.

— Meu amor, por que a insegurança? Eu estou contigo e vou voltar. Você vai ter que me aturar por muito, muito tempo. Confia em mim. — Cheirei o pescoço dele. Me lembrei de uma coisa. — Hum, você tem uma cicatriz na barriga. Foi por ali que tiraram o Rafa?

— Eu tenho duas cicatrizes, não sei qual você viu. A da cesárea praticamente já sumiu, deve ser só um risco quase apagado agora. A mais recente é pequena. Tem dois anos e meio que eu retirei o útero e um dos ovários porque ele estava com problemas.

— Problema grave?

— Sim. Carços suspeitos.

— Poxa... — Eu estava beijando e fazendo carinho no pescoço dele, e tinha começado a me excitar, mas essa conversa me deixou triste. — Eu queria te encoxar, como nos velhos tempos, e fazer outro neném.

Bryan deu uma risada.

— Nunca! Nem se eu pudesse. O que eu passei para ter o Rafael, desde quando ele surgiu aqui dentro até agora...

— Entendo, você sofreu demais. Mas é que é impossível não sentir vontade de ver... e acompanhar em tempo real. Te mimar... — Passei a mão na barriga dele.

— Não é a primeira vez que ouço isso. — Ele riu.

— Ai, ai! Imagino que o tal doutor também tivesse essa curiosidade.

— Nem me fale! Larguei dele, e quando outro médico disse que eu estava com problemas, não hesitei em tirar. Foi um alívio me livrar daquilo e ter a certeza de que nunca vai acontecer novamente.

— Poxa... eu queria. E aquele furinho? Foi fechado?

Ele se virou de frente para mim sem sair do meu abraço.

— Não, não foi. No começo eu queria, mas seria uma cirurgia muito complexa e eu não tinha tempo para cirurgias complexas. Depois eu mudei de ideia e resolvi aceitar.

— Então...?

Ele me beijou, depois pegou a minha mão e a guiou por entre as próprias pernas. Lá eu fui tateando até localizar uma dobra de pele logo

abaixo do que deveria ser o saco escrotal. Era quente e macio. Introduzi o dedo por dentro da pequena dobra e encontrei uma fenda muito estreita, molhadinha.

— Cuidado com a unha, tá? Machuca.

— Tá... — sussurrei no ouvido dele, com a respiração pesada. — É molhadinho aqui.

— É, mas não cabe, se é o que você está pensando.

Ri. Ele sabia o que eu estava pensando.

— É muito escondido. Como aconteceu de entrar o esperma por aqui? Eu nunca fui tão... fundo!

— De ladinho acerta o lugar. E como foi no dia certo, o “molhadinho” se encarrega de levar os bichinhos para dentro. Lembra que eu não gostava que você me melasse? Você nem conseguia segurar a porra aí.

Ri e mordi a orelha dele.

— Isso, me joga na cara!

Ele tirou minha mão e eu coloquei o dedo na boca. Tentei voltar a mão, mas ele fechou as pernas e se virou de costas. Beije o pescoço dele.

— Mas não pode fazer nada, nada mesmo, além de sarrar? Tem certeza? Eu posso ser mais criativo do que isso.

Bryan voltou a se virar de frente para mim e mordeu o meu queixo.

— Talvez... Se eu achar que você merece, tem uma coisa sim...

— O que é?

Ele passou a língua pelos meus lábios movimentando-a de um jeito significativo para que eu entendesse. Beije-o e desci pelo seu peito, parando em sua barriga. Beije a pele e puxei a cueca para baixo. Passei a língua na pele macia e ao mesmo tempo firme do pênis dele, e coloquei-o inteiro na boca. Era quentinho e toda a pele em volta era quentinha, diferente de tudo o que eu já tinha experimentado, e olha que eu era bem eclético nesse sentido. Até que o Bryan começou a rir, rir, e me puxou pelos cabelos.

— O que foi? — perguntei. — Sentiu cócegas?

— Não, não é cócega. Me fala uma coisa, Léo: você já fez isso antes, não fez?

— Fiz o que? — Me fiz de desentendido.

— Chupou uma pica, seu viado!

Ri, envergonhado.

— Digamos que eu já tenha curtido. Tem preconceito?

— Que decepção, hein, Leonardo Leonardi?! Você viajou para virar homem e não para ser uma vergonha pra sua família.

— Deixa quieto! — Deitei ao lado dele e mantive a mão entre suas pernas. Ríamos como se tudo fosse uma piada. Até que ele fez bico.

— Deu ciúmes, viu, saber que você namorou por aí. Hum!

— Nem me fale! E aquele seu médico?

— Passado. Era só um pau grande e uma boa língua num belo filho da puta. Não seja aquele cara!

— Em qual parte? Na parte da língua ou na parte do filho da puta?

— Na parte de ter uma família que não seja eu e o meu filho. Fora isso, pode meter a língua em mim.

Me levantei e fiz o que ele mandou, e o senti estremecer por completo. Ele agarrava os meus cabelos e me guiava para onde queria, gemendo e falando putarias desconexas. Sendo ele mesmo, sem vergonha de se esconder. Por fim, voltei à posição inicial, nas costas dele, e friccionei meu pau até o limite da sensibilidade. Gozei e melei suas coxas com o líquido pegajoso. Enquanto gozava, eu manipulava o pênis dele, até que gentilmente ele tirou a minha mão.

— Se pretende me fazer esguichar porra, esqueça. Eu não tenho os órgãos responsáveis por isso, esqueceu?

— Ah, é... Certo. Mas é ruim mexer nele?

— Não. É bom. Outro dia eu te ensino uns segredinhos para você me dar prazer.

— Uau, adorei!

Nos levantamos e tomamos um banho rápido, não ficamos juntos no box por causa das dimensões reduzidas do local. Voltamos para a cama e ele dormiu logo depois do beijo e do “boa noite”.

Bryan dormia tão calmo, praticamente não se mexia, e ressonava baixinho. Já eu não conseguia pegar no sono de jeito nenhum, e tentava não ficar me revirando para não o acordar. Depois de bastante tempo acordado, me levantei, encostei a porta do quarto, e fui para a sala. Os álbuns de Rafael ainda estavam no sofá.

Acendi uma luz e fiquei olhando mais detalhadamente as fotos do meu

filho, tentando criar cenas a partir das imagens. Ele era tão fofo! O que eu não daria para voltar no tempo e poder pegá-lo no colo, cheirar seus cabelos louros e apertar suas bochechas rosadas? Agora eu mal podia tocá-lo. Chorei ao ver uma foto tremida dele ainda bebezinho, em pé e se segurando numa cadeira que eu não reconheci.

Era uma sensação ao mesmo tempo boa e ruim. Boa porque ele estava grande, com saúde e aceitando bem o fato de me ter como pai. Ruim porque eu, sendo fotógrafo especializado em crianças, nunca teria a oportunidade de fotografar meu próprio filho. Ele tinha crescido enquanto eu estava ausente, e isso era definitivo. Enquanto o tempo passa, muitas coisas passam.

Quando já passava das três da manhã, fui para a cama tomando cuidado para não fazer barulho, me deitei, e enfim consegui dormir.

Acordei tarde na manhã seguinte. Bryan estava ao meu lado, ajoelhado na cama, segurando uma bandeja vermelha. Nela tinha suco, café com leite numa xícara grande, maçã e misto quente. Me espreguicei e sorri.

— Bom dia, meu amor! Imagina se eu ia embora sabendo desse café perfeito que você faz! Te amo ainda mais hoje.

Bryan revirou os olhos e me entregou a bandeja.

— Só fiz porque vi que você não passou bem a noite. O que houve?

— Não sei, às vezes acontece. É uma angústia, sabe. Mas não precisa me agradecer pela noite maravilhosa. — Provoquei a fera com vara curta e esperei pela reação.

Ele saiu da cama.

— Ah, cala a boca! Nós temos coisas importantes para fazer.

— Que maravilha! — Pisquei e ele me mostrou o dedo do meio.

Enquanto eu me alimentava, Bryan abriu uma porta do guarda-roupas e pegou um envelope, sentou-se na outra ponta da cama e ficou segurando-o com cuidado.

Tomei o café com leite que eu adorava (e Bryan sabia) acompanhado do misto e tomei o suco, que era de goiaba. A maçã eu não curtia muito (e ele sabia também), mas fiz um esforço e a devorei. Depois pus a xícara e o copo de vidro na bandeja e me levantei preguiçosamente. Dei a volta à cama e passei as mãos pelos ombros de Bryan. Beijei o pescoço dele.

— Não sei como eu pude viver até hoje sem você... — Me abaixei para beijá-lo nos lábios, mas ele me interrompeu pondo o envelope de papel pardo

bem no meu nariz. — Ei, calma aí. O que é isso?

Ele não respondeu. Colocou o envelope nas minhas mãos e se levantou. Sentei no lugar onde ele estava e abri. Dentro estava a certidão de nascimento de Rafael, a original. Não entendi. Olhei para o Bryan, que estava com o queixo erguido e os braços cruzados.

— Sim, é a certidão do Rafael...

— Sem pai. Você tem que resolver isso.

Com o documento plastificado na mão, fui até o Bryan, que estava tirando a bandeja de cima da cama. O abracei.

— Você não confia mesmo em mim, né... Está com tanta pressa para resolver as coisas. Claro que eu vou fazer isso, meu bem! Tenho que ir ao cartório, não é? Então eu vou amanhã, depois do almoço, porque hoje eu tenho que...

— Léo, olha direito. Não é aqui perto, não.

Li a certidão mais uma vez, sem saber exatamente o que procurar. Finalmente encontrei o problema.

— Ita... — Olhei-o, intrigado. — Mas isso é na Bahia!

— Sim, você queria o quê? Não dá para sair depois do almoço, meu caro. Se organize!

Devolvi o documento no envelope e entreguei-o ao Bryan, que o guardou no mesmo lugar. Quando ele fechou a porta do guarda-roupas, o abracei por trás beijando os cabelos dele.

— Olha, hoje e talvez amanhã eu esteja ocupado com os assuntos da divisão da terra, tenho que ver o Jailton, mas segunda... Não, segunda não, é o dia que o Paolo vai embora; na terça-feira eu vou lá, a gente sai daqui bem cedinho... — Bryan suspirou, saiu do meu abraço e do quarto. Fui atrás dele. — Prometo que ainda estarei aqui na terça, na quarta, na semana seguinte, o resto da sua vida...

Ele não se virou, mas respondeu.

— Tudo bem, Léo, na terça então. Eu também vou resolver umas coisas no fim de semana e vou estar fora na segunda. Na terça a gente vai.

Quando me dei conta da hora que já era, corri para o banheiro. A escova de dentes cor-de-rosa estava na bancada marrom-escura e minha roupa estava pendurada perto da toalha. Me arrumei o mais rápido que pude, e antes de dizer que eu pretendia pegar um táxi, o Bryan disse que me levaria até em casa.

— Eu tenho que ir na tia, vou trazer o Rafa para me ajudar numas coisas — disse ele, sem me dar maiores detalhes.

Sáímos por volta das oito da manhã rumo à fazenda. Eu ainda não o tinha visto dirigindo. Ele era todo centrado e não dava assunto às minhas conversas, por isso chegamos rápido ao destino. Quando nos aproximamos da casa dos meus pais, vi um carro diferente e avistei um pequeno grupo de pessoas andando pela propriedade. Claro que eu estava muito atrasado para acompanhar a demarcação das divisas.

Bryan não foi até muito perto, de forma que eu precisei caminhar um bom trecho, chegando ofegante até onde eles estavam. Paolo veio até mim e me passou um braço pelos ombros, estava muito animado e com um sorriso suspeito.

— Demorou, hein?!

— Pois é... — Sorri sem graça. — Como está indo?

— Por enquanto, está tudo nos conformes. Jailton veio te procurar. Aproveita e resolve tudo com ele hoje, o pessoal está a postos.

O engenheiro, um homem baixo e barrigudo, muito falante, fazia o seu trabalho enquanto nós o acompanhávamos. Estava indo tudo bem até que o homem coçou a cabeça quase careca, mexeu num aparelho, coçou a cabeça de novo, e olhou para a minha irmã.

— Temos um problema, então.

Ouvi e me interessei. O problema me dizia respeito.

O “problema” era que, se fossem seguidas as orientações que tínhamos combinado informalmente, a casa ficaria dividida entre mim e Claudina. Ela não acreditou, eu ri. As medições antigas sempre davam erro, ela devia saber disso. Para resolver a questão, ou se fazia um desvio na planta, o que ela não queria, ou se faziam outros cálculos e outras demarcações, o que Paolo não gostou, já que mexia na parte dele. Mas o fato é que, ao olhar na direção do piquete, a casa estava lá, bem no meio. Hilário.

O sol estava quente, então deixei que eles discutissem como quisessem e me sentei embaixo de uma árvore. Depois Claudina veio me propor uma nova divisa, fazendo rabiscos numa cópia da planta original, o que eu não aceitei. Poderia ter aceitado, mas não aceitei. Por picardia mesmo. Por fim, ela concordou que fosse feita uma espécie de curva em volta da casa, que ficou na parte dela. E ela foi embora de cara feia comigo e com todos, e Paolo, que ficou fazendo companhia ao homem, ofereceu água e tentou desfazer o clima ruim. Eu apenas fiquei na minha, descansando embaixo do

pé de ingá.

Mais tarde Jailton chegou e fomos, juntamente com o agrimensor, fazer as medições da parte que seria vendida a ele. Todos os documentos seriam feitos ao mesmo tempo, desenrolando uma pá de pendências de uma só vez. Por volta do meio dia, o agrimensor foi embora, e eu fui para casa almoçar. Pedro e Paulo, meus sobrinhos, vieram me encontrar na varanda falando muitas coisas ao mesmo tempo.

Minha mãe me abordou na cozinha.

— Finalmente apareceu para comer em casa, não é, Leonardo?!

— Eu tive que sair, mãe. Muitas coisas para resolver.

Acho que ela não entendeu do que eu estava falando.

— Mas aonde você dormiu essa noite?

— Com o Bryan, mãe. Algum problema?

Ela ficou calada e me deixou em paz. Agradei, pois eu não estava com vontade de prosseguir naquele assunto com ela. Com ninguém, na verdade, mas muito menos com ela.

Depois de almoçar, eu me sentei na varanda, numa cadeira de balanço, e estava me preparando para curtir preguiça quando Paolo puxou uma cadeira de plástico e se sentou ao meu lado. Ele estava animado para conversar e não me deixar dormir.

— Léo, você poderia ter facilitado no caso das divisas, não acha?

Eu bocejei e sorri. Ele mesmo não tinha colaborado, mas veio cobrar de mim. Esperto.

— Poderia, mas não quis. Minha parte é, claramente, a que vale menos, sendo assim, eu não vou facilitar nada pra ninguém. Espero que você me apoie.

— Certo. Como está a sua... hum... relação com o Bryan?

— Indo. Indo bem, eu quero dizer.

Fechei os olhos, mas Paolo continuou a ignorar minha indisposição.

— Aquele garoto é muito inteligente. Ele sabe mais do que vocês imaginam, aposto.

Abri os olhos, preocupado. Até preguiça sumiu.

— Ele te fez perguntas ontem?

— Não, não, só alguns comentários estranhos. Engraçado que ele fala pouco quando está perto de mim, até parece que fica com vergonha.

— Estranho. Ele é dado a interrogatórios, assim como você. Nos coloca em saias-justas quando quer. Talvez ele te evite justamente por isso.

— Inteligente, dá para notar. Acha que ele engoliu bem essa história que vocês inventaram?

— Acho que não, mas não fui eu quem inventou e não sei o que fazer a respeito. O Bryan se recusa a aceitar que o Rafael terá que saber a verdade algum dia. Acho que, no fim das contas, é ele que não aceita bem os fatos. Faz sacrifícios, academia, remédios, dietas, tudo para ficar o mais masculino possível. Ele não aceita o inevitável.

— E você? Está encarando bem tudo isso? Vocês só têm uma semana de convivência.

— Sim! Claro que é tudo novo para mim, mas sim, eu estou encarando bem. O Bryan é que não parece nem um pouco preparado. Ele quer dar uma de durão, mas no fim das contas...

Paolo me interrompeu pondo a mão no meu braço.

— Léo, você não pode chegar assim dizendo o que ele deve ou não fazer. Ele esteve sozinho esse tempo todo, não se esqueça. É você quem tem que entender e aceitar.

— Mas o que eu vou fazer com o Rafael? Ele não para de perguntar.

Apoiei os cotovelos nos joelhos e passei as mãos pelo rosto.

— Eu também acho que vai ser inevitável encerrar essa mentira, mas deixe as coisas correrem por elas mesmas. O que você tem que fazer é estar aqui e ser um apoio para as mudanças não serem tão dolorosas para eles. Você tem que passar confiança.

— Eu vou estar aqui! Sei que ninguém confia em mim, como se eu fosse um jovem de dezoito anos com medo do futuro, mas eu não sou. Já cansei da minha vidinha tranquila demais, agora eu quero viver. Vou estar com o Bryan quando o inevitável acontecer.

— Gostei! — Ele me deu o tradicional soco no ombro antes de se levantar. — Traga o Rafael aqui domingo no aniversário da mamãe. Pedro e Paulo não param de perguntar se ele é pequeno, se é grande, se brinca de xadrez ou de futebol. Expliquei que adolescentes só brincam com celular, mas eles não desistiram. Querem conhecer o primo.

— Vou chamar sim, mas não sei se o Bryan vai gostar.

Paolo saiu e eu acabei cochilando na cadeira até que as crianças me acordaram com a costumeira algazarra.

Tanto na quinta quanto na sexta-feira, nós ficamos ocupados cuidando dos documentos da divisão da fazenda, da compra da casa e de outras burocracias. Eu falava com Bryan apenas via internet e também não vi o Rafael, que estava com ele. Entre caras feias, conversas francas e conversas fiadas, ao final da semana tudo estava resolvido. Nas próximas semanas a mudança de nossos pais seria planejada, mas antes disso teria o almoço no domingo, para o qual parentes e vizinhos foram convidados.

Na manhã de sábado, depois de mais uma noite mal dormida, resolvi ir ver o Rafael. Sabia que ele estaria na casa de tia Zuleide. Era por volta das nove, estava nublado e friozinho, como é típico no mês de julho. Passei devagar pela vila, cumprimentei quem me viu e parei o carro em frente ao portãozinho de madeira. Ele estava aberto, então eu entrei, mas parei na varanda. Rafael estava no sofá, com as pernas dobradas, e mexendo no celular. A televisão estava ligada, mas ninguém estava assistindo.

— Olá — falei.

— Oi, entra aê. — Ele tirou os olhos do celular e olhou por cima do ombro. — Vóóó, o Léo tá aqui! — gritou.

Entreí deixando as sandálias na varanda, como era o costume da casa, e me sentei no outro sofá, de frente para o Rafa. Tia Zuleide apareceu usando um vestido azul-claro com botões até a altura da cintura e um lenço amarrado na cabeça. Me estendeu a mão e eu me levantei para cumprimentá-la, evidenciando nossa diferença de altura que beirava meio metro.

— Ô menino, “cê” tá bom, menino?

— Estou sim, tia. E a senhora?

— Ah, eu tô levando, mas vem aqui tomar um café. — E olhando o Rafael: — Menino, guarda esse “tabre” que o seu pai chegou.

Rafael balançou a cabeça e revirou os olhos.

— Meu tablet estragou, vó. Isso aqui é um celular.

— Esses menino tudo tem um troço desses e não tira a vista nem pra falar com os outros, “cê” já viu?

Rafael me olhou e sorriu, mostrando as ruguinhas em volta do nariz que o deixava ainda mais parecido com o Bryan.

A tia foi para a cozinha, eu fui também. Lá ela falou sobre a saúde,

sobre o hospital, sobre a vila, sobre um monte de coisas. Também fez perguntas sobre mim e minha vida fora do Brasil, e assim se passaram algumas horas. Rafael de vez em quando aparecia na cozinha para comer alguma coisa ou para beber água, sendo que ele bebia diretamente da jarra quando a “vó” não estava olhando.

Quando tia Zuleide aprontou o almoço, nos sentamos à pequena mesa e ela precisou chamar o Rafael três vezes até ele aparecer com cara de tédio.

— Nem tô com fome a essa hora, que merda!

Tia Zuleide o ignorou e falou comigo.

— Ele come bolo e biscoito o dia todo, nunca quer feijão e arroz, esse menino. Por isso está sempre magro.

Observei enquanto Rafael colocava a comida no prato. Para quem não estava com fome, até que ele comeu bem, e rápido, saindo da mesa logo a seguir. Levou água para a sala.

— Mas ele é teimoso tem hora, e nem adianta falar nada. Se eu falo, ele vai atrás do Bryan — ela pronunciava algo como “Braia” —, e se é “Braia” que fala, ele volta pra cá.

— Normal para a idade, tia. Eu o acho até tranquilo, claro que na minha época não tinha celular, mas eu também corria de almoçar na mesa com os adultos.

— “Ocê” era até bonzinho, seu irmão é que era traquina!

Rimos enquanto ela contava algumas traquinagens que Paolo fazia na infância. Paolo sempre foi o esperto que aprontava e passava como bonzinho, mas à tia Zuleide ele nunca enganou.

Ouvi Rafael sair e então eu pude conversar sobre outro assunto. Esperei que a tia encerrasse suas lembranças e perguntei.

— Tia, Rafael está levando bem a história que o Bryan contou para ele sobre mim e a Andressa?

— Sim, pelo menos ele não falou nada comigo.

— Hum, é que ele costuma fazer perguntas.

— Para mim ele não pergunta muito, é mais com o “Braia”. Ele e o “Braia” vive igual dois moleques, discute como se fosse da mesma idade, grita um com outro. Principalmente por causa de comida.

Imaginei a cena, o Bryan todo cuidadoso na alimentação e o Rafael bem parecido comigo, amante das porcarias. Continuei o assunto.

— Tia, o Bryan tratava o Rafael como filho, quando ele nasceu?

Tia Zuleide pensou antes de responder.

— Ele demorou um tempinho sim, ele pegava e cuidava e tudo, mas não tinha muita paciência. Também o coitado tinha que correr lá na sua mãe que sempre queria saber onde ele estava. Sorte que a Andressinha estava aqui. Ainda bem que resolveu tudo...

— Eu sei, tia. Mas fico pensando se não é hora de o menino saber...

A velha senhora arregalou os olhos que se destacavam na face negra.

— Não, menino! É melhor ninguém saber de uma coisa dessas, que tá tudo ajustado pra não dar mais “pobrema”. Foi um milagre esse menino ter vindo ao mundo e Deus ajudou que no final deu tudo certo. Era pro “Braia” ser o pai, mas já que “ocê” apareceu, é até melhor.

— Mas o Bryan não é o pai...

— Não, mas ele ficou um rapaz tão bonito, e o passado a Deus pertence. Por que estragar isso?

Eu poderia dizer que o que pertencia a Deus, segundo o ditado popular, era o futuro, e que o Bryan merecia mais do que um papel secundário na vida do filho, mas sabia que de nada adiantava discutir com uma senhora idosa e de opinião tão fincada. Tomei um copo de água e não falei mais nada sobre o assunto.

Ainda conversamos mais amenidades até que eu me despedi e saí da casa dela. No quintal, dei uma vista de olhos para ver se Rafael estava por perto, mas não o encontrei. Entrei na caminhonete e dirigi em baixa velocidade. Já estava pegando o celular para ligar para o Bryan quando vi o Rafael perto da estrada, sentado num banco de madeira embaixo de uma árvore, acompanhado do seu celular. Parei mais adiante e desci. Andei devagar com as mãos nos bolsos, para não o intimidar.

— Ei, Rafa!

— Oi, Léo. — Ele me olhou com ar de interrogação. — O que foi?

— O que você está fazendo aqui?

— Procurando um sinal melhor.

— Hum... Você tem algum compromisso importante para amanhã, no horário do almoço?

Rafael levantou as sobrancelhas num gesto desconfiado.

— Por que?

— Então, é que amanhã é o aniversário da minha mãe e eu gostaria que você fosse lá, no almoço... se você quiser, é claro!

Ele ficou olhando para as próprias mãos e mexendo os dedos. Depois sorriu e me olhou.

— Vai ter bolo?

— Com certeza! — Na verdade, eu nem sabia se teria ou não.

— Ah, eu até queria ir, mas tenho vergonha. Eu conheço o povo, mas... sei lá!

Me sentei ao lado dele.

— Que vergonha, que nada. Eu queria que você conhecesse meus sobrinhos, eles são crianças, mas são espertos. Vivem perguntando por você. Mas se você não quiser, tudo bem, a gente deixa pra outro dia.

— Ainda não sei.

— Tudo bem, eu ligo amanhã cedo para saber se você decidiu ou não... — Me lembrei de um pequeno detalhe: — ... e se o Bryan não se importar.

Rafael sorriu e mexeu os pés na areia sujando-os de poeira.

— Ele não gosta da sua mãe, né. Por quê?

— Minha mãe é daquelas cheias de preconceito, que acham que as famílias têm que manter as aparências e essas bobagens todas. E ela não foi legal com o Bryan quando ele precisou.

— Quando ele falou que era gay?

— E quando ele ficou doente. — Eu não sabia que parte daquela história Rafael conhecia, então não sabia o que responder. — Hum, quer ir lá com o Bryan hoje? — perguntei e o Rafael esboçou mais um daqueles sorrisos matreiros.

— Eu acabei de chegar. Vai lá você. Ele deve estar te esperando.

— Hum, será?

— Tente!

Rimos. Rafael voltou a pegar o celular e eu me levantei a fim de deixá-lo sozinho.

— Te ligo amanhã, então. Que horas você acorda?

— Seis horas. Eu tô acostumado.

— Nossa! Então quando eu acordar, eu te ligo.

Me despedi dele e entrei no carro. Liguei para o Bryan, que não me atendeu. Mesmo assim, ao chegar à encruzilhada, tomei o rumo da cidade. A saudade já estava apertando...

Parei em frente ao prédio e voltei a ligar para o número do Bryan sendo novamente ignorado. Comecei a me impacientar. Desci do carro e me sentei na calçada, em frente a uma loja de roupas femininas que já estava fechada, mas que exibia seus modelitos na vitrine de vidro e grades. O ponto ao lado era um salão de beleza que estava aberto e lotado. Algumas mulheres me olhavam com curiosidade.

Cerca de dez minutos depois, quando eu já pensava em voltar para casa, bem aborrecido, por sinal, meu celular tocou. Era o Bryan.

— Oi, por que não me atendeu antes? — perguntei com minha voz normal e gentil.

— Porque estou fazendo compras e não vi a sua ligação — ele respondeu com seu mau-humor. — O que você quer?

Respirei fundo, contei até três mentalmente e sorri. Ele estava puto, provavelmente com outra coisa, mas descontou em mim.

— Quero te ver. Estou com saudades, você não está não?

Senti que ele sorriu também.

— Espera mais uns dez minutos que eu já estou terminando. Foi ver o seu filho? Aproveita que ele está de férias.

— Claro, vim de lá agora.

Bryan desligou.

Passaram-se mais de quinze minutos até que ele chegou, parou o carro atrás do meu e começou a pegar as sacolas de compras, que eram muitas. Ajudei-o a carregá-las.

— Tinha muita gente na fila do caixa, por isso eu demorei — ele disse enquanto abria o portão.

— Não falei nada.

— Se tem uma coisa que eu não gosto é de fazer compras aos sábados. Odeio, odeio! Mas eu estava ocupado ontem.

— Hum, deu pra notar. Trouxe biscoito de chocolate?

Ele balançou a cabeça entendendo a minha brincadeira.

— Só pão integral. E frutas, verduras e legumes.

— Cruz credo!

Precisamos dar duas viagens cada um para carregar as compras escada acima; depois, enquanto o Bryan guardava o carro, eu o esperava no apartamento olhando tudo em volta. Era bem legal lá. Assim que ele entrou, eu o abracei pelas costas e beijei seu pescoço. Ele se arrepiou todo.

— Hum, já vi que está com saudades.

— Convencido. — Ele se virou e nós nos beijamos pra valer, ele me abraçando e eu deslizando minhas mãos pelo seu corpo. Claro que me excitei e ele percebeu, me interrompendo. — Preciso guardar as coisas e tomar banho, estou todo suado.

— Isso, fica cheiroso para mim. Eu te espero aqui no sofá. — Me sentei confortavelmente e liguei a televisão.

Bryan foi para a cozinha. Quando vi que ele estava lavando frutas e verduras na pia, desliguei a TV e fui para a bancada, ficando quase de frente para ele.

— Hum, amanhã é o aniversário da minha mãe — comentei.

— Parabéns para ela! Não comprei nem um presentinho... — ele respondeu sem me olhar e sem parar o que fazia.

— É que eu chamei o Rafael, se ele quiser aparecer por lá, e estou te avisando, só isso. Não estou te pedindo para ser sarcástico.

— Se ele quiser ir, tudo bem, mas não insista demais, ok?

— Claro, ele ficou de pensar, mas não vou insistir se ele não quiser. Festas de família devem ser muito chatas aos dezesseis anos.

— Com certeza. Que tal você fazer a janta hoje? — ele perguntou me olhando de um jeito sacana enquanto cortava peito de frango na pia.

— Deixa comigo, meu bem, eu já vi onde fica aquela pizzeria. Mas ainda é cedo para pensar em comida.

— Quero estar desocupado depois do banho.

— Assim que é bom!

Ficamos nos olhando e sorrindo como bobos. Eu me sentia leve como um adolescente iludido e quase perguntei ao Bryan se ele se sentia da mesma forma. Era muito bom estar assim, apaixonado, e sendo tratado com todo aquele carinho.

Bryan pôs o peito de frango para cozinhar, lavou as mãos e enxugou-as num pano branco.

— Vou tomar banho, então.

— Pode ir que eu vigio a panela.

Ele deu uma risada.

— Ai, Leonardo, você me faz rir. Quer me fazer crer que a gente já vive juntos e que isso vai dar certo.

— Quem mandou você me dar uma escova de dentes?

Ainda rindo, ele se dirigiu ao quarto.

De fato, eu cuidei da panela, coloquei mais água quando a carne secou e um pouquinho mais de sal quando experimentei e achei sem gosto.

Bryan demorou cerca de dez minutos no banho e saiu vestido, como sempre, e muito cheiroso. Foi até a cozinha onde eu mexia a panela, verificou o cozimento e desligou o fogo. Depois se pendurou em mim e me beijou nos lábios. O abracei pela cintura cheirando o pescoço dele.

— Posso tomar banho também? — pedi.

— Claro, nem precisa pedir.

— Então me dá uma roupa sua. Eu não trouxe nenhuma.

— Folgado! Mas é melhor eu te emprestar a roupa do que você trazer de vez a sua mala.

— Ótima ideia! — falei, mordendo de leve o ombro dele. — Vou trazer a mala.

Fui ao banheiro e tomei um banho de no máximo cinco minutos. Bryan me deu apenas um short para vestir e nós ficamos conversando no sofá até que o papo começou a ficar mais quente. Lá mesmo nós tiramos as roupas e depois de uns amassos, ele trancou a porta e quis ir para a cama. Segundo ele, o Rafael costumava chegar sem avisar. Garanti que o Rafael sabia que não era o momento de aparecer, e ele me deu um tapa.

Depois do sexo, nós dois cochilamos e só acordamos por volta das oito da noite. Ele quis tomar banho sozinho e quando eu terminei o meu, ele já estava na cozinha preparando o nosso jantar. Ele fez uma salada de frango com maionese e várias coisas misturadas. Estava uma delícia, eu apenas dispensaria a maçã.

Era maravilhoso estar com ele daquele jeito e poder desfrutar de todo aquele prazer. Era como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Mas claro que ele não era nada fácil. Num momento em que eu estava mostrando algumas fotos no meu celular, ele viu algo além das paisagens e começou a implicar

com uma amiga minha. Eu não imaginava que ele fosse reagir daquela forma.

— Quem é essa de cabelo vermelho que aparece o tempo todo? — Bryan apontou um dedinho acusador.

— É a Anne, uma amiga que trabalha comigo — respondi tranquilamente porque era a mais pura verdade.

— E por que ela está nas suas fotos?

— Já disse que ela trabalha comigo. Nós tiramos fotos.

— Tiram fotos um do outro com o celular pessoal?

Ele se levantou emburrado e ficou olhando pela janela. Até pensei em deixá-lo com sua pirraça, mas lembrei que ele não me conhecia o suficiente para confiar, então me levantei e o abracei pelas costas.

— Perguntei se você tinha alguém... — Ele começou.

— E eu disse que não. Não tenho!

— Já ficou com ela?

Suspirei e passei a mão no rosto.

— Já, mas ela não...

— Por que ela ainda está no seu celular?

— É só amizade.

— O caralho que é amizade! Aí você volta lá e fica com ela...

— Meu amor! Ela não é minha namorada nem nada. Rolou, foi casual, mas faz tempo! Eu moro sozinho, às vezes eu saio...

— E guarda as lembranças no celular! — Ele me interrompeu.

— Por que a gente é amigo. Você acha que se eu tivesse uma pessoa especial lá eu ia te mostrar?

Foi a pior coisa que eu poderia ter dito. Bryan e me lançou um olhar duro, rispidamente tirou minhas mãos que estavam nos seus ombros e se virou para fechar a janela. Pensei que ele fosse me bater.

— Acho que está na hora de você ir embora.

— Não, meu anjo, você entendeu errado. — Parei na frente dele, me abaixei e peguei suas mãos. — Eu sou solteiro e meu coração é livre. Não tem nada de mais naquelas fotos, são só fotos de lugares que eu achei que você fosse achar bonito. É a única coisa legal da minha vida que eu tenho para te mostrar e você entende tudo errado!

Ele se sentou na cama escorado em dois travesseiros e ficou olhando para cima. Seus olhos estavam rasos e quando me dei conta de que ele ia chorar, me sentei perto de suas pernas e o abracei.

— Confia em mim.

— Como? Dia 29 você vai embora; quando é que você vai voltar? Lá deve ser melhor, é tudo bonito, você tem amigos. Deve estar com saudades deles.

Na verdade, eu iria sair bem antes do dia 29, mas não era o momento de falar sobre isso.

— Não estou não. Olha, desde o momento em que pus os pés na minha casa, foi como se eu nunca tivesse saído. E depois que a gente conversou então...

— Pega o meu celular e veja se eu tenho fotos dos “amigos” que eu já peguei. — Ele apontou o aparelho sobre o criado, mas eu nem me virei. Peguei o meu.

— É que esse aparelho é ruim, mas eu vou pegar minha câmera e encher o notebook com fotos da gente, vou mostrar para todo mundo...

Bryan me interrompeu.

— Eu odeio essas amiguinhas confidentes, que você nem imagina o quanto! Elas ficam de grude para se meterem na sua vida, com esse papo de ajudar em “tudo” o que você precisar. Se você tem amiguinhas assim por lá, fique longe de mim!

— Meu Deus! Tenha paciência comigo, por favor. A gente está indo tão bem. Eu estou tão feliz! Falo para quem quiser ouvir que eu te amo e que eu durmo com você. — Segurei as duas mãos dele e as beijei olhando-o nos olhos. — Você fica tão lindo com esse olhar assassino! — Ele riu de nervoso. — É sério! Você está autorizado a arrancar os meus olhos se eu fizer qualquer coisa que traia a sua confiança.

— Saiba que se você trair minha confiança, eu vou arrancar muito mais do que os olhos.

— Entendo perfeitamente.

Bryan desistiu de retaliar e se deixou abraçar. Ele estava muito cansado. Entendi que aquele acesso de ciúmes era a autodefesa de alguém acostumado a ficar em segundo plano, a ser o outro, a ter que negar as relações. Eu queria mimá-lo para que ele se esquecesse dos tempos de amante e se sentisse seguro. Mesmo não sendo nada fácil.

Ficamos abraçadinhos até que começamos a bocejar. Por volta das dez, eu disse que ia embora. Esperava que ele fosse insistir para eu ficar, mas ele não chegou nem perto disso, apenas disse para eu tomar cuidado na estrada. Foi um pouco decepcionante, mas, de qualquer forma, era melhor eu dormir em casa. Eu deveria acordar cedo no domingo, o que não seria nada fácil se eu dormisse com ele.

Conforme o planejado, na manhã de domingo ajudei meu pai e meu irmão a arrumar as mesas e a limpar o quintal, pois as árvores perdiam folhas todos os dias e a diarista ficaria só na cozinha. Por volta das oito liguei para o Rafael; ele atendeu quase no mesmo instante denunciando que o aparelho já estava na mão. Ele disse que talvez passasse por lá, e que me ligaria na hora. Não botei muita fé, mas eu já previa que seria assim. Ele conhecia a minha família, mas não tinha confiança nem intimidade para comparecer num almoço. Eu mesmo, se estivesse no lugar dele, não iria.

O que nós dois não contávamos, porém, é que tia Zuleide também estivesse convidada para o aniversário de mamãe. Sendo assim, antes das onze da manhã, quando muitos primos e vizinhos estavam chegando, avistei nossa antiga cozinheira chegando a pé com uma sombrinha florida, um vestido verde de botões até a cintura e um lenço colorido na cabeça. Ao lado dela, um garoto de bicicleta com o cabelo arrumadinho e olhando para os lados, todo sem jeito. Corri para encontrá-los.

— Mas por que vocês não me ligaram? Eu buscava de carro. Tia, a senhora deveria estar de repouso!

— A vó acha que é pertinho para vim a pé — disse Rafael, visivelmente aborrecido.

— Mas “craro”, menino”! Andar não mata, não. Cadê Gorete, menino? Eu trouxe uma lembrancinha pra ela.

Minha mãe cumprimentava a todos que chegavam e abraçou tia Zuleide. Um grande número de senhoras na casa dos sessenta/setenta foi se juntando na varanda da casa, que já pertencia a Claudina. Os homens, em sua maioria, ficavam do lado de fora, sentados à sombra das árvores. O dia estava agradável, tinha sol, mas não estava quente nem ventava muito. Algumas mulheres foram contratadas pra servir o almoço para que as pessoas da casa pudessem ficar à vontade.

Minha irmã, que tinha tendência de ficar de cara feia por dias seguidos, falou comigo normalmente naquele domingo, deixando no passado mais uma de nossas desavenças. Eu também respondi como se nada tivesse acontecido.

Paolo e a esposa conversaram seus assuntos jurídicos com algumas pessoas mais esclarecidas, entre elas o vice-prefeito da cidade, um de nossos vizinhos de terra. Meus sobrinhos corriam para todos os lados, se sujavam e às vezes apareciam chorando quando a filha do Jailton batia neles. A loirinha era conhecida por bater em crianças menores. A mãe, a bela Cíntia, bonita mesmo com a barriga de grávida, a repreendia; o pai, vermelho e bebendo cerveja, achava engraçado a brutalidade da menina.

Rafael permaneceu todo o tempo do lado de fora da casa, ora mexendo no celular, ora conversando com outros adolescentes. Só almoçou porque eu levei o prato até ele, porém, na hora dos doces, ele perdeu a timidez e foi até a mesa onde comeu bombons e guardou alguns no bolso.

— Vou levar para o Bryan — ele disse sorrindo, quando viu que eu o observava.

— Tô sabendo. O Bryan renovou seu estoque de maçãs e coisas naturebas, duvido que vá querer doces.

— Melhor que sobra para mim.

Claudina conversou com ele, Paolo também. Ele apresentou as crianças, que ficaram decepcionadas pelo fato de o Rafael não ser do tamanho deles. Meu pai o cumprimentou de longe; e minha mãe, acredito que nem o tenha visto. Não a culpo, pois havia muita gente na casa e não houve oportunidade.

Assim que acabaram os doces, ele se aproximou timidamente.

— Já posso ir embora?

— Claro! Se você quiser, pode ir. Eu levo a tia depois — respondi.

— Duvido que ela vai querer ir de carro.

— Mas eu vou me oferecer assim mesmo. Foi legal aqui?

— Foi sim. Quem fez esses bombons? — Ele olhou mais uma vez o doce de chocolate com recheio de morango que a Beth havia preparado.

— Foi minha cunhada.

— Legal...

Então ele foi embora com a bicicleta azul que o teimoso do Bryan havia comprado quando eu que deveria ter feito isso.

Depois que Rafael foi embora, muitas pessoas vieram conversar comigo. Me encheram de perguntas sobre como era viver no estrangeiro, falaram mal do Brasil e do clima, enfim, conversas normais. Até que todos começaram a ir embora e a bagunça começou a diminuir. Jailton foi um dos

últimos a sair; a esposa foi dirigindo enquanto ele levava a filha descalça e suja no colo. Me ofereci para levar tia Zuleide, mas ela recusou minha carona, então fiquei ajudando a juntar o lixo e a limpar o quintal.

Bryan tinha mandado uma mensagem dizendo que estava ocupado e que ia sair no fim de semana. Sendo assim, por volta das dezessete horas eu tomei banho e caí na minha caminha estreita para dormir.

A segunda-feira começou agitada: Paolo carregando malas para o carro, Beth carregando as crianças para tomar o café da manhã. Ainda conversamos sobre os documentos que estavam praticamente prontos, e depois de mais de uma hora de despedidas, eles partiram. Cinco minutos depois eles voltaram, Paolo aborrecido dizendo que um dos meninos tinha entrado no carro com apenas um sapato, e nós nos pusemos a procurar. Encontrei o tênis do Pedro embaixo de uma cadeira na varanda e coloquei no pezinho dele, que me deu um abraço e me chamou de Mané. Fingi estar bravo com ele e prometi ao Paolo que antes de viajar para o Canadá, eu o visitaria em São Paulo.

E assim eles partiram, e na mesma hora eu já fiquei com saudades. O tempo e a distância não tinham diminuído o afeto e a admiração que existia entre mim e meu irmão, e conhecer sua família tinha sido muito gratificante. Eu não podia mais passar tanto tempo sem vê-los.

Fui ao cartório registrar um documento, e por volta das onze, eu parei no endereço do Bryan. Tinha levado inclusive roupas numa sacola, já que na terça bem cedo iríamos à Bahia cuidar do registro de nascimento do Rafael. Coloquei a caminhonete longe da garagem do vizinho encrênqueiro, toquei o interfone e esperei ouvir a voz do Bryan, mas foi uma voz suspeita que me atendeu.

— Quem é?

— Leonardo — respondi.

O portão se abriu e entrei, fechando-o. Subi as escadas e alguém veio à porta abrir, e realmente não era o Bryan. Era o Rafael.

— Oi, você aí? Cadê o Bryan? — Entrei.

— Foi em Vitória resolver um problema com inquilino. Foi ontem e volta hoje. — Ele se sentou no sofá onde estava o celular, um pacote de biscoitos e uma garrafa de água gelada que fazia uma nódoa negra no tecido marrom-escuro.

— Mas por que ele não me falou? Eu ajudava.

— É que ele foi no médico, e quando é no médico, ele vai sozinho.

— Ah, é? — Lembrei da conversa que tinha tido com o Bryan, e esse médico me encheu de ciúmes. Mas disfarcei e me sentei ao lado de Rafael passando a mão no molhado no sofá.

— Você veio quando? — perguntei.

— Hoje. Vim comprar meu material para a escola nova.

— Você poderia ter vindo comigo.

— Ah, eu vim no ônibus mesmo. O Bryan tinha levado a minha chave que você deixou aqui.

— Quando?

— Ontem. Ele foi lá antes de viajar. — Uma notificação no celular fez com que ele parasse de prestar atenção em mim.

Me levantei, fui ao quarto do Bryan e me sentei na cama. Depois de pensar, peguei o celular e fiz a ligação. Bryan atendeu no terceiro toque.

— Oi.

— Ei...

— Pode falar.

— Você foi ao médico, é?

— Também. Eu tinha umas coisas para fazer, eu te disse.

— Esse médico é aquele médico que você me falou?

Bryan riu, mas me pareceu irritado.

— Não é, mas é no consultório ao lado. E daí?

Mentalmente eu via a cena, ele com a mão na cintura e batendo o pé, impaciente. Sorri.

— E daí que eu tenho um ciuminho...

— Seu besta, eu venho ao médico com frequência, é questão de saúde, não venho pra namorar. Se quer saber, eu ando dispensando homens casados, enrolados e curiosos. Estou muito exigente.

— Hum, e eu já te disse que sou muito solteiro?

— Já, e estou começando a acreditar, então não me decepcione.

— Jamais.

— Rafael está aí, né. O que ele está fazendo?

Lembrei de alguém esparramado no sofá, com os pés não muito limpos em cima, e fazendo uma verdadeira bagunça.

— Nada. — Menti, mas ri.

— Sei... Leve ele para almoçar, não vai ter nada que ele goste aí.

— Está bem. Que horas você volta?

— Vou chegar à noite.

Desligamos. Me deitei na cama dele e fiquei pensando, rindo e olhando para o teto. Era tão gostoso sentir falta de alguém que estava voltando! Aí, não sei por que, eu fui olhar para a porta. Meu sorriso se transformou em susto, depois em vergonha. Rafael estava lá fazendo graça, revirando os olhos.

— Que bonitinho!

— Espiando, né? — Me sentei na cama e esfreguei os olhos.

Ele se encostou ao batente da porta me olhando de forma curiosa.

— Você bem que gosta dele, né.

— Pois é. O que você pensa sobre isso? Acha feio, ruim...?

— Não acho ruim, não. Claro que já tem uns amigos falando bobagens, mas eu não ligo. Já estou acostumado por causa do Bryan, e você é melhor que o idiota do Everaldo. Melhor para o Bryan, eu quero dizer.

— Que bom, não é?

— Eu nunca tive pai mesmo, e acho melhor você ficar com o Bryan do que trazer uma madrasta e um monte filhos. Você não tem filhos, né?

— Não, não que eu saiba, pelo menos. — Eu também não sabia dele antes de voltar ao Brasil.

— Menos mal. Você não vai demorar para voltar não, né? Tipo, quando você viajar...?

— Não! Eu já estou resolvendo as coisas para não demorar mesmo. Vai ser rápido, eu prometo. — Me levantei e fui até a ele.

— Você vai morar aqui? — Rafael perguntou.

— Onde?

— Aqui! — Ele apontou o dedo para o piso.

— Ainda é cedo para pensar nisso. Por enquanto vou ficar na casa dos meus pais — e em tom de confidência acrescentei — que vai ser a duas ruas

daqui! — Nós dois rimos. Quando fui abraçá-lo, ele saiu fora e correu para o outro quarto. — Você corre, né, moleque!

— Vou na rua comprar um lanche — ele falou lá de dentro. — O Bryan não tem um pacote de miojo nesses armários.

— Vem almoçar comigo num restaurante. Lá deve ter carne e lasanha e macarrão...

Rafael apareceu na porta do quarto.

— O Bryan que mandou, né?

Cocei a cabeça e sorri.

— A gente tem que almoçar.

— Ah, bora então, ué.

E assim eu o levei ao restaurante onde tinha levado o Bryan uma semana antes. Era um lugar tranquilo e silencioso, e a gente pôde comer à vontade. Nós dois colocamos muita comida no prato. No fim da refeição, ele resolveu puxar conversa.

— O Bryan é todo cuidadoso com comida porque ele já teve tumor. Operou e tudo.

— Ah é? — Me assustei com a novidade e me preocupei. — Quando foi isso? E como foi?

— Deve ter uns três anos. Ele não fala nisso, mas eu acho que foi câncer. Na bexiga, eu acho. Ele não te falou?

— Não... — Na verdade, ele tinha falado que o problema tinha sido no útero e num ovário, e eu tinha ficado curioso para saber que desculpa ele tinha dado ao Rafael na ocasião da cirurgia. E era por isso que ele não tinha tirado o tecido mamário — como ele chamava os peitinhos. Seria uma cirurgia bem difícil de explicar. O Bryan tinha que parar com aquilo. De qualquer forma, saber que o tal câncer tinha sido o problema no útero me deixou aliviado.

— É por isso que ele vive pegando no meu pé e no de todo mundo. Ele acha que comer comida de coelho faz bem pra saúde.

— Vocês brigam, não é?

— Só porque ele é muito chato. Ele acha que eu tenho que sair por aí com a cara branca de protetor solar só porque tenho manchas no nariz!

— É muito amor! — Ri imaginando a cena.

Ainda conversamos mais sobre o Bryan, e eu senti o quanto Rafael

gostava dele, apesar de suas “chatices”.

Depois do almoço, Rafael quis ir à casa de um amigo e eu fui até a casa onde meus pais iriam morar. Claudina estava lá fazendo uma vistoria e conversando com o rapaz que faria os reparos na rede elétrica e hidráulica. Eu me encarreguei de podar as plantas e a grama, pois a casa estava com ares de abandono, o que era deprimente. Quando terminei, já era tarde avançada.

Por volta das dezoito horas, eu liguei para o Rafael. Ele disse que estava no apartamento do Bryan, mas que iria sair mais tarde, então passei no supermercado e comprei umas coisas para a gente comer. Eu não sabia que horas o Bryan estaria de volta e não ia mexer nas panelas dele. Quando Rafael abriu a porta para eu entrar, já estava de banho tomado e arrumado.

— Hum, tem programa para hoje? — falei enquanto colocava as coisas na geladeira.

— Que nada, é só andar à toa mesmo.

— Com quem?

Ele me olhou estreitando os olhos.

— Bryan, é você?

Rimos.

— Eu não posso perguntar com quem você anda, só o Bryan?

— Pode, eu acho. Deve ser isso o que os pais fazem.

— Hum, amanhã eu vou mandar colocar meu nome na sua certidão de nascimento e me tornar seu pai oficialmente.

Ao ouvir isso, Rafael ficou introspectivo e se sentou no sofá olhando para as mãos. Não parecia à vontade. Me aproximei.

— Ué, a ideia de ter meu sobrenome te desagrada tanto assim? É Leonardi. Dizem que é bonitinho.

Ele continuou calado, não compartilhando do meu bom humor, até que se virou para me encarar e me respondeu com uma pergunta perigosa.

— Você tem cem por cento de certeza de que é o meu pai?

Suspirei longamente e sem me apressar, me sentei no tapete da sala, de frente para ele. Pensei numa resposta que fosse satisfatória tanto para mim quanto para ele. Sim, eu tinha certeza, mas explicar aquilo ao Rafael sem entregar os segredos do Bryan seria bem complicado. Ao olhar o relógio estilo vintage na parede da cozinha, senti que o tempo não ajudaria muito. Nós passaríamos bastante tempo sozinhos, só eu, ele, e sua curiosidade

inesgotável.

Sentado no sofá e abraçado às próprias pernas, Rafael aguardava a minha resposta com ansiedade. E eu não podia mais mentir.

— Mas por que você está perguntando isso? Se eu não fosse o seu pai, eu não diria que sou, não seria inteligente da minha parte. A gente pode fazer esse exame de DNA, se você faz questão, mas eu garanto que vai dar positivo. Você gostando ou não, eu sou o seu pai.

— Não é por isso... — Rafael não conseguiu contrapor meus argumentos. Pelo visto, eu tinha conseguido acertar na abordagem.

— Então...? É por quê?

— É que... — Fosse lá o que fosse que ele tinha para falar, não estava saindo com facilidade. A voz dele tremia e falhava.

— Sim? — Insisti. — O que você está tentando me falar?

— Você pode achar que eu fiz de propósito, mas não foi, eu juro! Foi sem querer... — Rafael escondeu o rosto entre as mãos.

Estiquei o braço e segurei seu rosto fazendo-o me encarar.

— Sem querer o quê?

— Eu ouvi umas coisas... semana passada... Aqui!

O ar me faltou e meus músculos ficaram tensos. Então ele tinha mesmo ouvido a nossa conversa. Que espertinho! Me recordei daquela tarde de domingo onde o Bryan teve a impressão de que Rafael não tinha passado pelo portão. Aos poucos, fui aspirando o ar pesado e soltando-o pela boca. Manter a calma era minha única opção.

— Ouviu umas coisas... — disse. — O que, exatamente, você ouviu?

Rafael não respondeu logo, ficou mexendo as mãos e os olhos de forma nervosa. Quando falou, foi algo bem diferente.

— Que idade o Bryan tinha quando eu nasci?

— Dezesseis. Não, quinze, eu acho. A idade correta dele ainda é um mistério para mim. Mas, me diga: o que foi que você ouviu? — Me coloquei de joelhos no tapete de forma a ficar mais próximo dele e o fazer falar. A ansiedade aumentava e estava ficando insuportável.

— Eu não fiz de propósito... — Ele voltou a se justificar, choroso, aumentando meu nervosismo.

Eu duvidava que ele não tinha feito de propósito, pois naquele dia ele

estava mesmo querendo arrancar alguma coisa do Bryan. Mas me abstive de dizer.

— Eu sei, agora me diz!

— Ouvi você dizendo que eu era muito parecido com o Bryan, que quando viu a gente juntos, notou a semelhança, alguma coisa assim. E o Bryan mandando você tomar cuidado com as minhas perguntas. Na hora eu nem reparei, mas depois, as coisas que vocês falaram, eu fiquei pensando e pensando... — Os olhos e os gestos davam ênfase ao que ele queria dizer. — E, olha, a Andressa disse que não conhece nenhuma praia daqui, ela nunca foi em nenhuma!

Ele se calou, arfando de cansaço, mas satisfeito com as palavras que tinha dito, e eu me mantive a observá-lo. O rosto repleto de pequenas sardas, os olhos azuis decididos, o cabelo claro começando a despentear, o corpo esguio, mas encolhido, e o queixo erguido em desafio. O desafio de quem não estava satisfeito com a versão que lhe tinha sido contada, principalmente por saber que nós havíamos combinado o que dizer.

E o Bryan que nunca chegava!

— Rafael... — Peguei sua mão de dedos longos e finos, e apertei. Ela estava fria e trêmula. — Eu não vou dizer o quanto é feio ouvir atrás das portas, nem que você não deveria fazer perguntas com o intuito de fazer as pessoas se contradizerem, porque eu tenho muito orgulho de você ser assim tão inteligente. Sim, eu sei que você não fez de propósito, mas, olha, se a gente fizer o exame, vai dar positivo sim, pode ter certeza.

— Mas você está mentindo! O Bryan está mentindo! Todos estão mentindo!

No auge do nervosismo, eu acabei rindo, cheguei a fechar os olhos. De fato, mentir era uma técnica complexa que eu não dominava bem. Abaixei a cabeça.

— Rafael... — Suspirei e o olhei. — Você é muito esperto, mais esperto do que eu e o Bryan juntos. Estou encantado com você.

Ele continuava abraçando as próprias pernas e me olhando, ansioso. Seus olhos estavam marejados, mas atentos, e sua voz, um pouco chorosa.

— Então você não é meu pai?

— Sou sim, mas... — Me convenci de que era o melhor a fazer, e que o Bryan iria entender mais cedo ou mais tarde.

— Mas...?

— A Andressa não é a sua mãe!

Rafael voltou a olhar para as próprias mãos, como lhe parecia ser característico quando estava pensativo, e eu aguardando que ele falasse alguma coisa. Ele balançou a cabeça como se estivesse conversando consigo mesmo. Depois de um longo intervalo em silêncio, ele perguntou:

— E quem é então?

Senti minhas mãos suarem e enxuguei-as no tecido da bermuda. Olhei para a porta, olhei o relógio na parede, e nada. Quase se podiam ouvir grilos naquela sala. Resolvi arriscar.

— O que você sabe sobre os problemas de saúde do Bryan?

Um brilho diferente surgiu nos olhos do Rafael. Ele franziu a testa.

— Você não está querendo dizer que ELE é a minha mãe, né? Ele não é transexual, pelo menos eu acho que não...

— Ele é um daqueles casos em que a pessoa tem os dois sexos. E o lado de dentro é feminino. Eu fui ao médico com ele... quando você estava lá... — Um nó se formou na minha garganta. Um nó difícil de engolir.

Rafael apenas balançou a cabeça, sem surpresa ou desconfiança, com os olhos fixos em algum ponto à frente. Começou a esticar as pernas e os braços. Pus uma mão em seu joelho.

— Por favor, não saia daqui agora, deixa eu tentar te contar como aconteceu. Entenda que não é fácil para mim falar sobre isso, eu tenho medo, vergonha, sem contar que o segredo não é só meu. Mas você tem que saber. Acho que já está na hora.

Rafael assentiu com veemência.

— Fala, mas por favor, fala a verdade!

— É isso o que eu vou fazer, pode deixar. — Suspirei e comecei. — Sabe, quando a minha tia adotou o Bryan, ele tinha cinco ou seis anos, não sei ao certo, mas agora que ele sabe de tudo, deve saber a idade com exatidão. Aí minha tia morreu e ele foi morar na minha casa, ele tinha uns doze anos, era um menino gordinho, arredio, que não falava com ninguém. Além disso, ele era muito feminino, não que ele fosse desses meninos delicados, nada disso, era o corpo dele mesmo, a boca, os olhos, a voz. Aí, quando ele tinha uns quatorze anos, a gente...

— Aí você engravidou ele...? — Curto e grosso, e ao mesmo tempo, muito tranquilo, como se fosse algo possível e corriqueiro.

— Olha, não foi beeem assim... A gente era amigo, foi bastante tempo

até... Enfim. Mas depois ele começou a passar mal, foi ao médico e o médico disse que era infecção de não sei o quê. Passou mais um tempo e ele passou mal de novo, então eu o levei ao hospital, e um médico muito maluco de lá o atendeu e mandou o irmão gêmeo dele fazer ultrassom. E foi isso! Os caras falaram que o Bryan era uma menina com uma anomalia que o fazia parecer com um menino, entendeu? E estava grávida. E aí eu quase morri do coração, porque eu nunca iria imaginar...

— E por que ele inventou outra mãe para mim?

Me repreendi por começar a desviar do foco. O problema de Rafael era em relação à mãe e às mentiras que lhe foram contadas. Não tinha a ver comigo e o que eu tinha sentido.

Me ergui do chão e toquei em seu braço. Ele estava pálido e tinha lágrimas nos olhos, apesar disso, parecia muito mais tranquilo do que eu.

— Levaram ele para um hospital longe, sozinho, e ele ficou doente, quase morreu. Foi muito difícil lá, e quando ele acordou do sedativo, se deu conta de que alguém tinha roubado o filho dele, e o pior, lá no hospital as pessoas não acreditavam nele, falavam que ele estava maluco, que com o problema que ele tinha, nunca poderia ter filhos, entendeu? Só o médico daqui, o doutor Alberto, que acreditou nele. E tia Zuleide.

Rafael assentiu com a cabeça tentando conter a emoção.

Optei em não falar que a primeira reação de todos tinha sido pedir para interromper a gestação. Era um detalhe que só pioraria as coisas.

— Entenda que não tinha como ele falar para todo mundo que tinha tido um bebê, ninguém ia acreditar, e ainda ia vir um monte de curiosos infernizar a vida de vocês. Ele não queria isso e estava certo, sem contar que ele era muito novo, era só um adolescente. Mas ele te ama muito, muito mesmo. Passou por tanta coisa para poder te criar...

As lágrimas de Rafael desciam pelo seu rosto, que ele passou a esconder entre os joelhos. Senti vontade de afagá-lo, mas entendi que não era o momento adequado. Até que ele levantou a cabeça demonstrando que ainda tinha perguntas a fazer.

— E você?

— Eu? — Passei as mãos pelo rosto. — Eu era apenas um covarde de dezoito anos. Meus pais me mandaram para os Estados Unidos para ficar longe do Bryan, e eu pensava que você não tinha nascido, por que... bem, porque isso era impossível. Bryan me entendeu quanto a isso, eu não podia fazer muita coisa...

— Mas ele continuou a mentir para mim esse tempo todo... Ele inventou tanta coisa!

— Sim, porque ele não sabe o que fazer, ele acha que você é muito novo e pode não entender. Ele não quer se tornar o centro das atenções por aqui, porque é o que vai acontecer se todo mundo ficar sabendo. Vai ser ruim para todo mundo, principalmente para você, e a sociedade é muito cruel quando quer expor algo ou alguém. Mas claro que ele ia te contar quando você fizesse dezoito anos. — Ok, isso eu inventei, mas parece que foi uma coisa boa.

— Por que dezoito? Eu já entendo das coisas faz tempo...

— Eu sei, mas você sabe como são as... bem, os pais. Eles acham que os filhos não crescem nunca. O meu ainda me chama de menino.

Rafael sorriu entre as lágrimas e enxugou o rosto. Sua expressão se suavizava à medida que uma nova pergunta surgia na sua cabecinha sabida.

— Léo, então o Bryan tem... — Surgiu um sorriso sapeca naquele rosto travesso — ... você sabe...?

Ri e passei a mão no rosto, envergonhado. Era sempre um desafio entrar nesse assunto.

— Bom... Sim, tem que ter, mas acredita que eu não sabia onde estava? Ele é bem... diferente, aparentemente homem, mas quando você examina com cuidado...

Rafael interrompeu quando notou o rumo que a conversa tomava.

— Acho melhor pular essa parte. Deus me livre!

Levantei as mãos num gesto de rendição fingida.

E ficamos sem assunto, eu ansioso em saber o que estava passando pela sua cabeça, o Rafael pensativo, mexendo os lábios em silêncio como se estivesse falando consigo mesmo. Até que ele se levantou, ainda de cabeça baixa, e ajeitou a roupa. Por ser magro, as roupas sempre ficavam folgadas nele. Me levantei também, espichei as pernas e os braços. Fiquei de frente para ele, a poucos passos.

— Como você está com tudo isso? Está confuso? — perguntei.

Ele demorou a responder.

— Não, só estou chateado. A Andressa é legal, mas... era mentira. — Duas lágrimas caíram pelo seu rosto, sendo enxugadas com as costas da mão direita. — E o Bryan...

— Eu te entendo, mas não pense assim. Tente imaginar o Bryan, ele era mais novo do que você, não tinha esse conhecimento que você tem, e nunca teve um apoio efetivo. Ele sofreu demais, e ainda sofre. Se ele tivesse alternativa, não teria te escondido as coisas, nem escondido do mundo o seu nascimento. Foi um milagre, uma coisa incrível, mas foi duro para ele. Pensa nisso!

Rafael balançou a cabeça em afirmativa, mas foi em direção à porta.

— Eu... acho que eu vou sair um pouco.

— Tudo bem. Vai esfriar a cabeça, mas depois volte.

Antes que a mão de Rafael alcançasse a maçaneta, esta girou e a porta se abriu. Um Bryan bem vestido, com duas sacolas em uma mão e as chaves na outra, entrou. Seu sorriso animado foi se desfazendo ao ver o rosto do Rafael, que tentou passar por ele.

— O que houve? — disse Bryan, olhando do Rafael para mim e impedindo que ele passasse pela porta.

— Bryan, ele sabe... — falei, sentindo meu sangue fugir. De certa forma, eu me sentia culpado por ter entregado aquele segredo tão importante sem consultá-lo.

— Sabe? Como sabe? Sabe de quê? — Bryan estreitava os olhos e balançava a cabeça com veemência, como se não quisesse acreditar.

— Se acalma, por favor, e entra. Rafael, pode sair um pouco se você quiser esfriar a cabeça, mas não vai longe. Pensa no que te falei, ele está sofrendo...

— Leonardo, do que você está falando? — Bryan deixou as sacolas caírem e jogou as chaves sobre o sofá. A calma dele estava se transformando em desespero, e eu tinha medo de como ele poderia reagir.

Me aproximei e tentei pegá-lo pelo ombro, mas ele se esquivou. Rafael não saiu, permaneceu parado perto da porta olhando para o chão. Me sentei no sofá e fiquei olhando para os dois.

— O que aconteceu? — Bryan perguntou, mais calmo, mas o tremor na voz indicava o que ele estava sentindo.

— O Rafael sabe de tudo... de tudo mesmo.

O Bryan virava uma fera quando se irritava, todo mundo sabia disso. Mas dessa vez ele não se irritou. Como se suas pernas fraquejassem de repente, ele caiu no sofá ao meu lado, e cobriu o rosto com as mãos. De

longos e profundos suspiros, ele passou ao choro, seguido de soluços que ele não conseguia conter. Seu corpo dava pequenos sobressaltos. Bryan não era de se entregar daquela forma, ele era teimoso e brigão, mas naquele momento ele se sentia derrotado. Rafael deu alguns passos em sua direção, mas parou a cerca de meio metro, e voltou a chorar. Dessa vez, suas lágrimas foram mais abundantes, e ele pôs as mãos sobre a boca e o nariz numa tentativa inútil de conter os soluços.

Perto dos dois, eu tentava manter a calma, mas não consegui esperar. Com a mão esquerda, peguei a direita do Rafael, que não tentou se soltar, e com a outra, peguei a do Bryan, que estava fria e trêmula. Segurei as duas com força e as aproximei fazendo com que se tocassem. Imediatamente eles entrelaçaram seus dedos, e eu fechei minhas mãos prendendo as mãos deles entre elas. Havia muita energia e muito sentimento naquele gesto tão simples.

Bryan continuava a chorar, e Rafael venceu o que faltava da distância e o abraçou. Foi um abraço carinhoso, não muito forte, nem relaxado. Era um abraço de apoio, quase como o de um amigo. Seu queixo ficou sobre o ombro do Bryan, cujos soluços se tornaram mais altos e mais fortes. Imaginei quantas vezes ele tinha sido obrigado a conter a emoção e a guardar tudo dentro de si, para enfim poder despejá-las nos braços do filho.

Era muito forte ver os dois daquela maneira, o Bryan vulnerável e o Rafael demonstrando maturidade. Uma bobagem pensar que o Rafael, um menino tão curioso e inteligente, pudesse ter uma reação diferente daquela. Ele tinha saído ao Bryan: era teimoso, mas gentil e cuidadoso. Seu abraço e suas mãos carinhosas demonstravam isso.

Com um joelho no sofá e a outra perna esticada, os abracei por um lado. Meus braços longos davam a volta aos dois, e como não era mais possível segurar as lágrimas, eu também chorei. Foi um abraço quente e úmido, e dolorido. As emoções eram tantas que me causavam dor, e, acredito, também neles. Não foi um abraço tão duradouro, mas foi quase uma vida para todos nós.

Até que o Bryan levantou a cabeça e olhou para o Rafael. Seu rosto lívido estava banhado pelo choro, e os olhos e a boca estavam vermelhos.

— Me... me perdoa... — A voz dele quase não saiu. — Me perdoa por... por tudo, meu... filho!

Rafael prendeu os lábios e manteve os olhos bem abertos para não chorar. Com as pontas dos dedos, tocou o rosto dele e fez carinho.

— Não precisa chorar não, tá?

Ainda com os dedos no rosto de Bryan, Rafael forçou um sorriso, se

levantou e começou a se afastar. Bryan passou as mãos pelo rosto tentando, em vão, enxugar as lágrimas. Rafael foi em direção ao quarto e Bryan o acompanhou com o olhar ansioso, esperando que o filho dissesse alguma coisa.

Peguei as mãos dele entre as minhas.

— Ele só quer ficar um pouco sozinho. Está tudo bem.

Bryan balançou a cabeça dizendo sim e apertou os olhos. Muitas lágrimas desciam pelo seu rosto.

— Quer que eu faça um lanche pra você? — perguntei. — Você deve estar cansado da viagem, e eu comprei umas coisas... — Bryan balançou a cabeça dizendo não, e se recostou no sofá. — Me desculpe por isso, mas não teve como mentir — falei, depois de alguns minutos de silêncio. — Ele me colocou contra a parede.

Bryan permaneceu de olhos fechados, suspirando. Continuei falando com calma e em voz baixa para que o Rafael não ouvisse.

— Aquele dia em que a gente estava conversando aqui, ele ouviu sim umas coisas. E depois ficou enchendo a Andressa de perguntas, até ela dizer que nunca foi em nenhuma praia daqui. E como a gente insistia que foi na praia que... Sem contar aquela coisa dos olhos que ele deve ter andado pesquisando.

— Tudo bem — Bryan disse, por fim.

— Foi melhor assim, você vai ver. Ele é um anjo, vai saber entender e aceitar tudo, é só dar um tempo.

Bryan abriu os olhos e se ajeitou no assento. Respirou fundo e passou as mãos pelo rosto e pelos cabelos.

— Ele vai ficar magoado comigo. Ele... vai me odiar.

— Não vai, não. Tem coisas que ele não precisa saber, deixa assim — falei baixinho.

— Que coisas? — Bryan me olhou preocupado.

— O começo. Não há necessidade de fazer nosso garoto se sentir rejeitado, nem que por um momento. Se ele tiver que ficar magoado com alguém, que seja comigo. Você só merece carinho.

Mesmo tentando controlar, as lágrimas voltaram a correr no rosto de Bryan. Eu o abracei, pronto para consolá-lo, se ele permitisse, e beijei seus cabelos com carinho. Depois de um tempo, ele se acalmou e começou a se levantar. O jeito como respirava e espichava os membros demonstrava que a

força estava de volta.

— Rafael está no quarto? — Ele perguntou e eu assenti. — E como fica para amanhã? A gente tinha um compromisso e...

Olhei em seus olhos e sorri, sacana.

— Não sei, mas pensei que você fosse dizer que me ama...

Pela expressão no rosto de Bryan, achei que eu fosse ouvir uma daquelas respostas malcriadas. Mas ele não fez isso, apenas sorriu e baixou os olhos com timidez.

— Admitir que você estava certo não é o suficiente? — Neguei com a cabeça, mas sorrindo. Ele sorriu também. — Então eu te amo sim, seu chato. Amo muito. Quer dormir aqui hoje?

Finalmente ele tinha me convidado para ficar. Era mesmo um bom momento, pois ele estava fragilizado e eu estava pronto para acalmá-lo. Lembrei que eu já tinha até levado a roupa, embora a tivesse deixado no carro. Resolvi manter a pose.

— Só se você me emprestar aquele short!

Nos abraçamos com força. Senti as batidas do coração dele na minha barriga, o meu batia tão forte que até me doía o peito. Eu estava tão feliz! Como era bom poder viver aquilo tudo junto com meu amor!

Bryan foi tomar banho enquanto eu fiquei no sofá pensando no que tinha acontecido. Quando terminou, ele me entregou a toalha e o short que eu tinha usado no outro dia, e eu tomei um banho rápido. Quando entrei no quarto, ele já estava deitado de lado num canto da cama, não parecia estar dormindo, mas estava de olhos fechados.

Desliguei a luz da sala, tranquei a porta e pendurei a chave no lugar de costume. Deixei a luz da cozinha acesa e parei na porta do quarto do Rafael. Bati e senti que ela não estava trancada. Empurrei devagar e o vi deitado na cama com fones de ouvidos, e mexendo no celular. O quarto era pequeno, mas arrumado, com cama grande, armários planejados e quadros nas paredes. Tinha uma televisão, um computador, e a janela estava oculta por persianas. O Bryan dava mesmo o melhor que podia ao filho.

Ao me ver, Rafael tirou os fones e se levantou sobre um cotovelo.

— Tá com fome? — perguntei. — Tem coisas gostosas na geladeira.

Ele deu um meio sorriso e disse que depois ia lá. Eu acenei, puxei a porta e saí. Ele estava precisando de espaço e o melhor a fazer era deixá-lo

sossegado.

Entrei no quarto do Bryan, fechei a porta e me deitei ao lado dele. As cortinas blackout não estavam completamente corridas e pela janela de vidro entrava uma claridade tênue que deixava o quarto numa atmosfera confortável. Não fiz barulho, mas depois que me deitei, senti que ele não estava dormindo. Cheguei mais perto, na posição de conchinha, e beijei seu ombro e pescoço.

— Não quer mesmo comer nada? — perguntei em seu ouvido. — Eu comprei sorvete, torta, chocolate...

— Não, não estou com fome não. Mas talvez o Rafa...

— Eu passei no quarto dele, ele está com o celular e os fones de ouvido. Quando ele quiser comer, ele vai na cozinha. Não se preocupe não. — Alisei seu ombro tentando ver as sardas que eu sempre tinha achado interessantes. Mas, na semiobscuridade do quarto, eu só pude ver algumas. Bryan suspirava com os meus carinhos, mas não parecia a fim de me dar corda, o que era compreensível. Mordi a orelha dele, rindo. — Achei que você fosse me dar umas porradas.

— Hum, me aguarde! Eu não esqueci — disse ele.

— Sério? Eu tive medo da sua reação, juro! — Brinquei. — Mas realmente não dava para continuar a mentir. Ele já tinha o caso todo preparado, aquele espertinho. Só precisava da oportunidade.

— Eu sei, eu também estava estranhando ele quieto demais. Ele não é assim. Eu entendo o seu lado, não é fácil dizer que já pegou a mulher, se não pegou. Além disso, o Rafael se parece comigo, não dá para negar. Toso mundo nota que somos parentes.

— Sim, vocês dois são lindos...

Bryan sorriu e deu um tapa na minha mão.

— Bobo! Mas acho que ele não está legal. Deve estar me odiando.

— Não, claro que não, ele vai se aproximar, você vai ver...

— Tomara que não demore muito. Eu queria que ele fizesse perguntas agora. Esse silêncio incomoda, sabia? Eu tenho medo.

— Eu sei, amor... — Ele riu quando eu disse “amor”. — Mas está tudo bem, ele até falou na possibilidade de você ser trans, na maior naturalidade. Imagina se a gente falava uma coisa dessas na nossa época?! Ele é maduro, inteligente. Você criou ele muito bem.

Bryan sorriu, mas apenas concordou com a cabeça. Beijei sua cabeça e

disse que o amava, ele respondeu que me amava também, o que fez meu coração bater mais forte. A gente juntinhos, de conchinha, e com o nosso filhote dormindo no quarto ao lado era como um sonho, só faltava ele voltar a ser como antes, falante, carinhoso, brincalhão. Então o quadro estaria perfeito. Dormimos quase ao mesmo tempo, mas eu acordei várias vezes durante a noite para tomar água. Passei pelo quarto do Rafael, mas não entrei nem espiei lá dentro. Só muito tarde ele apagou a luz.

Na manhã da terça-feira, Bryan acordou com dor de cabeça, por isso nós resolvemos não ir à Bahia. Por volta das sete, quando nós dois tomávamos café na cozinha, Rafael chegou sem fazer barulho, vestido para sair, com a mochila nas costas.

— Já vai? Toma café antes — falei.

— Eu vou pegar o ônibus, já está na hora. Vou lá na vó.

— Não quer que eu te leve?

— Não, pode ficar aqui. Eu... eu já vou.

Ele falou baixo e olhando para os lados, parecia confuso, por isso achei melhor deixá-lo ir sozinho. Bryan o olhou com carinho, mas não forçou a aproximação. Com certeza eles se conheciam o suficiente para saber a melhor hora para voltarem a se falar.

Ainda fiquei um tempo com o Bryan, mas como ele insistia que estava tudo bem, eu fui para casa ajudar meu pai em alguns serviços e começar a planejar o que fazer na minha terra. Eu estava bastante enferrujado quanto às questões do campo, por isso, enquanto trabalhávamos, meu pai ia me dando algumas ideias.

Liguei para o Bryan na noite de terça, mas ele disse que queria ficar sozinho. Na quarta, fui resolver algumas coisas e fiquei ocupado quase o dia todo. Mantive contato com Bryan para saber como ele estava. Quis saber quando ele gostaria de viajar para resolver a questão da certidão de Rafael, mas ele preferiu esperar o garoto se abrir um pouco antes de fazer isso. Concordei, pois eu achava legal que o Rafa fosse com a gente ao local onde ele foi registrado e ficasse por dentro da história toda.

Na quinta-feira, resolvi ir à casa de tia Zuleide para ver o meu filho. Jantei antes de sair porque minha mãe insistiu, e fui para lá por volta das oito da noite. Assim que cheguei, tia Zuleide veio à porta me receber na porta, e eu notei que Rafael não estava no sofá onde o encontrei das outras vezes. Estranhei.

— Ei, tia. Cadê o Rafael?

— Está no quarto, menino, com aquele “tabre” que ele não larga.

No meio da minha inquietação, eu ri da forma como a tia, na sua simplicidade, se referia ao celular moderno do Rafael.

— Hum, estranhei ele não estar aqui na sala.

— Não, cedinho ele vai para o quarto e fica acordado até de madrugada com aquele troço.

— Ele passou a semana inteira aqui?

— Ele está de férias. Depois ele vai lá pra rua e só vem de vez em quando. Estuda o dia inteiro, tadinho.

— Entendi... — Reparei que tia Zuleide não sabia das últimas novidades, pois ela estava muito tranquila. — Será que eu posso falar com ele?

— Mas é claro, menino, vai ali no quartinho dele. Só não repara na bagunça, viu? Ele zanga se a gente arrumar, mas o “Braia” arruma assim mesmo quando ele vem.

Sorri imaginando a cena, e me dirigi à porta, que estava fechada. Bati. Alguns segundos depois, ela se abriu.

— Oi, Rafa — falei.

— Oi... Entra aí. — Ele se sentou na cama sem me encarar.

Era um quarto pequeno. As paredes pintadas de branco estavam um pouco sujas e tinha alguns pôsteres de filmes e de carros colados nelas. A janela era de madeira branca e não tinha cortina, e uma luz fluorescente branca iluminava o ambiente de forma quase cansativa. A colcha da cama, xadrez em vários tons de azul, estava jogada no chão e eu tive que afastá-la com o pé para não pisar em cima.

— Como você está? — perguntei me sentando no chão. Fechei a porta do guarda-roupas para me caber no espaço reduzido.

— Tudo bem — ele respondeu, e encolheu as pernas sobre a cama. Estava usando uma camiseta branca e um short grande azul-escuro que o fazia parecer mais magro.

— Pensei que você estivesse zangado com a gente...

— Não tô, não. — O olhar fugidio dele, mas fugidio do que o normal, parecia dizer o contrário. — Só é esquisito, isso sim.

— Eu entendo se você estiver confuso, chateado. O Bryan também.

Rafael ficou calado e se deitou na cama. Continuei puxando assunto.

— A gente vai à Bahia dia desses para cuidar daquele assunto que eu tinha te falado. O meu nome no seu registro de nascimento. Disso você não escapou.

Rafael se interessou. Se ergueu sobre um cotovelo e apoiou a cabeça na mão para falar comigo.

— Mas como vai ficar isso agora? Tipo, com o Bryan e tudo mais?

— Realmente eu não sei — confessei. — Vamos resolver da minha parte, porque é mais fácil. Não tem nenhum nome de pai na sua certidão e por isso não vai dar problema. O Bryan acha melhor deixar logo certo porque eu vou viajar...

— Mas você volta, né?! — A voz dele era ansiosa ao mesmo tempo em que ele tentava parecer despreocupado.

— Claro, essa é a intenção. Mas se acontecer alguma coisa comigo na viagem, você é o herdeiro de vários hectares da fazenda dos Leonardi.

Rafael me censurou.

— Fala isso perto do Bryan que ele te bate na boca!

— Bryan é sempre brabinho assim, é?

— Sim, principalmente com os namoradinhos.

— Sei, mas vamos deixar “os namoradinhos” pra lá. Estamos juntos.

Rafael sorriu mostrando os dentes presos no aparelho prateado. Eu estava com saudades de vê-lo descontraído daquele jeito.

— Você fispou ele de vez ou é por causa de mim?

Ante a pergunta incomum e inesperada, eu arregalei os olhos e pensei antes de responder. Juntos por causa dele?

— Bem, espero que eu o tenha fispado, embora... — Olhei para as minhas mãos e depois o olhei nos olhos. — Ter você entre nós faz com que as coisas sejam mais intensas. Você entende, não entende?

Rafael sorriu com a boca fechada. Ele tinha entendido.

Nesse momento, ouvimos vozes na sala, Rafael se levantou da cama e foi até a porta. Abriu-a e deixou o Bryan entrar. Ao me ver, Bryan franziu a testa. Ele estava com o rosto abatido, mas tentava parecer bem, um cheiro bom invadiu o ambiente quando ele entrou. Com um sorriso envergonhado e

mexendo as mãos sem parar, ele falou:

— Ah, vocês estão conversando, né... Eu não sabia.

— Tudo bem, eu já vou indo. — Me levantei do chão pensando em deixar os dois a sós. Rafael não gostou.

— Não vai não, Léo. Fica aí.

Olhei-os, preocupado.

— Vou com a tia lá na sala. Vocês dois precisam conversar sem a minha intromissão.

Passei pela porta e esperei. Rafael voltou a se sentar na cama, o Bryan se abaixou na frente dele, e ao fechar a porta, ainda pude ouvir a voz do Bryan, baixa, mas firme:

— Agora você vai me ouvir!

Na sala, tia Zuleide assistia à novela quase cochilando.

— Tia! — chamei e ela despertou.

— Oi, menino! — Ela se ajeitou no sofá e arrumou as almofadas que estavam bagunçadas. — Senta aqui! Rafael aprontou alguma coisa? O “Braia” chegou todo cabreiro.

Decidi que era melhor contar a ela de uma vez. O Bryan que me desculpasse. Sentei no outro sofá que ficava em frente e comecei.

— Então, tia, a senhora acredita que o moleque me pegou pelo pé e eu fui obrigado a confessar que a Andressa não é a mãe dele? Eu tive que contar toda a verdade.

Tia Zuleide apoiou as mãos nos joelhos e se desencostou do sofá com os olhos e a boca muito abertos. Começou a falar duas vezes, mas a voz não saiu. Na terceira, ela conseguiu.

— Meu Senhor! E o quê que ele falou?

— Ele ainda não falou muito, mas reagiu melhor do que a gente imaginava, bem melhor mesmo. Nem parece que foi surpresa para ele.

— Ave Maria, mas como você foi falar uma coisa dessas? E o Bryan, tadinho, que sempre teve tanta vergonha? Ah, meu Deus, você não podia fazer isso com o menino, logo uma coisa dessas!

— Bryan está bem, tia. Uma hora isso ia acontecer. As crianças de hoje não são bobas como a gente era antigamente. Se ele descobrisse de outra

forma, aí sim ele poderia ficar com raiva. Falei e não me arrependo.

Ela ficou calada, com o rosto paralisado, balançando as mãos. Até que começou a balançar cabeça, como se estivesse ouvindo alguém falar. A televisão continuava ligada, esquecida, ninguém estava assistindo. Tia Zuleide voltou a falar, pensativa, mais para si mesma do que para mim.

— Rafael sempre foi sabido demais. Desde pequeno que ele bota a gente doida. Mas também ele acha é cada coisa naquele “tabre”, que chega me “arrupiar” os cabelos. E ele ainda vem me mostrar!

A expressão de perplexidade no rosto dela me fez rir. Imaginei o que o Rafael mostrava à velha senhora no seu celular.

Apesar da curiosidade em saber o que estava acontecendo, continuei aguardando o desfecho da conversa entre Bryan e o filho. Não dava para ouvir nada porque eles não estavam gritando um com o outro, como a tia tinha dito que eles faziam. De alguma forma, isso não era bom.

A televisão continuou a transmitir sua novela, e tia Zuleide voltou a ficar de olhos fechados e boca aberta. Chegou mesmo a roncar. Enquanto isso, eu olhava o quadro que tinha na parede, atrás do sofá onde ela descansava. Aquele quadro sempre me causou arrepios. Era a cópia de uma foto antiga, onde estava ela juntamente com a mãe, a avó e as irmãs, uma família de mulheres negras que viveu a escravidão por muito mais tempo do que está registrado na história do Brasil.

Quando cansei de esperar, resolvi ir ver o que os dois estavam fazendo lá no quarto. Bati na porta e entrei.

Rafael estava sentado na cama com as pernas encolhidas e o queixo sobre os joelhos, e o Bryan estava sentado no chão onde eu estava antes, na mesma posição que o Rafael, e com os olhos vermelhos. Perguntei se estava tudo bem e ele balançou a cabeça afirmativamente.

— Espero que entenda o porquê do sigilo, Rafael — Bryan falou numa voz quase embargada. — Se as pessoas ficarem sabendo, vão vir atrás de nós como urubus em busca de carniça. Vai ser um inferno.

Rafael assentiu. Me sentei ao lado dele e toquei em sua perna.

— Então eu vou pra casa. — Bryan se levantou. — Não quer ir para lá amanhã?

— Eu vou à noite, eu acho.

— Vai sim, por favor.

Eles se cumprimentaram apenas com as mãos, um cumprimento muito

distante e contido. A mim também Rafael estendeu a mão, e do lado de fora, o Bryan me deu um abraço. Ele ainda estava arredio, não permitiu que eu me aproximasse demais. Eu disse que esperaria o tempo dele, mas avisei que iria procurá-lo no fim de semana. Ele concordou. De qualquer forma, a gente se comunicava bastante por mensagens.

E foi por mensagem que ele pediu, na tarde do dia seguinte, que eu levasse o Rafael para casa. Fiquei feliz com um possível avanço no relacionamento dos dois. Liguei para o Rafael, para avisá-lo; ele disse que iria, então eu passei na casa de tia Zuleide ao entardecer. Como ele já estava me esperando do lado de fora, nem precisei sair do carro.

— Oi! — falei quando ele entrou no carro e pôs o cinto de segurança.
— Tudo bem?

— Sim. — Ele sorriu.

Ficamos em silêncio por boa parte do caminho, mas antes de chegar à cidade, resolvi puxar conversa. Rafael estava olhando para fora e não estava com o celular.

— Tia Zuleide falou com você sobre aquele nosso assunto?

— Aham...

— E...?

— E chamou por mais de mil santos. — Ele riu. — Está tudo bem. Não sei por que todo mundo acha que eu não posso saber das coisas. Vocês acham que eu sou burro, por acaso?

— Não, nunca! Todo mundo te acha muito esperto. Na verdade, a sua esperteza chega a assustar as pessoas. Na primeira vez que eu te vi, você disse que o Bryan era parente seu, e até chamou ele de paizinho! De certa forma, você nunca foi enganado.

— É, eu achava que ele que era meu pai, só não entendia porque ele falava que não. E quando ouvi você falando sobre a gente ser parecido e ele falando para você tomar cuidado com as minhas perguntas... Pensei que só podia ser...

— Você está bem com tudo isso?

— Sim! — Ele quase gritou. Me pareceu que ele não estava assim tão bem, porém não retruquei.

— Ficou claro para você o motivo de o Bryan ter sido obrigado a te esconder a história?

Isso ele não respondeu. Assentiu de forma quase imperceptível e voltou

a olhar para fora. Já estávamos na avenida, e o trânsito estava um pouco lento. Quando chegamos, ele abriu o portão e eu subi na frente. Ele foi atrás carregando sua mochila num ombro só, como sempre fazia. Bryan veio encontrar-nos à porta com um sorriso ansioso que eu ainda não tinha visto. Dei-lhe um abraço rápido e Rafael ficou olhando.

— Oi, Rafa. Tudo bem? — ele perguntou.

Rafael assentiu com a cabeça. Colocou a mochila no sofá, se sentou e ligou a televisão. Bryan se sentou ao lado dele.

— Tem bolo de chocolate, sabia? Fiz para você.

Rafael sorriu olhando para a TV e agradeceu, algo que eu ainda não o tinha visto fazendo. Eles não estavam agindo naturalmente.

Depois Rafael foi até a cozinha e pegou um enorme pedaço de bolo, passou pela sala, pegou a mochila, e foi para o quarto. Bryan acompanhou seus movimentos com os olhos, sem dizer nada. Quando ficamos a sós, ele se abaixou e começou a catar as migalhas de bolo que caíram pelo chão, mas notei que ele estava fazendo isso para esconder de mim a emoção que estava sentindo. Peguei-o pelo ombro para que se levantasse.

— Você está tentando. Não fica assim não!

— Eu nem sei o que faço!

— Faça o de sempre. Brigue por causa das migalhas que ele deixou cair no seu tapete, assim ele vai se sentir em casa. Você é conhecido por ser bravo e não por fazer bolo de chocolate.

Bryan sorriu. Dei um abraço forte e um beijo no rosto dele, que desviou a boca. Ele se sentou no sofá e eu me sentei ao seu lado, peguei sua mão e fiz um carinho.

— Não fique assim tão deprimido, meu bem. Claro que vai demorar um tempo, mas as coisas vão ficar bem. Eu tô aqui com você.

— Ei sei. Isso só está indo bem porque você está aqui. Mas está chegando o seu dia de partir, não está? — Bryan perguntou olhando as nossas mãos juntas.

— Está sim, mas não precisa fazer essa carinha. — Peguei a boca dele e fiz um bico. — Eu vou voltar logo.

— Espero... — Ele sorriu e um brilho apareceu naqueles olhos tristes. — Porque se você demorar, a coisa vai ficar feia para você, ouviu?

— Ah, é? E você vai fazer o quê? Vai atrás de mim? Porque se for isso, eu vou demorar de propósito!

O agarrei e tentei beijá-lo na boca. E enfim consegui. Foi um beijo contido no começo, mas que em pouco tempo começou a esquentar. Eu estava morrendo de saudades. Pena que logo o Bryan se levantou e olhou para o corredor, preocupado. Puxei-o pelo braço e o fiz se sentar.

— Ih, para com isso! A gente tem um filho adolescente, ele sabe direitinho o que a gente faz. Agora vem me beijar, vem...

Bryan me olhou nos olhos, sorriu de forma provocante e foi para a cozinha. Ele tinha planejado alguma coisa especial pelos ingredientes que estava preparando. Pouco depois, Rafael chegou com seus passos sorrateiros vestindo uma blusa de frio. Passou os olhos pela cozinha e disse que ia sair. Bryan olhou-o e depois olhou para mim. Vi um pedido silencioso naqueles olhos lindos. Tomei a iniciativa de falar.

— Deixa para ir depois da janta, Rafa, o Bryan está fazendo comida para a gente.

— Não. Não quero atrapalhar vocês dois.

— Vamos comprar um refrigerante? — Chamei e me dirigi à porta.

Rafael ficou imóvel até que assentiu e me acompanhou. Bryan ficou boquiaberto sem entender, mas não questionou os meus planos.

Assim que chegamos ao último degrau da escada, toquei no ombro do Rafael, que me olhou assustado. Ele estava com o fone de ouvido em um lado, e eu o tirei.

— Vamos conversar por dois minutos, só isso.

— Hein? Conversar?

Só respondi quando já estávamos na rua.

— Por que você não está falando com o Bryan? Eu te perguntei se estava tudo bem e você disse que sim.

— Mas está! — Ele tentou andar mais rápido do que eu, mas eu o acompanhei.

— Não, não está. Você não tá falando com ele e isso quer dizer que alguma coisa está errada. Por que não me diz agora?

— Eu não sei. Não sei!

Mais uma vez parei com ele na calçada e peguei em seu antebraço. Seu rosto tinha perdido a impassibilidade e ele estava apertando os dentes.

— Eu sei que você está chateado por causa das mentiras, mas tente se colocar no lugar do Bryan. O que você faria se acontecesse com você? E olha

que o Bryan, na sua idade, mal sabia o básico para passar de ano. Por que não tenta ser mais compreensivo com ele? Não é nem um pouco adulto da sua parte ficar agindo assim.

Rafael parou e me olhou com raiva.

— E do que eu chamo ele então? De mãe? De pai?

Não respondi. Peguei-o pelo braço e o levei à uma lanchonete que começava a atender os primeiros clientes da noite. Fui até o freezer dos refrigerantes e peguei uma Coca de dois litros. Enquanto me dirigia ao caixa, questionei.

— Do que você chamava o Bryan antes?

— De muitas coisas.

— Você o chamava de tio, de Bryan, até de paizinho. O que mudou?

— Como?

— O que mudou para você ter que mudar o jeito de falar com ele? Não foi ele quem te criou, que pagou as suas coisas, que te deu broncas? O que mudou? Se vocês dois viviam brigando e gritando um com o outro, por que não estão gritando agora?

Rafael não respondeu. Ficou olhando algum ponto no chão, depois enfiou a mão no bolso, pegou uma nota de dois reais e comprou um Trident. Colocou o fone no ouvido esquerdo e ficou ao meu lado, calado e alheio a tudo. A moça do caixa colocou a Coca-Cola numa sacola e me entregou. Passei-a para as mãos de Rafael, que se assustou com o peso.

— Leva para casa — falei. — Vou comprar um pote de sorvete.

— Ir na frente? — Ele estreitou os olhos tentando entender.

— Sim, vai na frente. Vai lá e fala o que você tem para falar. E eu sei que você não é muito chegado a abraços, mas faz uma forcinha também. Você já teve o seu tempo. — Empurrei-o pelo ombro e permaneci na lanchonete até que ele se afastasse.

Rafael saiu em passos largos, porém lentos. Acompanhei-o até que virasse a rua depois saí à procura de uma sorveteria. Comprei um pote de napolitano, que foi o único sabor que me agradou entre as opções disponíveis, e voltei para o endereço do Bryan. Quando cheguei ao portão, calculei que tinham se passado uns quinze minutos desde que o Rafael tinha voltado e, portanto, eles já deviam ter conversado.

Antes que eu tocasse o interfone, a sorridente senhora do andar de cima, usando um longo colorido e um volumoso colar vermelho, abriu o portão e o

segurou para que eu entrasse. Ela devia ter uma boa ideia do que eu andava a fazer por ali. Subi as escadas com calma, apesar de estar ofegante, e entrei no apartamento. A porta não estava trancada.

Bryan estava sentado no chão, os olhos vermelhos não deixavam dúvidas de que tinha rolado uma emoção por ali, mas ele parecia menos triste dessa vez. Rafael estava sentado no sofá com as pernas encolhidas e revirava uma pasta onde havia muitos papéis. Pegou um com especial atenção e sorriu. Mesmo sem estar me olhando, eu sabia que era a mim que ele se dirigia.

— Você viu isso?

— Ainda não — respondi enquanto tentava enfiar o pote de sorvete no congelador lotado. — O que diz aí?

— Diz que o Bryan é muito esquisito. — Ele riu. — Eu andei pesquisando e não achei quase nada sobre isso. E olha que eu procurei muito.

— Não deve haver muitos registros por aí — falei. — E você não vai encontrar nada referente à gravidez. Vai ter que confiar na palavra dele. E na minha.

— Tenho exames de ultrassom e raio X — disse o Bryan. — Estão todos aí dentro.

Rafael pegou alguns e aproximou dos olhos. Não pareceu satisfeito nem desconfiado. Ele estava curioso, muito curioso, e sabia como nos deixar constrangidos.

— Não tem nenhum ultrassom “com eu” dentro da sua barriga?

— Sinto muito. Desses eu não tenho. Só tenho os que estão aí.

— Não deram a ele no hospital, Rafa. Era tudo confidencial, sabe? — Me intrometi e Bryan me olhou de rabo de olho percebendo que eu queria ocultar alguns fatos.

— E como o Léo ficou sabendo disso?

— Ele me acompanhou no primeiro ultrassom. Caiu de pernas para cima quando o médico deu a notícia. — Bryan segurou o riso. — Aquilo sim merecia um registro.

Rafael jogou a cabeça para trás e bateu palmas enquanto gargalhava.

— Eu sabia! É bem a cara dele fazer isso.

— Isso, podem rir vocês dois! — Desisti de me defender.

— Esses laudos... — começou o Rafael, dessa vez com seriedade. — Os médicos podiam escrever esses laudos com outras palavras. Parecem que

não querem que a gente entenda. — Ele passou mais algumas folhas de papel e devolveu tudo à pasta. Depois, como se tivesse se lembrado de algo importante, ele despejou tudo e olhou os papéis de um por um com rapidez.

— O que foi? — Bryan perguntou e eu me aproximei, curioso.

— Uma coisa... — Rafael olhou um laudo de forma compenetrada, procurando algo específico. Depois olhou para mim com os olhos arregalados e apontou o polegar na direção do Bryan. — Por favor, diga que cortaram a barriga dele para eu sair!

Foi minha vez de rir alto e de bater palmas.

— Sim, cortaram — disse o Bryan abaixando a cabeça de vergonha. — Não vamos falar sobre isso.

Sentei perto do Rafael, que ainda tinha o laudo nas mãos. Ele entregou tudo ao Bryan, que ajeitou os papéis dentro da pasta, colocou a pasta sobre o braço do sofá e se sentou do outro lado do Rafael.

— Vocês estão bem? — perguntei. Bryan passou um braço pelas costas de Rafael e pegou minha mão.

— Sim — respondeu Rafael.

— Já decidi do que vai chamá-lo?

— Isso não importa — disse Bryan. — Chame do que quiser.

— Então eu posso te chamar de chato? — Rafael deu uma risada e abraçou o Bryan impedindo-o de responder. Olhei por trás das costas de Rafael, que estava longe do encosto, e achei a imagem tão bonita.

— Vamos comer? — Bryan sugeriu depois de Rafael desfazer o abraço. Nosso filho não era muito receptivo ao contato físico prolongado.

Não soltei a mão do Bryan quando ele tentou se levantar.

— Eu vou sentir muita saudade de vocês dois quando eu viajar, muita falta mesmo — falei. — A gente podia fazer uma foto desse momento para eu levar comigo e ficar olhando.

Bryan se interessou pela ideia.

— Você tem uma câmera?

— Aqui não, e meu celular é horrível. Eu deveria ter trazido a que está na mala.

— Seu celular é melhor que o meu, Rafa. Faz uma selfie.

Rafael pegou o celular dele e eu fiz as fotos. Foram três tentativas; a

primeira ficou melhor do que as outras. Eu esquisito, como sempre saía nas fotos, Rafael sorridente e o Bryan tímido. Mas ficou linda e eu pedi ao Rafa que a mandasse para mim. Era a imagem que eu queria levar.

Depois que jantamos, tomamos sorvete sentados no tapete da sala. Rafael conversava mais comigo que com o Bryan, mas não o estava ignorando. Às vezes, eles ficavam tão próximos que até se tocavam. Eu tinha certeza de que era questão de tempo para o Rafael se sentir à vontade com os pais e demonstrar todo o amor que sentia pelo Bryan. Não havia dúvidas de que ele estava feliz com o desfecho da história, ele só não sabia como reagir.

Alguém ligou para o Rafael e ele foi conversar no quarto. Depois ele passou pela sala dizendo que ia sair.

— Volta cedo, e cuidado com quem você anda, hein?! — Bryan disse, sentado ao meu lado no sofá.

— Sim, mamãe! — Rafael revirou os olhos. Quando pôs a mão na maçaneta, ele se virou para nós com um sorriso matreiro no rosto: — Eu não ia achar ruim se vocês fizessem um irmãozinho para mim.

Bryan escondeu o rosto com as mãos e encolheu as pernas no sofá.

— Ele não pode, Rafa. Aquele problema que você achava que era na bexiga... lembra? — falei. — Ele não tem mais útero. Se ele tivesse, a gente já teria começado a produção.

Bryan me deu um tapa na perna.

— Nunca! Nem se fosse possível.

— Ah... — Rafael fez carinha triste, depois sorriu. — Bom, então se comportem. Tchau! — Já na escada, ele gritou: — Vou demorar, viu?

Depois que ouvimos o portão bater, eu agarrei o Bryan, mesmo ele querendo fugir. Ele ainda estava fragilizado pela conversa que tinha tido com o filho, e queria conversar. Coloquei-o sentando no meu colo e perguntei como tinha sido a conversa dos dois.

— Eu peguei os exames e joguei em cima dele — disse Bryan. — Estava nervoso e ele me ignorando... Chorei aos montes. E ele perguntou se podia me chamar de pai...

— Você disse que sim?

— Claro! Ele me chama de tio desde sempre, demorou a aprender a falar o meu nome.

Beijei os cabelos dele, desci pelo pescoço e ombros e subi para a boca. Não o deixei fugir mais. Ainda conversamos sobre o Rafael, sobre a viagem,

a fazenda, entre outras coisas, mas eu estava com tanta saudade que o interrompi nas conversas. Nos beijamos na sala, depois fomos para o quarto onde o despi e o beijei todinho, sem deixar escapar nenhum detalhe. Ele ainda estava envergonhado, mas concordou em deixar acesa uma luz fraca. Se sentou sobre mim e, para me provocar, segurou meu pau na entrada oculta sob a pele. Segurei-o pela cintura e fiz menção de puxá-lo para baixo.

— Se fizer isso, você me machuca — disse ele, fazendo pose com um dedinho na boca. Safado demais.

— Então não provoca, senão vou perder o juízo e tentar entrar aí!

Ele ignorou meu apelo e continuou o que fazia me deixando a ponto de gozar. Sem poder segurar, o virei de lado e o penetrei do jeitinho que ele gostava, segurando sua perna enquanto ele chupava um dedo da minha outra mão. Era muito gostoso. No fim, eu estava exausto, mas feliz.

Ele ainda estava nos meus braços, molinho depois de gozar, quando beijei sua nuca e sussurrei:

— Te amo, meu bem. Te amo demais. Esse tempo que passei sem você foi tão vazio que eu nem sei o que estava fazendo da minha vida. Foi como estar numa realidade paralela. Agora eu estou vivendo de verdade.

Bryan se virou e me abraçou com força.

— Também te amo. Vou te amar mais ainda quando você voltar.

— Você vai ter que me aturar por muito, muito tempo, amorzinho.

— Eu aturo, seu safado. E ai de você se demorar a aparecer!

— Eu vou voltar rapidinho para ocupar esse lugar aqui na sua cama. Definitivamente.

Rimos e nos beijamos, e estava tudo perfeito. A gente se completava: ele irritadinho, eu zen; ele provocante, mas tímido em mostrar o próprio corpo, e eu sem vergonha de nada. Éramos como uma mão e uma luva; diferentes, mas feitos um para o outro. Cochilei grudado nele, mas acordei quando ele saiu para o banho na ponta dos pés. Fui atrás.

— Bryan, eu não vou poder dormir aqui hoje não. Deixa eu tomar banho contigo, vai...

Ele abriu a porta do banheiro e me olhou por uma fresta.

— Por quê?

— Eu marquei de ver os carneiros do Jailton amanhã cedo, e se eu ficar aqui, não dá pra chegar a tempo;

— Hum... — Ele foi para o box deixando a porta aberta. — Então toma banho comigo. — E finalmente ele me deixou entrar.

Embaixo do chuveiro, nós nos abraçamos, nos beijamos com gosto de xampu e sabonete, e fizemos amor de novo. Acotovelei o vidro do box algumas vezes por causa do espaço que não comportava meus braços compridos, mas nada que me tirasse o prazer de estar ali com o carinho que eu amava e que, por um capricho da natureza, também era a mãe do meu filho. Me vesti e me despedi dele, depois de muitos beijos.

Bryan me abraçou com força quando eu estava na porta para sair.

— Muito obrigado por você me ajudar com o Rafael. Foi quase um sonho ele me dando um abraço mesmo sabendo de tudo... Eu nunca conseguiria isso sozinho.

— Ei! — Enxuguei uma lágrima no rosto dele. — Não precisa agradecer. Vocês são a minha família, meu amor e meu filho. Se eu não fizer nada, para que eu sirvo nessa vida?

— Besta. Eu te amo!

— Também. Agora deixa eu ir... — E saí porque, se eu fosse ouvir meu coração, eu ficava ali para sempre.

Não comentei com o Bryan para não o deixar irritado, mas eu ia viajar mais cedo do que ele imaginava. Eu queria ficar uns dias na casa de Paolo, por isso eu tinha que me adiantar com algumas coisas. Ia ver a criação de carneiros de Jailton e umas plantações da minha irmã no fim de semana, depois tinha que ir à Bahia, longe pra caramba, para resolver a questão da certidão de Rafael, depois devolver a caminhonete e embarcar para São Paulo. Era muita coisa, eu ficava cansado só de pensar.

Aliás, uma das coisas que eu mais sentia naqueles dias era cansaço, além de uma sensação de angústia que eu não sabia de onde vinha. Dirigindo de volta à casa de meus pais, que na verdade já era de minha irmã, eu pensava numa forma de me demorar o mínimo possível no Canadá. Só de pensar em ficar longe da minha terra, longe da minha família, eu sentia um aperto no peito. Seria mais de um mês, de qualquer forma. Não tinha como fugir.

Saí da rodovia e entrei na estrada de terra. As luzes e o aclive da estrada me permitiam ver a vila, um conjunto de casinhas de antigos funcionários de nossa fazenda, que agora estava devidamente dividida. Ali foi o primeiro lugar onde eu estive ao chegar, a casinha de tia Zuleide, para onde fui depois de atropelar Rafael naquela mesma estradinha. Lembrei da sensação estranha

que senti ao vê-lo, uma sensação de que me fez viajar ao passado. Meu passado tinha vindo me encontrar, literalmente.

Nesse momento, a sensação estranha estava de volta. Era um aperto intenso no peito. Tinham sido dias muito emocionantes, e eu precisava dormir. Meu sono não estava sendo consistente ultimamente, eu sonhava, acordava cansado, e demorava a voltar a dormir. Estava muito agitado.

Avistei a casa grande e branca se destacando na paisagem noturna e diminuí a marcha para entrar no coberto que servia de garagem aos carros extras da casa. Só o carro de Claudina ficava na varanda. Porém, quando toquei na porta do carro para abri-la, não senti meus dedos da mão esquerda. Movimentei-os e senti que o meu braço formigava. Meus dois braços formigavam. Saí do carro meio trôpego como se tivesse bebido, e já no terceiro passo eu me dei conta de que não estava nada bem.

Tentei me apressar pela varanda para chegar logo à sala onde pediria que Claudina me levasse ao médico, mas naquela noite a porta de vidro me pareceu incrivelmente longe. Eu podia ver a luz do interior através dela, podia até ouvir as vozes, mas não conseguia chegar lá. Acho que tentei chamar por alguém, mas foi em vão, havia algo preso no meu peito que não me deixava respirar. Pus as mãos no pescoço à procura do que quer que estivesse me sufocando, mas nada encontrei.

Em um último esforço para entrar em casa, levei à mão em direção ao grande puxador de inox, mas ela não o alcançou. Antes disso, minhas pernas travaram e eu caí; ouvi um barulho alto que deve ter sido o baque do meu corpo contra a porta de vidro, que não se quebrou. Mas nada senti além de uma dor forte no peito e o incômodo da voz que não saía.

O restante do meu corpo nada sentia, e as imagens passavam em câmera lenta na frente dos meus olhos. No chão, bem embaixo do meu rosto, havia um retângulo de tecido plástico. Era o tapetinho da porta e tinha alguma coisa escrito nele. Consegui ler quando a porta se abriu e tudo ficou mais claro. Welcome. Acho que era uma mensagem de boas-vindas para mim. E eu nunca o tinha visto.

O momento certo

De repente, eu estava me afogando. Minha garganta estava obstruída, assim como meu nariz, e eu não conseguia respirar. Senti mãos no meu pescoço e na minha boca; alguém estava me afogando deliberadamente. Tentei me libertar, mas não consegui, elas estavam firmes e eu não podia me mexer. Por que estavam tentando me matar?

Ouvi murmúrios e vozes, a mais forte disse “desligue a ventilação”. O que pretendiam fazer comigo?

Enquanto eu me debatia, senti algo sendo puxado para fora da minha garganta, arranhando minhas paredes internas. Tive náuseas. Quando consegui puxar o ar, meu peito doeu, mas apesar da dor, eu me senti aliviado. Eu ainda tinha uma chance. Tentei abrir os olhos, mas uma luz forte sobre minha cabeça me impediu. Ouvi o som do que me pareceu uma bomba prestes a explodir, mas depois o identifiquei como o bip de uma máquina ao meu lado.

As vozes já estavam distantes, e agora falavam de dinheiro e de outras coisas sem sentido. Havia alguém ao meu lado, e era justamente quem queria me afogar. Esse alguém segurou meus braços para que eu não os movesse e os prendeu. Me imaginei amordaçado e com as mãos amarradas, sendo torturado por uma organização criminoso. Pelo menos agora eu podia respirar. Sem poder me mexer ou abrir os olhos, eu apaguei.

Quando acordei, não ouvi mais nada além daquele bip. Movi as mãos e descobri que um dos meus dedos estava ligado à máquina que o emitia. A luz ainda estava lá, sobre a minha cabeça, mas era menos intensa, e aos poucos fui abrindo os olhos. O que havia no meu rosto era uma máscara com uma mangueira grossa, e tinha alguém comigo. Era verde.

Às vezes eu via e ouvia coisas confusas. Ouvia músicas, ouvia alguém falar em greve, em aposentadoria, em roupas. Via pessoas verdes por todos os lados. Sonhava com meus familiares e depois, quando já conseguia enxergar melhor, eu as via de verdade.

Vi meu pai com os botões da camisa abotoados errado, vi minha mãe com um terço, vi minha irmã com o terço. Vi tia Zuleide com o terço e por fim, eu vi o Bryan com o terço, o que me fez pensar que talvez eu não estivesse tão consciente assim. Tudo bem que ele tinha tatuado o rosto de Jesus com uma coroa de espinhos no braço, mas eu não achava que ele fosse tão religioso.

Eu não sabia quanto tempo se passava entre uma visão e outra, eu só dormia e acordava (mal). Foi quando senti que alguém cortava as minhas unhas que tomei consciência de que eu estava num hospital. E há bastante tempo. Posteriormente, consegui abrir os olhos, mover a cabeça e analisar o quarto em que eu estava. Havia mais camas, na mais próxima tinha uma velhinha bem abatida. Tinha uma televisão num suporte na parede; ela estava ligada, mas com o volume quase inaudível. Passava um filme qualquer, que me fez dormir novamente.

Quando acordei, havia um homem de barba grisalha e óculos de grau ao meu lado. Ele movia os lábios como se estivesse falando comigo, então me esforcei para prestar atenção. Eu estava com a máscara abaixo do queixo e conseguia respirar bem sem ela.

— Como é o seu nome? — ele perguntou. Acho que ele teve que repetir a pergunta algumas vezes até eu o ouvir.

— Leonardo — respondi sem muita firmeza. De vez em quando, o devaneio de que eu estava com sequestradores me vinha à cabeça. E se aquele homem fosse um agente em busca de informações sigilosas? Seria seguro responder?

— Leonardo de quê? — ele continuou. Com uma pequena lanterna, ele examinava meus olhos, boca e ouvidos, e mexia nos meus ferimentos sem muito cuidado. Eu tinha ferimentos nas mãos, e um ferimento maior no peito que até então não tinha notado.

— Leonardi — eu respondi, mas se ele ouviu, eu não sei. A garganta e o peito doíam por qualquer esforço ou movimento, por isso a tentativa de falar falhava. Recolocaram a máscara no meu rosto.

Ao lado do homem, havia uma mulher com uma planilha, e depois veio outra com uma injeção. Esperei pela picada, mas nada aconteceu, ela colocou o líquido na mangueira que estava ligada à minha mão e saiu. Quando terminaram comigo, eles foram até a velhinha.

Depois desse exame, eu consegui permanecer acordado e pouco depois, minha mãe apareceu. De fato, ela tinha um terço nas mãos. Ela tocou no meu rosto e chorou quando viu que eu estava acordado.

— Ah, meu filho, até que enfim! Como eu queria te ver acordado!

Tentei falar, mas não tinha como, então alguém puxou minha máscara até o queixo e eu pude ensaiar uma fala.

— Mãe... — Tentei. A voz não saiu da garganta, então me devolveram a máscara. Ela me sufocava, fazia barulho, e isso me irritava.

— Se acalma — disse minha mãe. — Não faz força agora que você deve estar muito fraquinho. Você teve um enfarto, meu filho, quase morreu. Mas você vai ficar bom, se Deus quiser. Você é muito novo para isso.

Ela ficou mais um pouco comigo, sempre falando, e eu não consegui ficar acordado para vê-la. Eu queria poder falar e perguntar pelo Bryan, pelo Rafael, mas não conseguia. Será que eles sabiam onde eu estava?

Mais tarde, depois que acordei, retiraram minha máscara, colocaram de novo, e depois a tiraram em definitivo. Eu não precisava mais de ajuda para respirar. Apesar do peito dolorido, eu tentei puxar o ar com mais força e fazer ruídos, queria ouvir minha própria voz. A partir daí eu comecei a ter noção da passagem do tempo e a fazer algumas coisas como comer, me sentar na cama, ainda que com ajuda.

No dia seguinte, eu já estava por dentro do ocorrido. Eu tinha tido um infarto agudo do miocárdio e só estava vivo porque recebi logo o atendimento especializado. Segundo um médico, eu tinha anos e anos de hipertensão não tratada, taxas de colesterol e outras maldades elevadas, além da predisposição genética às doenças do coração. Só não tinha morrido porque a Providência tinha decidido me deixar vivo para conhecer meu filho e rever o Bryan.

Eu estava internado num hospital especializado em tratamentos do coração que não ficava na cidade onde Bryan morava, mas que também não era tão longe. Todos os pacientes ali eram cardíacos e nem todos voltavam vivos para suas casas. Eu tinha mesmo muita sorte.

Naquele dia, eu esperei ansiosamente pela hora da visita, sempre lutando contra a vontade de dormir. Às onze da manhã, os visitantes começaram a chegar, e quem entrou para me ver foi o Rafael. Ele estava tímido, com os olhos assustados, e demorou a falar quando chegou perto de mim.

— Pai... — ele falou. Era a primeira vez que ele me chamava assim. Pelo menos, era a primeira vez que eu ouvia.

— Oi — respondi com um fio de voz. Senti vontade de chorar. — Vem... — Levantei a mão esquerda porque a direita estava com a punção.

Rafael a pegou com cuidado e a apertou.

— Você está melhorando, né?!

— Sim.

— Graças a Deus, porque deu um medo! Você acabou de chegar aqui, eu acabei de te conhecer...

— Eu vou ficar... vivo. Você vai ver! — Minha voz embargou não só pela emoção como também pelo cansaço. Falar ainda era um desafio para mim.

Os olhos de Rafael ficaram rasos e ele olhou para baixo.

— Vai sim. Você tem que voltar para casa, a gente está te esperando.

— E o Bryan?

Rafael sorriu ainda segurando a minha mão.

— Está lá fora. Quer que eu saia logo?

— Não! Não...

Rafael ficou comigo por mais alguns minutos, mas quase não conversamos. Ele estava muito contido, assim como eu, e as palavras nos faltavam. Ele se despediu com um aperto de mão, e menos de dois minutos depois (eu estava olhando para o relógio na parede), o Bryan entrou. Assim que ele passou pela porta, nossos olhos se encontraram. Tentamos sorrir um para o outro, mas não conseguimos. Ele começou a chorar.

— Léo...

— Não chora... — Levantei a mão porque era a parte mais fácil de mexer. — Amor...

— Eu tive tanto medo! — Bryan pegou minha mão e a beijou. Passou os dedos de leve no meu rosto. — Eu tive tanto medo de te perder, agora que a gente ia ficar bem.

— A gente vai...

— Sim, claro! Claro que a gente vai! Quando me falaram, eu fiquei com tanta raiva de mim, tanta raiva! Eu devia ter notado, você não estava bem. Eu sabia que tinha alguma coisa errada, mas eu não vi! E depois de tudo o que a gente passou, não seria justo...

— Calma.

— Desculpe, eu não posso fazer você se agitar. — Ele sorriu. — Descansa, tá? Eu quero cuidar de você em casa, quando você sair daqui. Acho

que agora não vai demorar muito.

— É o que eu mais quero.

Ele assentiu, mas deixou de sorrir. Me olhou nos olhos para falar:

— A sua mãe quer te levar para a casa dela.

Eu me agitei e balancei a cabeça em negativa. Eu temia começar a ser tratado como inválido e ser entregue aos cuidados de minha mãe, sendo obrigado a ficar longe do Bryan e do meu filho.

Bryan tentou me acalmar.

— Xiii, se acalma, meu amor. Você vai ficar onde você decidir, ok? Quer ficar comigo? — Assenti com veemência e ele continuou: — Então você vai ficar comigo. Eu vou cuidar de você. Não vai demorar, você vai ver. — Ele se abaixou para me beijar na testa e me tranquilizar.

— Rafael... está bem contigo? — perguntei.

— Está sim, ele tem me apoiado muito. Agora só falta você.

— Não vejo a hora.

Quando um homem apareceu para avisar do fim da visita, Bryan me deu outro beijo na testa e foi embora. Depois daquela visita, eu me senti infinitamente melhor e com muita vontade de viver. Eu queria muito estar com ele e com meu filho.

Eu ainda passava a maior parte do tempo dormindo e quando estava acordado, assistia televisão. No dia seguinte, meu irmão foi me visitar. Eu estava acordando de um cochilo e me assustei quando o vi tão perto.

— Calma, rapaz! Sou eu — disse ele pegando minha mão livre. — Você está melhor?

— Sim. E você?

Ele riu da minha resposta.

— Você não sabe como foram esses dias, rapaz. Todo mundo tenso esperando notícias, sem poder te ver. Mamãe e Bryan tendo que sentar e conversar civilizadamente...

— Foi uma coisa boa, então.

— Nem fala uma coisa dessas! Você deu um belo susto na gente. Mas tinha que ver as duas feras disputando quem vai cuidar de você.

— Eu não estou inválido... eu acho.

Paolo passou a mão na minha barba e eu a senti arranhar. Devia estar horrível.

— Não, claro que não, mas não vai poder se esforçar pelos próximos dias, então vai ter que ser cuidado por alguém. O Bryan garantiu que você quer ficar no apartamento dele, é verdade isso?

— Sim. Quero ficar perto do meu filho.

— Certo. Te entendo perfeitamente. Vai ser muito bom para o seu coração estar com quem você ama e com o seu moleque. Mamãe vai ter que aceitar. Desde os primeiros dias estamos prevenindo-a de que você não vai mais voltar para casa. Ela já está se conformando, tanto que ontem ficou lá fora quando o médico disse que você estava reconhecendo as pessoas e conversando normal. Nada mais justo que deixar a vez para o Bryan e o Rafael.

Senti lágrimas nos meus olhos e não respondi. Paolo percebeu minha emoção e começou a falar de outras coisas. Ele disse que papai e Claudina já estavam sabendo de tudo a respeito do Rafael, assim como alguns parentes mais próximos, e descreveu o desespero dos nossos pais ao me encontrarem caído na varanda. Segundo ele, foi Claudina quem me prestou os primeiros socorros dando porradas no meu peito. Ainda vi minha irmã no restante da visita, mas cochilei a maior parte do tempo.

Ainda naquele dia eu tive a oportunidade de me ver no espelho, o que me deixou estarecido! Eu estava pálido, com olheiras roxas, rugas no rosto e fios brancos na barba, aparentando cinquenta anos ou mais. Tive dúvidas se o Bryan ainda iria se interessar por mim depois de me ver daquele jeito, mas lembrei que ele já tinha visto em situação pior.

No dia seguinte eu fui transferido para um quarto comum — antes eu tinha estado na UTI e na unidade semiintensiva — onde eu podia ter um acompanhante. Mas eu já conseguia me levantar, me alimentava e falava melhor. A dor no peito eu ainda sentia, resultado dos procedimentos de reanimação e cirúrgicos, mas ela diminuía dia após dia. Ainda assim, seria um longo período de recuperação até eu estar cem por cento.

Recebi alta no dia 31 de julho e foi o Bryan quem me levou embora. Paolo já tinha viajado — ele foi ao Canadá resolver os assuntos por mim — e mamãe já tinha se conformado com o fato de eu querer morar com o Bryan. A escada que tinha lá faria parte de um pequeno conjunto de exercícios que eu teria que fazer para me recuperar; além disso, estava mais do que explícito que a gente era um casal. Inclusive ele tinha passado comigo os últimos dias

de internação, me ajudando no banho e na alimentação, dormindo numa cadeira ao meu lado e ouvindo com atenção as orientações do médico que me deu alta.

Chegamos ao apartamento por volta das três da tarde. Foi engraçado eu subindo as escadas e Bryan tentando me ajudar; ele era mais baixo, apesar de mais forte, e me servia como muleta. Rafael já estava aguardando sentado no sofá e quando eu entrei na sala, ele veio me abraçar. Foi um abraço rápido, meio sem jeito no começo, mas forte depois. A gente não precisava de muito tempo. Bryan afastou as almofadas e as bagunças que Rafael tinha deixado no sofá para que eu pudesse me sentar, e enquanto fazia isso, ele repreendia o jovem por ser tão bagunceiro.

Depois de me ajeitar o mais confortavelmente possível, Bryan foi para a cozinha chamando o Rafael. Os dois vieram com uma torta confeitada e uma jarra de suco, copos, pratos e talheres.

— Para mim? — perguntei.

— Pra gente.

— Anteontem foi o meu aniversário, esqueceu? — Rafael se sentou no chão quase aos meus pés e Bryan o acompanhou.

— Ah é, me desculpe por não lembrar. Parabéns!

— Tudo bem. Só que eu achava que já tinha dezesseis quando na verdade ainda tinha quinze...

— Quando você passar dos trinta, vai descobrir que uns meses a mais, uns meses a menos não têm a menor importância.

Bryan serviu os pratos e o suco e Rafael os entregou na minha mão. Era uma torta natureba e um suco saudável porque eu estava numa dieta rigorosa e Bryan já estava acostumado a se alimentar assim. Rafael também, pela forma como comia, embora ele gostasse de guloseimas.

— Uma pena não poder ter um bolo — falei para o Rafael depois que terminei minha fatia de torta.

— Ah, já teve bolo no meu outro aniversário. Podia ter era mais presentes. — Ele olhou para o Bryan mexendo as sobrancelhas de um jeito engraçado.

Bryan apontou seu dedinho perigoso.

— Nem vem, eu já te dei aquele celular que foi caro pra caralho. Peça ao seu pai!

Rafael olhou para mim com aquela carinha porca que ele tinha quando

estava de bom humor e abriu os braços.

— Se ferrou!

— Verdade — concordei. — Aliás, Bryan, você tem certeza que quer ficar comigo? Porque você sabe, eu não tenho carro, não tenho teto... E se ficar comigo...

Rafael arregalou os olhos e se levantou com o copo e o prato.

— Fala sério! É melhor eu sair daqui antes que ele continue com essa “senvergonhisse”!

Ele saiu mesmo, mas só foi até a cozinha onde se sentou na bancada. Bryan sorriu e piscou para mim.

— É porque eu gosto, safado... — Ele pegou o prato vazio da minha mão. — Mas eu achava que você não conhecia essas músicas idiotas.

— Eu já tive o prazer de conhecer. Mas vou cantar outra para você, assim que eu aguentar. Vai ser bem romântica. — Pisquei.

— Quero só ver! — Ele me deu um selinho antes de voltar para a cozinha levando o que restava do nosso lanche. Rafael ligou a televisão e nós ficamos lado a lado em silêncio.

À noite, o inesperado aconteceu: mamãe e Claudina chegaram no apartamento de Bryan para me visitar. Nós três ficamos assustados, pois não esperávamos que alguém minha família fosse aparecer por lá, mas elas estavam simpáticas e pacíficas, só queriam me ver e saber se eu estava precisando de alguma coisa. Não se demoraram muito e quando foram embora, levaram o Rafael para a casa de tia Zuleide. Ele tinha resolvido, por conta própria, nos deixar a sós.

Bryan se comportou muito bem durante a visita das pessoas que ele não gostava. Passou a maior parte do tempo calado e cuidando da cozinha e não pronunciou nenhuma palavra sarcástica ou de duplo sentido. Quando ficamos sozinhos, ele tirou minha roupa com cuidado e me levou para o banho, onde esfregou minhas costas e fez minha barba. Ele me cuidava tanto que eu ficava até envergonhado.

Antes de nos deitarmos para dormir, ele colocou meus remédios numa bandeja e marcou os horários deles com um alarme no celular. Colocou o celular perto do ouvido para não correr o risco de perder a hora.

— Eu estou bem, amor — falei quando vi o que ele estava fazendo. — Pode descansar, eu mesmo pego os remédios.

Bryan me fez abrir a boca e enfiou nela um comprimido grande e um

copo de água não muito gelada.

— Quieta esse rabo aí, Leonardo! Imagina se eu vou te deixar tomar os remédios sozinho. Vou tomar conta de tudo, meu bem, para não correr o risco de você esquecer.

— Eu só não quero te fazer enjoar de mim e...

Ele colocou a mão na minha boca me fazendo parar de falar.

— Para com isso, viu? A gente vai cuidar um do outro sempre que for preciso, e agora é você quem precisa.

Ele me beijou nos lábios me impedindo de continuar a falar e me fez deitar com a cabeça numa pilha de travesseiros fofos. Perguntou se estava confortável e se deitou ao meu lado com cuidado. Riu quando eu disse que o médico tinha me recomendado ter relações sexuais para estimular meu coração, o que era verdade, mas eu estava muito cansado e acabei dormindo primeiro do que ele. Ele me acordou durante a madrugada para me dar remédio e quando me levantei da cama, no dia seguinte, já era tão tarde que o Rafael estava almoçando depois de ter chegado da escola. Os dois me desejaram boa tarde. Foi muito engraçado.

O apartamento do Bryan era bastante confortável, e tinha um formato curioso: era estreito e comprido. Os quartos ficavam nos fundos e a cozinha ficava no meio, em um lado. No outro lado tinha uma varandinha cuja vista era um paredão liso e sem graça. Era usada como área de serviços e tinha uma mesa que vivia cheia de sapatos e coisas do Rafael. A sacada da frente, estreita e em formato de meia lua, dava para o sol da tarde e para a avenida mais movimentada da cidade, portanto ficava sempre fechada.

Naquela tarde, porém, o Bryan abriu a porta e as cortinas da sacada, pegou a cadeira da sala, que se inclinava como uma espreguiçadeira, e a colocou lá. Pôs uma almofada sobre ela e como se eu fosse um velhinho de 96 anos, me pegou pela mão e me fez sentar nela. Disse que era um bom lugar para eu me distrair na minha convalescença. Rafael, que estava deitado no tapete, rolou de rir. Engatinhando, ele chegou até onde eu estava e ficou olhando a rua através do vidro.

— Bryan daria um bom enfermeiro, você não acha? — comentei enquanto era ajeitado na posição ideal.

— Humm... Não. Ele mataria os pacientes de raiva — disse Rafael.

Rimos e Bryan fez uma careta. Ele se debruçou no parapeito e ficou olhando para baixo. Estava escurecendo e o trânsito estava intenso.

— Olha lá aquele velho barrigudo, pai. — Rafael estendeu a mão para apontar um homem do outro lado da avenida. — Está vendo?

— Pare de ficar apontando as pessoas, Rafael! — Bryan o repreendeu. — E logo quem!

— Não parece tão velho — falei. — Deve ter uns sessenta anos.

— Sim, deve ter — disse Rafael ignorando a advertência do Bryan. — Ele mora aqui do lado e é a segunda pessoa mais escandalosa da cidade. Dá um show toda vez que para um carro na vaga da garagem dele.

— Ah, então é esse o sujeito que adora o Bryan? Deixa ele comigo! E quem seria a pessoa mais escandalosa da cidade, na sua opinião, filho? — perguntei imaginando a resposta e já começando a rir.

Bryan tinha se virado de costas para a rua e estava com as mãos na cintura, só esperando o momento de explodir.

— Observe...

Rimos enquanto o Bryan corava. Ele se abaixou onde estava o Rafael e o abraçou com força pelo pescoço. Os dois rolaram no chão.

— Ele não me respeita!

— Ele te ama. Não é, Rafa?!

— Eu não!

— Esse menino puxou a você, Leonardo, com essas gracinhas — disse Bryan, se levantando do chão.

— Que nada, ele puxou a você com essa língua afiada — retruquei. — Quem você acha que fala esse tipo de coisa, meu bem?

Rafael ficou ao meu lado até a hora que Bryan me levou para a cama. Para dormir. Eu ainda estava muito cansado para qualquer outra coisa na cama, mas não via a hora de me sentir mais forte.

Dias depois, Paolo chegou da viagem que tinha feito para resolver os meus assuntos no Canadá. Devido à sua vida corrida, ele teve que me enviar meus objetos pessoais ao invés de trazê-los pessoalmente. Minhas coisas, que eram bem poucas, se resumiam a álbuns, quadros e outras bobagens, câmeras e equipamentos de fotografia que o Rafael adorou, e alguns documentos. Com amigos e clientes eu conversava via internet e, sendo assim, eu não tinha mais que sair do Brasil para nada. Minha vida estava continuando por aqui.

Logo meus pais se mudaram para a casa que foi comprada para eles,

que era bem perto do apartamento do Bryan. Eu nem pude ajudar na mudança, só fui visitar quando já estava tudo arrumado. Lá eles arrumaram um quarto para mim usando aqueles mesmos móveis antigos, o guarda-roupas pequeno e a cama estreita de madeira escura que eu nunca gostei. Era como um pequeno museu, primeiro porque o restante da casa era bem moderno, e segundo porque eu nunca fui dormir lá.

Meu pai nunca mencionava o fato de eu morar com Bryan, era como se eu morasse sozinho. Ele também vivia em tratamentos e remédios, e não podia perder tempo criticando a minha vida ou a de Claudina. Ela também estava de namorado, era um rapaz que tinha trabalhado para ela, quinze anos mais novo. Claro que dona Gorete resmungou e maldisse o rapaz, mas ninguém lhe deu ouvidos. Nós tínhamos perdido tempo demais em nossas vidas para dar ouvidos a coisas que não nos alegravam.

Aos poucos, fui voltando à ativa, fazendo atividades leves com o Bryan em seus imóveis como pintura, troca de fechaduras, cobrança à inquilinos devedores, etc. Comecei a cuidar da minha terra com a ajuda de Rafael e do meu velho pai e, mesmo não sendo os meus planos, voltei a fotografar. Meu primeiro trabalho profissional foi com a filha do Jailton e seu cavalo; tempos depois fotografei o irmãozinho recém-nascido, a quem deram mesmo o nome de Jailson.

Jailton e outros vizinhos de terra achavam que eu morava com meus pais na cidade. Ou pelo menos fingiam que achavam. Não perguntavam nada a respeito nas ocasiões em que nos encontrávamos. Bryan não costumava aparecer na roça a não ser como motorista para mim e para o Rafael, e os vizinhos raramente o viam. Meu filhote, porém, ia sempre que possível, se interessava por tudo e apesar de não chamar meu pai de avô, eles conversavam bastante e se davam bem. Os assuntos eram tratores, plantações e gado, principalmente.

Em casa, eu me divertia com as briguinhas entre o Rafael e o Bryan. Rafael o chamava de paizinho, de mãezinha, e até de painho, sempre em tom de brincadeira. Quando o assunto era sério, ele o chamava pelo nome. Saía escondido para que o Bryan não passasse protetor solar nas suas sardas, escondia biscoito recheado na mochila e colocava os pés sujos no sofá apenas para irritá-lo. Eu ria de tudo isso e o Bryan me acusava de não estar ajudando. Uma pena é que o Rafael passava cada vez mais tempo estudando e toda semana fugia para a casa de tia Zuleide, onde ele ficava à vontade para comer suas porcarias.

Numa tarde chuvosa do mês de outubro, eu tinha ido ver alguma coisa

na fazenda quando Bryan chegou em alta velocidade, deixou o carro de qualquer jeito na estrada e desceu a ladeira correndo e gritando por mim.

— Meu Deus, o que aconteceu? — perguntei quando o vi tão vermelho e ofegante. — Me diga o que houve!

— Você esqueceu? Ai, Leonardo, eu não posso me descuidar.

— O que foi que eu esqueci? Aniversário de namoro? De casamento? Ai, meu Deus, me desculpe. — O abracei, mas ele me repeliu. Enfiou a mão no bolso e me mostrou uma pequena cartela. Na outra mão, ele tinha uma garrafinha de água mineral.

— Você esqueceu esse remédio. Abra a boca!

Abri e tomei o remédio sem protestar, depois o abracei e o cheirei.

— Calma, amor! É só um comprimidinho bobo, não vou morrer por causa disso não.

— Claro que não, mas não precisa fazer o teste!

— Eu também te amo, seu bobo. Aliás, você ainda não respondeu sobre o meu pedido de casamento.

— Que pedido de casamento? — Ele estranhou.

— Só para ver se você está esperto. — Ri. Peguei-o pelo braço e comecei a andar. — Vem, vamos ali na represa rapidinho.

— Seu chato! — Bryan me deu um tapa nas costas.

— Já decidiu?

— Cala a boca! O único pedido que você fez foi de pizza.

Descemos de mãos dadas a estradinha que chegava até a represa. Bryan olhava para os lados a todo momento, ele não gostava de receber carinhos se alguém estivesse olhando. Notei e o repreendi.

— Estamos a sós, meu bem, e se tiver alguém vendo, que se foda. Vamos beijar na boca e matar a curiosidade da pessoa. — O agarrei e o pressionei contra um eucalipto velho de tronco grosso e quase liso. Tinha chovido muito e a represa estava cheia. — Sabe, eu gosto desse lugar. Me lembra umas coisas. Você, eu, uma árvore...

Bryan desviou os olhos e mordeu os lábios. Ele sabia do que eu estava falando.

— Como você sabe que é aqui? A paisagem mudou muito.

— Muitas coisas mudaram, mas eu consigo identificar esse lugar. Um

dia eu te peguei bem aqui.

— Safado! Eu era todo inocente.

— E era lindo também. E mais ali embaixo você fez uma ceninha de ciúmes uma vez, lembra?

Ele se soltou dos meus braços e fez cara feia.

— Me lembra desse dia que eu te dou um soco no meio das fuças. Pensava o quê da vida, hein?

— De que adianta vir de tão longe, todo preocupado, me trazer remédio, e depois me dar um soco na cara, hã?

— Pois tente me fazer ciúmes de novo, tente!

O agarrei com força e o preendi contra o tronco do eucalipto impedindo-o de fugir. Nos beijamos com vontade até eu ter que parar para tomar ar. Então ficamos abraçados, os dois pensativos, a cabeça dele no meu ombro.

— Será que foi aqui que a gente fez o bebê? — perguntei passando a mão na barriga dele.

— Não. Foi na cama, no seu quarto. Você não ouvia quando eu falava para não me melar com aquela...

Ri alto.

— Olha só, você lembra direitinho! Ainda bem que eu não ouvi, senão a gente não estaria aqui hoje, cheios de amor, com filho e tudo. Tudo tem um começo, né!?

Bryan ficou quieto de repente, com os olhos cinzentos e tristes. Peguei o queixo dele e o fiz olhar para mim.

— O que foi, meu amor? Eu falei alguma coisa que não devia? Me diga o que foi.

— Você gosta mesmo de mim, apesar de tudo? — Ele me encarou com os olhos marejados e o nariz vermelho. — Você me ama de verdade?

— Claro! Eu te amo demais.

— Mesmo se outras pessoas rirem de você, se fizerem piadas e tudo mais, você vai continuar assim?

— Sempre! Eu não estou contigo em tudo? Eu te amo em qualquer circunstância. Por que você está inseguro desse jeito?

— É que nunca achei que alguém pudesse me amar de verdade porque, você sabe, o jeito que eu sou. Porque as pessoas só me veem como um pedaço

de carne exótica, nunca como uma pessoa normal.

— Esqueça as outras pessoas. — Colei minha testa na dele e pus as mãos em seus ombros. Ele mantinha os olhos fechados e prendia os lábios com força. — Esqueça tudo de ruim que passou. O seu jeito é incrível e o seu corpo é incrível, é único. É perfeito. Se é por isso, eu acho que muitas pessoas poderiam te amar, porque eu te amo e acho isso bem fácil. E se eu já fui sacana e cafajeste contigo um dia, foi porque eu era um jovem fraco que não sabia o que fazer da vida, nunca porque você é diferente, nunca! Se eu tiver que provar algum dia, se alguém fizer isso aí que você falou, acredite, eu não vou fugir. Não depois de tudo o que a gente passou. Agora é o nosso momento, meu amor. Nosso momento.

Bryan chorou. Chorou e soluçou e eu o amparei nos meus braços. Beije seus cabelos e tentei secar suas lágrimas, e segurei o abraço até ele começar a se acalmar. Peguei meu celular e abri a pasta de músicas.

— O seu nome é uma homenagem a um cantor, você lembra disso?

Bryan assentiu e ficou curioso.

— É agora que você vai cantar uma música romântica para mim?

— O dono da música faz isso melhor do que eu. Ouça. Isso é bem antigo, mas é perfeito para a gente. Não tinha como ser mais apropriado. — Encontrei a música e aumentei o volume. Cantei junto: — Oh! Thinking about all our younger years. There was only you and me. We were young and wild and free. Now, nothing can take you away from me. We've been down that road before. But that's over now. You keep me coming back for more.

“Baby, you're all that I want. When you're lying here in my arms. I'm finding it hard to believe. We're in heaven. And love is all that I need. And I found it there in your heart. Isn't too hard to see. We're in heaven.

“Oh, once in your life you find someone. Who will turn your world around. Bring you up when you're feeling down. Yeah, nothing could change what you mean to me. Oh, there's lots that I could say. But just hold me now. 'Cause our love will light the way.

“And, baby, you're all that I want. When you're lying here in my arms. I'm finding it hard to believe. We're in heaven. And love is all that I need. And I found it there in your heart. Isn't too hard to see. We're in heaven. I've been waiting for so long. For something to arrive. For love to come along. Now, our dreams are coming true. Through the good times and the bad. Yeah, I'll be standing there by you.

Bryan ficou me olhando com a boca aberta durante toda a música, e

quando desliguei o aparelho, ele sorriu.

— Entendi nada.

Ri alto e o abracei com força.

— Entendeu sim, amor. Claro que entendeu. Ela diz que agora nada pode separar a gente. Que estamos no paraíso. Não é isso o que a gente sente? Que todo esse tempo a gente estava esperando um pelo outro? É isso. Não deu antes, mas vai se agora. Nosso paraíso.

Beijei seus cabelos e seu rosto enquanto ele enxugava algumas lágrimas. Quando fui beijá-lo na boca, ele se virou para a estrada e me deixou no vácuo. Olhei em volta e não vi nada de anormal, mas Bryan saiu dos meus braços e esperou.

Dessa vez ele estava certo. Rafael vinha descendo a estrada em passos largos e rápidos.

— Ah, vocês estão se agarrando de novo? — Ele gritou. — Cruz credo! Vou começar a avisar por telefone a hora que eu vou chegar, assim não corro esses riscos.

— Nós estamos recordando umas coisas do passado, Rafa — falei, para provocá-lo. — A cegonha costumava andar por essas bandas e...

— Nem me fale! Quando vocês vão embora?

— Mais tarde. Você pode testemunhar uma coisa aqui rapidinho? — pedi chamando-o com um gesto.

Rafael colocou as mãos na cintura igualzinho ao Bryan.

— Só se for coisa decente.

Parei em frente ao Bryan, abaixo dele na decida, com um joelho no chão e a outra perna dobrada, e segurei suas mãos na frente da minha boca. Beijei-as. Rafael deu uma risada ao ver o que eu estava fazendo.

— Bryan Rafael Sobrenome de Alemão Conti, você aceita se casar comigo? — falei olhando-o nos olhos.

— Léo...

— Aceita? Mesmo eu sendo um cara de coração frágil, que atualmente não tem dinheiro nem para te comprar uma aliança decente, e que vive te dando trabalho? Prometo tomar todos os remédios, comer seu pão de aveia sem reclamar, e te amar para sempre, na alegria, na tristeza, e nos seus dias de TPM.

Ele revirou os olhos, mas estava começando a chorar.

— Lá vem você, Leonardo...

— Aceita logo! — disse o Rafael com impaciência. — Antes que ele desiste e começa a cantar o Lepo Lepo.

— Aceita, meu amor? — Repeti.

— Como se eu tivesse escolha... Eu aceito, seu besta! — Bati palmas, mas ele me apontou o dedo. — Mas eu quero comprar uma aliança simples e não quero nada de festa, ouviu? Não inventa!

— Sim, senhor! Não vejo a hora de colocar uma aliança nesse dedinho marrento.

Rafael também me apontou o dedo.

— Se for ter um evento para eu entrar carregando alianças, já vão sabendo que eu não vou participar!

— Poxa, Rafa... — falei de brincadeira. — Eu já estava até planejando. Tem umas caixinhas...

Eles riram. Bryan me ajudou a levantar e nós nos abraçamos. Quando nos beijamos, Rafael cobriu os olhos.

Subimos a estradinha os três juntos. Rafael no meio animado com alguma coisa, o Bryan ainda emocionado, evitando chorar perto do filho, eu olhando os dois e achando graça da enorme semelhança que eles tinham, imaginando o que Bryan teria inventado para o garoto curioso se eu não tivesse aparecido. Não acredito em forças ocultas do destino, mas tenho que admitir que algumas coisas acontecem na hora certa. Era o nosso momento certo. Estávamos no Paraíso.



Conheça a autora:

Jade Sand é o pseudônimo literário de uma capixaba apaixonada por histórias. Fã dos romances policiais, começou a escrever em outubro de 2016, quando sentiu necessidade de dar vida aos personagens de Instigante, seu primeiro romance.

Outras obras publicadas:

Garoto de Sorte

Instigante

Em Vermelho

Gatinha

Remover Anúncios

Meu mais ou menos inimigo

Amostra de Em Vermelho

Clarissa estava de joelhos encerando o assoalho da sala pela segunda vez naquela semana. A tarde se aproximava e logo os irmãos chegariam dos seus trabalhos, sujos e famintos, e reclamando de tudo. Por que homens comiam tanto e faziam tanta bagunça se não cozinhavam nem limpavam? Cada dia que passava, ela se cansava mais e mais. Depois que a irmã se casou, todo o serviço pesado da casa ficou sobre suas costas e a mãe fazia questão de sobrecarregá-la ainda mais. Só porque uma velha linguaruda havia insinuado de fazer uma visita no sábado, a mãe lhe obrigava a encerar o piso mais uma vez. Não estava liso e brilhante o suficiente para ela?

Com as mãos sujas de cera, Clarissa tirava do rosto os cabelos que escorriam por debaixo da touca, sujando-os também. As pontas dos dedos estavam doloridas e ela ainda nem tinha avivado o fogo no fogão para começar a comida. Pela janela, a luz solar era cada vez mais baixa e do lado da sombra os mosquitos já começavam a incomodar. No quarto ao lado, a máquina de costura trabalhava e Clarissa sabia que quando ela parasse, a mãe veria que o serviço estava atrasado e despejaria suas injúrias. Na tentativa de encerar mais rápido, e pelo fato de o piso estar mais do que carregado do produto, ela cuidou de passar perto das portas e nos corredores, não tirando do lugar o tapete grande, nem as poltronas. A mãe vinha reclamando das vistas nos últimos dias e dificilmente veria a diferença.

Quando ouviu o barulho da cadeira da máquina de costura sendo movida do lugar e os passos arrastados da mãe, Clarissa se levantou do assoalho, pôs a lata de cera no parapeito da janela e fechou-a. Mais tarde ela pegaria a lata, jogaria parte do conteúdo na fossa e a colocaria no seu lugar na despensa.

— Clara, você não viu a tarde chegando? — disse a mãe, saindo do quarto. — Se apresse com a janta.

— Vi sim senhora, já estou indo.

Clarissa fechou as outras janelas e a porta da sala, descendo o degrau

que dava na cozinha. O fogão estava quase frio, mas ela estava contente, iria fazer a janta cedo e à noite poderia bordar as toalhas. Estava tão ansiosa! Uma pena não poder dizer à Helena, a irmã ficaria contente.

Depois de usar o restante da lenha que estava guardada embaixo do fogão, Clarissa foi até o quintal, tanto para buscar mais lenha quanto para pegar a lata de cera, mas a primeira coisa que viu foi um amontoado de toras e galhos secos que não tinham sido cortados. Mais uma vez os irmãos a deixaram com a dura tarefa de rachar a lenha para o fogão e ela não tinha visto a tempo. Maldição! Aquilo seria o fim. Valente, um cachorro jovem de pelagem clara que a acompanhava aonde quer que fosse, estava sentado sobre as patas traseiras assistindo o seu sofrimento sem nada poder fazer. Ele se impacientava, abanava o rabo e latia.

Quando pôs o machado no lugar, depois de rachar lenha suficiente para terminar a janta e fazer a comida no outro dia, Clarissa estava exausta. Se a tarefa de encerar madeira já era cansativa, a de rachar lenha, para uma pessoa do seu tamanho, era uma tortura. Tinha suor na testa, sangue nas mãos e lágrimas nos olhos. Os dedos e as palmas das mãos estavam dormentes e caçados, e até os sovacos doíam. Ela carregou os pedaços para dentro de casa em várias viagens, machucando os antebraços e sujando ainda mais o vestido e nesse interim, se esqueceu completamente da lata de cera.

Quando ouviu o bater da bengala da mãe no piso da cozinha, que não era de madeira, de um jeito que ela conhecia, ela já sabia que tinha dado tudo errado. Antes mesmo de pôr no lugar a lenha, sob o fogão de barro e batinga, ela começou a chorar. A mãe parou a poucos passos atrás com uma mão apoiada na bengala e a outra segurando a prova do crime.

— Você achou mesmo que fosse me enganar de novo, sua sem-vergonha? Acha que eu sou cega para não ver que você só passou a cera pelos meios da casa e escondeu a lata quase cheia para eu não ver?

Clarissa não respondeu. Ficou parada, ao lado do fogão, com as costas encurvadas sentindo a mãe puxá-la pela manga do vestido para que olhasse a lata que tinha na mão.

— Você perambulou por essas estradas hoje de novo, não foi? Aproveitou que eu estava costurando para vagabundar e não fazer a sua obrigação. A cera estava aí, a lenha estava aí, o fogão estava aí e você estava onde? Vagabundando! Se eu te pego aprontando por aí, Clarissa, eu te quebro essa lata na cabeça, que nem o seu noivo, nem ninguém vai olhar para essa sua cara de sonsa. Anda, olha essa polenta cheia de pelotas, olha esse macarrão grudento! Você pensa que pode comer nessa casa e não fazer nada?

— Mas o Tonho não cortou...

— O Tonho é outro que come onde não plantou, mas ele tem o trabalho dele, os meninos têm os trabalhos deles, você tem o seu, e cadê?

Clarissa desatou a chorar, passando os dedos sujos e feridos pelo rosto. Afastou os cabelos dos olhos, o que fez a touca cair, e uma coisa que a mãe odiava era que uma moça com os cabelos soltos na cozinha. Dona Aldiva grunhiu uma praga e pegou-a pelos cabelos, puxando-a para longe do fogão. Clarissa chorava o mais baixo que podia, inclinando-se para a frente para que a dor não fosse maior.

— Vou esfregar a sua cara naquele assoalho até você aprender a fazer o serviço direito, porque quando eu mando encerar é para encerar, não é para jogar a cera fora e fingir que encerou, você entendeu?

De joelhos no chão, Clarissa chorava e concordava com tudo o que a mãe dizia. Nesse momento, a porta da cozinha bateu no canto da parede e um rapaz entrou correndo, avançou sobre elas e segurou Clarissa pelo braço fazendo-a levantar-se e sair do alcance da mãe.

— Não ponha as mãos na minha irmã de novo, ouviu? Não ponha!

— O que você está fazendo na minha cozinha, Antônio? Você está sujo, saia já daqui!

O rapaz franzino e magro cujo hálito exalava álcool, mas que parecia plenamente sóbrio a enfrentou, feroz.

— Se bater nela de novo, eu ponho fogo nessa casa, ouviu? Eu ponho fogo em tudo. A senhora bem sabe que eu tenho coragem.

— Ah, mas o que foi que eu criei nessa casa?! — Dona Aldiva se apoiou na bengala. — Ninguém quer trabalhar, ninguém quer fazer as coisas direito, todos querem mandar e fazer o que bem entendem. Ninguém me respeita. Vá lá cortar a lenha, seu vadio, não espere que te deem tudo de mão beijada, seja útil nessa casa pelo menos uma vez.

— Eu vou mesmo, mas vou ficar de olho na senhora. Se eu te ver maltratando a idiota da Clara de novo, eu vou botar fogo nessa casa amaldiçoada. Aí a senhora vai ver o que um monte de cera não faz! — Antônio apontou o dedo para o rosto da mãe, que não revidou. Saiu da cozinha e foi para o quintal onde ficava a lenha, estava escuro, tinha mosquitos e outros insetos, mas ele não se incomodava.

Em pouco tempo fez um amontoado num lugar seguro, onde não corria risco de molhar caso chovesse, e levou para dentro de casa a quantidade que enchia o depósito. Viu que Clarissa estava de cabeça baixa cuidando da janta e a mãe estava de joelhos na sala passando um pano com cera embaixo de

uma mesa. Era sempre a merda da cera. Ela brigava pela cera, passava a cera e depois ninguém podia pisar na sala por causa da cera! Como ele odiava aquilo tudo! Depois de lavar as mãos, ele sentou-se do lado de fora com os cotovelos apoiados nos joelhos e ficou olhando as estrelas. Romeo ainda estava trabalhando.

Antônio não era apenas um inconformado com a vida, era também um rapaz com inclinação para a desordem e não muito adepto ao trabalho honesto. Comentavam na região que pau que nasce torto nunca se endireita e o Antônio Pascari era exatamente isso, uma ovelha negra desde a infância. Apesar de Romeo, o mais velho, cuidar incessantemente dos irmãos, Antônio não seguia o mesmo exemplo. Não quis seguir na marcenaria que havia sido do pai e já tinha feito pequenos furtos, coisa que aos poucos a vizinhança tomava conhecimento. Ir para a prisão seria uma questão de tempo.

Em casa, defendia a todo custo Clarissa, a irmã dois anos mais nova, devido ao fato de a moça não revidar as agressões da mãe. Todos os irmãos, inclusive o Romeo, ouviam calados as injúrias e abaixavam a cabeça para todos os desmandes da mãe, menos ele. Antônio nunca abaixava a cabeça, nunca ouvia calado, e várias vezes se interpôs entre a mãe e a irmã mais nova e colocou a matriarca em posição de desvantagem. Por que Clarissa não era como Helena? Helena era esperta, ligeira com o serviço de casa, caprichosa e, longe das vistas da mãe, saía para namorar um alemão com quem mal conseguia se comunicar, e quando a mãe a confrontou, ela já estava de casamento marcado, na religião do marido, ainda por cima. A mãe praguejou até que lhe faltasse palavras malignas, mas de nada serviu. Depois de uma decepção que havia tido na juventude, Helena comandava sua própria vida.

Mas Clarissa não. Clarissa era lerda, resmungona, às vezes irritante. Clarissa era boba. Noiva de um homem mais parecido com Antônio do que com alguém decente para se casar, ela vinha se tornando cada vez mais servil, cada vez mais abatida. Saía de casa nas vistas da mãe para perambular pelas vizinhanças, sabendo o que a esperava na volta, sem tomar nenhuma atitude. Era uma sonhadora leviana. Vivia a bordar, tentava ler, com a dificuldade da sua pouca instrução, um livro que a mãe resgaria em tiras se o encontrasse, mas tal livro era a única coisa que ela conseguia esconder. Antônio queria que Clarissa deixasse de sofrer, que levantasse a cabeça, que revidasse, que saísse dali, mas que não fosse para uma casa pior viver o mesmo inferno e fazer as mesmas coisas. Antônio não permitia que a mãe a maltratasse, mas não poderia fazer nada se ela não fizesse algo para ser ajudada. Nesse momento mesmo, estava emburrada mexendo uma polenta que nunca ficaria boa, e afastou-o com rispidez quando perguntou se ela estava bem.

Pouco tempo depois, chegaram o Romeo e o Neném, como Antônio o

chamava. Laerte estava contando historinhas como sempre, alheio às coisas ruins que se passavam na casa. Sua rotina era estudar, comer, rir e dormir como uma pedra na parte de cima do beliche, deixando cair a coberta quando estava quente. Era raro se entristecer ou se irritar. Ele praticamente não conheceu o pai já que era apenas um bebê quando o velho desapareceu, e sendo sempre protegido por Romeo, nunca levou uma surra da mãe, como ele, Helena e Clarissa levaram. Laerte parecia viver em seu próprio mundo, um mundo muito melhor que a realidade, e Antônio o invejava por isso.

Depois de jantar, Antônio saiu de casa sob os protestos da mãe e o olhar desaprovador do irmão mais velho. Ele vinha saindo muito ultimamente. Valente o acompanhou até o pequeno pasto onde estava o Corisco, seu cavalo, depois desistiu, a única pessoa que ele acompanhava para longe era Clarissa. Enquanto o filhote voltava para casa com o rabo erguido cheirando e marcando árvores, tocos e montes de madeira, Antônio se afastava mais e mais.

(Fim da amostra de Em Vermelho)

Você pode encontrar Em Vermelho completo [AQUI](#)

Amostra de Instigante

Quando me convenci de que ele estava num sono realmente profundo, o cobri com parte do meu cobertor e me concentrei em dormir também. Quando acordei, tive a impressão de que tinha se passado algumas horas, mas que ainda era noite. O Eric continuava ressonando baixinho, estava mais próximo ao meu corpo e eu podia sentir seu cheiro e seu calor. Senti meu coração acelerar até o ponto de eu quase poder ouvi-lo, aquela sensação que sentimos na adolescência cujos efeitos eu já tinha me esquecido.

Ele poderia ser um amigo que estava dormindo ao meu lado, ou um conhecido que tinha ficado para dormir depois de uma festa, ou ainda um irmão com o qual eu não tinha quaisquer pudores. Mas ele não era nada disso. Era o Eric e eu não sabia quem era o Eric. Ele não era meu irmão, não estava apenas passando a noite para ir embora na manhã seguinte, e eu ainda não o considerava um amigo. Eu sentia vontade de estar com ele e de tocá-lo, mas não sabia se isso era permitido. Ele não se esquivava quando eu o tocava nem me repreendia, mas eu não sabia o que ele achava disso. Será que ele gostava? Será que se importava? Será que permitia apenas porque não sabia dizer não? Eu não sabia.

Depois de muito pensar, decidi. Delicadamente toquei seu antebraço e subi meus dedos pela pele morna coberta de pelos finos. Não foi o suficiente. Levei meus dedos até o ombro dele e acariciei o tecido da camisa. Eric foi despertando, fazendo movimentos preguiçosos, até se dar conta de onde estava. Se levantou sobre o cotovelo.

— Onde estou?

— Você está comigo — falei no ouvido dele. — Vai para a tua cama, vai... Um corpo quente ao meu lado pode me deixar confuso a essa hora da madrugada.

— Eu dormi aqui? Desculpa, cara!

— Ainda vou te dar umas porradas por causa dessas tuas desculpas. Está tudo bem.

Eric se levantou. Meio trôpego, foi para a própria cama. Teria ele

entendido a minha insinuação? Ou estava sonolento demais para isso? Logo estaria amanhecendo e eu ainda estava cansado. Sentindo-me bem comigo mesmo por ter tomado a decisão certa, eu me ajeitei na cama e voltei a dormir.

Pela manhã, meu celular me despertou com um recado irritante: era meu dia de preparar o café. Me levantei aborrecido, fui ao banheiro e depois fui fazer minha obrigação. Eram apenas seis e quinze. Mesmo sendo o dono do apartamento, eu dividia as tarefas com os outros de igual para igual. A ideia tinha sido minha.

Assim que comecei os preparativos, o Eric chegou e após o “bom dia”, começou a me ajudar. O agradei por isso.

— Você sabe que eu faço isso porque não tenho escolha, não sabe? — falei bocejando.

— Notei, mas deixa que eu faço isso pra você. Eu gosto. — Ele assumiu o que eu fazia de forma quase profissional.

— Assim você vai me deixar mal-acostumado, sabia?

— Você não quer? — Ele me olhou nos olhos me deixando desconcertado. Fazia de propósito, com certeza.

— Claro que eu quero, mas não reclame depois, ok?

— Ok. Ah, foi mal ter pegado no sono na sua cama.

— Deixa disso. Eu que te devo desculpas por ter te acordado, você tinha demorado a pegar no sono. Foi insensível da minha parte. — Me encostei ao balcão, de frente para o Eric, enquanto ele preparava café e suco. — Pode assistir TV e cochilar o quanto quiser, garoto. Aliás — falei mais baixo, me inclinando sobre ele —, pode dormir na minha cama, se quiser. — Mais descarado do que isso, impossível, mas ele apenas sorriu sem tirar os olhos do liquidificador.

(Fim da amostra de Instigante)

Você pode encontrar Instigante (e-book) [AQUI](#)